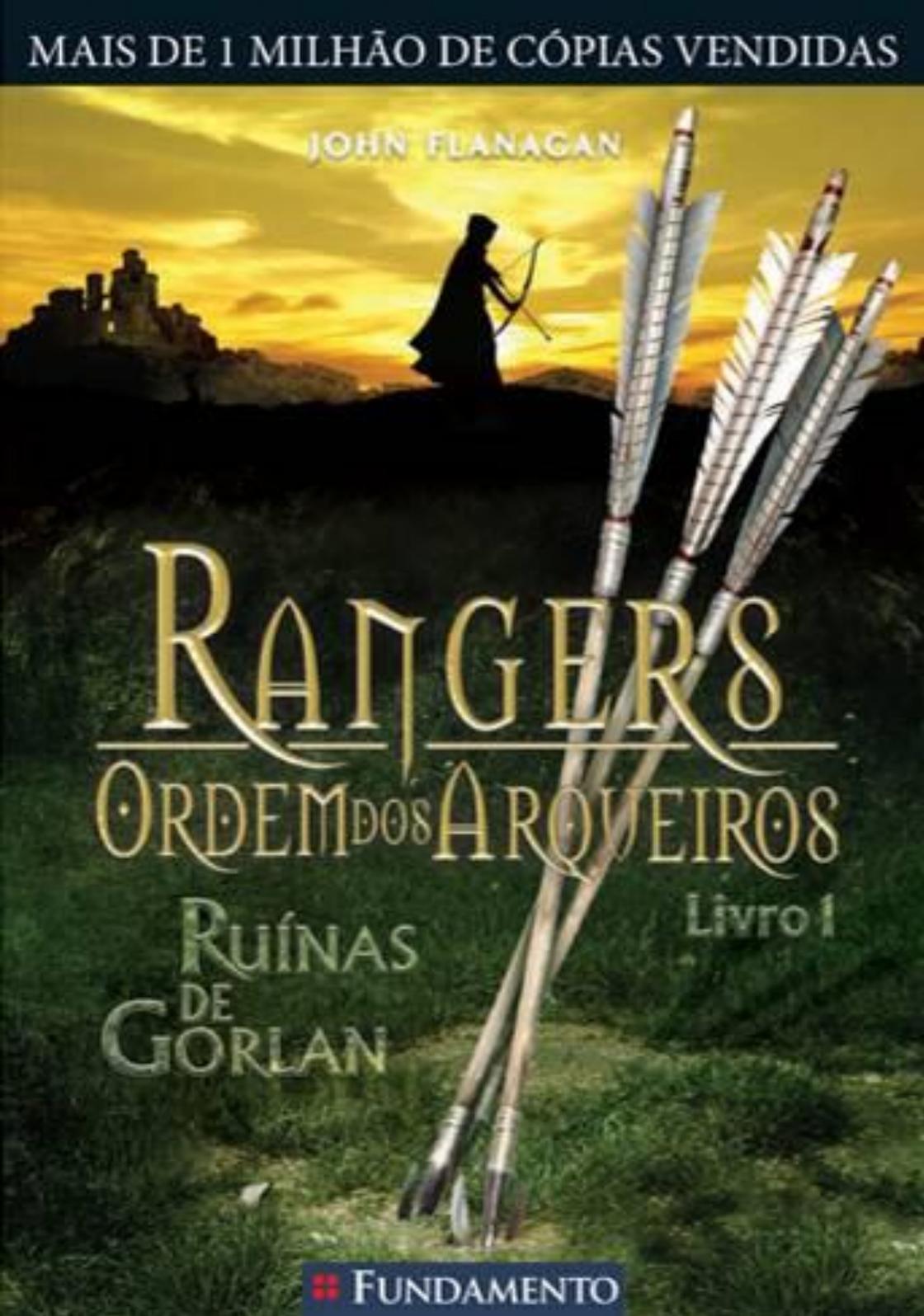


MAIS DE 1 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS

JOHN FLANAGAN

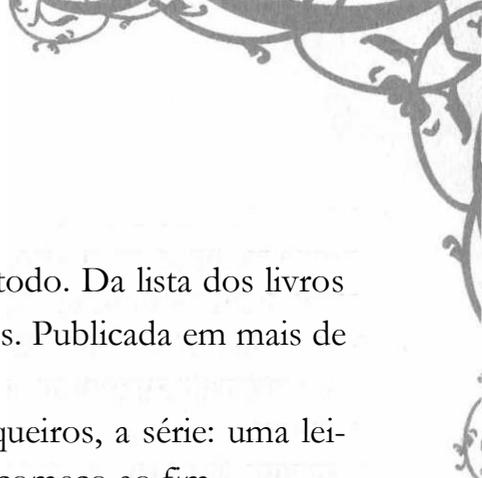


RANGERS
ORDEM DOS ARQUEIROS

RUÍNAS
DE
GORLAN

Livro 1

FUNDAMENTO



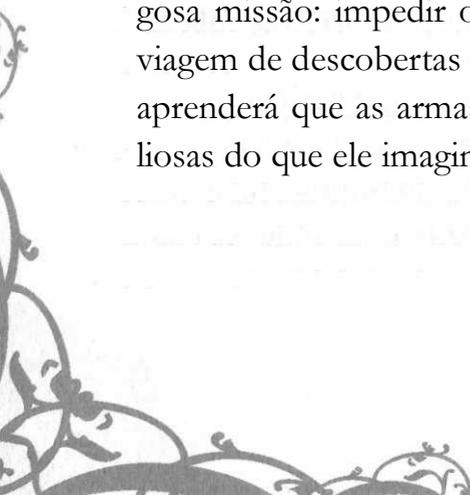
Aclamada pela crítica do mundo todo. Da lista dos livros mais vendidos do New York Times. Publicada em mais de 14 países.

Rangers — Ordem dos Arqueiros, a série: uma leitura imperdível e emocionante do começo ao fim.

Durante a vida inteira, o pequeno e frágil Will sonhou em ser um forte e bravo guerreiro, como o pai, que ele nunca conheceu. Por isso, ficou arrasado quando não conseguiu entrar para a Escola de Guerra.

A partir daí, sua vida tomou um rumo inesperado: ele se tornou o aprendiz de Halt, o misterioso arqueiro, que muitos acreditam ter habilidades que só podem ser resultado de alguma feitiçaria. Relutante, Will aprendeu a usar as armas secretas dos arqueiros: o arco, a flecha, uma capa manchada e... um pequeno pônei muito teimoso.

Podem não ser a espada e o cavalo que ele desejava, mas foi com eles que Will e Halt partiram em uma perigosa missão: impedir o assassinato do rei. Essa será uma viagem de descobertas e aventuras fantásticas, na qual Will aprenderá que as armas dos arqueiros são muito mais valiosas do que ele imaginava.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Flanagan, John

Rangers — Ordem dos Arqueiros: Ruínas de Gorlan/John Flanagan; [versão brasileira: Editora Fundamento] — São Paulo, SP: Editora Fundamento Educacional, 2009.

Título original: Ranger's apprentice: the ruins of Gorlan

1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

07-7502

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5 2. Literatura juvenil
028.5

JOHN FLANAGAN

RANGERS

ORDEM DOS ARQUEIROS

Livro 1

RUÍNAS
DE
GORLAN

prólogo

Morgarath, senhor das Montanhas da Chuva e da Noite, ex-barão de Gorlan no Reino de Araluen, observou, talvez pela milésima vez, o seu domínio árido varrido pela chuva e amaldiçoado.

Aquilo era tudo o que lhe restava no momento: uma mistura de penhascos irregulares de granito de pedras arredondadas caídas e de montanhas geladas com desfiladeiros e gargantas íngremes e estreitas de cascalho e pedras, sem nenhuma planta para quebrar a monotonia.

Embora já tivessem se passado quinze anos desde que fora trazido de volta a esse reino proibido que se tornou sua prisão, ele ainda se lembrava das clareiras verdes e agradáveis, das colinas cobertas de bosques de seu antigo feudo, dos córregos cheios de peixes e dos campos com plantações e caça abundante. Gorlan tinha sido um lugar maravilhoso e animado. As Montanhas da Chuva e da Noite agora estavam mortas e desertas.

Um pelotão de Wargals treinava no pátio do castelo abaixo dele. Morgarath os observou por alguns segundos e escutou a cantilena gutural e ritmada que acompanhava

todos os movimentos. Eles eram seres entroncados e deformados, com feições meio humanas, mas com focinhos de bicho e dentes parecidos com os de um urso ou um cachorro grande.

Longe do contato humano, os Wargals viveram e se reproduziram naquelas montanhas remotas desde tempos antigos. Ninguém se lembrava de ter visto um deles, mas boatos e lendas falavam de uma tribo selvagem de bestas semi-inteligentes nas montanhas. Morgarath, ao planejar uma revolta contra o Reino de Araluen, deixou o feudo de Gorlan para procurá-los. Se tais criaturas existissem, elas lhe dariam uma vantagem na guerra que se aproximava.

Passaram-se meses, mas ele os encontrou. Além da cantilena, os Wargals não usavam palavras para se comunicar e eram seres de pouco cérebro. Como resultado, foram facilmente dominados pela inteligência e força de vontade superiores de Morgarath, que os transformou no exército ideal: mais feios do que um pesadelo, extremamente impiedosos e totalmente escravizados por suas ordens mentais.

Agora, olhando para eles, lembrou-se dos cavaleiros bem vestidos com armaduras brilhantes que costumavam competir em torneios no Castelo de Gorlan, enquanto as damas os estimulavam e aplaudiam suas habilidades usando luvas de seda. Ao compará-los mentalmente com essas criaturas deformadas e cobertas por pêlos escuros, ele praguejou novamente.



Os Wargals, sintonizados com o pensamento dele, perceberam a sua perturbação, mexeram-se inquietos e pararam o que estavam fazendo. Zangado, Morgarath os fez voltar ao treinamento, e a cantilena recomeçou.

Morgarath se afastou da janela sem vidros e se aproximou do fogo, que parecia totalmente incapaz de acabar com a umidade e o frio do castelo sombrio. Quinze anos tinham se passado desde que se rebelara contra o recém coroado rei Duncan, um jovem de 20 e poucos anos. Confiando na indecisão e na confusão que dividiriam os outros barões logo após a morte do velho rei, Morgarath, para não perder a oportunidade de se apoderar do trono, tinha planejado tudo com muito cuidado, enquanto a doença do soberano avançava.

Secretamente, treinou o exército de Wargals e os reuniu nas montanhas, prontos para atacar no momento certo. Nos dias de confusão e sofrimento que se seguiram à morte do rei, quando os barões viajaram até o Castelo de Araluen para a cerimônia do funeral, deixando os seus exércitos sem líder, ele tinha atacado e invadido, em questão de dias, a parte sudeste do reino, derrotando as forças confusas e sem controle que tentaram resistir.

Duncan, jovem e inexperiente, nunca poderia enfrentá-lo. O reino estava lá para ser tomado. O trono era seu.

Então, lorde Northolt, chefe do exército do velho rei, reuniu alguns dos barões mais jovens numa aliança leal que apoiou Duncan e aumentou a vacilante coragem dos

demais. Os exércitos se encontraram em Hackham Heath, perto do Rio Slipsunder, e a batalha ficou equilibrada durante 5 horas, com ataques, contra-ataques e muitas mortes. O Slipsunder era um rio raso, mas seus trechos traiçoeiros de areia movediça e lama macia formavam uma barreira intransponível que protegia o flanco direito de Morgarath.

Mas então um daqueles agitadores vestidos com capas cinzentas, conhecidos como Arqueiros, conduziu um grupo de cavalaria pesada através de uma passagem secreta, dez quilômetros rio acima. Os cavaleiros, protegidos por armaduras, surgiram num momento crucial da batalha e atacaram a retaguarda do exército de Morgarath.

Os Wargals, treinados no terreno cheio de rochas das montanhas, tinham um ponto fraco. Tinham medo de cavalos e nunca conseguiriam enfrentar a surpresa de um ataque como aquele. Eles se dividiram, recuaram para a passagem estreita de Três Passos e voltaram para as Montanhas da Chuva e da Noite. Morgarath, diante da rebelião derrotada, foi com eles. E ali ficou exilado durante esses quinze anos. Esperando, conspirando, detestando os homens que tinham sido responsáveis por seu destino.

O momento certo tinha chegado. Mais uma vez, ele lideraria os Wargals num ataque, mas agora teria aliados. E, desta vez, primeiro semearia o chão com incerteza e confusão. Nenhum dos que tinham conspirado contra ele seria deixado vivo para ajudar o rei Duncan.

Porque os Wargals não eram as únicas criaturas antigas e aterradoras que tinha encontrado naquelas montanhas sombrias. Ele tinha dois outros aliados ainda mais assustadores: as temíveis bestas conhecidas como Kalkaras.

Chegara o momento de soltá-las.



— Tente comer alguma coisa, Will. Afinal, amanhã é um grande dia.

Jenny, loira, bonita e alegre, fez um gesto na direção do prato quase intocado de Will e sorriu para ele, encorajando-o. Will tentou retribuir o sorriso, mas não conseguiu. Ele remexeu o prato que tinha à sua frente, cheio de suas comidas favoritas. Naquela noite, por causa da tensão e da expectativa, Will quase não conseguia engolir uma garfada.

Ele sabia bem demais que o dia seguinte seria muito especial, o mais importante da sua vida, pois era o Dia da Escolha, que iria determinar como passaria o resto dos seus dias.

— Acho que é o nervosismo — disse George, abaixando o garfo cheio e ajeitando a lapela do casaco com ar de quem sabia o que estava falando.

Ele era um garoto magro, desengonçado e estudioso, fascinado por regras e regulamentações e com inclinação a examinar e discutir os dois lados de qualquer questão, às vezes durante horas.



— O nervosismo é uma coisa assustadora. Ele pode deixar você paralisado e impedi-lo de pensar, comer e falar.

— Não estou nervoso — Will retrucou depressa, notando que Horace tinha levantado a cabeça, pronto para deixar escapar um comentário sarcástico.

George balançou a cabeça várias vezes, pensando na declaração de Will.

— Por outro lado — ele acrescentou —, um pouco de nervosismo pode até melhorar o desempenho. Ele pode aumentar as suas percepções e aguçar suas reações. Assim, pode-se dizer que o fato de você estar preocupado, se é que realmente está, não é, necessariamente, algo com que se preocupar.

Mesmo sem querer, um sorriso irônico surgiu nos lábios de Will. George seria um ótimo advogado. Ele certamente seria escolhido pelo escriba na manhã seguinte. Talvez esse fosse o problema de Will. Ele era o único dos protegidos que tinha receios quanto à Escolha que iria ocorrer dali a doze horas.

— Ele deveria estar nervoso — Horace zombou. — Afinal, que mestre iria querê-lo como aprendiz?

— Tenho certeza de que todos estamos nervosos — Alyss disse, dirigindo um de seus raros sorrisos para Will. — Seria tolice não estar.

— Pois bem, eu não estou — Horace retrucou, corando quando Alyss o olhou com desconfiança e Jenny riu.

“Alyss sempre age assim”, Will pensou. Ele sabia que lady Pauline, chefe do Serviço Diplomático do Castelo Redmont, tinha prometido a posição de aprendiz à garota graciosa e alta. O fato de fingir nervosismo por causa do dia seguinte e o tato para não chamar atenção para a gafe de Horace mostravam que ela já tinha algumas habilidades como diplomata.

Jenny, é claro, iria imediatamente para a cozinha, domínio de mestre Chubb, cozinheiro chefe. Ele era um homem famoso em todo o reino pelos banquetes servidos na imensa sala de jantar do castelo, Jenny adorava cozinhar e tudo o que se referia à comida. Sua natureza calma e seu inesgotável bom humor faziam dela um membro valioso para a equipe na agitação das cozinhas do castelo.

A escolha de Horace seria a Escola de Guerra. Will olhou para o colega, que atacava avidamente a pilha de peru assado, presunto e batatas que estava amontoada no prato. Horace era grande para a idade e um atleta nato. As chances de ele ser recusado quase não existiam. Horace era exatamente o tipo de recruta que sir Rodney procurava para aprendiz de guerra: forte, atlético, em boa forma. “E não muito inteligente”, Will pensou com certa amargura. A Escola de Guerra era a melhor maneira de se tornar um cavaleiro para garotos como Horace nascidos no povo, mas com habilidades físicas para servir como cavaleiros do Reino.

E aí sobrava Will. Qual seria a sua escolha? Como Horace tinha comentado, o mais importante era saber que mestre de ofício iria aceitá-lo como aprendiz.

O Dia da Escolha era o momento principal na vida dos protegidos do castelo. Eles eram órfãos educados pela generosidade do barão Arald, o senhor do feudo Redmont. A maioria tinha perdido os pais a serviço do feudo, e o barão assumiu a responsabilidade de cuidar das crianças de seus ex-súditos — e de lhes dar a oportunidade de melhorar a vida sempre que possível.

O Dia da Escolha proporcionava essa chance.

Todos os anos, os protegidos que completavam 15 anos podiam se candidatar a aprendizes dos mestres de vários ofícios que serviam o castelo e seus habitantes. Geralmente, os aprendizes eram selecionados de acordo com as ocupações dos pais ou por influência dos mestres de ofício. Os protegidos do castelo normalmente não possuíam tal influência, e aquela era a chance de conquistar um futuro melhor.

Os protegidos que não eram escolhidos ou para quem não havia vagas seriam destinados a fazendeiros na vila próxima para trabalhar nas plantações e cuidar dos animais que alimentavam os habitantes do castelo. Will sabia que isso raramente acontecia. O barão e seus mestres de ofício geralmente faziam de tudo para encaixar os rapazes em alguma profissão. Mas isso talvez não acontecesse, e esse era o destino que ele mais temia.

Horace o estava observando e lhe lançou um olhar presunçoso.

— Você ainda pensa em se candidatar à Escola de Guerra, Will? — ele perguntou com a boca cheia de peru e batatas. — Então é melhor comer alguma coisa. Você precisa desenvolver um pouco esses músculos.

Ele soltou um riso rouco, e Will o olhou irritado. Algumas semanas antes Horace tinha ouvido Will confidenciar a Alyss que queria desesperadamente ser escolhido para a Escola de Guerra e, desde então, tinha tornado a vida dele um inferno, mostrando em todas as ocasiões possíveis que o corpo magro de Will era totalmente inadequado para os rigores do treinamento da escola.

O fato de que Horace provavelmente estava certo só piorava as coisas. Horace era alto e musculoso, enquanto Will era baixo e magro, ele era ágil, rápido e surpreendentemente forte, mas simplesmente não tinha o tamanho exigido para os aprendizes de Escola de Guerra. Apesar de tudo, ele esperou que nos últimos dias tivesse o que as pessoas chamavam de “arrancada no crescimento”, antes da chegada do Dia da Escolha. Mas isso não acontecera, e agora o dia estava próximo.

Como Will não respondeu, Horace percebeu que tinha marcado um ponto, o que era uma raridade em sua relação turbulenta. Nos últimos anos, ele e Will tinham entrado em choque várias vezes. Por ser mais forte do que o colega, Horace normalmente se saía melhor, embora algumas poucas vezes a velocidade e agilidade de Will tives-

sem lhe permitido desferir um chute ou soco surpresa e então escapar antes que Horace pudesse alcançá-lo.

Mas, embora Horace geralmente se saísse melhor nos confrontos físicos, raramente vencida algum de seus embates verbais. A mente de Will era tão ágil quanto o seu corpo, e ele quase sempre conseguia dar a última palavra. Na verdade, era essa tendência que muitas vezes causava problemas entre os dois: Will ainda tinha que aprender que dar a última palavra nem sempre era uma boa idéia. Horace decidiu então se aproveitar da vantagem ganha.

— Você precisa de músculos para entrar na Escola de Guerra, Will. Músculos de verdade — ele afirmou, olhando para os colegas ao redor da mesa para ver se alguém discordava.

Os demais protegidos, pouco à vontade diante da crescente tensão entre os dois, concentraram-se em seus pratos.

— Principalmente entre as orelhas — Will retrucou e, infelizmente, Jenny não conseguiu deixar de rir.

Horace corou e começou a levantar da mesa. Mas Will foi mais rápido e já estava na porta antes que o colega pudesse se livrar da cadeira e soltar um último insulto.

— Isso mesmo! Fuja, Will Sem-nome! Você é um sem-nome e ninguém vai querer você como aprendiz!

Da ante-sala, Will escutou os risos e sentiu o sangue subir ao rosto. Ele detestava esse tipo de zombaria, mas, para não dar mais uma arma para Horace, evitava deixar que o colega percebesse isso.

A verdade era que ninguém sabia o sobrenome de Will nem sabia quem tinham sido seus pais. Ao contrário dos colegas, que tinham vivido no feudo antes da morte dos pais e cuja história familiar era conhecida, Will tinha aparecido ainda recém-nascido, aparentemente do nada. Ele fora encontrado embrulhado em um pequeno cobertor, dentro de um cesto, nas escadas do prédio dos protegidos há quinze anos. Um bilhete estava preso ao cobertor e dizia apenas:

A sua mãe morreu no parto.

O pai morreu como herói.

Por favor, cuidem dele. Seu nome é Will.

Naquele ano, tinha havido somente mais uma protegida. O pai de Alyss era um tenente da cavalaria que morreu na batalha de Hackman Heath, quando o exército de Wargals de Morgarath foi derrotado e expulso para as montanhas. A mãe de Alyss, arrasada pela dor, morreu devido a uma febre algumas semanas depois de dar à luz. Assim, havia bastante espaço para a criança desconhecida, e o barão Arald era, no fundo, um homem generoso. Mesmo que as circunstâncias fossem incomuns, ele tinha dado permissão para que Will fosse aceito como protegido no Castelo Redmont. Parecia lógico pressupor que, se o bilhete era verdadeiro, o pai de Will tinha morrido na guerra contra Morgarath. Como o barão Arald tinha to-

mado parte importante nessa batalha, sentiu-se no dever de honrar o sacrifício do pai desconhecido.

Assim, Will se tornou um protegido de Redmont e foi criado e educado devido à generosidade do barão. À medida que o tempo passou, outros além de Alyss se juntaram a ele, até que havia cinco crianças da mesma idade. Mas, ao passo que os outros tinham lembranças dos pais ou, no caso de Alyss, havia pessoas que os tinham conhecido e que podiam falar sobre eles, Will nada sabia de seu passado.

Foi por esse motivo que inventou a história que o tinha sustentado durante toda a infância naquela divisão do castelo. E, quando os anos passaram e acrescentou detalhes e cores à história, até ele começou a acreditar nela.

Will sabia que o pai tinha morrido como herói, portanto tinha sentido criar para ele uma imagem de ídolo — um guerreiro dentro de uma armadura brilhante que lutou contra as hordas de Wargals, combatendo-as de todas as formas possíveis até ser derrotado pelo peso da maioria. Tinha imaginado a figura alta do pai várias vezes, visto cada detalhe da armadura e de suas armas, mas sem nunca poder ver o seu rosto.

Como guerreiro, o pai iria querer que ele seguisse os seus passos. Por esse motivo, a seleção para a Escola de Guerra era tão importante para Will e, quanto mais improvável se tornava a sua escolha, mais ele se agarrava à esperança de que seria selecionado.

Ele saiu do prédio dos protegidos para a escuridão do pátio do castelo. O sol já tinha sumido fazia tempo e as tochas colocadas a cada 20 metros nas paredes lançavam uma luz trêmula e irregular. Ele hesitou um momento. Não iria voltar ao edifício e enfrentar os insultos contínuos de Horace. Fazer isso somente provocaria outra briga que Will provavelmente perderia. George certamente tentaria analisar a situação examinando os dois lados da questão. Will sabia que Alyss e Jenny talvez tentassem consolá-lo — principalmente Alyss, já que tinham crescido juntos. Mas naquele momento ele não queria a compreensão delas e não poderia enfrentar as zombarias de Horace, portanto se dirigiu para o único lugar em que poderia ficar sozinho.

A enorme figueira que crescia perto da torre central do castelo tinha lhe oferecido refúgio muitas vezes. Ele não tinha medo de altura e escalou a árvore com tranquilidade, continuando quando outros teriam parado, até chegar ao topo em que os galhos balançavam e se dobravam sob o seu peso. No passado, muitas vezes tinha escapado de Horace ali. O garoto maior não era tão rápido quanto Will e não estava disposto a segui-lo tão alto. Will encontrou uma forquilha conveniente e instalou-se nela, deixando o corpo se acostumar ao movimento da árvore enquanto os galhos balançavam na brisa da noite. Lá embaixo, os vultos diminutos dos vigias cumpriam a sua ronda no pátio do castelo.

Ele ouviu a porta do edifício se abrir e, ao olhar para baixo, viu Alyss procurá-lo, em vão, pelo pátio. A menina alta hesitou alguns instantes e então, parecendo dar de ombros, voltou para dentro. O retângulo de luz alongado que a porta aberta jogou no pátio desapareceu quando ela a fechou devagar. “Que estranho, as pessoas raramente olham para cima”, ele pensou.

Houve um leve bater de penas macias, e uma coruja pousou num galho próximo, girando a cabeça para captar os últimos raios da luz fraca com os olhos. Ela estudou o garoto sem preocupação, parecendo saber que não precisava ter medo dele. Era uma caçadora, uma voadora silenciosa, dona da noite.

“Pelo menos você sabe quem é”, ele disse baixinho para o pássaro. A coruja virou a cabeça outra vez e se jogou na escuridão, deixando Will sozinho com seus pensamentos.

Gradativamente, enquanto estava ali sentado, as luzes do castelo se apagaram, uma a uma. As tochas queimaram até o fim e foram substituídas à meia-noite na troca da guarda. Por fim, restou somente a luz do gabinete do barão, onde o lorde de Redmont ainda trabalhava, revendo relatórios e documentos. O gabinete estava praticamente no mesmo nível que Will, e ele podia ver o vulto musculoso do barão sentado à mesa. Finalmente, o barão Arald se levantou, espreguiçou-se e se inclinou para a frente para apagar a lamparina ao sair do aposento e se dirigir ao quarto de dormir no andar superior. Agora o

castelo estava adormecido, exceto pelos guardas junto das paredes, que mantinham vigília constante.

Will se deu conta de que em menos de nove horas enfrentaria a Escolha. Silenciosamente, sofrendo, temendo o pior, desceu da árvore e dirigiu-se para a sua cama no dormitório escuro dos garotos.



2

— Vamos, candidatos! Por aqui! Onde está a animação?

O orientador, Martin, secretário do barão Arald, mais gritava que falava. Quando a sua voz ecoou na ante-sala, os cinco protegidos se ergueram hesitantes dos longos bancos de madeira onde estavam sentados. Repentinamente nervosos agora que o dia tinha finalmente chegado, começaram a andar devagar, relutantes em ser o primeiro a passar pela grande porta de ferro que Martin abria para eles.

— Venham, venham! — ele convocava impaciente, quando Alyss finalmente decidiu ser a primeira, como Will imaginara que faria.

Os outros acompanharam a graciosa garota loira. Agora que alguém tinha resolvido dar o primeiro passo, os demais se contentaram em segui-lo.

Ao entrar no gabinete do barão, Will olhou ao redor curioso. Ele nunca tinha estado naquela parte do castelo antes. Aquela torre, que abrigava o setor administrativo e os aposentos particulares do barão, raramente era visitada pelos subordinados, como os protegidos do cas-

telo. O aposento era imenso. O teto parecia dominá-lo, e as paredes eram feitas de blocos de pedra maciça unidos apenas por uma fina camada de argamassa. Na parede leste, havia uma janela enorme com grossas venezianas de madeira que podiam ser fechadas em caso de mau tempo. Will se deu conta de que era a mesma janela que ele tinha visto na noite passada. Naquele dia, o sol entrava por ela e caía na grande mesa de carvalho que o barão Arald usava como escrivaninha.

— Agora, venham! Fiquem em fila! Fiquem em fila! Martin parecia estar gostando desse momento de autoridade.

O grupo andou lentamente para formar fila, e ele os observou com ar reprovador e a boca retorcida:

— Por ordem de tamanho! O mais alto no começo — ele disse, mostrando onde queria que o mais alto ficasse.

Aos poucos, o grupo se organizou. Horace, é claro, era o mais alto. Depois dele, Alyss tomou sua posição. Em seguida George, meia cabeça mais baixo do que ela e muito magro. Will e Jenny hesitaram. Jenny sorriu para o colega e, com um gesto, pediu que tomasse o lugar antes dela, mesmo que talvez fosse um centímetro mais alta. Aquela era uma atitude típica da Jenny. Ela sabia como Will sofria por ser o menor de todos os protegidos. Quando ele entrou na fila, a voz de Martin o interrompeu.

— Você, não! A menina primeiro.



Jenny deu de ombros num pedido de desculpas e foi para o lugar que Martin havia indicado. Will ficou sendo o último da fila, desejando que Martin não tivesse deixado a sua pouca altura tão evidente.

— Vamos! Animem-se, animem-se! Agora, atenção!
— Martin continuou, mas parou assim que uma voz grave o interrompeu.

— Acho que não precisamos de tudo isso, Martin.

Era o barão Arald, que tinha entrado despercebido por uma pequena porta atrás da mesa enorme. Martin colocou-se no que considerava uma posição de sentido, com os cotovelos magros afastados do corpo, os calcanhares juntos fazendo suas pernas tortas ficarem bem separadas na altura dos joelhos e a cabeça atirada para trás.

O barão Arald levantou os olhos para o céu. Às vezes, o zelo do secretário nessas ocasiões era um pouco exagerado. O barão era um homem grande e musculoso de ombros largos e cintura avantajada, como era necessário a um cavaleiro. Sabia-se bem, contudo, que o barão Arald gostava de comer e beber, de modo que o seu tamanho não se devia somente aos músculos.

Ele usava uma barba preta curta e bem aparada que, assim como os cabelos, começava a mostrar alguns fios brancos por causa de seus 42 anos. Seu maxilar era largo; o nariz, grande e escuro; e os olhos, atentos e cheios de humor, alojados debaixo de sobrancelhas espessas. O seu rosto denotava poder, mas também bondade. Will já tinha notado esse detalhe em ocasiões em que Arald tinha

feito suas visitas raras aos alojamentos dos protegidos para ver como iam suas lições e seu desenvolvimento pessoal.

— Senhor! — Martin disse em voz alta, fazendo o barão estremecer um pouco. — Os candidatos estão reunidos.

Arald respondeu com paciência:

— Estou vendo. Que tal pedir aos mestres de ofício que se juntem a nós?

— Sim, senhor! — Martin respondeu, tentando bater os calcanhares.

Como usava sapatos de couro macio e flexível, a tentativa não resultou em nada. Ele marchou em direção à porta principal do gabinete, com seus cotovelos e joelhos magros salientes, fazendo Will se lembrar de um galo. Quando Martin colocou a mão na maçaneta, o barão o chamou mais uma vez.

— Martin? — ele disse suavemente.

Quando o secretário se virou e o olhou com curiosidade, o barão prosseguiu no mesmo tom calmo.

— Peça para virem. Sem gritar. Mestres de ofício não gostam disso.

— Sim, senhor — Martin concordou, parecendo um pouco decepcionado.

Ele abriu a porta e, com um esforço evidente para falar baixo, disse:

— Mestres de ofício, o barão está pronto.

Os chefes da escola de ofícios entraram no aposento sem ordem predeterminada. Como um grupo, eles

se admiravam e respeitavam e raramente participavam de um procedimento tão formal. Sir Rodney, chefe da Escola de Guerra, entrou primeiro. Alto e de ombros largos como o barão, estava vestido a caráter, com malha de ferro por baixo de um manto branco adornado com a mesma figura do escudo: a cabeça vermelha de um lobo. Ele tinha ganho esse escudo quando jovem, lutando no mar da Escandinávia contra navios piratas que constantemente saqueavam a costa leste do Reino. Usava um cinturão e uma espada. Nenhum cavaleiro podia ser visto em público sem sua espada. Ele tinha mais ou menos a idade do barão, olhos azuis e um rosto que seria extremamente bonito não fosse pelo nariz quebrado.

Ostentava um bigode imenso, mas, ao contrário do barão, não usava barba.

Em seguida veio Ulf, o mestre da Cavalaria, responsável pelo cuidado e treinamento dos fortes cavalos de batalha do castelo. Tinha olhos castanhos cheios de espartezza, braços fortes e musculosos e punhos grossos. Usava um simples colete de couro sobre uma camisa de lã e calças coladas ao corpo. Altas botas de equitação feitas de couro macio cobriam os seus joelhos.

Lady Pauline seguiu-se a Ulf. Magra, elegante e de cabelos grisalhos, ela tinha sido muito bonita na juventude e ainda mostrava graça e estilo capazes de virar a cabeça dos homens. Lady Pauline, que tinha conquistado esse título por seu trabalho na política externa do Reino, era chefe do Serviço Diplomático em Redmont. O barão A-

rald tinha suas habilidades em alta conta, e ela era uma de suas mais íntimas conselheiras e confidentes. Arald dizia com frequência que meninas eram as melhores recrutas para o serviço diplomático. Elas costumavam ser mais sutis do que os rapazes, que gravitavam naturalmente para a Escola de Guerra. E, enquanto os garotos quase sempre usavam a força física para resolver problemas, as meninas sabiam usar a inteligência.

Talvez fosse apenas uma coincidência que Nigel, o mestre escriba, acompanhasse lady Pauline de perto. Eles discutiam assuntos de interesse mútuo enquanto esperavam o chamado de Martin. Além de colegas de profissão, Nigel e Pauline eram bons amigos. Eram os escribas treinados de Nigel que preparavam os documentos e comunicados oficiais que tantas vezes eram entregues pelos diplomatas de Pauline. Ele também dava conselhos sobre as palavras exatas a serem usadas nesses documentos e tinha profundos conhecimentos em assuntos legais. Nigel era um homem pequeno e magro, com um rosto inteligente e curioso que fazia Will se lembrar de um furão. Seus cabelos eram pretos e brilhantes, suas feições eram finas, e os olhos escuros nunca paravam de observar o aposento.

Mestre Chubb, o cozinheiro chefe, entrou por último. Como não poderia deixar de ser, ele era um homem gordo e barrigudo que usava uma jaqueta branca de cozinheiro e um chapéu alto. Dizia-se que tinha um gênio terrível e que podia se inflamar tão depressa quanto óleo derramado no fogo, portanto a maioria dos protegidos o

tratava com muito cuidado. Com o rosto corado e cabelos ruivos que rareavam rapidamente, o mestre Chubb levava uma colher de pau para onde quer que fosse. Era um membro extra-oficial da equipe e também era usada muitas vezes como arma de ataque, aterrissando com um barulho forte na cabeça dos aprendizes mais descuidados, esquecidos e lentos. Entre os protegidos, Jennifer era a única que via Chubb como um tipo de herói. Ela já tinha declarado sua intenção de trabalhar para ele e aprender suas técnicas, com ou sem colher de pau.

Naturalmente, havia outros mestres. O armeiro e o ferreiro eram dois deles, mas somente os mestres de ofício que tinham vagas no momento para novos aprendizes se apresentariam naquele dia.

— Os mestres de ofício estão reunidos, senhor! — Martin anunciou elevando a voz, como se falar alto desse mais importância à ocasião.

Mais uma vez, o barão levantou os olhos para o céu.

— Como se eu não estivesse vendo — ele disse em voz baixa. — Bom-dia, lady Pauline. Bom-dia, senhores — ele acrescentou num tom mais formal.

Os presentes responderam, e o barão se virou mais uma vez para Martin.

— Será que podemos começar?

Martin balançou várias vezes a cabeça, consultou um maço de notas que segurava nas mãos e marchou até a fileira de candidatos.

— Muito bem, o barão está esperando! O barão está esperando! Quem vai ser o primeiro?

Will, de olhos baixos, apoiando o peso do corpo ora num pé, ora noutro, nervoso, de repente teve a estranha sensação de que estava sendo observado. Ele olhou para cima e, com surpresa, encontrou o olhar sombrio e misterioso de Halt, o arqueiro.

Will não o tinha visto e imaginou que ele tivesse usado uma porta lateral para entrar no aposento enquanto a atenção de todos estava voltada para os mestres de ofício. Agora ele estava parado atrás da cadeira do barão, ligeiramente inclinado para o lado, usando as suas roupas comuns, cinza e marrons, e coberto por sua longa túnica verde e cinza de arqueiro. Halt era uma pessoa assustadora que tinha o hábito de se aproximar quando menos se esperava e sem se fazer ouvir. Os moradores supersticiosos da vila acreditavam que os arqueiros praticavam uma forma de magia que os tornava invisíveis às pessoas comuns. Will não sabia se acreditava nisso. Ele se perguntou por que Halt estaria ali naquele dia. O homem não era reconhecido como um dos mestres de ofício e, até onde Will sabia, nunca tinha participado de uma sessão de Escolha antes.

Abruptamente, Halt tirou o olhar de Will, e este teve a impressão de que a luz tinha se apagado. Ele percebeu que Martin estava falando outra vez. O secretário tinha o hábito de repetir as frases como se fosse seguido pelo próprio eco.

— Então, quem será o primeiro? Quem será o primeiro?

— Por que não começamos com o primeiro da fila?
— o barão sugeriu suspirando, e Martin acenou várias vezes com a cabeça.

— Claro, senhor. Claro. O primeiro da fila, dê um passo à frente e se aproxime do barão.

Depois de um momento de hesitação, Horace se adiantou e ficou em posição de sentido. O barão o analisou por alguns segundos.

— Seu nome? — ele perguntou, e Horace respondeu, sem saber exatamente como se dirigir ao barão.

— Horace Altman, senhor... meu senhor.

— E você tem alguma preferência, Horace? — o barão perguntou com ar de quem conhece a resposta antes mesmo de ouvi-la.

— Escola de Guerra, senhor! — Horace respondeu com firmeza. O barão acenou afirmativamente com a cabeça. Era o que imaginava. Ele olhou para Rodney, que, pensativo, estava analisando o garoto e avaliando suas qualidades.

— Mestre de guerra? — o barão chamou. Normalmente, ele chamava Rodney pelo primeiro nome, e não pelo título, mas aquela era uma ocasião formal. O mesmo se aplicava a Rodney, que, num dia como aquele, usava a forma “meu senhor”.

O grande cavaleiro deu um passo à frente, fazendo a malha de ferro e as esporas tinirem levemente enquanto

ele se aproximava de Horace. Olhou o rapaz da cabeça aos pés e então passou por trás dele. A cabeça do garoto começou a acompanhar seu movimento.

— Quietos — sir Rodney ordenou, o menino ficou imóvel e olhou direto para a frente.

— Parece forte o suficiente, meu senhor, e sempre posso usar novos alunos — ele esfregou o queixo com a mão.

— Você sabe cavalgar, Horace?

Por um instante, quando percebeu que esse poderia ser um obstáculo para a sua escolha, Horace ficou sem saber o que dizer.

— Não, senhor, eu...

Ele estava para acrescentar que os protegidos do castelo tinham poucas oportunidades de aprender a cavalgar, mas sir Rodney o interrompeu.

— Não importa, você pode aprender.

O grande cavaleiro olhou para o barão e acenou.

— Muito bem, meu senhor, vou levar o garoto para a Escola de Guerra, onde ficará pelo período de três meses de experiência.

O barão escreveu algo numa folha de papel que se encontrava diante dele e sorriu levemente para o alegre e muito aliviado jovem à sua frente.

— Parabéns, Horace. Apresente-se à Escola de Guerra amanhã cedo, às 8 horas em ponto.

— Sim, senhor! — Horace respondeu com um largo sorriso. Ele se virou para sir Rodney e fez uma pequena reverência.

— Obrigado, senhor.

— Não me agradeça ainda — o cavaleiro respondeu com ar de mistério. — Você não sabe o que o espera.



3

— Quem é o próximo? — Martin perguntou enquanto Horace, com um grande sorriso, voltava para a fila.

Alyss se adiantou com graça, aborrecendo Martin, que queria indicá-la como a próxima candidata.

— Alyss Mainwaring, meu senhor — ela disse com a voz baixa e uniforme. Então, antes que lhe perguntassem qualquer coisa, continuou:

— Por favor, solicito uma indicação para o Serviço Diplomático, meu senhor.

Arald sorriu para a garota de aspecto solene. Ela tinha um ar de autoconfiança e dignidade que a ajudaria muito no Serviço. Ele olhou para lady Pauline.

— Senhora?

Ela concordou com um gesto de cabeça.

— Já falei com Alyss, meu senhor. Acredito que ela seja uma excelente candidata. Aprovada e aceita.

Alyss curvou levemente a cabeça na direção da mulher que seria a sua mentora. Will pensou em como eram parecidas — as duas eram altas e tinham movimentos elegantes e maneiras reservadas. Ele sentiu uma leve



onda de prazer por sua colega mais antiga, pois sabia o quanto ela queria ser escolhida. Alyss voltou para a fila, e Martin, para não ser passado para trás novamente, já apontava para George.

— Muito bem! Você é o próximo! Você é o próximo! Dirija-se ao barão.

George deu um passo à frente. Sua boca abriu e fechou várias vezes, mas nenhum som saiu. Os demais protegidos o observavam surpresos. George, considerado há muito tempo advogado oficial deles para quase tudo, estava dominado pelo nervosismo. Finalmente, conseguiu dizer algo, mas em voz tão baixa que ninguém na sala o ouviu. O barão Arald se inclinou para a frente, com a mão em concha atrás da orelha:

— Desculpe, mas não entendi o que falou.

George olhou para o barão e, com enorme esforço, falou com voz ainda baixa.

— G-George Carter, senhor. Escola de Escribas, senhor.

Martin, sempre um defensor da correção, respirou fundo para repreendê-lo por sua fala truncada, mas, antes que pudesse fazê-lo e para alívio evidente de todos, o barão interferiu.

— Tudo bem, Martin. Deixe para lá.

Martin pareceu um pouco ofendido, mas se calou. O barão olhou para Nigel, o chefe dos escribas e responsável por assuntos legais, que estava com uma sobrelha erguida, com ar de interrogação.

— Aceitável, meu senhor — Nigel declarou. — Já vi alguns trabalhos de George, e ele realmente tem o dom da caligrafia.

— Ele não impressiona muito como orador, não é mesmo, mestre? — o barão comentou em tom de dúvida. — Isso poderá ser um problema se tiver que oferecer aconselhamento legal no futuro.

— Eu lhe garanto, meu senhor, que com treinamento adequado esse tipo de falha não vai representar problema.

Entusiasmado com o tema, o mestre escriba juntou as mãos debaixo das mangas largas do hábito, parecido com o de um monge.

— Lembro-me de um garoto parecido com ele que esteve conosco há muitos anos. Ele tinha o mesmo hábito de murmurar, mas nós logo lhe mostramos como superar essa dificuldade. Alguns de nossos oradores mais hesitantes acabaram por ficar muito eloquentes, meu senhor, muito eloquentes.

O barão respirou fundo para responder, mas Nigel continuou seu discurso.

— Talvez o senhor fique surpreso em saber que, quando menino, eu sofria de uma terrível gagueira nervosa. Absolutamente terrível, meu senhor. Eu mal conseguia dizer duas palavras uma após a outra.

— Vejo que isso não é mais problema agora — o barão conseguiu comentar secamente, e Nigel sorriu e curvou-se para o barão.

— Exatamente, meu senhor. Nós vamos ajudar George a superar a sua timidez. Nada como a agitação da Escola de Escribas. Sem dúvida.

O barão não conseguiu evitar um sorriso. A Escola de Escribas era um lugar dedicado aos estudos onde raramente as vozes se erguiam e onde o debate lógico e racional reinava supremo. Pessoalmente, em suas visitas, tinha considerado o local extremamente monótono e não conseguia imaginar nada menos agitado.

— Acredito em você — ele retrucou. — Bem, George, pedido aceito. Apresente-se à Escola de Escribas amanhã.

George arrastou os pés desajeitado, resmungou algumas palavras, e o barão se inclinou outra vez, franzindo a testa ao tentar entender o que o rapaz tinha dito.

— O que você disse?

George finalmente olhou para cima.

— Obrigado, meu senhor.

E então voltou rapidamente para a fila.

— Ah! Não foi nada — o barão disse um tanto surpreso. — Agora, o próximo é...

Jenny já se adiantava. Loira e bonita, ela também era, para falar a verdade, um pouco gordinha. Mas os quilos a mais lhe caíam bem e, em qualquer reunião social, a moça era muito solicitada para dançar com os garotos, tanto os colegas dos protegidos, quanto os filhos dos funcionários do castelo.

— Mestre Chubb, senhor! — ela disse, aproximando-se da beira da escrivaninha.

O barão olhou para o rosto redondo da menina, viu a ansiedade brilhando naqueles olhos azuis e não conseguiu evitar sorrir para ela.

— O que tem ele? — o barão perguntou delicadamente e a moça hesitou, percebendo que, em seu entusiasmo, tinha atropelado o protocolo da Escolha.

— Oh! Perdão, senhor... meu... barão... — ela improvisou rapidamente, gaguejando enquanto tentava corrigir o modo de falar.

— Meu senhor! — Martin interrompeu. O barão Arald olhou para ele surpreso.

— Sim, Martin, o que foi?

Martin ficou constrangido, pois percebeu que seu mestre estava entendendo mal o propósito de sua interrupção.

— Eu... simplesmente queria informar que o nome da candidata é Jennifer Dalby, senhor — ele respondeu em tom de desculpas.

O barão assentiu, e Martin, um servo dedicado, viu o olhar de aprovação no rosto de seu patrão.

— Obrigado, Martin. Agora, Jennifer Dalby...

— Jenny, senhor — informou a garota.

— Jenny, então — o barão respondeu, dando de ombros resignado. — Suponho que você esteja se candidatando para ser aprendiz de mestre Chubb.

— Ah, sim, por favor, senhor! — Jenny respondeu sem fôlego, virando os olhos cheios de adoração para o cozinheiro corpulento e ruivo.

Chubb a olhou pensativo e de cara feia.

— Hum... pode ser, pode ser — ele balbuciou, andando de um lado a outro na frente dela.

A garota sorriu para ele simpática, mas Chubb era imune a esses artifícios femininos.

— Vou trabalhar duro, senhor — ela garantiu com seriedade.

— Sei disso! — ele retrucou um tanto divertido. — Eu vou garantir que sim, menina. Ninguém fica à toa conversando na minha cozinha, pode ter certeza.

Temendo que sua oportunidade pudesse estar escorregando por entre os dedos, Jenny usou o seu maior trunfo.

— Eu tenho o corpo ideal para isso — ela afirmou. Chubb tinha que concordar que ela era bem nutrida. Arald, não pela primeira vez naquela manhã, escondeu um sorriso.

— Ela tem razão nesse ponto, Chubb — ele comentou, e o cozinheiro virou-se para o barão, mostrando estar de acordo.

— O corpo é importante, senhor. Todos os grandes cozinheiros costumam ser... um pouco cheios.

Ele se virou para a moça ainda pensativo. Se os outros queriam aceitar seus alunos num piscar de olhos era problema deles, mas cozinhar era uma coisa especial.

— Diga-me — ele pediu à menina ansiosa —, o que você faria com uma torta de peru?

— Eu iria comê-la — Jenny respondeu imediatamente, sorrindo de modo encantador.

Chubb deu uma pancadinha na cabeça dela com a colher de pau.

— Eu estava me referindo ao modo de prepará-la.

Jenny hesitou, pensou e então iniciou uma longa descrição técnica de como assaria a sua obra-prima. Os outros quatro protegidos, o barão, os mestres de ofício e Martin ouviram tudo com certa admiração, porém sem entender nada do que ela dizia. Chubb, entretanto, assentiu várias vezes enquanto ela falava e a interrompeu quando ela deu detalhes sobre como abrir a massa.

— Você disse nove vezes? — ele perguntou curioso, e Jenny concordou, certa do que dizia:

— Minha mãe sempre dizia: “Oito vezes para deixá-la folhada e mais uma vez com um toque de amor.”

Chubb assentiu pensativo.

— Interessante. Interessante — ele comentou, olhando então para o barão. — Vou ficar com ela, meu senhor.

— Que surpresa — o barão retrucou com suavidade. — Muito bem, apresente-se na cozinha pela manhã, Jennifer — ele acrescentou.

— Jenny, senhor — a menina corrigiu novamente com um sorriso que iluminou a sala.

O barão Arald sorriu e observou o pequeno grupo diante dele.

— Ainda temos mais um candidato.

Ele consultou a lista e então olhou para Will, que estava inquieto. O barão lhe fez um gesto de encorajamento.

Will deu um passo à frente, sentindo o nervosismo secar sua garganta de repente e fazer que sua voz se transformasse num mero sussurro.

— Will, senhor. O meu nome é Will.



4

— Will? Will de quê? — Martin perguntou exasperado, examinando as folhas de papel que continham os detalhes sobre os candidatos. Ele era secretário do barão há apenas cinco anos e por isso não conhecia a história de Will. Percebeu então que não havia um sobrenome nos documentos do garoto e ficou aborrecido por achar que tinha deixado passar esse erro.

— Qual é o seu sobrenome, menino? — ele perguntou com severidade.

Will olhou para ele hesitante, odiando aquele momento.

— Eu... não tenho... — ele começou, mas felizmente o barão intercedeu.

— Will é um caso especial, Martin — ele informou com calma e com um olhar que ordenava que o secretário esquecesse o assunto.

Em seguida, virou-se para Will com um sorriso encorajador.

— A que escola quer se candidatar, Will? — ele perguntou.



— Para a Escola de Guerra, por favor, meu senhor.
— Will respondeu, tentando parecer confiante em sua escolha.

O barão franziu a testa, e Will sentiu as esperanças desaparecerem.

— Escola de Guerra, Will? Você não acha que é... um pouco pequeno para isso? — o barão perguntou com delicadeza.

Will mordeu o lábio. Ele tinha se convencido de que, se desejasse muito, se acreditasse bastante em si mesmo, seria aceito, mesmo com suas falhas evidentes.

— Eu ainda não passei pela “arrancada no crescimento”, senhor. — ele disse desesperado. — Todos dizem isso.

O barão esfregou a barba com o polegar e o indicador ao analisar o garoto parado diante dele e olhou para o mestre de guerra.

— Rodney? — ele chamou.

O alto cavaleiro se adiantou, examinou Will por alguns instantes e lentamente balançou a cabeça.

— Sinto dizer que ele é muito pequeno, meu senhor. — ele disse. Will sentiu um aperto no coração.

— Sou mais forte do que pareço, senhor. — ele garantiu.

Mas o mestre de guerra não se deixou convencer pela afirmação.

Ele olhou para o barão, deixando claro que a situação o desagradava, e balançou a cabeça.

— Alguma outra opção, Will? — o barão perguntou com gentileza e preocupação.

Will hesitou por um longo momento. Ele nunca tinha considerado outra escolha.

— Escola de Cavalaria, senhor? — ele perguntou finalmente.

A Escola de Cavalaria treinava e cuidava dos poderosos cavalos de batalha usados pelos cavaleiros do castelo. Will pensou que, pelo menos, seria uma ligação com a Escola de Guerra. Mas Ulf, o mestre da cavalaria, já estava balançando a cabeça antes mesmo de o barão pedir sua opinião.

— Preciso de aprendizes, meu senhor, mas este é pequeno demais. Ele nunca vai conseguir controlar um de meus cavalos. Vão pisoteá-lo assim que olharem para ele.

Naquele momento, Will só conseguia enxergar o barão através de uma névoa esfumada. Ele lutava desesperadamente para evitar que as lágrimas escorressem pelo rosto. Ser rejeitado pela Escola de Guerra, perder o controle e chorar como um bebê na frente do barão, dos mestres de ofício e de seus colegas seria muito humilhante.

— Quais são as suas qualidades, Will? — o barão perguntou. Ele pôs a cabeça para funcionar. Não era bom nas aulas e em línguas como Alysso, não conseguia formar letras bonitas e perfeitas como George nem se interessava por culinária como Jenny.

E, certamente, não tinha os músculos e a força de Horace.

— Sei escalar muito bem, senhor — disse finalmente, percebendo que o barão esperava sua resposta.

Mas logo se deu conta de que tinha cometido um erro, pois Chubb, o cozinheiro, olhou para ele zangado.

— Ele sabe escalar, sim, senhor. Eu lembro quando subiu numa calha na minha cozinha e roubou uma bandeja de bolinhos que estavam esfriando no peitoril da janela.

Will ficou desanimado. Aquilo tinha acontecido há séculos! Ele quis contar que era uma criança na época e que tinha sido apenas uma brincadeira infantil. Mas agora o mestre escriba também estava falando.

— Na última primavera, ele subiu até o nosso gabinete no segundo andar e soltou dois coelhos durante um de nossos debates sobre questões legais. Extremamente lamentável.

— Coelhos, mestre escriba? — o barão perguntou, e Nigel assentiu vigorosamente.

— Um casal, meu senhor, se o senhor me entende — ele respondeu. — Extremamente lamentável!

Sem que Will visse, a muito séria lady Pauline colocou a mão na frente da boca num gesto elegante. Talvez ela estivesse disfarçando um bocejo, mas, quando retirou a mão, ainda foi possível entrever o final de um sorriso.

— Bem, sim — comentou o barão. — Nós todos sabemos como são os coelhos.

— E, como eu disse, era primavera — Nigel continuou, caso o barão não tivesse entendido.

Lady Pauline deixou escapar uma tosse nada feminina. O barão olhou para ela surpreso.

— Acho que compreendemos, mestre escriba — ele disse, voltando a olhar para a figura desesperada à sua frente.

Will manteve o queixo erguido e olhava direto para a frente. O barão sentiu pena do jovem naquele momento. Ele podia ver as lágrimas se formando nos olhos vivos e castanhos, presas somente por uma determinação de ferro. “Força de vontade”, pensou. Não lhe agradava fazer o garoto passar por tudo aquilo, mas era assim que tinha que ser. Ele suspirou silenciosamente.

— Há alguém que possa usar esse garoto? — ele perguntou. Contra sua vontade, Will virou a cabeça e olhou suplicante para a fila de mestres de ofício, rezando para que um deles cedesse e o aceitasse. Um por um, em silêncio, eles sacudiram a cabeça negativamente.

Surpreendentemente, foi o arqueiro quem quebrou o desagradável silêncio da sala.

— Há uma coisa que o senhor deve saber sobre este garoto, meu senhor — ele disse com uma voz grave e suave.

Aquela era a primeira vez que Will o ouvia falar. Ele se adiantou e entregou uma folha de papel dobrada ao barão. Arald a abriu, leu as palavras nela escritas e franziu a testa.

— Você tem certeza disso, Halt?

— Absoluta, meu senhor.

O barão dobrou o papel com cuidado e o colocou na mesa. Ele tamborilou os dedos no tampo da mesa e disse:

— Vou ter que pensar nisso durante a noite.

Halt concordou e deu um passo para trás, parecendo desaparecer no fundo. Will o olhou com ansiedade, perguntando-se que informação a figura misteriosa tinha passado ao barão. Como a maioria das pessoas, Will tinha crescido acreditando que era melhor evitar os arqueiros. Eles faziam parte de um grupo secreto e místico, envolto em mistério e incerteza, o que, por sua vez, levava ao medo.

Will não gostou da idéia de que Halt sabia algo a seu respeito — algo que era importante o bastante para chamar a atenção do barão naquele dia. A folha de papel continuava ali, torturantemente perto, no entanto impossível de ser alcançada.

O garoto percebeu um movimento ao seu redor. O barão estava falando com outras pessoas na sala.

— Felicitações aos que foram escolhidos hoje. Este é um grande dia para todos, portanto vocês têm o resto dele livre. Aproveitem. As cozinhas prepararão um banquete no seu alojamento e durante o resto da tarde vocês estão livres para visitar o castelo e a vila. Amanhã cedo, apresentem-se aos seus novos mestres de ofício. E, se quiserem aceitar um conselho, sejam pontuais — ele sor-

riu para os quatro e então se dirigiu para Will com uma ponta de simpatia na voz.

— Will, amanhã vou dizer o que decidi a seu respeito — ele se virou para Martin e fez um gesto para que conduzisse os aprendizes para fora. — Obrigado a todos — ele disse, saindo do aposento pela porta atrás da mesa.

Os mestres de ofício deixaram a sala e Martin conduziu os protegidos até a saída. Eles conversavam entusiasmados, aliviados e satisfeitos por terem sido aceitos pelos mestres de sua escolha.

Will ficou para trás, hesitando diante da folha de papel ainda na mesa. Ele olhou para ela por um instante como se pudesse, de alguma forma, enxergar as palavras escritas do outro lado. Teve a mesma impressão de que alguém o observava, como antes. E então se defrontou com os olhos escuros do arqueiro, que tinha ficado atrás da cadeira de encosto alto do barão, quase invisível embaixo de seu estranho manto.

Will estremeceu num repentino momento de medo e saiu apressado da sala.



5

Já tinha passado muito da meia-noite. As tochas trêmulas ao redor do pátio do castelo, já substituídas uma vez, estavam enfraquecendo novamente. Will tinha observado pacientemente o passar das horas, esperando o momento em que a luz estaria fraca e os guardas estariam bocejando na última hora de seu turno.

O dia tinha sido um dos piores de que podia se lembrar. Enquanto os colegas comemoravam, aproveitavam o banquete e se divertiam barulhentemente pelo castelo e pela vila, Will tinha se escondido no silêncio da floresta a cerca de 1 quilômetro dos muros do castelo. Ali, na sombra verde e fresca das árvores, ele tinha passado a tarde refletindo tristemente sobre o que tinha acontecido na Escolha, sofrendo com o desapontamento e imaginando o que o papel do arqueiro dizia.

À medida que o longo dia se arrastava e as sombras começavam a ficar mais compridas nos campos abertos ao lado da floresta, ele tomou uma decisão.

Tinha que saber o que estava escrito no papel. E seria naquela noite.

Quando escureceu, Will voltou, evitando os moradores da vila e do castelo, e se escondeu nos galhos da grande figueira novamente. Antes disso, entrou às escondidas nas cozinhas e se serviu de pão, queijo e maçãs. Ele passou as horas mastigando os alimentos quase sem sentir seu sabor, enquanto o tempo passava e o castelo começava a se preparar para a noite.

Will observou os movimentos dos guardas e os horários das trocas de turno. Além da tropa da guarda, havia um sargento de plantão na porta da torre que levava aos aposentos do barão. Mas ele era gordo e estava sonolento, então havia pouca chance de que pudesse representar risco. Afinal, Will não tinha a intenção de usar a porta ou a escada.

Ao longo dos anos, a sua curiosidade insaciável e a tendência para ir a lugares em que não deveria estar tinham desenvolvido nele a habilidade de atravessar espaços abertos sem ser visto.

O vento balançava os galhos mais altos das árvores, e eles criavam formas agitadas sob a luz da Lua, formas que agora Will sabia usar muito bem. Instintivamente, ele combinava seus movimentos com o ritmo das árvores, misturando-se facilmente às formas criadas pelas sombras no pátio, tornando-se parte delas e se escondendo nelas. De certa forma, a falta de uma cobertura concreta facilitava um pouco a sua tarefa. O sargento gordo não esperava que alguém fosse atravessar o pátio aberto e, assim, por não esperar ver uma pessoa, não via ninguém.



Sem fôlego, Will se achatou contra as pedras ásperas da parede da torre. O sargento estava a menos de 5 metros de distância, e Will podia até ouvir a sua respiração pesada, mas um pilar o escondia do homem. Ele estudou a parede à sua frente e esticou o pescoço para olhar para cima. A janela do gabinete do barão ficava bem no alto, do outro lado da torre. Para chegar até lá, teria que escalar a parede e circundá-la até um ponto além de onde o sargento montava guarda e então subir novamente até a janela. Will molhou os lábios nervoso. Ao contrário das paredes internas lisas da torre, os grandes blocos de pedra que cobriam a parte de fora tinham grandes espaços entre eles. Subir não seria problema, e ele teria vários pontos de apoio para os pés e as mãos em todo o trajeto. Em alguns lugares, a ação do tempo tinha deixado as pedras lisas, e ele teria que se mover com cuidado. Mas tinha escalado todas as outras três torres no passado e não esperava ter dificuldades com essa.

Desta vez, porém, se fosse visto, não poderia alegar que se tratava de uma brincadeira. Ele estaria escalando uma parte do castelo em que não tinha o direito de estar no meio da noite. Afinal, o barão não colocava guardas para vigiar sua torre por diversão. As pessoas deveriam se manter afastadas, a menos que fossem convidadas.

Will esfregou as mãos ansioso. Que castigo poderia receber? Já tinha sido excluído na Escolha, ninguém o queria e já estava condenado a viver nos campos. O que poderia ser pior do que isso?

Mas havia uma dúvida que o perturbava: ele não tinha certeza absoluta de que estava condenado a essa vida. Uma leve centelha de esperança ainda permanecia acesa. Talvez o barão cedesse. Se Will lhe explicasse sobre o pai e dissesse o quanto era importante ser aceito na Escola de Guerra, talvez houvesse uma pequena chance de que seu desejo fosse atendido. E então, depois de aceito, poderia mostrar como seu entusiasmo e dedicação fariam dele um aluno valioso até que se desenvolvesse fisicamente.

Por outro lado, se fosse apanhado nos próximos minutos, não sobraria nem essa pequena chance. Ele não tinha idéia do que lhe fariam se fosse pego, mas estava certo de que não teria nada a ver com sua aceitação na Escola de Guerra.

Ele hesitou, pois precisava apenas de mais uma pequena desculpa para agir. E foi o sargento que a ofereceu. Will escutou o guarda respirar fundo e bater as botas de encontro às pedras enquanto reunia seu equipamento. “Ele vai sair para fazer uma de suas rondas”, o garoto pensou. Normalmente, isso significava andar alguns metros ao redor da torre e na entrada e então voltar à posição original. A ronda servia mais para mantê-lo acordado do que outra coisa, mas Will percebeu que eles ficariam cara a cara nos próximos segundos se não fizesse alguma coisa.

Rápida e facilmente, começou a escalar a parede. Ele subiu os primeiros 5 metros em questão de segundos, com braços e pernas estendidos como uma aranha gigan-

te. Então, ao ouvir os passos pesados diretamente abaixo dele, Will ficou paralisado, colado à parede para que nenhum barulho alertasse o guarda.

De fato, parecia que o sargento tinha ouvido algo. Ele parou bem embaixo de Will, espiou para dentro da noite, tentando ver além das sombras criadas pela Lua e das árvores que balançavam. Mas, como Will tinha percebido na noite anterior, as pessoas raramente olham para cima. O sargento, finalmente certo de que não tinha ouvido nada importante, continuou a marchar lentamente ao redor da torre.

Aquela era a oportunidade de que Will precisava. Ela também lhe permitia passar ao outro lado da torre e ficar exatamente embaixo da janela que queria. Ele encontrou apoio para os pés e as mãos com facilidade e se movimentou quase tão depressa quanto se estivesse andando, a cada instante atingindo um ponto mais alto da parede.

Em certo momento, cometeu o erro de olhar para baixo. Apesar de se sentir à vontade em lugares altos, a sua visão oscilou levemente quando viu até onde tinha chegado e o quanto as pedras que revestiam o pátio estavam longe. O sargento, que ele conseguia ver outra vez, era somente uma figura minúscula lá embaixo. Will esforçou-se para dominar a leve tontura e continuou a escalada, talvez agora um pouco mais devagar e com mais cuidado do que antes.

Will ficou um pouco nervoso quando, ao esticar o pé direito em busca de um novo apoio, o pé esquerdo es-

corregou na borda arredondada dos enormes blocos de pedra e ele ficou pendurado apenas pelas mãos, procurando desesperadamente um local para apoiar os pés. Mas logo em seguida se recuperou e continuou a escalada.

O garoto foi invadido por uma onda de alívio quando as mãos finalmente chegaram ao peitoril da janela e ele impulsionou o corpo para cima, pulando para dentro da sala.

Como era de se esperar, o gabinete do barão estava deserto. A Lua jogava a sua luz pela janela imensa.

E ali, na escrivaninha onde o barão a tinha deixado, estava a folha de papel que continha a resposta sobre o futuro de Will. Inquieto, ele olhou ao redor. A enorme cadeira de encosto alto do barão parecia uma sentinela atrás da mesa. Os outros poucos móveis se erguiam escuros e inertes. Em uma das paredes, o retrato de um dos ancestrais do barão olhava acusador para o menino.

Ele afastou esses pensamentos cheios de imaginação e foi rapidamente até a mesa, os pés se movimentando em silêncio dentro das botas de couro macio. A folha de papel, muito branca sob a luz da Lua, estava a seu alcance. “Olhe, leia e vá embora”, ele disse a si mesmo. Aquilo era tudo o que tinha a fazer. Will estendeu a mão em sua direção.

Os seus dedos a tocaram.

E uma mão disparou do nada, segurando seu punho.

Will gritou assustado. Seu coração deu um salto, e ele se deparou com os olhos frios de Halt, o arqueiro.

De onde ele tinha vindo? Will tinha certeza de que não havia mais ninguém na sala e não tinha ouvido o barulho de nenhuma porta se abrindo. Então ele se lembrou de como o arqueiro conseguia se envolver no estranho manto verde-acinzentado e se misturar ao ambiente, escondendo-se nas sombras até ficar invisível.

Não que importasse como Halt tinha conseguido entrar. O verdadeiro problema era que Will tinha sido apanhado ali, no gabinete do barão, e isso significava o fim de todas as suas esperanças.

— Imaginei que você tentaria alguma coisa desse tipo — o arqueiro disse em voz baixa.

Will, com o coração acelerado por causa do susto, não disse nada. Baixou a cabeça envergonhado e desesperado.

— Você não tem nada a dizer? — Halt perguntou.

Ele balançou a cabeça negativamente, sem querer encontrar o olhar sombrio e penetrante do arqueiro. As palavras seguintes de Halt confirmaram os seus temores mais profundos.

— Bem, vamos ver o que o barão vai achar disso.

— Por favor, Halt! Não... — e então Will parou.

Não havia desculpa para a sua atitude, e o mínimo que podia fazer era enfrentar o castigo como um homem. Como um guerreiro. Como o seu pai.

O arqueiro o analisou por um momento, e Will imaginou ter visto o que poderia ser um leve brilho de reconhecimento, mas então o olhar escureceu outra vez.

— O quê? — Halt perguntou ríspido.

— Nada — Will respondeu, balançando a cabeça.

A mão de Halt parecia de ferro quando ele conduziu Will pelo punho para fora da sala até as escadas em curva que levavam aos aposentos do barão. As sentinelas que se encontravam no alto dos degraus olharam surpresas ao verem o rosto zangado do arqueiro e o garoto ao seu lado. A um leve sinal de Halt, afastaram-se e abriram as portas do apartamento do barão.

O aposento estava muito bem iluminado e, por um momento, Will olhou ao redor confuso. Ele estava certo de que tinha visto as luzes se apagarem enquanto vigiava na árvore. Então viu as cortinas grossas na janela e compreendeu. Ao contrário do gabinete de trabalho, com poucos móveis, o quarto era uma confortável combinação de sofás, banquetas, tapeçaria e poltronas. O barão estava sentado em uma delas lendo uma pilha de relatórios.

Ele levantou o olhar da página que segurava quando Halt entrou.

— Então você tinha razão — o barão comentou, e Halt assentiu.

— Exatamente como eu previ, meu senhor. Atravessou o pátio do castelo como uma sombra, passou pela sentinela como se ela não existisse e escalou a torre como uma aranha.

O barão colocou o relatório numa mesa de canto e se inclinou para a frente.

— Você está me dizendo que ele escalou a torre?
— ele perguntou quase sem acreditar.

— Sem cordas nem escadas, meu senhor. Escalou com a mesma facilidade com que o senhor monta seu cavalo pela manhã. Com mais facilidade, eu diria — Halt completou com um leve sorriso.

O barão franziu a testa. Ele estava um pouco acima do peso e, às vezes, precisava de ajuda para montar no cavalo depois uma noite maldormida. Estava claro que não tinha achado graça do comentário de Halt.

— Ora, então — ele disse, olhando sério para Will — esse é um assunto grave.

Will não disse nada. Não sabia se deveria ou não concordar. Qualquer uma das alternativas apresentava desvantagens, mas desejou que Halt não tivesse deixado o barão de mau humor ao lembrá-lo de *seu* excesso de peso. Isso certamente não facilitaria as coisas.

— Então, o que devemos fazer com você, meu jovem Will? — o barão continuou.

Ele levantou da cadeira e começou a andar pelo quarto. Will olhou para ele e tentou avaliar o seu humor. O rosto forte e barbado nada demonstrava. O barão parou de andar e deslizou o dedo pela barba pensativo.

— Diga-me, meu jovem Will, o que você faria no meu lugar? — ele perguntou sem olhar para o garoto angustiado. — O que você faria com um garoto que invade

seu gabinete no meio da noite e tenta roubar um documento importante?

— Eu não estava roubando, meu senhor!

A frase escapou da boca de Will antes que pudesse impedir. O barão se virou para ele com uma das sobran-celhas erguidas, parecendo não acreditar no que ouvia.

— Eu só queria... ver o papel, só isso.

— Talvez — o barão replicou ainda com a sobran-celha levantada. Mas você não respondeu minha pergunta. O que faria no meu lugar?

Will abaixou a cabeça outra vez. Ele podia pedir misericórdia, pedir desculpas ou tentar explicar. Mas então endireitou os ombros e tomou uma decisão. Sabia quais seriam as consequências de ser apanhado e tinha escolhido correr o risco. Não tinha o direito de pedir perdão.

— Meu senhor... — ele começou hesitante, sabendo que aquele era um momento decisivo em sua vida.

O barão olhou para ele, ainda um pouco virado para a janela.

— Sim? — ele perguntou e, de algum modo, Will encontrou forças para continuar.

— Meu senhor, não sei o que faria em seu lugar. Sei que não há desculpas para minha atitude e vou aceitar qualquer castigo que decidir me dar.

Enquanto falava, ele ergueu o rosto para olhar nos olhos do barão. E, ao fazer isso, notou quando o nobre olhou rapidamente para Halt. Era estranho: esse olhar pa-

recia ser de aprovação e concordância, mas logo desapareceu.

— Alguma sugestão, Halt? — o barão perguntou num tom cuidadosamente neutro.

Will olhou para o arqueiro. Como sempre, o rosto dele estava sério. A barba grisalha e os cabelos curtos faziam que parecesse ainda mais descontente, mais ameaçador.

— Talvez devêssemos mostrar o papel que ele estava tão ansioso para ver, meu senhor — ele sugeriu, tirando a folha de dentro da manga.

O barão permitiu que um sorriso surgisse em seu rosto.

— Não é má idéia — concordou. — Acho que, de certa forma, ele mostra o seu castigo, não é mesmo?

Will olhou para os dois homens. Estava acontecendo alguma coisa que ele não entendia. O barão parecia pensar que o que ele tinha dito era um tanto divertido. Halt, por outro lado, não estava se divertindo nem um pouco.

— Se essa é a sua opinião, meu senhor... — ele respondeu sem demonstrar emoções.

O barão acenou para ele impaciente.

— Não fique tão sério, Halt! Vamos lá, mostre-lhe o papel.

O arqueiro atravessou o aposento e entregou a Will a folha pela qual ele tinha se arriscado tanto. A mão do

garoto tremia ao pegá-la. Seu castigo? Mas como o barão sabia que ele merecia um castigo antes de tudo acontecer?

Ele se deu conta de que o barão o observava ansioso. Halt, como sempre, parecia uma estátua imperturbável. Will desdobrou a folha de papel e leu o que Halt tinha escrito nela.

O garoto Will tem potencial para ser treinado como arqueiro. Vou aceitá-lo como meu aprendiz.





Will leu as palavras escritas no papel e ficou totalmente confuso. Sua primeira reação foi de alívio. Ele não seria condenado a uma vida de trabalho no campo e não seria punido por ter subido ao gabinete do barão. Então, a sensação inicial de alívio deu lugar a uma dúvida repentina e terrível. Além de mitos e superstições, não sabia nada sobre os arqueiros. Ele não sabia nada sobre Halt, além do fato de que o homem sombrio vestido de cinza o deixava nervoso sempre que estava por perto.

Agora, ao que parecia, estava sendo destinado a passar todo o tempo com ele e não tinha certeza de que gostava muito da idéia.

Ele olhou para os dois homens. O barão sorria esperançoso, aparentemente achando que Will devia ficar satisfeito com a idéia. Ele não conseguia ver o rosto de Halt com clareza. O capuz do manto o deixava na sombra.

O sorriso do barão se apagou um pouco, e ele pareceu um tanto confuso com a reação de Will à notícia, ou melhor, com a falta de uma reação visível.

— Bem, o que me diz, Will? — ele perguntou num tom encorajador.

— Obrigado, barão... meu senhor — ele disse hesitante, respirando fundo.

E se a brincadeira que o barão tinha feito antes, sobre o bilhete conter o seu castigo, fosse mais séria do que tinha imaginado? Talvez ser indicado como aprendiz de Halt fosse o pior castigo que ele pudesse receber. Mas o barão não dava essa impressão. Parecia muito satisfeito com a idéia, e Will sabia que ele não era um homem cruel. O barão soltou um leve suspiro de prazer quando se sentou na poltrona, olhou para o arqueiro e fez um gesto na direção da porta.

— Talvez você possa nos dar alguns minutos a sós, Halt? Eu gostaria de trocar uma palavrinha com Will em particular — ele solicitou. O arqueiro curvou-se sério.

— Certamente, meu senhor — o arqueiro retrucou com a voz que saía do fundo do capuz.

Ele passou por Will silenciosamente, como sempre, saiu da sala e foi até o corredor. A porta se fechou atrás dele quase sem nenhum barulho e Will estremeceu. Aquele homem era sinistro!

— Sente-se, Will — o barão convidou, indicando uma das poltronas baixas em frente à dele.

Nervoso, Will sentou-se na beirada do móvel como que preparado para fugir. O barão notou a linguagem corporal e suspirou.



— Você não parece muito satisfeito com minha decisão — ele falou parecendo decepcionado.

A reação confundiu Will, pois jamais imaginou que uma figura poderosa como o barão iria se importar com o que um simples protegido pensasse de suas decisões. Ele não soube o que responder e, assim, ficou sentado em silêncio, até que finalmente o barão continuou.

— Você preferiria trabalhar numa fazenda? — perguntou.

Ele não conseguia acreditar que um garoto cheio de entusiasmo e energia como esse iria querer levar uma vida monótona e tranquila como aquela, mas talvez estivesse enganado. Will rapidamente mostrou que não era esse o caso.

— Não, senhor! — ele disse depressa.

— Bem, então teria preferido que eu encontrasse algum castigo pelo que fez? — o barão retrucou com um leve gesto interrogativo das mãos.

Will começou a falar, mas percebeu que suas palavras talvez fossem ofensivas e parou. Com um gesto, o barão pediu que continuasse.

— É que... Não sei bem se não foi isso o que fez, senhor — ele disse.

Então, notando a expressão séria no rosto do barão, se apressou em continuar.

— Não sei muito sobre os arqueiros, senhor. E as pessoas dizem...

Lentamente, ele parou de falar. Era óbvio que o barão tinha grande consideração por Halt, e Will achou que não seria muito educado revelar que as pessoas comuns temiam os arqueiros e pensavam que eles eram feiticeiros. Ele percebeu que o barão acenava com a cabeça, e um olhar de compreensão substituiu a expressão confusa.

— Entendo. As pessoas dizem que eles praticam magia negra, não é mesmo? — ele comentou e Will assentiu sem mesmo perceber que o fazia.

— Diga-me, Will, você acha Halt uma pessoa assustadora?

— Não, senhor! — Will respondeu depressa e então, quando o barão o olhou com firmeza, acrescentou relutante:

— Bem, talvez um pouquinho.

O barão se recostou na poltrona e juntou os dedos das mãos. Agora que entendia o motivo da relutância do garoto, repreendeu-se mentalmente por não ter previsto essa reação. Afinal, o seu conhecimento sobre o grupo dos arqueiros era melhor do que se poderia esperar de um jovem rapaz que tinha acabado de completar 15 anos e ouvia os comentários supersticiosos habituais dos empregados do castelo.

— Os arqueiros são um grupo de pessoas misteriosas — ele afirmou. — Mas não há motivo para ter medo deles, a menos que você seja inimigo do reino.

Ele percebeu que o menino prestava muita atenção às suas palavras e acrescentou em tom de brincadeira:

— Você não é um inimigo do reino, é, Will?

— Não, senhor! — Will respondeu repentinamente assustado, e o barão suspirou novamente.

Ele detestava quando as pessoas não percebiam que estava brincando. Infelizmente, como senhor do castelo, as suas palavras eram tratadas com grande seriedade por quase todas as pessoas.

— Está bem, está bem — ele disse em tom tranquilizador. — Eu sei que você não é. Mas, acredite, pensei que você ficaria satisfeito com essa indicação. Um rapaz aventureiro como você combina com a vida dos arqueiros como um pato com a água. É uma grande oportunidade para você, Will.

Ele fez uma pausa, analisando o rapaz com atenção, percebendo que ele ainda não estava totalmente convencido.

— Você sabia que poucos rapazes são escolhidos como aprendizes de arqueiros? A oportunidade não costuma aparecer sempre.

Will assentiu ainda hesitante. Ele achou que o seu sonho de entrar na Escola de Guerra merecia mais uma tentativa. Afinal, o barão parecia estar num humor fora do comum naquela madrugada, apesar de Will ter invadido o seu gabinete.

— Eu queria ser um guerreiro, senhor — ele disse hesitante, mas o barão sacudiu a cabeça imediatamente.

— Eu acho que você tem outros talentos. Halt percebeu isso assim que o viu. Foi por isso que ele pediu você.

— Oh!

Will se surpreendeu. Não havia muito mais o que pudesse dizer. Ele sentiu que deveria ficar tranquilo com tudo o que o barão tinha dito e, de certo modo, estava. Mas todos os acontecimentos ainda estavam cercados de muita incerteza.

— É que Halt parece tão sério o tempo todo.

— Ele realmente não é muito divertido — o barão concordou e então, quando Will olhou para ele com um jeito inexpressivo, resmungou algo.

Will não tinha certeza do que tinha feito para aborrecê-lo e achou melhor mudar de assunto.

— Mas... o que um arqueiro faz, meu senhor? — ele perguntou. Mais uma vez, o barão balançou a cabeça.

— Isso é algo que Halt vai lhe dizer. Eles são um grupo diferente e não gostam que outras pessoas falem muito deles. Agora, acho melhor você voltar ao alojamento e dormir um pouco. Deve se apresentar ao chalé de Halt às 6 horas.

— Sim, meu senhor — Will concordou, levantando-se da posição desconfortável na beira da poltrona.

Ele não estava certo de que iria gostar da vida como aprendiz de arqueiro, mas parecia que não tinha escolha. Curvou-se diante do barão, que respondeu com um

leve aceno, e então se virou para sair. A voz do barão o interrompeu.

— Will, desta vez use as escadas.

— Sim, meu senhor — ele replicou sério e um pouco confuso pelo jeito como o barão revirou os olhos para o céu e resmungou algo novamente.

Desta vez, Will conseguiu entender algumas palavras. E teve a impressão de que era algo sobre piadas.

Will saiu pela porta. As sentinelas ainda estavam posicionadas no alto das escadas, mas Halt tinha ido embora.

Ou, pelo menos, parecia que sim. Com o arqueiro, nunca se podia ter certeza.



7

Parecia estranho deixar o castelo depois de todos aqueles anos. Will se virou ao pé do morro com a pequena trouxa de pertences jogada por cima do ombro e olhou para os muros imensos.

O Castelo Redmont dominava a paisagem. Construído no alto de uma pequena colina, voltado para o oeste, ele tinha uma estrutura triangular maciça e uma torre em cada um dos três cantos. No centro, protegido pelos muros altos, estavam o pátio do castelo e a fortaleza, uma quarta torre que se elevava acima das outras e que continha a residência oficial do barão, seus aposentos particulares e os de seus oficiais superiores. O castelo tinha sido construído com minério de ferro — uma pedra quase indestrutível — e, sob o sol fraco da manhã ou da tarde, parecia emitir um brilho interno vermelho. Era essa característica que lhe dava nome: Redmont — Red Mountain (Montanha Vermelha).

Ao pé da colina e do outro lado do Rio Tarbus estava a vila de Wensley, um grupo confuso e alegre de casas, uma pousada e as lojas dos artesãos — uma tonelaria,



uma oficina de conserto de rodas, uma ferraria e uma selaria. Parte das terras ao redor tinha sido desmatada para proporcionar áreas de cultivo para os moradores da vila e evitar que os inimigos pudessem se aproximar sem ser vistos. Em épocas de perigo, os moradores conduziam seus rebanhos para o outro lado da ponte de madeira que cruzava o Tarbus e buscavam abrigo atrás dos muros maciços do castelo, protegidos pelos soldados do barão e pelos cavaleiros treinados na Escola de Guerra de Redmont.

Escondido no bosque, o chalé de Halt ficava a certa distância do castelo e da vila. O sol acabava de se levantar acima das árvores quando Will se aproximou da cabana de madeira. Uma fina espiral de fumaça saía pela chaminé, e Will calculou que Halt já tinha acordado. Ele subiu na varanda que havia num dos lados da casa, hesitou um momento e então, respirando fundo, bateu com firmeza na porta.

— Entre — respondeu uma voz vinda de dentro. Will abriu a porta e entrou no chalé.

A cabana era pequena, mas surpreendentemente arrumada e confortável. Ele se viu na sala principal, uma combinação de sala de visitas e de jantar que tinha uma pequena cozinha numa das pontas, separada da área principal por um banco de pinho. Havia poltronas confortáveis dispostas ao redor da lareira, uma mesa de madeira bem limpa e potes e panelas tão polidos que chegavam a brilhar. Havia até um vaso com flores silvestres coloridas

no consolo da lareira, e o sol claro da manhã entrava alegremente por uma janela grande. Da sala saía um corredor que levava a dois quartos.

Halt estava sentado em uma das cadeiras com os pés pousados na mesa.

— Pelo menos você chegou na hora — ele resmungou. — Já tomou café?

— Sim, senhor — Will respondeu, olhando fascinado para o arqueiro.

Aquela era a primeira vez que o via sem o casaco e o capuz cinza-esverdeado. O arqueiro usava roupas simples marrons e cinza e botas de couro macio. Ele era mais velho do que Will tinha imaginado. Os cabelos e a barba eram curtos e escuros, mas já apresentavam alguns fios grisalhos. O corte era estranho e parecia ter sido feito pelo próprio Halt com uma faca de caça.

O arqueiro se levantou. Ele era surpreendentemente pequeno, algo que Will nunca tinha percebido. O casaco cinza escondia muito a seu respeito. Ele era magro e, na verdade, muito mais baixo do que a média, mas transmitia uma sensação de poder e força que compensava a sua falta de altura e fazia dele uma figura intimidadora.

— Acabou de olhar? — ele perguntou de repente. Will deu um salto nervoso.

— Sim, senhor. Desculpe, senhor!

Halt resmungou. Ele apontou para um dos pequenos quartos que Will tinha notado quando entrou.

— Aquele é o seu quarto. Pode colocar as suas coisas ali.

Ele se afastou para o fogão na área da cozinha, e Will, hesitante, entrou no quarto que lhe foi mostrado. O aposento era pequeno, mas, como o restante do chalé, também era limpo e de aspecto confortável. Havia uma pequena cama encostada a uma das paredes, um guarda-roupa e uma mesa rústica com uma jarra e uma bacia. Will notou que também havia um vaso de flores silvestres recém-colhidas dando um toque de cor ao aposento. Ele colocou a pequena trouxa de roupas e pertences na cama e voltou para a sala principal.

Halt, de costas, ainda estava ocupado no fogão. Will tossiu para atrair a sua atenção. Halt continuou a mexer o café num pote.

Will tossiu outra vez.

— Pegou um resfriado, garoto? — o arqueiro perguntou sem se virar.

— Ahn... não, senhor.

— Então por que está tossindo? — Halt perguntou, virando-se para olhar para ele.

— Bem, senhor, é que eu queria perguntar... o que é mesmo que um arqueiro faz?

— Ele não faz perguntas sem sentido, garoto! Ele fica de olhos e ouvidos abertos, presta atenção e escuta e, no fim, se não for surdo, aprende alguma coisa!

— Ah! Entendi.

Ele não tinha entendido e, apesar de perceber que não era o momento certo para fazer mais perguntas, não conseguiu evitar repetir, numa atitude um pouco rebelde:

— É que eu fiquei imaginando o que os arqueiros faziam, só isso.

Halt percebeu o tom em sua voz e se virou para ele com um brilho estranho no olhar.

— Bom, então acho melhor eu lhe dizer. Os arqueiros, ou melhor, os aprendizes fazem trabalho doméstico.

Will repetiu desajeitado.

— Trabalho doméstico?

Halt concordou com um gesto, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

— Isso mesmo. Dê uma olhada por aí — ele disse mostrando o interior da cabana. — Está vendo algum empregado?

— Não, senhor — Will respondeu devagar.

— Pois é isso mesmo! Porque este não é um castelo enorme com uma equipe de empregados. Esta é uma cabana modesta, e precisamos buscar água, rachar lenha, varrer o chão e bater os tapetes. E quem você acha que vai fazer tudo isso, garoto?

Will tentou pensar numa resposta diferente da que parecia óbvia.

— Seria eu, senhor? — ele perguntou finalmente.

— Acho que sim! — o arqueiro respondeu, descrevendo em seguida uma lista de tarefas ríspidamente. —

O balde está aqui; o barril, lá fora, do lado da porta; a água, no rio; a enxada, na varanda; a lenha, atrás da cabana. A vassoura está atrás da porta, e acho que você consegue ver onde está o chão.

— Sim, senhor — Will respondeu, começando a arregaçar as mangas.

Quando chegou, ele tinha visto o barril de água grande o bastante para as necessidades do dia. Calculou que precisaria de uns 20 baldes menores para enchê-lo. Com um suspiro, percebeu que teria uma manhã cheia.

— Eu tinha esquecido como é divertido ter um aprendiz — Will ouviu o arqueiro dizer satisfeito enquanto se servia de uma caneca de café e se sentava de novo.

Will não conseguia acreditar que uma cabana tão pequena e aparentemente bem organizada iria exigir tanta limpeza e trabalho. Depois de encher o barril com 30 baldes de água fresca do rio, ele rachou alguns troncos de madeira atrás da cabana e guardou a lenha numa pilha bem-arrumada. Varreu o chão e, quando Halt decidiu que o tapete da sala devia ser sacudido, ele o enrolou, levou para fora, pendurou sobre uma corda presa entre duas árvores e bateu nele com tanta força que levantou nuvens de poeira. De tempos em tempos, Halt olhava pela janela para animá-lo com comentários como “você esqueceu o lado esquerdo” ou “bata com mais força, garoto”.

Depois de colocar o tapete no lugar, Halt resolveu que várias painelas não brilhavam o bastante.

— Vamos ter que esfregar essas panelas um pouco mais — ele murmurou quase que para si mesmo.

Will já tinha entendido que isso queria dizer que era ele quem ia ter que esfregar as panelas um pouco mais. Então, sem dizer nada, levou as panelas para a beira do rio, colocou água e areia nelas e esfregou o metal até ele brilhar.

Enquanto isso, Halt se sentou numa cadeira de lona na varanda e leu uma pilha de comunicados oficiais. Will conseguia ver alguns e notou que vários exibiam timbres e brasões, mas a maioria tinha somente a marca de uma folha de carvalho.

Quando voltou da margem do rio, Will mostrou as panelas para Halt inspecionar. O arqueiro fez uma careta para o reflexo distorcido que viu na superfície brilhante.

— Hum, nada mal. Posso ver o meu rosto nelas — ele disse. — Talvez isso não seja tão bom — acrescentou sem sorrir.

Will não respondeu. Se o comentário tivesse vindo de outra pessoa, diria que tinha sido uma piada, mas com Halt era impossível saber. O arqueiro o analisou por alguns segundos e então deu de ombros, fazendo um gesto para que Will guardasse as panelas na cozinha. Will estava atravessando a porta quando ouviu Halt falar atrás dele.

— Hum, isso é esquisito.

Will parou, achando que Halt estava falando com ele.

— Falou comigo? — ele perguntou desconfiado. Sempre que Halt tinha encontrado uma nova tarefa para ele, tinha começado a ordem com frases do tipo “que estranho, a sala está cheia de pó” ou “acho que o fogão está precisando urgentemente de mais lenha”.

Esse era um comportamento que Will estava achando bastante irritante, apesar de Halt parecer muito satisfeito. Desta vez, porém, ele pareceu estar mesmo surpreso com algo que tinha lido num dos relatórios com o timbre da folha de carvalho. E agora olhava espantado porque Will tinha falado com ele.

— O que foi?

— Desculpe, pensei que estivesse falando comigo.

Halt balançou a cabeça várias vezes, ainda com a testa franzida por causa do relatório.

— Não, não — ele respondeu meio distraído. — Eu só estava lendo este...

Ele parou de falar e ficou pensativo. Will, curioso, esperou.

— O que é? — ele finalmente teve a coragem de perguntar. Quando o arqueiro virou os olhos escuros para ele, desejou ter ficado calado.

— Está curioso? — Halt perguntou depois de olhar para o garoto por alguns instantes. — Bem, acho que essa é uma boa oportunidade para um aprendiz. Afinal, foi por isso que o testamos com aquele papel no escritório do barão — ele disse inesperadamente num tom mais suave.

— Vocês me testaram? — Will colocou a chaleira de cobre pesada ao lado da porta. — Vocês esperavam que eu tentasse descobrir o que estava escrito?

— Teríamos ficado desapontados se isso não acontecesse — Halt respondeu, levantando a mão para impedir a série de perguntas que estava para sair da boca do rapaz. — Vamos falar sobre isso depois — ele acrescentou, lançando um olhar significativo para a chaleira e as outras panelas.

Will se inclinou para pegá-las e se virou para a casa de novo, mas a curiosidade ainda era muito forte.

— Então, o que diz aí? — ele perguntou com um gesto na direção do relatório.

Mais uma vez Halt olhou para ele em silêncio como se o estivesse examinando.

— Lorde Northolt morreu. Aparentemente atacado por um urso na semana passada durante uma caçada.

— Lorde Northolt? — Will perguntou.

O nome parecia conhecido, mas não conseguia se lembrar de quem era.

— O antigo comandante do exército do rei — Halt informou. Will assentiu como se soubesse disso. E, já que Halt parecia disposto a responder suas perguntas, ele se encheu de coragem para continuar.

— O que é estranho nesse caso? Afinal, ursos matam pessoas às vezes.

— É verdade, mas eu acho que o feudo Cordom fica muito a oeste para ter ursos. E eu diria que Northolt

era um caçador experiente demais para perseguir um urso sozinho — ele deu de ombros, como se quisesse afastar o pensamento. — Mas, por outro lado, a vida é cheia de surpresas e as pessoas cometem erros.

Ele fez outro gesto na direção da cozinha para mostrar que a conversa tinha chegado ao fim.

— Depois de guardar essas panelas, talvez você queira limpar a lareira — ele sugeriu.

Will obedeceu, mas alguns minutos depois, quando passou na frente de uma das janelas perto da grande lareira, que ocupava quase toda a parede, olhou para fora e viu o arqueiro distraído batendo o relatório no queixo, com o pensamento muito longe dali.





8

No final daquela tarde, Halt finalmente ficou sem tarefas para passar para Will. Ele viu as panelas brilhantes, a lareira muito limpa, o chão bem varrido e o tapete sem poeira. Ao lado da lareira havia uma pilha de lenha, e outra pilha enchia um cesto de vime ao lado do fogão.

— Hum. Nada mal — ele elogiou. — Nada mal mesmo.

Uma onda de prazer encheu Will ao ouvir o elogio moderado.

— Sabe cozinhar, garoto? — Halt perguntou antes que Will pudesse se sentir muito satisfeito.

— Cozinhar, senhor? — Will perguntou hesitante. Impaciente, Halt ergueu os olhos para o teto.

— Por que os jovens sempre respondem uma pergunta com outra pergunta? — ele quis saber. — Sim, cozinhar. Preparar comida para que se possa comer, fazer refeições. Acho que você sabe o que é comida, não é? — ele acrescentou quando Will não disse nada.

— S-sim — Will respondeu com cuidado.



— Bem, como eu disse hoje de manhã, este não é um grande castelo. Se quisermos comer, nós temos que cozinhar — ele explicou.

Lá estava a palavra “nós” de novo. Sempre que Halt dizia “nós precisamos”, parecia que a frase podia ser traduzida para “você precisa”.

— Não sei cozinhar — Will confessou, e Halt esfregou as mãos.

— Claro que não. A maioria dos garotos não sabe. Vou ter que lhe ensinar. Venha.

Ele seguiu na frente para a cozinha e apresentou Will aos mistérios da culinária: descascar e picar cebolas, escolher uma peça de carne, limpá-la e cortá-la em pedaços iguais, cortar legumes, refogar a carne na panela quente e finalmente acrescentar uma boa dose de vinho tinto e alguns dos “ingredientes secretos” de Halt. O resultado foi um cozido cheiroso.

Enquanto esperavam o jantar ficar pronto, eles se sentaram na varanda para conversar. Era o começo da noite.

— O Grupo dos Arqueiros foi criado há mais de cento e cinquenta anos, durante o reinado do rei Herbert. Você sabe alguma coisa sobre ele? — Halt olhou para o menino sentado ao seu lado e esperou a resposta.

Will hesitou. Ele se lembrava vagamente desse nome, que ouvia nas aulas de História, na ala dos protegidos, mas tinha se esquecido dos detalhes. Mesmo assim, deci-

diu blefar, pois não queria parecer ignorante no primeiro dia com o novo mestre.

— Ah, sim — ele disse. — Rei Herbert. Aprendemos sobre ele.

— Verdade? — o arqueiro retrucou animado. — Talvez você possa me contar alguma coisa sobre ele — Halt pediu, cruzando as pernas e ficando à vontade.

Desesperado, Will tentou se lembrar de pelo menos algum pequeno detalhe sobre o rei Herbert. Ele tinha feito alguma coisa... mas o quê?

— Ele era... — Will hesitou, fingindo estar organizando os pensamentos — ...o rei.

Disso ele tinha certeza e olhou para Halt para ver se já podia parar. Halt simplesmente sorriu e fez um gesto pedindo que continuasse.

— Ele era o rei... cento e cinquenta anos atrás — Will falou, tentando parecer confiante.

O arqueiro sorriu para ele e pediu que continuasse.

— Ahn... bem, acho que foi ele que criou o Grupo dos Arqueiros — o garoto prosseguiu esperançoso, e Halt levantou as sobrancelhas com um olhar zombeteiro.

— É mesmo? Você se lembra disso? — ele disse, e Will, apavorado, percebeu que seu mestre tinha dito que o grupo fora criado durante o reinado, e não necessariamente pelo rei.

— Ahn, bem, quando eu disse que ele criou os arqueiros, quis dizer que ele era o rei nessa época.

— Há cento e cinquenta anos?

— Isso mesmo.

— Puxa, isso é notável, já que lhe contei isso há alguns minutos. — Halt retrucou com o olhar zangado.

Will concluiu que era melhor não dizer nada.

— Menino, se você não sabe alguma coisa, não tente fingir que sabe. Simplesmente diga “eu não sei”, está bem? — Halt falou finalmente.

— Sim, Halt — Will respondeu constrangido. — Halt? — ele chamou depois de um curto silêncio.

— Sim?

— Sobre o rei Herbert... Eu não sei nada — Will confessou.

— Puxa, eu nunca teria adivinhado — ele disse. — Mas tenho certeza de que você vai lembrar quando eu lhe contar que foi ele que conduziu os clãs no norte pela fronteira até as Terras Altas.

E, claro, assim que Halt mencionou o fato, Will lembrou, mas achou que seria má idéia dizer isso. O rei Herbert era conhecido como o Pai da Moderna Araluen. Ele reuniu os 50 feudos num grupo poderoso para derrotar os clãs do norte. Will viu uma forma de recuperar um pouco de prestígio aos olhos de Halt. Se mencionasse o título de Pai da Moderna Araluen, talvez o arqueiro fosse...

— Às vezes, ele é chamado de Pai da Moderna Araluen — Halt estava contando, e Will percebeu que tinha esperado demais. — Ele conseguiu a reunião dos 50 feudos que ainda formam a estrutura que seguimos hoje.

— Acho que agora estou lembrando — Will comentou, tentando criar uma boa impressão.

Halt olhou para ele com a sobrançelha erguida e continuou.

— Naquela época, o rei Herbert achou que, para ficar seguro, o reino precisava de uma força de inteligência eficiente.

— Uma força inteligente? — Will perguntou.

— Não, de inteligência, embora seja útil que ela também seja inteligente. Inteligência é saber o que nossos inimigos, ou possíveis inimigos, estão pretendendo. Quando se sabe esse tipo de coisa com antecedência, temos condições de planejar o que fazer para impedi-los. Foi por esse motivo que ele criou os arqueiros, para serem os olhos e os ouvidos do reino e mantê-lo informado.

— E como vocês fazem isso? — Will perguntou agora mais interessado.

Halt notou a mudança de tom, e um rápido brilho de aprovação passou por seus olhos.

— Nós mantemos olhos e ouvidos abertos. Patrulhamos o reino e as fronteiras. Escutamos, observamos, informamos o rei.

Will assentiu pensativo e perguntou:

— É por esse motivo que vocês podem se tornar invisíveis?

Novamente, Halt teve aquele sentimento de aprovação e satisfação, mas garantiu que o menino não percebesse.

— Não podemos ficar invisíveis. As pessoas apenas pensam que podemos, pois fazemos de tudo para que não nos vejam. Para isso precisamos de muitos anos de aprendizado e treinamento para que o resultado seja perfeito, mas você já tem algumas das habilidades necessárias.

— Tenho? — Will perguntou surpreso.

— Quando você atravessou o pátio do castelo na noite passada, usou as sombras e o movimento do vento para se esconder, não foi?

— Sim.

Nunca antes Will tinha encontrado alguém que realmente entendesse sua capacidade de se mover sem ser visto.

— Nós usamos os mesmos princípios: nos misturamos ao cenário, nos escondemos nele, nos tornamos parte dele — Halt continuou.

— Entendi — Will disse devagar.

— O segredo está em garantir que ninguém mais faça isso.

Por um momento, Will pensou que o arqueiro estivesse brincando, mas quando olhou para ele viu que estava sério como sempre.

— Quantos arqueiros existem?

Halt e o barão tinham falado mais de uma vez sobre o Grupo dos Arqueiros, mas Will só tinha visto um, que era o próprio Halt.

— O rei Herbert criou um grupo de 50, um para cada feudo. Eu fico aqui. Os meus colegas estão nos ou-

tros 49 castelos em todo o reino. Além de oferecer o serviço de inteligência para proteção contra possíveis inimigos, os arqueiros ajudam a cumprir a lei. Nós patrulhamos o feudo e garantimos que as leis sejam obedecidas.

— Pensei que o barão Arald fizesse isso — Will comentou.

— O barão é um juiz. As pessoas levam suas queixas para ele para que ele as resolva. Os arqueiros fazem que a lei seja cumprida. Nós levamos as leis às pessoas. Se um crime foi cometido, procuramos provas. Somos as pessoas ideais para essa tarefa, pois geralmente passamos despercebidos. Investigamos para descobrir quem é o responsável.

— E o que acontece depois? — Will quis saber.

— Às vezes, comunicamos o que aconteceu ao barão do feudo e ele manda prender e processar o culpado — Halt contou, dando de ombros. — Outras, se é um assunto urgente, nós... precisamos cuidar do assunto.

— O que fazemos? — Will perguntou, e Halt olhou para ele demoradamente.

— Pouca coisa quando somos aprendizes apenas há algumas horas — ele respondeu. — Os que são arqueiros há vinte anos ou mais sabem o que fazer sem perguntar.

— Oh! — Will murmurou, devidamente colocado em seu lugar.

— Então, em tempos de guerra, formamos grupos especiais e orientamos os exércitos, reconhecemos o ter-

reno. Ficamos atrás das linhas inimigas para causar problemas para nossos oponentes e assim por diante — Halt olhou para o menino. — É um pouco mais emocionante do que trabalhar numa fazenda.

Will concordou. Talvez a vida de arqueiro tivesse o seu lado bom, afinal.

— Quem são os inimigos? — ele quis saber, afinal, o castelo Redmont sempre tinha estado em paz.

— Há inimigos internos e externos. Pessoas como os invasores do mar Escândio ou Morgarath e seus Wargals.

Will estremeceu ao se lembrar de algumas histórias terríveis sobre Morgarath, o senhor das Montanhas da Chuva e da Noite. Halt balançou a cabeça sério quando viu a reação do garoto.

— É verdade, Morgarath e seus Wargals são motivos de preocupação. É por isso que os arqueiros ficam de olho neles. Gostamos de saber se estão se reunindo e se preparando para uma guerra.

— Mas, da última vez em que atacaram, os exércitos dos barões fizeram picadinho deles.

— Isso é verdade — Halt concordou. — Mas só porque foram avisados do ataque... — ele fez uma pausa e olhou para Will de um jeito significativo.

— Por um arqueiro? — o menino perguntou.

— Isso mesmo. Foi um arqueiro que informou que os Wargals de Morgarath estavam a caminho... e então

guiou a cavalaria por uma passagem secreta para que pudesse surpreender o inimigo.

— Foi uma vitória sensacional — Will comentou.

— Foi mesmo. E tudo por causa da vigilância, da habilidade e do conhecimento dos arqueiros sobre trilhas ocultas e caminhos secretos.

— O meu pai morreu nessa batalha — Will acrescentou em voz baixa, e Halt o olhou com curiosidade.

— Verdade?

— Ele era um herói. Um cavaleiro poderoso — Will continuou.

O arqueiro fez uma pausa, como se estivesse decidindo se ia dizer uma coisa.

— Eu não sabia disso — ele simplesmente respondeu.

Will ficou desapontado, pois por um momento teve a impressão de que Halt sabia alguma coisa sobre o pai, que ele poderia lhe contar a história de sua morte heróica.

— Era por esse motivo que eu estava com tanta vontade de ir para a Escola de Guerra — ele completou finalmente. — Para seguir os passos dele.

— Você tem outros talentos — Halt garantiu, e Will lembrou que o barão tinha dito quase a mesma coisa na noite anterior.

— Halt... — ele disse, e o arqueiro fez sinal para que continuasse. — Eu estava pensando... o barão disse que você me escolheu...

Halt concordou com a cabeça outra vez, mas não disse nada.

— E vocês dois dizem que tenho outras qualidades que fazem de mim a pessoa certa para ser um arqueiro...

— É verdade. — Halt confirmou.

— Bom, e quais são essas qualidades?

Halt reclinou-se para trás e juntou as mãos atrás da cabeça.

— Você é ágil, isso é bom para um arqueiro — ele começou. — E, como já comentamos, sabe se movimentar em silêncio. Isso é muito importante. Você é rápido e curioso...

— Curioso? O que você quer dizer?

— Está sempre fazendo perguntas e querendo saber as respostas. Foi por isso que pedi ao barão para testá-lo com aquela folha de papel.

— Mas quando notou minha existência pela primeira vez? Quer dizer, quando pensou em me escolher? — Will quis saber.

— Ah, acho que foi quando eu o vi roubar aqueles bolos da cozinha do mestre Chubb.

Will olhou para ele surpreso.

— Você me viu? Mas isso foi há séculos! — e então uma idéia lhe ocorreu de repente. — Onde você estava?

— Na cozinha. Você estava ocupado demais para me ver quando entrou.

Will balançou a cabeça pensativo. Ele estava certo de que não tinha ninguém na cozinha, mas então se lembrou de como Halt, envolto na capa, podia ficar quase invisível. Agora ele percebia que a função de um arqueiro não era só cozinhar e limpar.

— Fiquei impressionado com sua habilidade. Mas teve uma coisa que me impressionou ainda mais.

— E o que foi?

— Mais tarde, quando o mestre Chubb o interrogou, vi que hesitou. Você ia negar que tinha pegado os bolos, mas então admitiu o roubo. Lembra? E ele bateu na sua cabeça com a colher de pau.

Will sorriu e coçou a cabeça pensativo. Ainda conseguia ouvir o barulho da colher em sua cabeça.

— Eu me perguntei se devia ter mentido — ele admitiu, e Halt balançou a cabeça devagar.

— Ah, não, Will. Se você tivesse mentido, nunca teria se tornado meu aprendiz.

Ele se levantou, espreguiçou-se e se virou para a cozinha, onde o cozido fervia no fogão.

— Agora vamos comer.





Horace soltou a mochila no chão do dormitório e se jogou na cama, gemendo aliviado.

Todos os músculos de seu corpo doíam. O garoto não tinha idéia de que podia se sentir tão dolorido, tão esgotado, e de que existiam tantos músculos que podiam ficar daquele jeito. Ele se perguntou, não pela primeira vez, se conseguiria atravessar os três anos de treinamento da Escola de Guerra. Era cadete há menos de uma semana e já estava se sentindo um trapo.

Quando se candidatou para a Escola de Guerra, Horace tinha uma imagem vaga de cavaleiros de armaduras brilhantes lutando, enquanto pessoas comuns olhavam admiradas. Várias dessas pessoas eram garotas bonitas; Jenny, sua companheira no prédio dos protegidos, se destacava entre elas. Para ele, a Escola de Guerra era um lugar de aventuras e magia, e os cadetes que dela participavam eram pessoas que os outros respeitavam e invejavam.

A realidade era bem diferente. Até aquele momento, os cadetes da Escola de Guerra se levantavam antes do amanhecer e passavam uma hora antes do café-da-manhã

fazendo uma série de exercícios físicos: corriam, levantavam peso, carregavam enormes troncos em grupos de dez. Exaustos depois de tudo isso, voltavam ao alojamento, onde tomavam um banho rápido com água fria antes de deixar os dormitórios e os banheiros totalmente limpos. Uma inspeção cuidadosa era feita depois disso. Sir Karel, o velho e esperto cavaleiro que a realizava, conhecia todos os truques para fazer uma limpeza malfeita, arrumar mal as camas e guardar roupas sem cuidado. O menor erro por parte de um dos 20 meninos do dormitório fazia que todas as roupas fossem espalhadas, as camas fossem desfeitas e o lixo fosse jogado no chão, eles então tinham que fazer tudo de novo no tempo em que deveriam estar tomando café.

Como resultado, os novos cadetes tentavam enganar sir Karel apenas uma vez. O café-da-manhã não era nada especial. Na verdade, na opinião de Horace, era o mínimo que se podia esperar, mas a sua falta significava uma longa manhã até a hora do almoço, que, de acordo com a vida simples na Escola de Guerra, durava somente vinte minutos.

Depois do café, havia aulas de duas horas sobre história militar, teoria de táticas, e assim por diante, e então os cadetes participavam de uma corrida de obstáculos: uma série de barreiras criadas para testar velocidade, agilidade, equilíbrio e força. O percurso deveria ser completado em menos de cinco minutos, e os cadetes que não conseguiam tinham que recomeçar imediatamente. Era



difícil alguém conseguir completar o percurso sem cair pelo menos uma vez. O caminho estava repleto de poças de lama, perigos e fossos cheios um líquido irreconhecível e desagradável que Horace não queria saber de onde vinha.

O almoço vinha depois da corrida de obstáculos, mas se alguém tinha caído durante a atividade precisava se lavar antes de entrar no refeitório, o que significava outro banho frio — e gastar metade do tempo destinado para a refeição. Como resultado, as impressões fortes de Horace sobre a primeira semana na Escola de Guerra combinavam músculos doloridos com fome torturante.

Depois do almoço, havia mais aulas e exercícios físicos no pátio do castelo sob a vigilância de um dos cadetes mais velhos. Depois, a classe formava fila e realizava exercícios em grupo até o fim do dia, quando tinha duas horas livres para limpar e consertar o equipamento e preparar lições para as aulas do dia seguinte.

Isso, é claro, se ninguém tinha causado problemas durante o dia ou irritado algum instrutor. Nesse caso, todos eram convidados a encher as mochilas com pedras e partir numa caminhada de 12 quilômetros numa trilha no campo. Essas caminhadas nunca eram realizadas em estradas planas próximas, mas em terrenos acidentados, morros e riachos, trechos fechados por arbustos espinhentos que dificultavam a passagem.

Horace tinha acabado de completar uma dessas caminhadas. No começo daquele dia, um dos colegas ti-

nha sido visto passando um bilhete na aula de tática. Infelizmente, a nota era uma caricatura desrespeitosa do instrutor de nariz comprido. Infelizmente também, o garoto era um desenhista habilidoso e o retrato foi reconhecido imediatamente.

Como resultado, Horace e a classe tinham sido convidados a encher as mochilas e começar a correr.

Lentamente, ele começou a se afastar dos outros garotos enquanto eles subiam a primeira colina com esforço. Depois de alguns dias, o regime rígido da Escola de Guerra estava começando a mostrar resultados em Horace. Além de suas habilidades naturais de atleta, seu preparo físico estava melhor do que nunca. Apesar de não perceber, ele corria com equilíbrio e elegância em ocasiões em que os outros mostravam dificuldades. Pouco tempo depois, Horace já estava bem adiantado e continuava a subir de cabeça erguida, respirando tranquilamente. Até aquele momento não havia tido muitas chances de conhecer os colegas. Ele os tinha visto pelo castelo ou na vila nos anos passados, mas crescer no prédio dos protegidos o havia isolado da vida diária normal do castelo e da vila. As crianças da ala dos protegidos sentiam-se diferentes das outras, e os meninos e meninas que ainda tinham seus pais pensavam da mesma forma.

A cerimônia da Escolha acontecia somente para os protegidos. Horace era um dos 20 novos recrutas daquele ano, e os demais tinham sido escolhidos pelo processo normal, isto é, influência dos pais, apoio ou recomendação

de professores. Como resultado, ele era considerado uma curiosidade, e os outros meninos não tinham dado sinais de amizade nem feito nenhuma tentativa de conhecê-lo. “Mesmo assim”, ele pensou sorrindo com uma satisfação um pouco triste, “venci todos na corrida”. Nenhum dos outros tinha voltado ainda. Tinha mesmo superado todos eles.

A porta no fim do dormitório se abriu com violência e botas pesadas fizeram barulho no piso de madeira. Horace apoiou o corpo num cotovelo e gemeu em silêncio.

Bryn, Alda e Jerome marcharam em sua direção entre as fileiras de camas arrumadas com perfeição. Eles eram cadetes do 2º ano e pareciam ter decidido que sua principal função na vida era atormentar Horace. Depressa, ele girou as pernas para um dos lados da cama e se levantou, mas não foi rápido o bastante.

— O que você está fazendo deitado na cama? — Alda gritou. — Quem disse que é hora de dormir?

Bryn e Jerome sorriram, pois gostavam do jeito de falar do colega. Eles não tinham muita imaginação, mas compensavam a falta de criatividade com uma grande confiança na sua força física.

— Vinte flexões! — Bryn ordenou. — Agora!

Horace hesitou um momento. Ele era bem maior do que qualquer um dos garotos. Se houvesse um confronto, tinha certeza de que poderia vencê-los. Mas eles eram três e, além disso, tinham a autoridade da tradição

que os apoiava. Até onde sabia, tratar os cadetes do 1º ano dessa forma era prática normal, e ele podia imaginar a zombaria dos colegas se reclamasse para algum superior. “Ninguém gosta de chorões”, disse a si mesmo enquanto se abaixava. Mas Bryn percebeu a hesitação e talvez até um brilho passageiro de revolta em seu olhar.

— Trinta flexões! — ele disparou. — Já!

Com os músculos doloridos, Horace se esticou no chão e começou os exercícios. Imediatamente, sentiu um pé nas costas empurrando-o para baixo quando tentava se erguer.

— Vamos, nenê! — Jerome zombou. — Um pouco mais de força!

Horace conseguiu levantar o corpo, pois Jerome sabia como manter exatamente a quantidade de pressão ideal. Um pouco mais de força, e Horace nunca seria capaz de completar o exercício. Mas o cadete do 2º ano também o empurrou para baixo quando Horace ia reiniciar, o que tornou o exercício ainda mais difícil. Ele teve que fazer força para o alto ao mesmo tempo em que abaixava o corpo, pois do contrário seria jogado no chão. Gemendo, terminou a primeira flexão e começou outra.

— Pare de chorar, bebê! — Alda gritou para ele antes de se aproximar da cama de Horace. — Você fez a cama hoje? — ele gritou.

Horace, lutando contra a pressão do pé de Jerome, só conseguiu grunhir uma resposta.

— O quê? O quê? — Alda se abaixou e aproximou o rosto de Horace.

— O que você disse, bebê? Fale mais alto!

— Sim... senhor! — Horace conseguiu sussurrar. Alda balançou a cabeça de um jeito exagerado.

— Acho que a resposta é “não, senhor” — ele disse, levantando-se.

— Olhe só essa cama! Está uma porcaria!

É claro que as cobertas estavam um pouco amassadas onde Horace tinha se deitado, mas ele poderia arrumá-la num instante. Sorrindo, Bryn resolveu deixar o plano de Alda mais interessante. Ele se aproximou e chutou a cama para o lado, derrubando o colchão, os cobertores e o travesseiro no chão. Alda ajudou, chutando as cobertas pelo quarto.

— Faça a cama de novo! — ele gritou.

Nesse momento, surgiu um brilho em seus olhos. Ele se virou para a cama seguinte, chutou-a também e espalhou o colchão e os lençóis como tinha feito com a de Horace.

— Faça tudo de novo! — ele berrou satisfeito com sua idéia. Bryn se juntou a ele, rindo enquanto os dois reviravam as 20 camas e espalhavam cobertores e travesseiros pelo quarto. Horace, ainda lutando para fazer as 30 flexões, fechou os dentes com força enquanto o suor escorria para os seus olhos, fazendo-os arder e embaralhando sua visão.

— Está chorando, bebê? — ele escutou Jerome perguntar. — Vá para casa chorar no colo da mamãe!

O garoto empurrava as costas de Horace com força, fazendo-o se esparramar no chão.

— O bebê não tem mãe — Alda disse. — O bebê é um protegido. A mamãe fugiu com um marinheiro.

— É verdade, bebê? A mamãe fugiu e abandonou você? — Jerome se abaixou e perguntou.

— A minha mãe morreu! — Horace respondeu irritado. Zangado, começou a se levantar, mas o pé de Jerome estava em seu pescoço e empurrou seu rosto em direção ao chão de madeira. Horace desistiu de levantar.

— Que coisa triste — Alda comentou, fazendo os dois amigos rirem. — Agora arrume essa bagunça, bebeção, ou vamos fazer você refazer a corrida.

Horace ficou deitado exausto. Os três garotos mais velhos saíram do quarto chutando baús e espalhando os pertences dos colegas no chão. Ele fechou os olhos quando o suor salgado os fez arder de novo.

— Detesto este lugar — ele resmungou com a voz abafada pelas tábuas ásperas do chão.



— Está na hora de você conhecer as armas de que vai precisar — Halt informou.

Eles tinham tomado o café-da-manhã muito antes do nascer do sol, e Will acompanhou Halt até a floresta. Andaram por mais ou menos meia hora, e Halt aproveitou para mostrar a Will como deslizar de uma sombra até outra fazendo o menor barulho possível. Will era um bom aluno na arte de se mover sem ser visto, como Halt já tinha observado, mas tinha muito a aprender até reunir todas as habilidades de um arqueiro. Mesmo assim, Halt estava satisfeito com o progresso do garoto, que tinha vontade de aprender, especialmente quando se tratava de aulas em campo como aquelas.

O assunto era um pouco diferente quando se tratava de tarefas menos interessantes, como leitura de mapas e desenho de gráficos, pois Will costumava passar por cima de detalhes que considerava sem importância.

— Você daria mais importância a essas habilidades se estivesse planejando o caminho a ser seguido por um

exército e se esquecesse de falar da existência de um córrego no trajeto. — Halt comentou com seriedade.

Eles pararam numa clareira e Halt deixou cair no chão uma pequena sacola que estava escondida debaixo de sua capa.

Will olhou a bolsa desconfiado. Quando falaram em armas, o garoto pensou em espadas e lanças, as armas usadas pelos cavaleiros. Aquele pequeno pacote não tinha nada a ver com o que ele imaginara.

— Que tipos de armas nós usamos? Espadas? — Will perguntou com os olhos grudados na sacola.

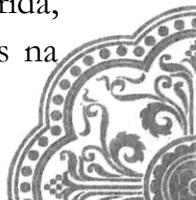
— As principais armas de um arqueiro são o segredo, o silêncio e a habilidade de agir sem ser visto. Mas, se elas falharem, talvez você tenha que lutar.

— E então usamos uma espada? — Will perguntou esperançoso. Halt se ajoelhou e abriu a trouxa.

— Não, nós usamos um arco — ele disse, colocando o objeto aos pés do menino.

A primeira reação de Will foi de desapontamento. As pessoas usavam arcos para caçar. Todo mundo tinha um arco. Era mais um instrumento do que uma arma. Quando criança, ele mesmo construía vários curvando galhos de árvore verdes. Então, como Halt não disse nada, ele olhou o objeto com mais atenção. Aquele não era um galho curvado.

A arma era diferente de tudo o que Will já tinha visto. Quase todo o arco formava uma curva comprida, como todos os outros, mas suas pontas eram viradas na



direção contrária. Will, como a maioria das pessoas do reino, estava acostumado aos arcos normais, que se curvavam numa linha contínua, mas esse era bem mais curto.

— Ele se chama arco recurvo — Halt informou, percebendo a curiosidade do garoto. — Você ainda não tem força suficiente para lidar com um arco comum, portanto este vai lhe dar a velocidade e o impulso necessários. Aprendi a fazê-los com os temujsais.

— Quem são os temujsais? — Will quis saber, desviando o olhar do arco estranho.

— São guerreiros corajosos do leste e também os melhores arqueiros do mundo — Halt contou.

— Você lutou contra eles?

— Contra... e com eles durante algum tempo — Halt disse. — E pare de fazer tantas perguntas.

Outra vez, Will olhou para o arco, que estava na sua mão. Agora que estava se acostumando com seu formato diferente, viu que era uma arma muito bem-feita. Muitas tiras de madeira de grossuras diferentes tinham sido coladas umas às outras, e seus veios corriam em várias direções. Era isso que formava a curva dupla do arco, como se diferentes forças empurrassem uma às outras, dando aos pedaços do objeto uma forma cuidadosamente planejada. Talvez aquela fosse mesmo uma arma, afinal.

— Posso usá-lo?

— Se você acha que é uma boa idéia — Halt concordou com um gesto de cabeça.

Will escolheu uma flecha do estojo que também tinha estado na sacola e a ajustou à corda. Ele puxou a flecha para trás com o polegar e o indicador, mirou o tronco de uma árvore a uns 20 metros de distância e atirou.

A corda pesada do arco bateu na carne macia do lado de dentro de seu braço como um chicote. Will gritou de dor e largou a arma como se estivesse pegando fogo.

Uma marca grossa, vermelha e dolorida estava se formando na pele. Will não tinha idéia de onde o arco tinha ido parar, mas nem se importou com isso.

— Que dor! — ele disse, olhando para o arqueiro de um jeito acusador.

— Você é sempre muito apressado, rapaz — Halt comentou, sacudindo os ombros. — Talvez assim aprenda a esperar um pouco na próxima vez.

Ele se abaixou, tirou da sacola um punho comprido de couro duro e o colocou no braço esquerdo de Will para protegê-lo da corda do arco. Chateado, o menino percebeu que Halt estava usando um punho parecido. Mais chateado ainda, lembrou que o tinha visto antes, mas não se perguntou para que servia.

— Agora, tente outra vez — Halt sugeriu.

Will escolheu outra flecha e a colocou na corda, mas, quando a puxou para trás, Halt o fez parar.

— Não com o polegar — Halt ensinou. — Deixe que a flecha fique apoiada entre o primeiro e o segundo dedos na corda... assim.

Ele mostrou a Will como o entalhe no fim do arco prendia a corda e mantinha a flecha no lugar. Depois Halt demonstrou como fazer que a corda se apoiasse nas juntas dos três primeiros dedos e finalmente como soltar a corda para que a flecha disparasse.

— Assim está melhor — ele disse. — Tente usar os músculos das costas, e não só os seus braços. Procure deixar suas omoplatas juntas... — Halt ensinou quando Will puxou a flecha para trás.

Will fez como Halt sugeriu e teve a impressão de que o arco ficou mais leve e de que podia segurá-lo com mais firmeza. Ele soltou a flecha de novo, mas não conseguiu acertar o tronco da árvore que tinha escolhido como pontaria.

— Você precisa praticar — Halt disse. — Solte o arco por enquanto.

Com cuidado, Will colocou o arco no chão. Ele estava ansioso para ver o que Halt iria tirar da sacola em seguida.

— Estas são as facas usadas pelos arqueiros — Halt lhe entregou um estojo duplo igual ao que ele carregava do lado esquerdo do cinto.

Will o pegou e o examinou. As facas estavam colocadas uma em cima da outra. A primeira era pequena, com um cabo grosso e pesado feito de uma série de discos de couro colados um no outro. Havia uma cruzeta de bronze entre o punho e a lâmina e um botão na ponta que combinava com ela.

— Tire a faca do estojo com cuidado — Halt pediu.

Will tirou a faca curta da bainha e notou que ela tinha um formato diferente. Era estreita no cabo, alargava-se no meio e tornava a se afinar na ponta extremamente afiada. O garoto olhou para Halt curioso.

— Foi feita para ser atirada. A largura dela compensa o peso do cabo, e a combinação do peso dos dois ajuda a fazê-la chegar aonde você quer quando atirada. Olhe.

A mão de Halt se moveu com suavidade e rapidez para a faca de lâmina larga que carregava na cintura. Ele a tirou da bainha e, com um movimento leve, atirou-a numa árvore próxima.

A faca bateu no tronco com um barulho forte. Will olhou para o arqueiro, impressionado com sua habilidade e velocidade.

— Como você aprendeu a fazer isso? — ele perguntou.

— Prática — Halt respondeu, fazendo um gesto para que Will examinasse a outra faca.

A segunda faca era mais comprida. O cabo era feito com os mesmos discos de couro e tinha uma cruzeta curta e firme. A lâmina era pesada e reta, muito afiada num dos lados, grossa e pesada no outro.

— Essa é para o caso em que o inimigo chega muito perto — Halt explicou. — Mas, se você for um arqueiro, isso nunca vai acontecer. Ela serve para ser atirada,

mas essa lâmina também pode bloquear o ataque de uma espada. Foi feita pelos melhores ferreiros do reino. Cuide dela e a mantenha afiada.

— Está bem — o aprendiz concordou, admirando a faca que tinha nas mãos.

— Ela é parecida com uma faca usada pelos escandinavos — Halt informou. — Serve como faca e ferramenta. Repare que a qualidade do aço da nossa faca é muito superior ao aço deles.

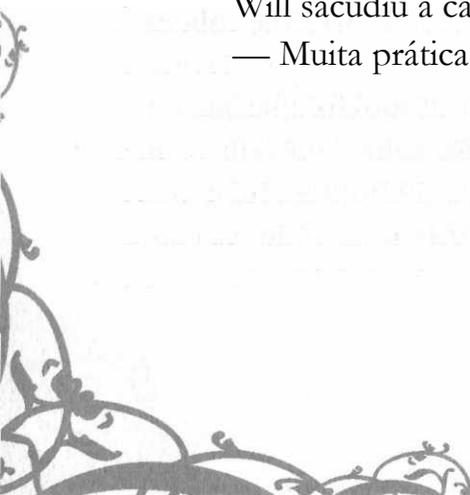
Will examinou a faca com mais atenção, percebeu a cor azulada da lâmina e sentiu o seu equilíbrio perfeito. O cabo de couro e bronze dava a ela uma aparência simples e útil, mas era uma arma excelente e muito superior às espadas grosseiras usadas pelos guerreiros do castelo Redmont.

Halt mostrou a Will como prender a bainha dupla em seu cinto para que conseguisse pegar as facas com facilidade.

— Agora tudo o que você precisa fazer é aprender a usar as facas. E você sabe o que isso significa, não sabe?

Will sacudiu a cabeça sorrindo.

— Muita prática — ele respondeu.



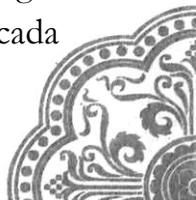


Sir Rodney inclinou-se na cerca de madeira que rodeava a área de treinamento enquanto observava os novos cadetes da Escola de Guerra, que faziam exercícios com armas. Pensativo, ele esfregou o queixo, olhando com atenção os novos 20 recrutas, mas sempre voltando para um em especial — o garoto alto de ombros largos da ala dos protegidos que tinha selecionado no Dia da Escolha. Ele pensou um instante, tentando se lembrar do nome do garoto.

Horace, era isso.

O exercício era comum. Cada garoto, usando uma malha de ferro, um capacete e carregando um escudo, ficava em frente a um poste de madeira acolchoado da altura de um homem. Sir Rodney achava que só fazia sentido praticar o uso da espada quando se estava usando todo o equipamento pesado, como acontecia numa guerra. Ele achava melhor que os meninos se acostumassem às limitações da armadura e do peso do equipamento desde o começo.

Além do escudo, do capacete e da malha, cada garoto também tinha uma espada para exercícios fabricada



pelo armeiro. Essas espadas eram feitas de madeira e, fora o cabo de couro e a cruzeta, se pareciam pouco com uma espada real. Na verdade, eram bastões compridos feitos de noqueira forte. Mas o peso era muito parecido com o das lâminas de aço estreitas, e os cabos eram construídos para se aproximar do peso e do equilíbrio de uma espada de verdade.

No final, os recrutas iriam passar a exercícios com espadas de verdade, mas sem ponta e sem corte. Porém esse momento ainda demoraria alguns meses para chegar e, nessa etapa, os recrutas menos capazes já teriam sido eliminados. Era perfeitamente normal que pelo menos um terço dos alunos da Escola de Guerra abandonasse os duros treinamentos nos primeiros três meses. Às vezes, era o garoto que decidia. Outras, era o instrutor ou, em casos extremos, o próprio sir Rodney. A Escola de Guerra era difícil, e os seus padrões eram rígidos.

No pátio de treinamento, ouviam-se as pancadas fortes da madeira contra o forro dos postes, feito de couro grosso e endurecido pelo sol. Na entrada do pátio, o mestre de exercícios, sir Karel, indicava os movimentos a serem realizados.

Cinco cadetes do 5º ano, orientados por sir Morton, um instrutor assistente, andavam entre os novos aprendizes, atentos aos detalhes dos golpes básicos de espada, corrigindo um movimento errado aqui, mudando o ângulo de um golpe ali, garantindo que os garotos não baixassem demais os escudos durante o exercício.

Era um trabalho monótono e repetitivo, realizado debaixo do sol quente da tarde, porém necessário. Aqueles eram os movimentos básicos que ajudariam os garotos a viver ou morrer em algum ponto do futuro, e era essencial que eles estivessem muito bem treinados e capazes de agir por instinto.

Foi esse pensamento que fez sir Rodney observar Horace naquele momento. Enquanto Karel ditava os movimentos básicos, Rodney tinha percebido que Horace estava acrescentando golpes extras à sequência sem se atrasar ou perder o ritmo.

Karel tinha acabado de iniciar outra série de exercícios, e sir Rodney se inclinou atento, com os olhos fixos em Horace.

— Ataque! Golpe lateral! Cortada à esquerda! Acima do ombro! — gritava o mestre de exercícios. — Cortada por cima!

Quando Karel mandou realizar a cortada por cima, Horace obedeceu, mas então, quase ao mesmo tempo, passou para uma cortada para o lado, deixando que o primeiro movimento o preparasse instantaneamente para o segundo. O golpe foi dado com tamanha velocidade e força que, num combate real, o resultado seria destruidor. O escudo do oponente, levantado para impedir a cortada, nunca poderia ter reagido com a rapidez necessária para proteger as costelas descobertas do movimento rápido que se seguiu.

Nos últimos minutos, Rodney se dera conta de que o aluno estava acrescentando esses golpes à rotina. Ele os tinha visto primeiro com o canto dos olhos ao perceber uma leve variação no padrão rígido do exercício, uma rápida agitação no movimento extra que surgiu e desapareceu quase depressa demais para ser visto.

— Descansar! — Karel gritou.

Rodney notou que, enquanto a maioria dos outros deixava cair as armas e ficava à vontade, Horace mantinha a posição de sentido, a ponta da espada ligeiramente acima da cintura e movia os dedos do pé durante a pausa como se não quisesse perder o ritmo.

Aparentemente, alguém mais tinha percebido os golpes adicionais de Horace. Sir Morton se inclinou para um dos cadetes mais velhos e falou com ele, fazendo gestos rápidos na direção de Horace. O aluno do 1º ano, ainda atento ao poste de treinamento que era seu inimigo, não notou a conversa. Ele olhou para cima confuso quando o cadete se aproximou e o chamou.

— Ei, você! No poste 14. O que pensa que está fazendo?

Surpresa e preocupação apareceram no rosto de Horace. Nenhum recruta do 1º ano gostava de receber a atenção dos mestres de exercícios ou dos seus assistentes. Todos sabiam muito bem qual a quantidade de alunos que deixava a escola depois de algum tempo.

— Senhor? — ele disse ansioso, sem entender a pergunta.

— Você não está seguindo o padrão. Faça o que sir Karel manda, está bem?

Rodney observou tudo com atenção e ficou convencido de que a surpresa de Horace era verdadeira. O garoto alto fez um pequeno movimento com os ombros. Ele agora estava em posição de sentido, com a espada apoiada no ombro direito e o escudo erguido em posição de desfile.

— Senhor? — ele chamou indeciso. O cadete mais velho estava ficando zangado. Não tinha percebido os movimentos extras de Horace e obviamente supôs que o garoto mais jovem estava simplesmente seguindo uma sequência ao acaso por conta própria. Ele se inclinou para a frente e o seu rosto ficou apenas a alguns centímetros do de Horace.

— Sir Karel indica a sequência que quer que vocês façam! E você obedece! — ele disse em voz bem alta para aquela distância. — Entendeu?

— Senhor, eu... obedeci — Horace respondeu com o rosto muito vermelho.

Ele sabia que não devia discutir com um instrutor, mas também sabia que tinha feito todos os golpes exigidos por Karel.

Rodney viu que o cadete mais velho agora estava em desvantagem. Ele não tinha visto o que Horace tinha feito e disfarçou a incerteza com raiva.

— Ah, obedeceu, hein? Bom, talvez você queira repetir a última sequência para mim. Que sequência sir Karel pediu?

— A sequência número 5, senhor. Ataque, golpe lateral, cortada à esquerda, acima do ombro, cortada por cima — Horace respondeu sem hesitação.

O cadete vacilou. Ele achava que Horace tinha simplesmente feito os exercícios sem atenção e golpeado o poste de qualquer jeito. Mas Horace tinha repetido a sequência com perfeição. Pelo menos era o que parecia. O garoto mais velho não tinha certeza absoluta de qual tinha sido a sequência, mas o aluno tinha respondido sem nenhuma hesitação. Ele percebeu que todos os outros alunos estavam assistindo à cena com muito interesse, o que era natural. Alunos sempre gostavam de ver alguém ser repreendido por um erro, pois desse modo os próprios erros não eram notados.

— O que está acontecendo, Paul? — sir Morton, assistente do mestre de exercícios, perguntou, parecendo aborrecido com a discussão.

Ele tinha mandado o cadete repreender o aluno pela falta de atenção. Essa repreensão já deveria ter sido dada, e o assunto, terminado. Em vez disso, a aula estava sendo atrapalhada. O cadete Paul se aproximou.

— Senhor, o aluno disse que realizou a sequência — ele respondeu.

Horace quis protestar, mas pensou melhor e fechou a boca.

— Um momento.

Paul e sir Morton se viraram um pouco surpresos, pois não tinham percebido a aproximação de sir Rodney. Ao redor deles, os outros alunos também ficaram em posição de sentido. Sir Rodney era admirado por todos os membros da Escola de Guerra, especialmente pelos mais novos. Morton não chegou a ficar em posição de sentido, mas endireitou um pouco o corpo e ajeitou os ombros.

Horace mordeu o lábio de preocupação. Ele sentiu a possibilidade de ser dispensado da Escola de Guerra. Primeiro, os três cadetes do 2º ano tornaram-se seus inimigos e vinham fazendo de sua vida um inferno. Agora, tinha chamado a atenção indesejada do cadete Paul e de sir Morton. E, para terminar, o próprio mestre de guerra estava ali presente. Para piorar as coisas, não tinha idéia de que erro havia cometido. Ele se lembrava claramente de realizar a sequência como tinha sido pedido.

— Você se lembra da sequência, cadete Horace? — o mestre de guerra perguntou.

O cadete assentiu com a cabeça enfático, mas logo percebeu que essa não era considerada uma resposta aceitável para uma pergunta vinda de um oficial superior, então disse:

— Sim, senhor. A sequência número 5, senhor.

Rodney percebeu que aquela era a segunda vez que ele tinha identificado a sequência. Estava inclinado a apostar que nenhum dos outros cadetes seria capaz de dizer que sequência do manual de exercícios tinha acabado

de completar. E duvidava também que os cadetes mais velhos estivessem mais bem informados. Sir Morton ia dizer alguma coisa, mas Rodney levantou a mão para impedi-lo.

— Talvez você possa repeti-la para nós — ele disse, a voz séria não mostrando o interesse cada vez maior que sentia por aquele recruta. Rodney fez um gesto na direção do poste de treinamento.

— Tome posição. Diga os nomes dos exercícios e... comece!

Horace realizou a sequência sem errar, gritando os nomes a cada golpe.

— Ataque! Golpe lateral! Cortada à esquerda! Acima do ombro! Cortada por cima!

A espada de exercício batia com movimentos firmes contra o couro que cobria o poste. O ritmo era perfeito. A execução dos golpes era perfeita, mas desta vez Rodney percebeu que não houve nenhum movimento adicional. O golpe lateral rápido como um raio não foi dado. Ele imaginou saber o motivo. Desta vez, Horace estava concentrado em acertar a sequência. Antes, ele tinha agido instintivamente.

Sir Karel, atraído pela intervenção de sir Rodney numa sessão de treinamento comum, passeou entre as fileiras de alunos parados junto dos postes de exercícios. Ele estava com as sobranceiras erguidas numa pergunta muda para sir Rodney. Como era um cavaleiro antigo, tinha direito a esse tipo de comportamento informal. O

mestre de guerra levantou a mão novamente. Não queria que nada atrapalhasse a concentração de Horace naquele momento. Mas estava satisfeito por Karel estar ali para testemunhar o que tinha certeza de que iria acontecer.

— Outra vez — ele disse no mesmo tom de voz sério, e Horace reiniciou a sequência.

Quando terminou, a voz de Rodney soou como um chicote.

— Outra vez!

E novamente Horace executou a quinta sequência.

— Sequência 3! — Rodney disparou quando o rapaz terminou.

— Ataque! Ataque! Passo para trás! Parada cruzada! Bloqueio de escudo! Golpe lateral! — Horace disse enquanto realizava os movimentos.

Rodney notou que o garoto se movimentava com leveza sobre os dedos dos pés, enquanto a espada parecia uma língua que dançava de um lado para outro. Sem perceber, Horace estava anunciando a cadência de movimentos quase tão rápido quanto o mestre de exercícios tinha feito.

Karel olhou para Rodney e acenou com ar de satisfação. Mas Rodney ainda não tinha terminado. Antes que Horace tivesse tempo para pensar, ele anunciou a quinta sequência de novo e o garoto reagiu.

— Ataque! Golpe lateral! Cortada à esquerda! Acima do ombro! Cortada por cima!

— Cortada à esquerda! — Sir Rodney disparou instantaneamente e, em resposta, quase como se tivesse vontade própria, a espada de Horace se movimentou naquele golpe extra e mortal.

Sir Rodney escutou os sons de surpresa de Morton e Karel. Eles perceberam a importância do que tinham visto. O cadete Paul demorou a entender o que tinha acontecido. Para ele, o aluno tinha respondido a uma ordem extra do mestre de guerra. Em sua opinião, Horace tinha realizado o exercício com perfeição, sabia manejar a espada, mas isso era tudo o que tinha visto.

— Descansar! — Sir Rodney ordenou, e Horace apoiou a mão no punho da espada encostada no chão, os pés separados, o cabo da arma na frente da fivela do cinto na posição de descanso de desfile.

— Agora, Horace — o mestre de guerra disse devagar —, você se lembra de ter acrescentado aquela cortada lateral à esquerda à sequência na primeira vez?

Horace franziu a testa e então compreendeu. Ele não tinha certeza, mas agora que o mestre de guerra refrescara sua memória, achou que isso podia ter acontecido.

— Ahn... sim, senhor. Acho que sim. Sinto muito, senhor. Eu não tinha a intenção. É que... simplesmente aconteceu.

Rodney olhou rapidamente para os seus mestres de exercício e viu que eles entendiam a importância do que tinha acontecido ali. Ele fez um gesto com a cabeça para

os homens, passando a mensagem silenciosa de que não queria que nada fosse feito a respeito disso... ainda.

— Bem, não aconteceu nada de errado, mas preste atenção no restante do período e só faça os exercícios pedidos por sir Karel, está certo?

— Sim, senhor! — Horace respondeu em posição de sentido. — Desculpe, senhor! — ele disse para o mestre de exercícios, que respondeu com um aceno de mão.

— Preste mais atenção no futuro — Karel fez um gesto de cabeça para sir Rodney ao perceber que o mestre de guerra queria se afastar. — Obrigado, senhor. Podemos continuar?

— Prossiga, mestre — sir Rodney concordou e começou a se virar, mas, como se se lembrasse de algo, voltou e acrescentou como quem não quer nada: — Ah, por falar nisso, posso conversar com você no meu gabinete no fim da tarde, depois que as aulas terminarem?

— Claro, senhor — Karel respondeu no mesmo tom, sabendo que sir Rodney queria discutir aquele fenômeno, mas sem querer que Horace percebesse seu interesse.

Sir Rodney voltou lentamente para a sede da Escola de Guerra. Atrás dele, escutou Karel dando ordens e depois o som repetitivo da madeira batendo no couro.



Halt examinou o alvo no qual Will estivera atirando e assentiu com um gesto de cabeça.

— Nada mal — ele elogiou. — A sua pontaria está mesmo melhorando.

Will não conseguiu evitar um sorriso. Aquele era realmente um grande elogio, vindo de Halt. Este viu a expressão do garoto e imediatamente acrescentou:

— Com mais prática, muito mais prática, você até pode alcançar a mediocridade.

Will não tinha muita certeza do que aquela palavra queria dizer, mas teve a impressão de que não era uma coisa boa. O sorriso desapareceu, e Halt abandonou o assunto com um aceno de mão.

— Chega de treino de arco-e-flecha por ora. Vamos — ele disse e saiu, caminhando numa trilha estreita pela floresta.

— Para onde estamos indo? — Will perguntou, quase correndo para acompanhar as passadas largas do arqueiro.

— Por que esse menino faz tantas perguntas? —
Halt perguntou, olhando para as árvores acima dele.
É claro que elas não responderam.



Os dois andaram por uma hora antes de chegar a um pequeno grupo de casas enterradas no fundo da floresta.

Will estava louco para fazer mais perguntas, mas já tinha aprendido que Halt não ia respondê-las, então resolveu ter paciência. Ele sabia que cedo ou tarde descobriria por que estavam ali.

Halt foi até a maior das cabanas em ruínas, parou e fez sinal para que Will o seguisse.

— Olá, Velho Bob! — ele chamou.

Will ouviu alguém se mexendo dentro da cabana e então um vulto enrugado e encurvado apareceu na porta. O homem era quase careca, e sua barba era comprida, manchada e de um branco sujo. Quando ele andou na direção dos dois, sorrindo e cumprimentando Halt com um aceno de cabeça, Will prendeu a respiração. O Velho Bob cheirava a estábulo, e dos mais sujos, por sinal.

— Bom-dia, arqueiro! — o velho cumprimentou.
— Quem você trouxe aí?

Ele olhou para Will com interesse. Seus olhos eram brilhantes e atentos, apesar da aparência suja e descuidada.



— Este é Will, meu novo aprendiz — Halt disse.
— Will, este é o Velho Bob.

— Bom-dia, senhor — Will cumprimentou educado, e o velho riu.

— Ele me chamou de senhor! Viu só, arqueiro, ele me chamou de senhor! Esse vai ser um excelente arqueiro!

Will sorriu para ele. Por mais sujo que fosse, havia algo de cativante nele, talvez fosse o fato de não parecer se deixar intimidar por Halt, Will não conseguia se lembrar de ter visto ninguém falar tão à vontade com o arqueiro. Halt grunhiu impaciente:

— Eles estão prontos? — perguntou.

O velho riu outra vez e acenou várias vezes com a cabeça.

— Estão mais que prontos! — ele respondeu. — Venha até aqui e veja.

Ele os levou para o fundo da cabana, onde havia um pequeno cercado com o portão aberto. Na outra extremidade, havia um abrigo coberto por um telhado sustentado por quatro postes. Não havia paredes. O Velho Bob soltou um assobio agudo que fez Will dar um pulo.

— Eles estão ali, está vendo? — falou, apontando para o abrigo. Will viu dois cavalos pequenos trotando pelo terreno para cumprimentar o velho. Quando se aproximaram, o rapaz percebeu que um deles era um pônei, mas os dois eram animais pequenos e desgrehados, em nada parecidos com os cavalos de batalha fortes e lustro-

sos em que o barão e seus guerreiros cavalgavam para a guerra.

O maior dos dois trotou imediatamente para perto de Halt, que acariciou seu pescoço e lhe deu uma maçã tirada de um cesto perto da cerca. O cavalo a mastigou agradecido. Halt se inclinou para a frente e murmurou algumas palavras em seu ouvido. O cavalo virou a cabeça e relinchou, como se os dois estivessem achando graça de alguma piada particular.

O pônei esperou até que o Velho Bob também lhe tivesse dado uma maçã para mastigar e então virou o olhar inteligente para Will.

— Esse se chama Puxão — o velho homem contou. — Parece que é do seu tamanho, não é?

Ele passou a rédea de corda para Will, que a segurou e observou os olhos do cavalo. Ele era um animal pequeno e desgrenhado. Suas pernas eram curtas, mas fortes. O corpo tinha a forma de um barril, a crina e a cauda estavam ásperas e precisavam ser escovadas. Para falar a verdade, em se tratando de cavalos, Will achou que aquele não era uma figura muito impressionante.

Sempre tinha sonhado com um cavalo que algum dia o levasse a uma batalha. Nesses sonhos, o cavalo era alto e majestoso, forte e negro, penteado e escovado até brilhar como uma armadura.

O cavalo quase pareceu sentir o que ele estava pensando e encostou a cabeça delicadamente no ombro do garoto.

“Talvez eu não seja muito grande”, os olhos dele pareciam dizer, “mas posso surpreender você.”

— Bom — Halt disse. — O que você achou dele? — perguntou, acariciando o focinho macio do animal.

Era óbvio que o arqueiro e aqueles bichos eram velhos amigos. Will hesitou, pois não queria ofender ninguém.

— Ele é... meio... pequeno — disse finalmente.

— Você também é — Halt ressaltou.

Will não conseguiu encontrar uma resposta para isso. O Velho Bob se torcia de tanto rir.

— Ele não é um cavalo de batalha, não é, garoto? — o velho perguntou.

— Bem... não, não é — Will respondeu sem jeito.

Ele gostava de Bob e sentiu que qualquer crítica ao pônei poderia ser levada para o lado pessoal. Mas o velho só riu de novo:

— Mas ele ganha de qualquer um daqueles cavalos de batalha sofisticados! — disse com orgulho. — Ele é muito forte, este garoto aqui! Consegue andar o dia inteiro, muito tempo depois que os cavalos elegantes se deitaram e morreram.

Indeciso, Will olhou para o pequeno animal desgrenhado.

— Tenho certeza que sim — ele disse com educação.

— Por que você não experimenta? — Halt perguntou, recostando-se na cerca. — Você é um corredor rápido. Solte ele e veja se consegue pegar outra vez.

Will sentiu o desafio na voz do arqueiro e soltou a rédea. O cavalo, como se percebesse que aquilo era algum tipo de teste, se afastou um pouco para o centro do pequeno cercado. Will passou por baixo da cerca, andou devagar até o pônei e estendeu a mão num gesto convidativo.

— Venha, garoto — ele disse. — Fique quieto aí.

Will tentou pegar a rédea e, de repente, o pequeno cavalo virou, afastou-se para um lado e depois para o outro, deu alguns passos ao redor de Will e caminhou para trás, para fora de seu alcance.

Will tentou novamente.

Mais uma vez, o cavalo escapou com facilidade. Will estava começando a se sentir um idiota. Ele avançou para o cavalo, e o animal recuou. Em seguida, exatamente quando Will pensou que o pegaria, ele dançou com agilidade para o lado e fugiu outra vez.

Will perdeu o humor e correu atrás dele. O cavalo, gostando da brincadeira, relinchou e correu para fora de seu alcance.

E assim eles continuaram. Will se aproximava, o cavalo se abaixava, desviava e escapava. Até mesmo no espaço reduzido do pequeno cercado, ele não conseguiu apanhá-lo.

Will parou consciente de que Halt o observava com atenção. Pensou por alguns instantes, pois achou que tinha de haver uma saída. Nunca conseguiria pegar um cavalo ágil e rápido como aquele. Tinha que haver um outro jeito...

Seu olhar caiu sobre o cesto de maçãs do lado de fora da cerca. Rapidamente, ele passou por baixo da grade e pegou uma maçã. Então, voltou para o cercado e ficou parado feito uma estátua, estendendo a fruta.

— Venha, garoto — ele chamou.

Puxão levantou as orelhas. Gostava de maçãs e achou que também gostava do garoto — ele sabia jogar esse jogo. Sacudindo a cabeça de um jeito aprovador, trotou para a frente e pegou a maçã com delicadeza. Will apanhou a rédea, e o pônei mastigou a maçã. Se fosse possível dizer que um cavalo parece feliz, aquele parecia.

Will olhou para cima e viu Halt fazer um aceno de aprovação:

— Bem pensado!

O Velho Bob deu um cutucão nas costelas do homem vestido de cinza.

— Garoto esperto, esse aí! Esperto e educado! Vai formar uma boa equipe com o Puxão, você não acha?

Will deu tapinhas no pescoço desgrenhado do cavalo e olhou para o velho.

— Por que o nome dele é Puxão? — ele quis saber.

No mesmo momento, o braço de Will foi quase arrancado quando o pônei jogou a cabeça para trás de re-

pende. Will cambaleou e recuperou o equilíbrio. A gargalhada do Velho Bob se fez ouvir na clareira.

— Vamos ver se você adivinha! — ele disse delicado.

O riso dele era contagioso, e Will não conseguiu não rir também. Halt olhou para o sol, que desaparecia depressa atrás das árvores que cercavam a clareira do Velho Bob e as campinas além.

— Leve Puxão para o abrigo, Bob vai lhe mostrar como tratar do pêlo e como alimentar ele — ele mandou. — Vamos ficar com você esta noite, Bob, se você concordar — acrescentou, dirigindo-se ao velho homem.

— Vou gostar da companhia, arqueiro — o velho respondeu com prazer. — Às vezes, passo tanto tempo com os cavalos que começo a pensar que também sou um deles.

Sem perceber, ele mergulhou uma das mãos no cesto de maçãs e escolheu uma, dando-lhe uma mordida como Puxão tinha feito alguns minutos antes. Halt o observou com surpresa.

— Acho que chegamos na hora certa — ele murmurou secamente. — Então, amanhã vamos ver se Will é tão bom para montar o Puxão quanto para pegar ele — continuou, imaginando que seu aprendiz não iria dormir muito naquela noite depois de ouvir suas palavras.

Ele tinha razão. A pequena cabana do Velho Bob só tinha dois aposentos. Portanto, depois do jantar, Halt se estendeu no chão perto da lareira e Will se ajeitou na

palha limpa e quente do celeiro, ouvindo os suaves sons da respiração dos dois cavalos. A Lua nasceu e desapareceu, e o garoto permaneceu acordado, questionando-se e preocupando-se com o que o dia seguinte iria trazer. Será que ele conseguiria montar o Puxão? Nunca tinha cavalgado. Será que cairia assim que tentasse?

Será que ficaria machucado? Ou, pior ainda, ficaria numa situação constrangedora? Ele gostava do Velho Bob e não queria parecer idiota na sua frente. Nem na frente de Halt, ele se deu conta um tanto surpreso. Quando finalmente adormeceu, ainda se perguntava em que momento a opinião de Halt tinha se tornado tão importante para ele.



— Então, você viu o que aconteceu. O que achou? — sir Rodney perguntou.

Karel estendeu a mão e tornou a encher sua caneca com cerveja da jarra que estava na mesa entre eles. Os aposentos de Rodney eram bem simples, quando se pensava que ele era o chefe da Escola de Guerra. Mestres de guerra em outros feudos tiravam vantagem da posição para se cercar de comodidades e luxo, mas esse não era o estilo de Rodney. O seu quarto era mobiliado com simplicidade — uma mesa de pinho no lugar da escrivaninha, cercada por seis cadeiras também de pinho, de encosto reto.

Num canto, é claro, havia uma lareira. Rodney preferia viver com simplicidade, mas isso não queria dizer que gostasse de desconforto, e os invernos no castelo Redmont eram frios. Eles estavam no final do verão, e as grossas paredes de pedra dos prédios do castelo serviam para manter o frescor do interior. Quando o frio chegava, essas mesmas paredes grossas retinham o calor do fogo. Em uma delas, uma grande janela com sacada se abria pa-



ra o campo de treinamento da Escola de Guerra. De frente para a janela, na parede oposta, havia um vão de porta coberto por uma cortina grossa que levava para o quarto de dormir de Rodney, onde havia uma simples cama de soldado e móveis de madeira. Quando a esposa, Antoinette, ainda estava viva, o local era mais decorado, mas ela tinha morrido alguns anos antes, e os quartos agora tinham um toque inconfundivelmente masculino, sem qualquer objeto que não fosse útil e sem nenhum enfeite.

— Sim, eu vi — Karel concordou. — Não sei se acreditei, mas vi.

— Você só o viu uma vez — Rodney disse. — Ele fez isso várias vezes durante toda a sessão, e estou convencido de que o fez inconscientemente.

— Tão depressa quanto aquele que eu vi? — Karel perguntou, e Rodney assentiu energicamente.

— Quem sabe, até mais depressa. Ele adicionou um golpe extra à rotina, mas acompanhou o ritmo do exercício — ele hesitou e finalmente disse o que os dois estavam pensando: — O garoto tem um dom natural.

Karel inclinou a cabeça pensativo. Com base no que tinha visto, não estava preparado para contestar o fato. E sabia que o mestre de Guerra tinha observado o garoto por algum tempo durante o treino. Mas garotos com vocação eram poucos e demoravam a aparecer. Eles eram aquelas pessoas especiais para quem a habilidade com a

espada funcionava numa dimensão totalmente diferente. Era mais um instinto do que uma habilidade.

Esses eram os que se tornavam campeões. Os mestres da espada. Guerreiros experientes como sir Rodney e sir Karel eram espadachins hábeis, mas aqueles com vocação levavam a técnica para outro plano. Era como se para eles a espada nas mãos se tornasse uma real extensão não só de seus corpos, mas também de suas personalidades. A espada parecia atuar em comunhão e em harmonia instantânea com a mente do espadachim, agindo até mais rápido do que o pensamento consciente. Os que tinham o dom possuíam habilidades únicas no que se referia à velocidade, ao equilíbrio e ao ritmo.

Assim sendo, representavam uma grande responsabilidade para os que estavam envolvidos com seu treinamento, pois essas habilidades e técnicas inatas tinham que ser cuidadosamente alimentadas e desenvolvidas em programas de treinamento para que o guerreiro, já muito eficiente naturalmente, desenvolvesse o seu verdadeiro potencial de genialidade.

— Tem certeza? — Karel disse por fim, e Rodney assentiu outra vez, olhando pela janela.

Em pensamento, ele via o treino do garoto e seus movimentos adicionais rápidos como um raio.

— Tenho — ele disse simplesmente. — Vamos ter que dizer a Wallace que ele vai ter outro aluno no próximo semestre.

Wallace era o mestre espadachim da Escola de Guerra Redmont e tinha a responsabilidade de dar o polimento final nas habilidades básicas que Karel e os outros ensinavam. No caso de um aluno brilhante — como Horace evidentemente era — ele daria aulas particulares de técnicas avançadas. Karel refletiu sobre o prazo que Rodney tinha sugerido.

— Só depois disso? — ele perguntou. Faltavam ainda quase três meses para o semestre seguinte. — Por que não imediatamente? Pelo que vi, ele já domina as técnicas básicas.

Mas Rodney sacudiu a cabeça.

— Ainda não avaliamos a personalidade — retrucou. — Ele parece um bom garoto, mas nunca se sabe. Se se mostrar desajustado, não quero lhe dar o tipo de instrução avançada que Wallace pode oferecer.

Quando pensou a respeito, Karel concordou com o mestre de Guerra. Afinal, caso Horace tivesse de ser dispensado da Escola de Guerra por causa de alguma outra falha, isso seria embaraçoso e até perigoso se ele já estivesse no caminho de ser um espadachim altamente qualificado. Muitas vezes, alunos dispensados reagiam com ressentimento.

— E tem outra coisa — Rodney acrescentou. — Vamos manter esta conversa entre nós e dizer a mesma coisa a Morton. Não quero que o garoto escute nada sobre isso ainda. Ele pode ficar convencido, e isso pode ser perigoso para ele.

— Tem toda a razão — Karel concordou. Ele terminou a cerveja em dois goles rápidos, colocou a caneca na mesa e se levantou. — Bem, acho melhor ir. Tenho uns relatórios para acabar.

— E quem não tem? — perguntou o mestre de guerra com cansaço, e os dois velhos amigos trocaram sorrisos pesarosos. — Nunca imaginei que dirigir a Escola de Guerra envolvesse tanta papelada. — Rodney comentou, fazendo Karel rir.

— Às vezes, acho que deveríamos esquecer o treinamento com armas e simplesmente jogar toda a papelada sobre o inimigo e enterrar ele nela.

Ele fez uma saudação informal, apenas tocando a testa com o dedo indicador, como mostra de respeito. Então se virou e se dirigiu para a porta. Parou quando Rodney acrescentou um último ponto à discussão.

— Fique de olho no garoto. Mas não deixe que ele perceba.

— Claro — Karel respondeu. — Não queremos que comece a pensar que tem alguma coisa de especial.



Naquele momento, não havia a menor possibilidade de Horace imaginar que tinha algo de especial — pelo menos não num sentido positivo. O que ele realmente sentia era que tinha o dom de atrair problemas.

As pessoas estavam falando sobre a estranha cena que tinha acontecido na área de exercícios. Seus colegas, sem entender o que tinha ocorrido, haviam presumido que, de alguma forma, Horace aborrecera o mestre de guerra e agora esperava pelo inevitável castigo. Eles sabiam que a regra durante o 1º semestre era que, quando um membro da classe cometesse um erro, toda a classe pagaria por ele. Como resultado, o clima no dormitório estava, no mínimo, tenso. Horace tinha saído do quarto com intenção de ir até o rio para escapar à condenação e a críticas, que podia sentir no rosto dos outros. Infelizmente, quando fez isso, foi direto para os braços de Alda, Bryn e Jerome.

Os três garotos mais velhos tinham ouvido uma versão distorcida da cena na quadra de treinamento. Eles imaginaram que Horace tinha sido criticado por seus exercícios com a espada e decidiram fazê-lo sofrer por isso.

Entretanto, sabiam que suas atitudes não seriam aprovadas pelos funcionários da Escola de Guerra. Horace, como recém-chegado, não tinha como saber que esse tipo de ataque sistemático era totalmente condenado por sir Rodney e pelos outros instrutores. Simplesmente pressupôs que as coisas tinham que ser assim e, sem ter noção do que acontecia, permitiu-se ser atacado e insultado.

Foi por esse motivo que os três cadetes do 2º ano fizeram Horace marchar até a margem do rio, para onde ele ia de qualquer jeito, para longe da vista dos instrutores.

Ali, fizeram que ele entrasse no rio até que a água batesse na altura da sua coxa e ficasse em posição de sentido.

— O bebê não sabe usar a espada — disse Alda.

— O bebê deixou o mestre de guerra zangado — Brian acrescentou, usando o mesmo refrão. — O lugar do bebê não é na Escola de Guerra, bebês não devem brincar com espadas.

— O bebê devia jogar pedras, em vez disso — Jerome concluiu com sarcasmo. — Pegue uma pedra, bebê.

Horace hesitou e então olhou à sua volta. A margem do rio estava cheia de pedras, e ele se inclinou para pegar uma. Quando fez isso, a manga e a parte superior de sua jaqueta ficaram encharcadas.

— Uma pedra pequena, não, bebê — Alda disse sorrindo maldosamente para ele. — Você é um bebezão, então precisa de uma pedra grande.

— Uma pedra muito grande — Bryn acrescentou, mostrando com as mãos que ele queria que Horace apanhasse uma pedra enorme.

Horace olhou ao redor e viu várias pedras maiores na água cristalina. Ele se abaixou e pegou uma delas. Ao fazer isso, cometeu um erro. Dentro da água, foi fácil levantar a pedra que escolheu, mas, quando a trouxe acima da superfície, mal suportou o peso.

— Vamos ver, bebê — Jerome disse. — Levante-a.

Horace apoiou os pés no chão com firmeza. A corrente rápida do rio não o deixava manter o equilíbrio e segurar a pedra pesada ao mesmo tempo, então ele a le-

vantou até a altura do peito para que seus atormentadores pudessem vê-la.

— Mais alto, bebê — Alda ordenou. — Acima da cabeça.

Sofrendo, Horace obedeceu. A pedra parecia pesar mais a cada segundo que passava, mas ele a levantou acima da cabeça, e os três garotos ficaram satisfeitos.

— Muito bom, bebê — Jerome elogiou, e Horace, com um suspiro de alívio, começou a abaixar a pedra.

— O que está fazendo? — Jerome perguntou zangado. — Eu disse que está bom. Isso quer dizer que é aí que a pedra deve ficar.

Horace se esforçou e levantou a pedra acima da cabeça outra vez, estendendo os braços. Alda, Bryn e Jerome fizeram um gesto de aprovação.

— Agora você pode ficar aí e contar até 500 — Alda disse. — Depois pode voltar ao dormitório.

— Comece a contar — Bryn mandou, rindo da idéia.

— Um, dois, três... — Horace começou, mas todos gritaram com ele quase imediatamente.

— Não tão depressa, bebê! Devagar e sempre. Comece de novo.

— Um... dois... três... — Horace contou e eles aprovaram.

— Assim está melhor. Agora, conte devagar até 500 e depois pode ir — Alda disse.

— Não tente nos enganar, porque vamos descobrir — Jerome ameaçou. — E então você vai ter que voltar aqui e contar até mil.

Rindo, os três estudantes voltaram para os seus dormitórios. Horace ficou no meio do rio com os braços tremendo por causa do peso da pedra e com lágrimas de frustração e humilhação enchendo seus olhos. Num determinado momento, ele perdeu o equilíbrio e caiu na água. Depois disso, suas roupas pesadas e encharcadas dificultaram ainda mais a tarefa de segurar a pedra acima da cabeça, mas ele não desistiu. Não tinha certeza de que os garotos não estavam escondidos em algum lugar, vigiando-o e, se estivessem, eles o fariam pagar por desobedecer a suas ordens.

“Se é assim que as coisas têm que acontecer, então que sejam,” ele pensou. Mas prometeu a si mesmo que, na primeira oportunidade que tivesse, faria alguém pagar pela humilhação que estava passando.

Muito mais tarde, com as roupas ensopadas, os braços doloridos e um profundo ressentimento queimando seu coração, voltou ao dormitório às escondidas. Ele chegou tarde demais para o jantar, mas não se importou. Estava sofrendo demais para comer.



— Leve-o para dar uma volta — Halt sugeriu.

Will olhou para o pônei desgrenhado que o observava com um olhar inteligente.

— Vamos, garoto — ele chamou, puxando o cabresto.

No mesmo instante, Puxão firmou as pernas dianteiras e recusou-se a se mexer. Will puxou a corda com mais força e tentou de tudo para fazer o pequeno pônei teimoso se mover.

O Velho Bob se torcia de tanto rir.

— Ele é mais forte do que você!

Envergonhado, Will sentiu as bochechas ficarem quentes. Ele puxou com mais força. Puxão agitou as orelhas e resistiu. Era como tentar puxar uma casa.

— Não olhe para ele — Halt ensinou com suavidade. — Apenas pegue a corda e se afaste. Ele vai acompanhar você.

Will tentou desse jeito. Virou as costas para Puxão, segurou a corda com firmeza nas mãos e começou a andar. O pônei trotou docilmente atrás dele. Will olhou para

Halt e sorriu. O vigilante fez um gesto de cabeça na direção do portão na outra extremidade do cercado. Will olhou para lá e viu uma pequena sela colocada sobre a cerca.

— Ponha os arreios nele — o vigilante mandou.

Puxão trotou para a cerca com facilidade. Will prendeu as rédeas na cerca, colocou a sela nas costas do pônei e se abaixou para apertar as tiras da barrigueira.

— Puxe com bastante força — o Velho Bob aconselhou.

Finalmente, a sela estava firme no lugar, e Will olhou ansiosamente para Halt.

— Posso montar nele agora?

O vigilante acariciou a barba irregular com um ar pensativo antes de responder.

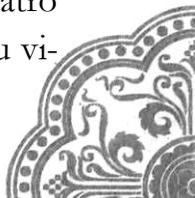
— Se você acha que é uma boa idéia, vá em frente — ele disse finalmente.

Will hesitou por um momento. A frase despertou uma lembrança vaga dentro dele, mas a ansiedade superou a cautela. Ele colocou um pé no estribo e jogou o corpo com agilidade nas costas do animal. Puxão não se mexeu.

— Vamos! — Will ordenou, batendo os calcanhares na lateral do pônei.

Por um momento, nada aconteceu. Então Will sentiu um leve movimento estremecer o corpo do pônei.

De repente, Puxão arqueou as costas pequenas e musculosas e deu um salto no ar, fazendo que as quatro patas deixassem o chão ao mesmo tempo. Ele se virou vi-



olentemente para um lado, pousou nas patas dianteiras e chutou as traseiras na direção do céu. Will foi parar em cima das orelhas do pônei, deu uma cambalhota no ar e caiu de costas na terra. Ele se levantou, esfregando as costas.

Puxão ficou parado perto dele de orelhas empinadas, observando-o com atenção.

“Por que você foi fazer uma coisa boba como essa?”, ele parecia perguntar.

O Velho Bob se recostou na cerca, sacudindo-se de riso. Will olhou para Halt.

— O que eu fiz de errado?

Halt passou por baixo da cerca e foi até onde Puxão estava parado olhando para os dois, esperando para ver o que ia acontecer. Ele devolveu as rédeas para Will e pousou uma das mãos em seu ombro.

— Nada, se esse fosse um cavalo comum — ele respondeu. — Mas Puxão foi treinado especialmente para os arqueiros.

— Qual é a diferença? — Will interrompeu zangado, e Halt levantou a mão pedindo silêncio.

— A diferença é que se deve pedir permissão a todos os cavalos dos arqueiros antes de montar nele pela primeira vez — Halt explicou. Eles são treinados desse jeito para que nunca possam ser roubados.

— Nunca ouvi falar de uma coisa dessas — Will disse, coçando a cabeça.

— Poucas pessoas ouviram — ele disse, sorrindo ao se aproximar. — É por isso que os cavalos dos arqueiros nunca são roubados.

— Bom — disse Will — o que se deve dizer ao cavalo de um arqueiro antes de montar nele?

Halt deu de ombros.

— Isso varia de um cavalo para outro. Cada um reage a um pedido diferente — ele fez um gesto na direção do cavalo maior. — O meu, por exemplo, reage às palavras *permettez-moi*.

— *Permettez-moi*? — Will repetiu. — Que palavras são essas?

— Isso é galês e quer dizer: “Você me dá permissão?” É que os pais dele vieram da Gália, entende? — Halt explicou e então se virou para o Velho Bob. — Quais são as palavras para o Puxão, Bob?

Bob fechou os olhos, fingindo que não conseguia lembrar, e então seu rosto se iluminou.

— Ah, sim, eu lembro! Para esse aqui a gente tem que perguntar: “Tudo bem?”

— Tudo bem? — Will repetiu, e Bob sacudiu a cabeça.

— Não é para mim que deve dizer isso, jovem! Fale isso no ouvido do cavalo!

Sentindo-se um pouco idiota e sem ter certeza de que os outros não estavam se divertindo às suas custas, Will se aproximou e disse suavemente no ouvido de Puxão:

— Tudo bem?

Puxão relinchou levemente. Will olhou desconfiado para os dois homens, e Bob acenou, encorajando-o.

— Vamos! Suba agora! O jovem Puxão não vai mais lhe fazer mal!

Com muito cuidado, Will subiu no lombo desgredado do pônei outra vez. Suas costas ainda doíam da tentativa anterior. Ele ficou ali por um momento e nada aconteceu. Então, bateu nas costelas de Puxão com os calcanhares delicadamente.

— Vamos lá, garoto — disse baixinho.

As orelhas de Puxão se levantaram e ele deu um passo à frente devagar.

Ainda com cuidado, Will deixou que ele andasse ao redor do cercado uma ou duas vezes e então deu mais uma batidinha com os calcanhares. Puxão começou a trotar levemente. Will se movia com facilidade ao ritmo do trote do cavalo, e Halt observava tudo com olhar de aprovação. O garoto era um cavaleiro nato.

O arqueiro soltou a corda que fechava o cercado e abriu o portão.

— Leve ele para fora, Will — mandou —, e veja o que ele realmente sabe fazer!

Obediente, Will dirigiu o pônei na direção do portão e, quando passaram por ele rumo ao campo aberto, bateu mais uma vez nas costelas do animal com os calcanhares. Ele sentiu o pequeno corpo musculoso do animal

se encolher um pouco, e então Puxão disparou num galope rápido.

O vento zunia nos ouvidos de Will quando ele se inclinou para a frente sobre o pescoço do pônei, estimulando-o a correr ainda mais. Como resposta, as orelhas de Puxão se empinaram e ele andou ainda mais depressa do que antes.

Ia rápido como o vento. Suas pernas curtas se misturavam à paisagem enquanto ele levava o garoto a toda velocidade pela beira das árvores. Com delicadeza, sem ter certeza de como o pônei iria reagir, Will fez um pouco de pressão na rédea esquerda.

No mesmo instante, Puxão virou para a esquerda, afastando-se das árvores em diagonal. Will continuou exercendo uma leve pressão na rédea até que Puxão foi outra vez levado na direção do cercado. O garoto abafou um grito de surpresa quando viu a distancia que tinham percorrido. Halt e Velho Bob eram figuras minúsculas ao longe, mas cresciam rapidamente enquanto Puxão voava sobre a grama áspera para perto deles.

Um tronco caído apareceu no meio do caminho e, antes que Will pudesse fazer qualquer coisa para contorná-lo, Puxão se preparou, firmou as patas e saltou sobre o obstáculo. Will soltou um grito de entusiasmo, e o pônei relinchou levemente em resposta.

Eles já estavam quase de volta ao cercado quando Will puxou delicadamente as duas rédeas. No mesmo instante, Puxão diminuiu o passo para meio galope, depois

para um trote e finalmente passou a andar, enquanto Will continuava a segurar as rédeas. Ele fez que o pônei paras-se ao lado de Halt. Puxão agitou a cabeça desgrenhada e relinchou outra vez. Will se inclinou e acariciou o pescoço do animal.

— Ele é fantástico! — disse sem fôlego. — É tão rápido quanto o vento!

— Talvez não tão rápido, mas certamente sabe correr — Halt disse sério. — Você fez um bom trabalho com ele, Bob — elogiou, virando-se para o velho.

O Velho Bob curvou a cabeça num sinal de agradecimento e se inclinou para também afagar o pônei desgrenhado. Ele tinha passado a vida criando, treinando e preparando cavalos para o Corpo de Arqueiros, e esse estava entre os melhores que já tinha visto.

— Ele consegue manter esse ritmo o dia todo — garantiu orgulhoso. — Põe qualquer cavalo de batalha no chinelo. O rapaz até que cavalga bem, não é, arqueiro?

— Não foi tão mal — Halt concordou, coçando a cabeça e escandalizando Bob.

— Não foi tão mal? Você é um homem muito duro, arqueiro! O garoto parecia leve como uma pena naquele salto! — o velho olhou para Will, sentado de lado no pônei, e fez um gesto de apreciação. — E também sabe usar as rédeas, ao contrário de muitos. Ele sabe lidar com o animal.

Will sorriu ao ouvir o elogio do velho treinador de cavalos. Arriscou uma olhada para Halt, mas o arqueiro estava sério como sempre.

“Ele nunca sorri”, Will pensou. Começou a desmontar, mas parou de repente.

— Tem alguma coisa que eu devo dizer a ele antes de descer?

— Não, garoto — Bob garantiu rindo. — Basta a primeira vez, e Puxão vai lembrar, contanto que seja você a montar nele.

Aliviado, Will desmontou e ficou ao lado do pônei, que o empurrava com a cabeça carinhosamente. Will olhou para a tina de maçãs.

— Posso dar outra para ele?

— Só mais uma — Halt respondeu. — Mas não faça disso um hábito. Ele vai ficar gordo demais para correr se você lhe der comida o tempo todo.

Puxão resfolegou alto. Aparentemente, ele e Halt discordavam quanto à quantidade de maçãs que um pônei devia ganhar todos os dias.

Will passou o resto do dia recebendo dicas do Velho Bob sobre como montar e aprendendo a cuidar da sela e a consertar os arreios de Puxão. Também ficou sabendo de todos os detalhes de como cuidar do pequeno cavalo.

Ele escovou e tratou o pêlo desgrenhado até deixá-lo brilhando, e Puxão pareceu gostar dos cuidados. Finalmente, cansado, com os braços doloridos do esforço,

ele se deixou cair num monte de feno. Este, é claro, tinha que ser o exato momento em que Halt entrou no estábulo.

— Venha — ele disse. — Não temos tempo para ficar por aí à toa. É melhor irmos andando se quisermos chegar em casa antes de escurecer.

E, ao dizer isso, ele jogou uma sela nas costas de seu cavalo. Will não se preocupou em reclamar e dizer que não tinha ficado “à toa”, como o arqueiro tinha dito. Para começar, sabia que não ia adiantar. E, em segundo lugar, estava animado com a idéia de voltar a cavalo para a pequena cabana de Halt na beira da floresta. Parecia que os dois cavalos passariam a ser parte permanente do local. Will tinha chegado à conclusão de que o animal de Halt já vivia lá e que o arqueiro só estava esperando que o garoto mostrasse habilidade para cavalgar para então lhe entregar Puxão e poder levar também seu cavalo de volta para casa.

Os cavalos relinchavam um para o outro de tempos em tempos enquanto trotavam de volta na floresta escura e verde. Era como se estivessem participando de uma conversa só deles. Will estava explodindo de curiosidade e tinha mil perguntas a fazer, mas ainda não se sentia à vontade para tagarelar demais na presença do arqueiro.

Finalmente, não conseguiu mais se conter.

— Halt? — ele começou com cautela.

O arqueiro grunhiu. Will entendeu isso como um sinal de que podia continuar a falar.

— Qual é o nome do seu cavalo?

Halt olhou para ele. O seu animal era um pouco maior do que Puxão, mas não chegava perto dos gigantes cavalos de batalha que havia no estábulo do barão.

— Acho que é Abelard — ele contou.

— Abelard? — Will repetiu. — Que raio de nome é esse?

— É gálico — o arqueiro explicou, obviamente pondo fim na conversa.

Eles cavalgaram alguns quilômetros em silêncio. O sol já estava descendo sobre as árvores, e suas sombras estavam compridas e distorcidas no chão. Will observou a sombra de Puxão. O pônei parecia ter pernas extremamente compridas e um corpo ridiculamente curto. Ele queria chamar a atenção de Halt para o fato, mas imaginou que um comentário bobo como aquele não iria impressionar o arqueiro. Em vez disso, reuniu coragem para fazer outra pergunta que tinha ocupado seus pensamentos durante alguns dias.

— Halt? — ele disse outra vez.

O arqueiro soltou um leve suspiro.

— O que é agora?

Seu tom definitivamente não encorajava o início de uma conversa, mas Will insistiu.

— Você lembra que me contou que um arqueiro foi responsável pela derrota de Morgarath?

— Hum — Halt grunhiu.

— Bom, eu estava só pensando... Qual era o nome do arqueiro? — o garoto quis saber.

— Nomes não são importantes — Halt disse. — E eu não lembro.

— Foi você? — Will continuou, certo de que o arqueiro sabia a resposta.

Halt jogou o seu olhar tranquilo e sério sobre ele.

— Já disse, nomes não são importantes.

Houve um silêncio entre eles por alguns segundos e então o arqueiro disse:

— Você sabe o que é importante?

Will sacudiu a cabeça.

— O jantar é importante! E nós vamos nos atrasar para o jantar se não correremos.

Ele bateu os calcanhares na barriga de Abelard e o cavalo disparou para a frente como uma flecha, deixando Will e Puxão bem para trás em questão de segundos.

Will bateu nos lados do pônei com os calcanhares e o pequeno animal saiu correndo em perseguição a seu amigo maior.

— Vamos, Puxão! — Will estimulou. — Vamos mostrar a eles como corre o verdadeiro cavalo de um arqueiro!



15

Will conduziu Puxão lentamente pela lotada feira que tinha sido montada fora dos muros do castelo. Todos os habitantes da vila e do castelo pareciam estar lá, e ele tinha que cavalgar com cuidado para que Puxão não pisasse no pé das pessoas.

Era o Dia da Colheita, ocasião em que toda a safra era reunida e armazenada para os meses de inverno que viriam. Depois de um mês difícil de colheita, tradicionalmente o barão dava esse feriado ao povo. Todos os anos, nessa época, a feira itinerante vinha para o castelo e armava barracas e tendas. Havia engolidores de fogo e malabaristas, cantores e contadores de histórias. Havia barracas em que se podia tentar ganhar prêmios jogando bolas macias de couro em pirâmides feitas de pedaços de madeira ou jogando argolas em cubos. Às vezes, Will tinha a impressão que os cubos eram um pouquinho maiores do que as argolas e, para falar a verdade, ele nunca tinha visto ninguém ganhar nenhum prêmio. Mas as brincadeiras eram muito divertidas, e o barão pagava tudo do próprio bolso.



Naquele momento, porém, Will não estava preocupado com a feira e suas atrações. Ele teria tempo para elas mais tarde naquele dia. Agora, estava a caminho de se encontrar com seus antigos colegas protegidos.

Segundo a tradição, todos os mestres de ofício davam folga aos seus aprendizes no Dia da Colheita, mesmo que não tivessem participado da colheita em si. Will tinha se perguntado durante semanas se Halt estaria ou não de acordo com a prática. O arqueiro parecia não dar importância às tradições e tinha seu jeito de fazer as coisas. Mas, duas noites antes, sua ansiedade tinha sido tranquilizada. Halt tinha dito, de mau humor, que o garoto podia tirar uma folga, mesmo que provavelmente fosse esquecer tudo o que tinha aprendido nos últimos três meses.

Aqueles três meses tinham sido uma época de treino constante com o arco e as facas que Halt lhe tinha dado. Três meses rastejando pelos campos fora do castelo, movendo-se entre um minguado esconderijo e outro, tentando se movimentar sem que os olhos de águia de Halt o vissem. Três meses cavalgando e cuidando de Puxão, formando um elo especial de amizade com o pequeno pônei.

“Essa foi a melhor parte de todas”, ele pensou. Agora, estava pronto para o feriado e para se divertir um pouco. Mesmo o pensamento de que Horace estaria lá, não diminuía seu prazer. Talvez alguns meses de treinamento na Escola de Guerra tivessem mudado um pouco os modos agressivos do garoto.

Jenny tinha arranjado o encontro para o feriado, encorajando os outros a se juntar a ela com a promessa de uma fornada de tortas de carne que traria da cozinha. Ela já era uma das melhores alunas de mestre Chubb, e ele alardeava a habilidade dela para quem quisesse ouvir — dando bastante ênfase ao papel essencial que seu treinamento tinha desempenhado no aprendizado, é claro.

O estômago de Will roncou com prazer ao pensar nas tortas. Ele estava morrendo de fome, já que não tinha tomado café de propósito para deixar lugar para elas. As tortas de Jenny já eram famosas no Castelo Redmont.

Ele tinha chegado cedo ao ponto de encontro, desmontando de Puxão e o levando para a sombra de uma macieira. O pequeno pônei levantou a cabeça e olhou desejosamente para as maçãs nos galhos, totalmente fora de seu alcance. Will sorriu para ele, subiu na árvore depressa, apanhou uma fruta e a deu ao animal.

— Só vai ganhar uma — ele disse. — Você sabe o que Halt acha de comer demais.

Puxão balançou a cabeça impaciente. Esse ainda era um ponto de divergência entre ele e o arqueiro. Will olhou ao redor. Não havia sinal dos outros, então ele se sentou à sombra da árvore e se recostou no tronco nodoso para esperar.

— Ora, é o jovem Will, não é mesmo? — perguntou uma voz grave logo atrás dele.

Will se levantou rapidamente e tocou a testa num cumprimento educado. Era o barão Arald, sentado no seu

gigantesco cavalo de batalha e acompanhado por vários de seus principais cavaleiros.

— Sim, senhor — Will respondeu nervoso. Ele não estava acostumado a ver o barão lhe dirigir a palavra. — Um bom Dia da Colheita para o senhor.

O barão fez um gesto de cabeça e se inclinou para a frente, apoiado confortavelmente na sela. Will teve que levantar a cabeça para olhar para ele.

— Devo dizer, meu jovem, que você parece fazer parte da paisagem — o barão comentou. — Quase não o vi com essa capa cinza de arqueiro. Halt já lhe ensinou todos os seus truques?

Will olhou para a capa cinza e verde que estava usando. Halt a tinha dado algumas semanas atrás e tinha lhe mostrado como essa combinação de cores disfarçava a silhueta de quem a usava e o ajudava a se misturar à paisagem. Aquela era uma das razões pelas quais os arqueiros podiam se deslocar sem serem vistos com tanta facilidade.

— É a capa, senhor — Will afirmou. — Halt a chama de camuflagem.

O barão assentiu, pois certamente já conhecia o termo, que ainda era um conceito novo para Will.

— Só não a use para roubar mais bolos — ele disse com uma severidade fingida, e Will sacudiu a cabeça depressa.

— Ah, não, senhor! Halt me disse que, se eu fizer outra coisa desse tipo, vai dar umas palmadas no meu traseiro... — ele parou envergonhado, pois não sabia se “trasei-

ro” era uma palavra que se podia dizer na presença de alguém tão importante como o barão.

O barão assentiu novamente, tentando não deixar que um sorriso largo aparecesse em seu rosto.

— Tenho certeza que sim. E como você está se dando com ele, Will? Está gostando de aprender a ser um arqueiro?

Will ficou quieto. Para falar a verdade, não tinha tido tempo para pensar se estava gostando ou não. Passava os dias muito ocupado aprendendo novas habilidades, treinando com o arco e as facas e trabalhando com Puxão. Aquela era a primeira vez em três meses que tinha alguns instantes para realmente pensar no assunto.

— Acho que sim — ele disse hesitante. — É que... — a voz dele desapareceu, e o barão o olhou com atenção.

— É que...? — ele insistiu.

Will mudou de posição, desejando que sua boca não continuasse a colocá-lo sempre nessas situações por falar demais. As palavras acabavam surgindo antes que ele tivesse tempo de pensar se queria dizê-las ou não.

— É que... Halt nunca sorri — continuou pouco à vontade. — Ele está sempre tão sério.

Ele teve a impressão de que o barão estava escondendo um sorriso.

— Bem, você sabe que ser um arqueiro é um negócio sério — o barão falou. — Tenho certeza de que Halt dá essa impressão a você.

— O tempo todo — Will disse arrependido e, desta vez, o barão não conseguiu deixar de sorrir.

— É só prestar atenção ao que ele diz, jovem. Você está aprendendo um trabalho muito importante.

— Sim, senhor. — Will ficou um pouco surpreso por perceber que concordava com o barão.

Arald estendeu a mão para apanhar as rédeas. Seguindo um impulso, antes que os nobres se afastassem, Will deu um passo à frente.

— Desculpe, senhor — ele disse hesitante, e o barão se virou para olhá-lo.

— Sim, Will?

Will mexeu os pés de novo e continuou.

— Senhor, lembra-se de quando seus exércitos lutaram contra Morgarath?

O rosto alegre do barão Arald foi tomado por um ar pensativo.

— Não vou esquecer isso tão depressa, garoto. Por que quer saber?

— Senhor, Halt me disse que foi um arqueiro que mostrou à cavalaria o caminho secreto através de Slip-sunder para que ela pudesse atacar o inimigo pelas costas...

— Isso é verdade — Arald confirmou.

— Eu tenho me perguntado, senhor, qual era o nome do arqueiro — Will terminou, sentindo-se corar com sua ousadia.

— Halt não lhe contou? — o barão perguntou. Will deu de ombros.

— Ele disse que nomes não são importantes. Disse que o jantar era importante, mas nomes, não.

— Mas você acha nomes importantes, apesar do que o seu mestre lhe disse? — o barão retrucou, parecendo franzir o cenho novamente.

Will engoliu em seco e prosseguiu.

— Acho que foi o próprio Halt, senhor. E me perguntei por que ele não foi condecorado ou homenageado por sua habilidade.

O barão pensou por um momento e então tornou a falar.

— Bem, você está certo, Will — ele confirmou. — Foi Halt. E eu quis homenageá-lo, mas ele não permitiu. Ele disse que arqueiros não recebem esse tipo de homenagem.

— Mas... — Will começou num tom perplexo, mas a mão erguida do barão o impediu de falar mais.

— Vocês, arqueiros, têm costumes próprios, Will, como tenho certeza de que está aprendendo. Às vezes, outras pessoas não os compreendem. Apenas escute o que Halt diz e faça o que ele faz, e estou certo de que você vai ter uma vida honrosa.

— Sim, senhor.

Will fez outra saudação quando o barão bateu as rédeas levemente no pescoço do cavalo e o fez virar em direção ao galpão da feira.

— Agora, chega de conversa. Não podemos tagarelar o dia inteiro. Vou jogar. Talvez este ano eu consiga acertar uma argola num daqueles benditos cubos.

O barão começou a se afastar, mas então pareceu lembrar-se de algo e parou por um segundo.

— Will — ele chamou.

— Sim, senhor?

— Não conte a Halt que eu lhe disse que ele conduziu a cavalaria. Não quero que ele fique zangado comigo.

— Sim, senhor — Will concordou com um sorriso.

Quando o barão se afastou, ele voltou a se sentar para esperar pelos amigos.



Jenny, Alyss e George chegaram logo depois. Como tinha prometido, Jenny trouxe uma porção de tortas frescas embrulhadas num tecido vermelho. Ela as colocou cuidadosamente no chão debaixo da macieira enquanto os amigos se reuniam à sua volta. Até Alyss, normalmente equilibrada e séria, parecia ansiosa para pôr as mãos numa das obras-primas de Jenny.

— Vamos! — George disse. — Estou morrendo de fome.

— Devemos esperar o Horace — Jenny retrucou, balançando a cabeça, olhando à sua volta a procurar pelo colega, mas sem o ver no meio da multidão.

— Ah, vamos lá — George pediu. — Fiquei trabalhando feito um escravo numa petição para o barão a manhã toda!

— Talvez a gente deva ir comendo — Alyss disse, revirando os olhos para o céu. — Senão ele vai começar uma discussão legal e vamos ficar aqui o dia todo. Nós podemos guardar algumas para o Horace.



Will sorriu. Agora, George estava totalmente diferente do garoto tímido e gaguejante do Dia da Escolha. Era evidente que a Escola de Escribas o tinha feito desenvolver-se. Jenny serviu duas tortas para cada um e separou duas para Horace.

Os outros começaram a comer ansiosamente, e logo começou o coro de elogios para as tortas. A reputação de Jenny era merecida.

— Isto não pode ser descrito como uma simples torta, Vossa Excelência — George disse, levantando-se acima deles e estendendo os braços para os lados como se estivesse se dirigindo a um tribunal imaginário. Descrever isto como uma torta seria um grosseiro erro da justiça, do tipo que este tribunal nunca viu antes!

— Há quanto tempo ele está assim? — Will perguntou para Alyss.

— Todos ficam assim depois de alguns meses de prática legal — ela respondeu sorrindo. — Ultimamente, o problema é fazer o George calar a boca.

— Ah, sente-se, George — Jenny ordenou, corando com o elogio, mas muito satisfeita. — Você é mesmo um bobo.

— Talvez, cara senhorita. Mas foi a simples magia destas obras de arte que revirou o meu cérebro. Elas não são tortas, elas são sinfonias! — ele levantou o que restava de sua torta para os outros, fingindo fazer um brinde. — Eu lhe dou... a sinfonia de tortas da srta. Jenny!

Alyss e Will, rindo um para o outro e para George, levantaram suas tortas em resposta e repetiram o brinde. Então, os quatro aprendizes explodiram numa gargalhada.

Era uma pena que Horace tivesse escolhido exatamente aquele momento para chegar. Ele se sentia mal em sua nova situação. O trabalho era duro e incessante, e a disciplina, firme. Naturalmente, tinha esperado que, em circunstâncias normais, pudesse cuidar de tudo. Mas ser o alvo do rancor de Bryn, Alda e Jerome estava tornando a sua vida um pesadelo — literalmente. Os três cadetes do 2º ano o levantavam da cama a qualquer hora da noite e o arrastavam para fora para realizar as tarefas mais humilhantes e exaustivas.

A falta de sono e a preocupação de nunca saber quando eles poderiam aparecer para atormentá-lo ainda mais estava fazendo que ele se prejudicasse nos trabalhos da classe. Seus colegas de quarto, ao perceber que, se mostrassem qualquer solidariedade para com ele, também poderiam se tornar alvos, o deixavam de lado, e assim ele se sentia totalmente sozinho em seu sofrimento. A única coisa que sempre quis estava se transformando em cinzas rapidamente. Ele detestava a Escola de Guerra, mas não via uma saída para essa situação difícil sem ficar ainda mais constrangido e humilhado.

Agora, no único dia em que poderia escapar das restrições e das tensões da Escola de Guerra, chegou e encontrou os antigos colegas já ocupados com seu banquete. Ficou zangado e magoado porque eles não se im-

portaram em esperar por ele. Não tinha idéia de que Jenny havia separado algumas tortas para ele e supôs que ela já as tinha dividido, e isso doeu mais que tudo. De todos os seus antigos colegas protegidos, ela era a pessoa de quem se sentia mais próximo. Jenny sempre estava alegre, simpática, disposta a ouvir os problemas dos outros. Ele percebeu que tinha estado ansioso para vê-la outra vez naquele dia e sentiu que ela o tinha decepcionado.

Estava predisposto a pensar mal dos outros. Alyss sempre pareceu se manter longe dele, como se não fosse bom o suficiente para ela, e Will sempre pregava peças nele para depois sair correndo e subir naquela árvore imensa onde não podia alcançá-lo. Pelo menos era assim que via as coisas, vulnerável como estava no momento. Convenientemente, esqueceu as vezes em que tinha dado uma bofetada na orelha de Will ou uma chave de braço até que o garoto menor se visse obrigado a pedir, aos gritos, que parasse.

Quanto a George, Horace nunca tinha dado muita atenção a ele. O garoto magro era estudioso e dedicado aos seus livros, e Horace sempre o tinha considerado uma pessoa monótona e desinteressante. Agora, estava ali se exibindo enquanto os outros riam e comiam as tortas e não deixavam nada para ele. De repente, Horace odiou todos.

— Bom, isso é muito legal, não é mesmo? — disse com amargura, e todos se viraram para ele com o riso morrendo em seus rostos.

Como não podia deixar de ser, Jenny foi a primeira a se recuperar.

— Horace! Finalmente você chegou! — ela disse.

Ela começou a andar na direção dele, mas o olhar frio no rosto do garoto a fez parar.

— Finalmente? — ele repetiu. — Eu me atraso alguns minutos e, de repente, chego aqui “finalmente”? E tarde demais, porque vocês já devoraram todas as tortas.

Aquilo não era nada justo para com a pobre Jenny. Como a maioria dos cozinheiros, depois de preparar uma refeição, ela tinha pouco interesse em comer. Seu verdadeiro prazer era ver os outros apreciarem os resultados de seu trabalho. E ouvir os elogios. Consequentemente, não tinha comido nenhuma de suas tortas. Ela então se virou para as duas que tinha coberto com um guardanapo e guardado para ele.

— Não, não — ela disse depressa. — Ainda sobram algumas! Veja.

Mas a raiva de Horace não deixou que ele agisse ou falasse racionalmente.

— Bem — ele disse com a voz cheia de sarcasmo —, talvez eu deva voltar mais tarde para que vocês tenham tempo de acabar com elas também.

— Horace!

Lágrimas surgiram nos olhos de Jenny. Ela não tinha idéia do que estava errado com o amigo. Tudo o que sabia era que o plano para uma reunião agradável com os antigos colegas do castelo estava caindo por terra.

George deu um passo à frente e observou Horace com curiosidade. O garoto alto e magro inclinou a cabeça para o lado a fim de analisar o aprendiz de guerreiro mais de perto, como se fosse uma peça em exibição ou uma prova num tribunal de justiça.

— Não há motivo para ser tão desagradável — ele disse com sensatez.

Mas Horace não queria ouvir conselhos sensatos. Zangado, ele empurrou o outro garoto para o lado.

— Fique longe de mim — ele disse. — E veja bem como fala com um guerreiro!

— Você ainda não é um guerreiro — Will zombou. — Ainda é só um aprendiz como todos nós.

Jenny fez um pequeno gesto com as mãos, pedindo para Will esquecer o assunto. Horace, que estava se servindo das tortas restantes, olhou para cima devagar. Ele mediu Will dos pés à cabeça por alguns segundos.

— Ahá! Então o aprendiz espião está com a gente hoje!

Ele olhou para ver se os outros estavam rindo de sua piada. Não estavam, e isso só serviu para deixá-lo mais desagradável.

— Acho que Halt está ensinando você a andar escondido por aí, espiando todo mundo, não é?

Horace deu um passo à frente sem esperar resposta e, sarcástico, cutucou a capa manchada de Will com o dedo.

— O que é isso? Você não tinha bastante tinta para que ela ficasse só de uma cor?

— É uma capa de arqueiro — Will informou com calma, controlando a raiva que estava crescendo dentro dele.

Horace resfolegou zombeteiro, enfiando metade de uma torta na boca e espalhando migalhas para os lados.

— Não seja tão desagradável — George pediu.

Com o rosto vermelho, Horace se virou para o aprendiz de escriba.

— Veja como fala, garoto! — ele disparou. — Você sabe que está falando com um guerreiro!

— Um aprendiz de guerreiro — Will repetiu com firmeza, dando ênfase à palavra “aprendiz”.

Horace ficou mais vermelho e olhou zangado para os dois. Will ficou tenso, sentindo que o garoto maior estava pronto para atacar. Mas havia alguma coisa no olhar de Will e na sua atitude determinada que fez Horace pensar duas vezes. Ele nunca tinha visto aquele olhar de desafio antes. No passado, sempre tinha visto medo quando ameaçava Will. Essa confiança recém-encontrada o perturbou um pouco.

Em vez disso, ele se voltou para George e lhe deu um forte empurrão no peito.

— E isso? Acha desagradável também? — ele disse quando o garoto magro e alto cambaleou para trás.

Os braços de George giraram no ar quando ele tentou evitar uma queda. Acidentalmente, deu um soco

rápido na lateral de Puxão. O pequeno pônei, que pastava tranquilamente, empinou-se de repente.

— Quietos, Puxão — Will ordenou, e o cavalo se acalmou imediatamente.

Foi então que Horace o notou pela primeira vez. Ele se aproximou e observou o pônei desganhado com mais atenção.

— O que é isso? — perguntou zombeteiro. — Alguém trouxe um cachorro grande e feio para a festa?

— Ele é o meu cavalo — Will disse com calma, fechando os punhos.

Ele podia suportar as zombarias de Horace, mas não ia aguentar ver seu cavalo ser insultado.

Horace soltou uma forte gargalhada.

— Um cavalo? Isso não é um cavalo! Na Escola de Guerra montamos cavalos de verdade! Não cachorros despenteados! Também acho que ele precisa de um bom banho!

Horace franziu o nariz e fingiu cheirar o pônei.

O animal olhou de lado para Will. “Quem é esse cara irritante?”, seus olhos pareciam dizer. Então Will, escondendo com cuidado o sorriso malvado que estava tentando aparecer em seu rosto, disse como quem não quer nada:

— Ele é um cavalo de arqueiro. Somente um arqueiro pode montar nele.

— Minha avó poderia montar esse cachorro desganhado! — Horace retrucou rindo.

— Talvez ela pudesse, mas duvido que você possa — Will respondeu.

Antes mesmo de terminar o desafio, Horace estava desamarrando as rédeas. Puxão olhou para Will, e o garoto quase jurou que o cavalo assentiu de leve com a cabeça.

Horace pulou facilmente nas costas de Puxão. O pônei ficou parado.

— Muito fácil — Horace exultou. Em seguida, enterrou os calcanhares nos lados de Puxão. — Vamos, cachorrinho! Vamos dar uma corrida.

Will viu o conhecido retesar dos músculos das pernas e do corpo de Puxão. Então, o pônei saltou no ar com as quatro patas, virou-se violentamente, desceu nas patas dianteiras e jogou as traseiras no ar.

Horace voou como um pássaro durante vários segundos e caiu estirado de costas na poeira. George e Alyss assistiram a tudo deliciados. O encenqueiro ficou deitado por uns segundos, espantado e tonto. Jenny se levantou para ver se ele estava bem, mas então, com uma expressão dura no rosto, parou. Ele tinha pedido aquilo.

Havia então uma chance, apenas uma chance, de que todo o incidente terminasse ali. Mas Will não resistiu à tentação de fazer um último comentário.

— Por que você não pergunta à sua avó se ela pode ensinar você a montar? — perguntou sério.

George e Alyss conseguiram esconder o sorriso mas, infelizmente, foi Jenny quem não conseguiu parar o risinho que escapou de sua boca.

Num instante, Horace se levantou com uma expressão furiosa. Ele olhou à sua volta, viu um galho caído da macieira e o agarrou, sacudindo-o sobre a cabeça enquanto corria na direção de Puxão.

— Você vai ver, cavalo maldito! — ele gritou furioso, agitando o pau na direção do animal com selvageria.

O pônei dançou para o lado, para fora do alcance do braço de Horace. Antes que o rapaz pudesse atacar outra vez, Will estava em cima dele.

Aterrissou nas costas de Horace, e seu peso e a força do salto jogaram os dois no chão. Rolaram na terra atacadados, cada qual tentando vencer o outro. Puxão, assustado ao ver o dono em perigo, relinchou nervosamente e se empinou.

Um dos braços livres que Horace agitava loucamente conseguiu desferir um soco na orelha de Will. Este, por sua vez, conseguiu libertar o braço direito e deu um soco forte no nariz de Horace.

O sangue escorria do rosto do garoto maior. Os braços de Will estavam fortes e musculosos depois de três meses de treinamento com Halt, mas Horace também tinha aulas numa escola exigente. Ele atingiu o estômago de Will com o punho, e este abriu a boca como se estivesse sufocando.

Horace se levantou com dificuldade, mas Will, num movimento que Hall tinha lhe mostrado, girou as pernas formando um arco, atingiu as pernas de Horace e o fez cair outra vez.

“Sempre ataque primeiro”, Halt tinha metido em sua cabeça nas horas em que passaram praticando combate desarmado. Quando Horace desabou no chão outra vez, Will mergulhou sobre ele e tentou prender seus braços atrás dos joelhos.

Então Will sentiu uma mão de ferro na parte de trás de seu colarinho. Ele foi levantado no ar como um peixe no anzol, debatendo-se e protestando.

— O que está acontecendo aqui, seus dois desordeiros? — perguntou a voz alta e zangada em seu ouvido.

Will se virou e percebeu que estava sendo segurado por sir Rodney, o mestre de guerra. E o grande guerreiro parecia muito zangado. Horace se levantou com dificuldade e ficou em posição de sentido. Sir Rodney soltou o colarinho de Will. O aprendiz de arqueiro caiu no chão como um saco de batatas e logo ficou em posição de sentido também.

— Dois aprendizes brigando feito desordeiros e estragando o feriado — sir Rodney disse zangado. — E, para piorar as coisas, um deles é meu aprendiz!

Will e Horace estavam de olhos baixos, incapazes de encarar o rosto furioso do mestre de guerra.

— Muito bem, Horace, o que está acontecendo aqui?

Horace se remexeu inquieto e ficou vermelho. Ele não respondeu. Sir Rodney olhou para Will.

— Certo, então você, garoto dos arqueiros! O que foi tudo isso?

— Só uma briga, senhor — Will murmurou depois de hesitar um pouco.

— Isso eu estou vendo! — o mestre de guerra berrou. — Não sou idiota, sabia?

Ele fez uma pausa e esperou para ver se um dos garotos tinha mais alguma coisa a acrescentar. Os dois ficaram em silêncio. Sir Rodney suspirou exasperado. Garotos! Se eles não estavam debaixo da sua vista, brigavam! E, se não estavam brigando, estavam roubando ou quebrando alguma coisa.

— Muito bem — ele disse finalmente. — A briga acabou. Agora, apertem as mãos e esqueçam o assunto.

Ele fez uma pausa e, como nenhum dos meninos tomou a iniciativa, rugiu com sua voz retumbante:

— Façam o que mandei!

Estimulados a tomar uma atitude, porém relutantes, Will e Horace apertaram as mãos. Mas, assim que Will olhou nos olhos do colega, viu que a questão estava longe de ser resolvida.

“Nós vamos terminar isso outra hora”, dizia o olhar zangado de Horace.

“Quando você quiser”, os olhos do aprendiz de arqueiro responderam.



A primeira neve do ano formava uma camada grossa no chão quando Will e Halt cavalgaram lentamente para casa vindos da floresta.

Seis semanas tinham se passado desde o confronto do Dia da Colheita e a situação com Horace continuava sem solução. Houve poucas oportunidades para que os dois garotos recomeçassem a discussão, visto que seus respectivos mestres os mantinham ocupados e seus caminhos raramente se cruzavam.

Will tinha visto o aprendiz de guerreiro ocasionalmente, mas sempre de longe. Eles não tinham se falado, nem mesmo tido a oportunidade de perceber a presença um do outro. Mas Will sabia que o sentimento hostil ainda estava lá e algum dia viria à tona.

Estranhamente, essa possibilidade não o perturbava como teria feito alguns meses antes. Não que esperasse ansiosamente pela continuação da luta com Horace, mas sentiu que podia encarar a idéia com uma certa tranquilidade. Ele sentia uma grande satisfação quando se lembrava do soco forte e sólido que tinha dado no nariz de Ho-



race. Também se dava conta, com uma leve surpresa, de que a lembrança do incidente se tornava mais agradável pelo fato de que tinha acontecido na presença de Jenny e — era ali que estava a surpresa — Alyss. Mesmo que o acontecimento não tivesse produzido resultados concretos, ele ainda encerrava muitos fatos que faziam Will pensar.

Mas ele se deu conta de que não podia fazê-lo naquele momento, pois o tom de voz zangado de Halt o arrastou de volta ao presente.

— Será que podemos continuar procurando pegadas ou você tem alguma coisa mais importante para fazer?

No mesmo instante, Will se virou, tentando enxergar o que Halt tinha mostrado. Enquanto cavalgavam pela neve firme e branca, e os cascos dos cavalos faziam apenas leves ruídos, Halt tinha mostrado alterações na cobertura clara e regular. Eram pegadas deixadas por animais, e era tarefa de Will identificá-las. Ele tinha bons olhos e uma boa cabeça para o trabalho. Normalmente, gostava dessas lições de caça, mas agora sua atenção tinha se desviado e ele não tinha idéia de para onde deveria olhar.

— Ali — Halt disse como quem não esperava ter que repetir a indicação.

Will ficou em pé nos estribos para ver as marcas na neve com mais clareza.

— Coelho — ele disse prontamente, e Halt olhou de lado.

— Coelho? — repetiu, e Will olhou novamente, corrigindo-se quase de imediato.

— Coelhos — disse, dando ênfase ao plural, pois Halt insistia em ser preciso.

— Isso mesmo — Halt murmurou. — Afinal, se as pegadas fossem de escandinavos, você precisaria saber quantos eram.

— Acho que sim — Will respondeu com humildade.

— Você acha que sim? — Halt retrucou sarcástico. — Acredite, Will, há uma grande diferença entre saber se há um escandinavo por perto ou uma dúzia.

Will balançou a cabeça num gesto de desculpas. Uma das mudanças que tinha acontecido no relacionamento deles ultimamente era o fato de que Halt quase nunca mais se referia a ele como “garoto”. Naqueles dias, era sempre “Will”. Will gostava disso, pois o fazia sentir que, de certa forma, tinha sido aceito pelo arqueiro com cara de poucos amigos. Ao mesmo tempo, gostaria que Halt sorrisse vez ou outra quando dissesse o nome dele.

Ou mesmo só uma vez.

A voz baixa de Halt o arrancou de seus devaneios.

— Pois bem... coelhos. Isso é tudo?

Will olhou de novo. Era difícil enxergar na neve remexida, mas depois que Halt tinha chamado sua atenção, viu outra série de pegadas.

— Um arminho! — disse triunfante, e Halt assentiu outra vez.

— Um arminho. Mas você deveria saber que havia outra coisa, Will. Olhe como essas pegadas de coelho são fundas. É óbvio que alguma coisa os assustou. Quando você vir um sinal como esse, é uma indicação para procurar mais alguma coisa.

— Entendi — Will disse, mas Halt balançou a cabeça.

— Não. Muitas vezes você não entende porque não se concentra. Você tem que trabalhar nisso.

Will não disse nada. Ele simplesmente aceitou a crítica. Tinha aprendido que Halt não criticava sem motivo e, quando havia um, não havia desculpas que pudessem salvá-lo.

Eles continuaram a cavalgar em silêncio. Will examinava o chão ao redor deles com atenção, procurando mais pegadas e mais sinais de animais. Andaram aproximadamente mais 1 quilômetro e estavam começando a ver alguns dos marcos conhecidos que lhes diziam que estavam perto da cabana quando uma coisa chamou a atenção de Will.

— Olhe! — ele exclamou, apontando para um trecho de neve remexida ao lado da trilha. — O que é isso?

Halt se virou para olhar. As pegadas, se é que eram pegadas, eram diferentes de todas as que Will tinha visto até então. O arqueiro fez seu cavalo se aproximar da beira da trilha e as analisou com atenção.

— Hum — ele murmurou pensativo. — Essa é uma que ainda não lhe mostrei. Não se vêem muitas dessas atualmente, portanto dê uma boa olhada, Will.

O arqueiro desceu da sela com facilidade e, seguido por Will, andou pela neve na altura dos joelhos até as marcas.

— O que é? — o garoto quis saber.

— Porco selvagem — Halt disse apenas. — E dos grandes.

Will olhou em volta nervoso. Ele talvez não soubesse qual era a aparência das pegadas de um porco selvagem na neve, mas tinha ouvido bastante sobre as criaturas para saber que elas eram muito, mas muito perigosas.

Halt percebeu o olhar e fez um gesto tranquilizador com a mão.

— Relaxe — ele disse. — Ele não está por perto.

— Você consegue dizer isso por causa das pegadas? — Will perguntou.

Ele olhou para a neve fascinado. Os sulcos profundos obviamente tinham sido feitos por um animal muito grande e, aparentemente, também muito zangado.

— Não — Halt respondeu com calma. — É por causa dos nossos cavalos. Se um porco selvagem desse tamanho estivesse aqui por perto, esses dois estariam resfolegando, batendo as patas e relinchando tanto que não poderíamos nem ouvir nossos pensamentos.

— Ah — Will retrucou, sentindo-se um pouco bobo.

Ele afrouxou a mão que segurava o arco. Entretanto, apesar das palavras tranquilizadoras do arqueiro, não resistiu e deu só mais uma olhada em volta. Quando fez isso, seu coração começou a bater cada vez mais depressa.

O mato do outro lado da trilha estava se mexendo, mesmo que só levemente. Normalmente, ele teria culpado a brisa pelo movimento, mas o treinamento com Halt tinha melhorado seu raciocínio e seu senso de observação. Naquele momento, não havia brisa nem mesmo a mais leve aragem.

Mas, mesmo assim, os arbustos continuavam a se mexer.

A mão de Will desceu lentamente para a aljava. Muito devagar, para não assustar a criatura nos arbustos, ele pegou uma flecha e a colocou na corda do arco.

— Halt? — ele tentou falar em voz baixa, sem conseguir evitar que ela tremesse um pouco.

Ele se perguntou se seu arco conseguiria parar um porco selvagem furioso. Achava que não.

Halt olhou ao redor e viu a flecha posicionada no arco de Will virada na direção para a qual o garoto estava olhando.

— Espero que você não esteja pensando em atirar no pobre velho fazendeiro que está escondido atrás desses

arbustos — ele disse sério e em voz alta para que chegasse até o grupo compacto de arbusto do outro lado da trilha.

No mesmo instante, houve um movimento nas plantas, e Will escutou uma voz nervosa gritando:

— Não atire, meu bom senhor! Por favor, não atire! Sou só eu!

Os arbustos se abriram quando um homem velho de aparência desgredada e assustada se levantou e correu para a frente. Mas a pressa foi sua desgraça, pois seu pé ficou preso nos galhos dos arbustos e ele caiu estendido na neve. Levantou-se com esforço, desajeitado, as mãos estendidas para mostrar que não estava armado. Ao se aproximar, continuou a falar sem parar, confuso.

— Sou só eu, senhor! Não precisa atirar, senhor! Sou só eu, juro, e não sou perigoso para pessoas como vocês!

Ele correu para o centro da trilha com os olhos presos no arco e na ponta cintilante e afiada da flecha de Will. Lentamente, depois de examinar melhor o intruso, o garoto afrouxou a tensão na corda e abaixou o arco. O velho era extremamente magro. Vestido com um macacão de fazendeiro esfarrapado e sujo, tinha braços e pernas compridos e esquisitos e cotovelos e joelhos nodosos. Sua barba era grisalha e manchada, e ele estava ficando calvo no alto da cabeça.

O homem parou a alguns metros deles e sorriu nervosamente para os dois vultos cobertos pela capa.

— Sou só eu — ele repetiu pela última vez.

Will não conseguiu evitar um sorriso, pois não pôde imaginar nada menos parecido com um porco feroz e selvagem.

— Como você sabia que ele estava ali? — perguntou a Halt em voz baixa, e o arqueiro sacudiu os ombros.

— Eu o vi alguns minutos atrás. Você vai acabar aprendendo a perceber quando alguém o estiver observando e então vai saber procurar a pessoa.

Will balançou a cabeça admirado. O poder de observação de Halt era excepcional. Não era de surpreender que as pessoas no castelo o admirassem tanto.

— Então me diga por que estava se escondendo ali. Quem mandou você nos espiar? — perguntou Halt.

O velho esfregou as mãos nervoso, os olhos passando da expressão séria de Halt para a ponta da flecha, agora abaixada, mas ainda posicionada na corda do arco de Will.

— Espiando, não, senhor! Não, não! Espiando, não! Ouvi vocês se aproximando e pensei que aquele porco selvagem monstruoso estivesse voltando!

— Você pensou que eu era um porco selvagem? —
Halt perguntou desconfiado.

Novamente, o fazendeiro balançou a cabeça.

— Não, não, não — murmurou. — Pelo menos não depois que vi você! Mas eu não tinha certeza de quem eram. Podiam ser bandidos!

— O que você está fazendo aqui? — Halt quis saber. — Você não vive na região, vive?

O fazendeiro, ansioso por agradar, balançou a cabeça de novo.

— Vim de Willowtree Creek! Venho seguindo esse animal e esperando encontrar alguém para me ajudar a transformar ele em toicinho.

De repente, Halt ficou extremamente interessado no assunto e abandonou o tom sério em que vinha falando.

— Quer dizer que você viu o porco selvagem? — ele perguntou, e o fazendeiro esfregou as mãos de novo, olhando ao redor assustado, como se estivesse nervoso com a possibilidade de o animal aparecer a qualquer minuto.

— Vi e ouvi. Não quero ver mais. Ele é um bicho malvado, senhor, escute bem.

Halt observou as pegadas novamente.

— Ele é mesmo um dos grandes — comentou divertido.

— E malvado, senhor! — o fazendeiro repetiu. — Esse bicho tem o temperamento de um demônio. Ora, ele



é capaz de despedaçar um homem ou um cavalo para o café-da-manhã, com certeza!

— Então, o que pensou em fazer com ele? — Halt perguntou. — Aliás, como você se chama?

O fazendeiro inclinou a cabeça e fez um cumprimento encostando os dedos na testa.

— Peter, senhor. Sal Peter é como me chamam, pois gosto de um pouco de sal na minha carne, senhor.

— Tenho certeza de que gosta — Halt concordou com paciência. — Mas o que pretendia fazer com esse porco selvagem?

Sal Peter coçou a cabeça, parecendo perdido.

— Não sei bem. Talvez esperasse encontrar um soldado, um guerreiro ou um cavaleiro para acabar com ele. Ou talvez um arqueiro — ele acrescentou depois de pensar.

Will sorriu. Halt se levantou de onde estava examinando as pegadas. Limpou a neve do joelho e voltou para onde Sal Peter estava parado nervoso, apoiando o peso do corpo ora num pé, ora noutro.

— Ele tem causado muitos problemas? — o arqueiro perguntou, recebendo sinais positivos de cabeça do velho fazendeiro.

— Se tem, senhor! Se tem! Matou três cachorros. Estragou campos e cercas, isso ele fez. E quase matou meu genro quando ele tentou parar a fera. Como eu disse, senhor, ele é um bicho malvado!

Pensativo, Halt esfregou o queixo.

— Hum. Bom, não tenho dúvidas sobre o que devemos fazer a respeito.

Ele olhou para o sol, que estava baixo no horizonte, e então se virou para Will.

— Quanta luz você acha que ainda temos, Will?

Will examinou a posição do sol. Naqueles dias, Halt nunca perdia uma oportunidade para ensinar alguma coisa, para questionar ou testar os conhecimentos e habilidades que Will estava desenvolvendo. Este sabia que era melhor pensar bem antes de responder. Halt preferia respostas precisas, não respostas rápidas.

— Pouco mais de uma hora?

Ele viu as sobrancelhas de Halt se juntarem numa expressão aborrecida e se lembrou de que o arqueiro também não gostava de receber uma pergunta como resposta.

— Você está perguntando ou respondendo? — ele retrucou. Will balançou a cabeça chateado consigo mesmo.

— Pouco mais de uma hora — respondeu com mais confiança e, desta vez, o arqueiro assentiu concordando.

— Certo.

Ele se virou para o fazendeiro outra vez.

— Muito bem, Sal Peter, quero que leve uma mensagem para o barão Arald.

— Barão Arald? — o fazendeiro perguntou nervoso, e Halt franziu a testa novamente.

— Viu o que você fez? — ele perguntou para Will.
— Você o fez responder perguntas com perguntas!

— Desculpe — Will murmurou sorrindo, sem saber o que fazer.

Halt balançou a cabeça e continuou a conversar com Sal Peter. — Isso mesmo, o barão Arald. Você vai encontrar o castelo dele a alguns quilômetros desta trilha.

Sal Peter espiou a trilha com uma das mãos sobre os olhos, como se já pudesse enxergar o castelo.

— Você está falando de um castelo? — ele perguntou num tom sonhador. — Nunca vi um castelo!

Halt suspirou impaciente. Manter esse tagarela com o pensamento fixo no assunto estava começando a lhe tirar o bom humor.

— Isso mesmo, um castelo. Quando chegar, você fala com os guardas no portão...

— O castelo é grande? — o velho perguntou.

— É enorme! — Halt rugiu, e Sal Peter recuou assustado, com um olhar magoado.

— Não precisa gritar, meu jovem — ele disse ofendido. — Eu só estava perguntando, só isso.

— Bom, então pare de me interromper — o arqueiro ordenou. — Estamos perdendo tempo. Agora, está prestando atenção?

Sal Peter assentiu com um gesto.

— Ótimo. Fale com o guarda no portão e diga que você tem uma mensagem de Halt para o barão Arald.

Um olhar de reconhecimento brilhou no rosto do velho homem.

— Halt? — ele perguntou. — Não é o Halt, o arqueiro, é?

— Sim — Halt respondeu cansado. — Halt, o arqueiro. — Aquele que conduziu a emboscada para os Wargals de Morgarath? — Sal Peter perguntou.

— Esse mesmo — Halt respondeu com a voz perigosamente baixa.

Sal Peter olhou em volta.

— Bom, onde ele está? — o velho perguntou.

— Eu sou Halt! — o arqueiro trovejou, colocando o rosto a poucos centímetros do de Sal Peter.

Novamente, o velho fazendeiro recuou alguns passos; então, recuperou a coragem e sacudiu a cabeça, sem acreditar no que ouvia.

— Não, não, não — ele disse determinado. — Você não pode ser ele. Ora, o arqueiro Halt é tão alto e largo quanto dois homens. Ele é um gigante! Corajoso, determinado na batalha, isso sim. Você não pode ser ele.

Halt se virou, tentando recuperar o controle. Will não conseguiu evitar sorrir novamente.

— Eu... sou... Halt — o arqueiro disse, espaçando as palavras para que Sal Peter entendesse bem. — Eu era mais alto quando jovem e muito mais largo. Mas agora estou deste tamanho.

Ele olhou para o fazendeiro com os olhos semicerrados.

— Você entendeu?

— Bom, se você está dizendo... — Sal Peter replicou.

Ele ainda não acreditava no arqueiro, mas havia um brilho perigoso no olhar de Halt que o avisou que não seria sensato continuar discordando dele.

— Bom — Halt respondeu num tom gelado. — Então, diga ao barão que Halt e Will...

Sal Peter abriu a boca para fazer outra pergunta. Halt tapou a boca do velho com a mão imediatamente e apontou para onde Will estava parado, ao lado de Puxão.

— Aquele é Will.

Sal Peter assentiu com um gesto de cabeça, olhando a mão que lhe apertava a boca com os olhos muito abertos, sem mais perguntas ou interrupções.

— Diga a ele que Halt e Will estão seguindo um porco selvagem. Quando encontrarmos sua toca, vamos voltar ao castelo. Enquanto isso, o barão deve reunir seus homens para uma caçada amanhã cedo — continuou.

Lentamente, ele tirou a mão de cima da boca do fazendeiro.

— Você entendeu tudo o que eu disse? — o arqueiro perguntou.

Sal Peter balançou a cabeça afirmativamente. — Então repita o que eu disse — Halt mandou. — Ir para o castelo, dizer ao guarda do portão que tenho um recado de você... Halt... para o barão. Dizer ao barão que você... Halt... e ele... Will... estão seguindo um porco selvagem

para encontrar sua toca. Dizer para ele para preparar seus homens para uma caçada amanhã.

— Ótimo — Halt disse.

Ele fez um gesto para Will, e os dois tornaram a subir em suas selas. Sal Peter ficou parado na trilha olhando para eles, sem saber bem o que fazer.

— Vá andando — Halt ordenou, apontando na direção do castelo. O velho fazendeiro deu alguns passos e, quando achou que estava numa distância segura, virou-se e chamou o arqueiro de expressão zangada.

— Não acredito em você, viu? Ninguém fica mais baixo e mais estreito!

Halt suspirou e virou o cavalo na direção da floresta.



Eles cavalgaram lentamente sob a luz que diminuía aos poucos, inclinando-se para os lados nas selas para acompanhar a trilha deixada pelo porco selvagem.

Os dois não tiveram problemas em segui-lo. O corpo enorme tinha deixado uma vala funda na neve alta. Will se deu conta de que teria sido fácil mesmo sem a neve. Era óbvio que o animal estava de péssimo humor. Ele tinha atacado as árvores e os arbustos com suas presas, deixando um caminho de destruição bem delineado na floresta.

— Halt? — Will chamou devagar, depois de terem entrado cerca de 1 quilômetro entre as árvores densas.

— Hum — Halt resmungou distraído.

— Por que incomodar o barão? Não podemos simplesmente matar o porco com nossas flechas?

Halt sacudiu a cabeça.

— Esse é dos grandes, Will. Veja o tamanho da trilha que ele deixou. Poderíamos usar umas seis flechas para atacá-lo e mesmo assim ele demoraria a morrer. Com um animal desses é melhor se garantir.

— E como fazemos isso?

— Acho que você nunca viu uma caçada a um porco selvagem — Halt comentou, olhando para Will.

Will sacudiu a cabeça negativamente. Halt parou e Will fez Puxão parar ao lado dele.

— Bem, primeiro precisamos de cães — Halt começou. — Esse é outro motivo pelo qual não podemos simplesmente acabar com ele com nossos arcos. Quando o encontrarmos, provavelmente terá entrado no bosque ou se escondido no meio de arbustos densos e não poderemos chegar perto dele. Os cães vão fazer que ele saia, e vamos ter um círculo de homens ao redor da toca com lanças especiais para porcos selvagens.

— E vão atirar as lanças nele? — Will perguntou.

— Não se usarem a cabeça. A lança para porcos selvagens tem mais de 2 metros de comprimento, uma lâmina de dois gumes e uma cruzeta atrás da lâmina. A idéia é fazer o animal atacar o lanceiro. Ele então enterra a base da lança na terra e deixa o porco correr por cima dela. A cruzeta impede o animal de correr por cima do cabo e atingir o lanceiro.

— Isso parece perigoso — Will respondeu hesitante.

— E é — Halt concordou. — Mas homens como o barão, sir Rodney e os outros cavaleiros adoram isso. Eles não perderiam a oportunidade de caçar um porco selvagem por nada neste mundo.



— E você? — Will perguntou. — Também vai usar uma lança para porcos selvagens?

— Eu vou ficar sentado bem aqui, em cima de Abelard. E você vai estar montado no Puxão, no caso de o porco selvagem atravessar o círculo de homens à sua volta. Ou no caso de ele ser ferido e escapar.

— O que vamos fazer se isso acontecer? — Will quis saber.

— Vamos derrubá-lo antes que ele fuja outra vez — Halt disse sombrio. — E então vamos matar ele com nossos arcos.

O dia seguinte era um sábado e, depois do café-da-manhã, os alunos da Escola de Guerra estavam livres para passar o dia como quisessem. No caso de Horace, isso geralmente significava desaparecer sempre que Alda, Bryn e Jerome vinham procurá-lo. Ultimamente, porém, eles tinham percebido que Horace os evitava e resolveram esperá-lo do lado de fora do refeitório. Quando saiu para a área de exercícios naquela manhã, lá estavam os três. Horace hesitou. Era tarde demais para voltar. Com o coração apertado, continuou a andar na direção deles.

— Horace!

Ele se assustou com a voz que vinha bem de trás dele. Virou-se e viu sir Rodney observando-o com curiosidade. Em seguida, o homem olhou rapidamente para os três cadetes do 2º ano. Horace se perguntou se o mestre de guerra sabia do tratamento que vinha recebendo. Pro-

vavelmente sim. Devia fazer parte do processo de fortalecimento da Escola de Guerra.

— Senhor! — ele respondeu, perguntando-se o que tinha feito de errado.

As feições de Rodney se suavizaram e ele sorriu para o jovem rapaz. Parecia muito satisfeito com alguma coisa.

— Relaxe, Horace. Afinal, hoje é sábado. Já participou de alguma caçada a um porco selvagem?

— Hum... Não, senhor.

Apesar do convite para que Horace relaxasse, ele continuou rígido na posição de sentido.

— Então está na hora de participar. Pegue uma lança e uma faca de caça na sala de armas, peça a Ulf para lhe preparar um cavalo e volte aqui em vinte minutos.

— Sim, senhor — Horace respondeu.

Sir Rodney esfregou as mãos com evidente prazer.

— Parece que Halt nos conseguiu um porco selvagem. É hora de todos termos um pouco de diversão!

Animado, o homem sorriu para o aprendiz e então se afastou entusiasmado para preparar o próprio equipamento. Quando Horace se virou para o pátio, percebeu que Alda, Bryn e Jerome não estavam em lugar nenhum. Ele deveria ter pensado melhor sobre por que os três encenqueiros desapareciam quando sir Rodney estava por perto, mas naquele momento estava mais preocupado com a caçada ao porco selvagem.

A manhã já estava pela metade quando Halt conduziu o grupo de caça para a toca do porco selvagem.

O imenso animal tinha se escondido numas moitas densas no fundo da floresta. Halt e Will tinham encontrado o esconderijo logo depois que escureceu, na noite anterior.

Naquele momento, quando se aproximaram, Halt fez um sinal, e o barão e seus caçadores desmontaram, deixando os cavalos aos cuidados dos cavaleiros que os tinham acompanhado. Eles cobriram as últimas centenas de metros a pé. Halt e Will eram os únicos que continuavam em seus cavalos.

Havia 15 caçadores ao todo, cada um armado com uma lança do tipo que Halt tinha descrito. Eles se espalharam em um grande círculo ao se aproximar da cova do porco selvagem. Will ficou um pouco surpreso ao reconhecer Horace como um dos participantes do grupo de caça. Ele era o único aprendiz de guerreiro. Todos os demais eram cavaleiros.

Quando ainda estava a centenas de metros do local, Halt levantou a mão, fazendo sinal para os caçadores pararem. Ele fez que Abelard trocasse e foi até onde Will se encontrava, sentado sobre Puxão. O pequeno cavalo se movia inquieto por sentir a presença do porco selvagem.

— Lembre-se — o arqueiro disse em voz baixa para Will —, se você tiver que atirar, mire num ponto bem atrás do ombro esquerdo. Se ele estiver atacando, atingir o coração é sua única chance de parar o animal.

Will assentiu, molhando os lábios secos nervosamente. Ele estendeu a mão e tranquilizou Puxão com um rápido afago no pescoço. O pequeno cavalo mexeu a cabeça em resposta ao toque do dono.

— E fique perto do barão — Halt lembrou, antes de se mover e retomar seu lugar no lado oposto do círculo de caçadores.

Halt estava na posição de maior perigo, acompanhando os caçadores menos experientes e, portanto, com maior probabilidade de cometer um erro. Se o porco selvagem atravessasse o círculo na sua direção, ele teria que caçá-lo e matá-lo. Tinha determinado que Will ficasse com o barão e os caçadores mais experientes, pois era mais seguro. Isso também o colocava junto de Horace. Sir Rodney tinha posicionado o aprendiz entre ele e o barão. Afinal, aquela era a primeira caçada do garoto, e o mestre de guerra não queria assumir nenhum risco indevido. Horace estava ali para ver e aprender. Se o porco selvagem disparasse na direção deles, devia deixar que o barão ou sir Rodney cuidassem do animal.

Horace olhou para cima uma vez, fazendo contato visual com Will. Não havia animosidade no olhar. Na verdade, ele deu ao aprendiz de arqueiro um meio sorriso tenso. Will se deu conta, ao observar Horace molhando os lábios repetidas vezes, de que o outro garoto estava tão nervoso quanto ele.

Halt fez outro sinal, e o círculo começou a se fechar sobre a toca. Quando o círculo se tornou menor, Will

perdeu seu mestre e os outros homens de vista. Ele sabia, por causa da contínua inquietação de Puxão, que o porco selvagem ainda devia estar no meio dos arbustos. Mas Puxão era bem treinado e continuava a andar sempre que seu cavaleiro o impelia delicadamente para a frente.

Um rugido forte veio de dentro da cova, e os cabelos de Will se arrepiaram. Ele nunca tinha ouvido o grito de um porco selvagem furioso antes. Por um instante, os caçadores hesitaram.

— Ele está lá! — o barão gritou, sorrindo animado para Will. — Vamos torcer para que ele venha para o nosso lado, não é, rapazes?

Will não tinha muita certeza de que queria que o porco selvagem viesse em disparada para o lado deles. Na verdade, gostaria muito que ele fosse para o lado oposto.

Mas o barão e sir Rodney riam como colegas enquanto preparavam suas lanças. Eles estavam apreciando a caçada, como Halt tinha previsto. Depressa, Will tirou o arco do ombro e posicionou uma flecha na corda. Tocou a ponta por um momento, certificando-se de que ainda estava afiada como uma navalha. Sua garganta estava seca. Ele não tinha certeza de que poderia falar se alguém lhe dirigisse a palavra.

Os cães puxavam suas guias, enchendo a floresta com os ecos de seus latidos nervosos. Foi esse barulho que agitou o porco selvagem.

Naquele momento, enquanto eles continuavam a latir, Will ouviu o imenso animal derrubar com suas longas presas alguns arbustos que formavam seu esconderijo.

O barão se virou para Bert, que cuidava dos cães, e fez um sinal com a mão para que os animais fossem soltos.

Os cães grandes e fortes dispararam pelo espaço aberto até o esconderijo e desapareceram em meio às moitas. Eram animais robustos, criados especialmente para a caça ao porco selvagem.

O barulho vindo do esconderijo era indescritível. Os latidos furiosos dos cães foram acompanhados pelos gritos de gelar o sangue do porco selvagem enraivecido. Galhos de arbustos e árvores jovens se quebraram e estalaram, e a mata pareceu estremecer.

Então, de repente, o porco selvagem apareceu na clareira.

O bicho parou no meio do círculo, entre os locais em que estavam Will e Halt. Com um grito enfurecido, se livrou de um dos cães que ainda estava agarrado ao seu corpo e então disparou na direção dos caçadores com uma velocidade inacreditável.

O jovem cavaleiro diretamente na frente dele não hesitou: se apoiou num joelho, enterrou a base de sua lança no chão e direcionou a ponta cintilante para o animal que corria em sua direção.

O porco selvagem não teve chance de se virar. Sua pressa o fez cair sobre a cabeça da lança. Ele deu um salto

para cima, gritando de dor e fúria, tentando arrancar o pedaço de aço mortal. Mas o jovem guerreiro o prendeu impiedosamente com a lança, segurando-o junto do chão e não dando nenhuma chance ao animal enraivecido de se libertar.

Assustado e de olhos arregalados, Will viu o cabo forte da lança se curvar como um arco sob o peso do porco selvagem, mas então a ponta cuidadosamente afiada penetrou no coração do animal e tudo terminou.

Com um último rugido lancinante, o enorme porco selvagem caiu para o lado e morreu.

O corpo manchado era quase tão grande quanto o de um cavalo e era todo formado de puro músculo. As presas, agora inofensivas, curvavam-se para trás sobre seu focinho feroz. Elas estavam sujas da terra que ele tinha revirado e do sangue de pelo menos um dos cães.

Will olhou para o corpo maciço e estremeceu. Se aquele era um porco selvagem, ele não tinha a menor pressa de ver outro.



Os outros caçadores se reuniram em volta do jovem cavaleiro que tinha matado o animal, cumprimentando-o e dando tapinhas em suas costas. O barão Arald começou a andar em sua direção, mas parou ao lado de Puxão, olhando para Will enquanto falava.

— Você não vai ver outro desse tamanho durante muito tempo, Will — ele disse de mau humor. — Pena que ele não veio na minha direção. Eu gostaria de um troféu desses para mim.

Ele continuou a andar até sir Rodney, que já estava com o grupo de guerreiros em volta do porco selvagem morto.

Conseqüentemente, Will se viu, pela primeira vez em algumas semanas, frente a frente com Horace. Houve uma pausa constrangedora em que nenhum dos garotos quis dar o primeiro passo. Horace, entusiasmado com os acontecimentos da manhã e o coração ainda batendo forte por causa da emoção causada pelo medo que tinha sentido quando o porco selvagem apareceu, queria partilhar o momento com Will. À luz do que tinham acabado de ver,



sua briga infantil parecia sem importância e agora ele se sentia mal por seu comportamento naquele dia, seis semanas antes, mas não conseguia encontrar as palavras para expressar seus sentimentos e não se viu encorajado pela expressão sombria de Will. Então, com um leve dar de ombros, começou a passar por Puxão para cumprimentar o jovem caçador. Ao fazer isso, o pônei se enrijeceu e levantou as orelhas, relinchando levemente.

Will olhou para o matagal e seu sangue pareceu gelar nas veias.

Ali, parado bem ao lado da proteção dos arbustos, estava outro porco selvagem: maior até do que o que estava morto na neve.

— Cuidado! — ele gritou quando o enorme animal raspou a terra com as presas.

A situação era perigosa. A linha de caçadores tinha se desfeito; a maioria estava admirando o tamanho do porco selvagem e elogiando seu matador. Apenas Will e Horace ficaram no caminho da outra fera, Will percebeu que isso era principalmente porque Horace tinha hesitado por aqueles poucos segundos vitais.

Horace se virou de repente quando ouviu o grito de Will. Ele olhou para o colega e então para o novo perigo. O porco selvagem abaixou a cabeça, raspou o chão outra vez e atacou. Tudo aconteceu numa velocidade aterrorizante. Num momento, o imenso animal estava raspando o chão com as presas; no outro, disparava na direção deles. Colocando-se entre Will e o porco selvagem, Horace se

virou sem hesitação para o animal, preparando a lança como sir Rodney e o barão tinham lhe mostrado.

Mas, ao fazer isso, seu pé escorregou na trilha gelada coberta de neve e ele caiu indefeso para o lado, soltando a lança no chão.

Não havia nenhum segundo a perder. Horace estava deitado desarmado na frente daquelas presas mortíferas. Will tirou os pés dos estribos e pulou no chão, no mesmo tempo em que preparava a flecha. Ele sabia que aquele pequeno arco não teria chance de parar a investida louca do porco selvagem. Só desejava poder distrair o animal enraivecido e fazer que se desviasse do garoto desprotegido no chão.

Ele atirou e no mesmo instante correu para o lado, para longe do aprendiz caído na neve. Em seguida, gritou com toda a força dos pulmões e atirou novamente.

As flechas ficaram espetadas na pele grossa do porco selvagem como agulhas numa almofada para alfinetes. Elas não provocaram grandes danos, mas a dor que causaram atravessava seu corpo como uma faca quente. Seus olhos vermelhos e zangados se prenderam na pequena figura saltitante, e o animal furioso saltou atrás de Will.

Não havia tempo para atirar novamente. Horace estava em segurança naquele momento. Agora era Will que estava em perigo. Ele procurou o abrigo de uma árvore e se agachou atrás dela bem a tempo.

O ataque enraivecido do porco selvagem o levou diretamente para o tronco da árvore. Seu corpo enorme se chocou contra ela, sacudiu-a até as raízes e mandou uma chuva de neve para o chão, caída dos galhos.

Surpreendentemente, o porco selvagem não pareceu ter sentido o choque. Ele recuou alguns passos e atacou Will novamente. O garoto se escondeu atrás do tronco outra vez, mal conseguindo evitar as presas cortantes quando o porco selvagem passou por ele feito um trovão.

Gritando furioso, o imenso animal se virou, deslizando na neve, e foi para cima do garoto novamente. Desta vez, não havia tempo de Will desviar para o lado no último instante. O porco selvagem veio trotando, a fúria visível em seus olhos vermelhos, seu hálito quente soltando vapor no ar gelado de inverno.

Atrás de si, Will ouviu os gritos dos caçadores, mas sabia que chegariam tarde demais para ajudá-lo. Ele preparou outra flecha, sabendo que não tinha chance de atingir um ponto vital. Então, o porco se aproximou de frente.

O rapaz escutou um trovejar abafado de cascos na neve, e um vulto pequeno e desgrehado se atirou contra o monstro furioso.

— Não, Puxão! — Will gritou, temendo pela vida de seu cavalo.

Mas o pônei investiu contra o imenso porco selvagem, virou-se de costas e o atacou com as patas traseiras quando ele ficou ao seu alcance. Os cascos traseiros de

Puxão atingiram o porco nas costelas com toda a força e fizeram a fera girar de lado na neve.

O porco selvagem se levantou no mesmo instante, ainda mais furioso do que antes. O pônei tinha feito que perdesse o equilíbrio, mas o chute não causou grandes danos. Agora, o animal selvagem cortava e derrubava o que via à sua frente para se aproximar de Puxão, enquanto o pequeno pônei se empinava assustado e dançava para os lados para escapar do alcance das presas cortantes.

— Puxão! Fuja! — Will gritou novamente com o coração na garganta.

Se aquelas presas atingissem os tendões sensíveis das pernas do cavalo, Puxão ficaria aleijado por toda a vida. Will não conseguia ficar ali e simplesmente ver seu cavalo se colocar em tal perigo para defendê-lo. Ele se preparou e atirou novamente, em seguida tirou a longa faca de arqueiro do cinturão e disparou pela neve na direção do animal imenso e furioso.

A terceira flecha atingiu o porco de lado. Mais uma vez, Will tinha perdido um ponto vulnerável e só feriu o animal. Ele gritou enquanto corria, insistindo para que Puxão se afastasse. O porco selvagem viu o cavalo se aproximar e reconheceu a pequena figura que o tinha feito ficar tão furioso. Seus olhos vermelhos cheios de ódio fixaram-se nele e sua cabeça se abaixou para um último ataque mortal.

Will viu os músculos das patas traseiras do animal se contraírem. Estava longe demais de um lugar para se

proteger e teria que enfrentar o ataque em terreno aberto. Ele se ajoelhou e, sem esperanças, estendeu uma faca afiada na sua frente enquanto o animal corria para cima dele. Vagamente, ouviu o grito rouco de Horace quando o aprendiz de guerreiro se jogou para a frente com a lança em punho.

Então, ouviu-se um assobio agudo e profundo mais forte do que o dos cascos do porco selvagem, seguido por um som sólido e molhado. O porco selvagem torceu o corpo para trás, virou-se em agonia e caiu morto como uma pedra na neve.

A flecha de Halt, comprida e de haste pesada, estava enterrada no lado do corpo do animal depois de ser atirada com toda a força de seu poderoso arco. Ele tinha atingido o monstro em movimento bem atrás do ombro esquerdo, fazendo que a ponta da flecha penetrasse e atravessasse o grande coração do porco.

Um disparo perfeito.

Halt fez Abelard se aproximar e pulou para o chão, jogando os braços ao redor do garoto trêmulo. Will, tomado de alívio, enterrou o rosto no tecido áspero da capa do arqueiro. Ele não queria que ninguém visse as lágrimas que corriam em sua face.

Com delicadeza, Halt tirou a faca da mão de Will.

— Que raios você estava esperando fazer com isso?

Will apenas balançou a cabeça. Ele não conseguia falar. Sentiu o focinho macio de Puxão cutucando-o com

delicadeza e encarou os olhos grandes e inteligentes do animal.

E então tudo foi barulho e confusão quando os caçadores se reuniram à volta deles, admirando o tamanho do segundo porco selvagem e batendo nas costas de Will por sua coragem. Ele ficou parado entre os homens, uma figura pequena ainda envergonhada das lágrimas que deslizavam por seu rosto, não importa quanto tentasse pará-las.

— Eles são gigantescos — sir Rodney disse, cutucando o porco selvagem morto com a bota. — Achamos que havia só um porque eles nunca deixam o esconderijo juntos.

Will se virou ao sentir alguém tocar seu ombro e encontrou o olhar de Horace. O aprendiz de guerreiro estava balançando a cabeça lentamente, admirado e incrédulo.

— Você salvou a minha vida — ele disse. — Foi a coisa mais corajosa que já vi.

Will tentou fazer que Horace parasse de agradecer, mas o colega continuou a falar. Ele se lembrou de todas as vezes no passado em que tinha provocado e agredido Will. Agora, agindo instintivamente, o garoto menor o tinha salvado das presas cortantes e assassinas. E Horace provou sua crescente maturidade quando esqueceu atitudes instintivas e se colocou entre o animal raivoso e o aprendiz de arqueiro.

— Mas por que, Will? Afinal, nós... — ele não conseguiu terminar a frase, mas Will sabia o que ele queria dizer.

— Horace, nós podemos ter brigado no passado, mas não odeio você. Nunca odiei.

Horace fez um gesto de cabeça, e uma expressão de entendimento tomou conta de seu rosto. Ele pareceu tomar uma decisão.

— Eu lhe devo minha vida, Will — ele disse num tom determinado. Nunca vou esquecer essa dívida. Se você alguma vez precisar de um amigo, se precisar de ajuda, pode me chamar.

Os dois garotos se encararam por um instante, então Horace estendeu a mão e Will a apertou. O círculo de cavaleiros em volta ficou em silêncio, testemunhando sem querer interromper aquele momento importante para os dois rapazes. O barão Arald se aproximou e pôs os braços ao redor dos garotos, um de cada lado.

— Belas palavras, as de vocês dois! — ele disse com entusiasmo, sendo seguido pelo coro animado dos cavaleiros.

O barão ria satisfeito. Pensando bem, tinha sido uma manhã perfeita. Um pouco de animação. Dois grandes porcos selvagens mortos. E agora dois de seus garotos formando o tipo de ligação especial que somente nascia do perigo partilhado.

— Temos dois ótimos jovens aqui! — ele disse para todo o grupo e novamente se ouviu o coro entusias-

mado de concordância. — Halt, Rodney, vocês dois podem se orgulhar de seus aprendizes!

— Nós nos orgulhamos, senhor — sir Rodney respondeu, fazendo um gesto de aprovação para Horace.

Ele tinha visto como o garoto se virou sem hesitar para enfrentar o ataque e aprovou a oferta franca de amizade a Will. Ele se lembrava muito bem da briga dos dois no Dia da Colheita. Parecia que tinham deixado as discussões infantis para trás. Ficou profundamente satisfeito por ter escolhido Horace para a Escola de Guerra.

Halt, por sua vez, não disse nada, mas, quando Will se virou para seu mentor, os olhares de ambos se encontraram e ele simplesmente fez um gesto de cabeça.

Will sabia que isso equivalia a vários vivas de Halt.



Nos dias que se seguiram à caçada ao porco selvagem, Will percebeu uma mudança na forma como era tratado. Havia uma certa diferença, até respeito, no jeito como as pessoas falavam com ele e o olhavam quando passava. O fato era mais visível entre o povo da vila. Como eram pessoas simples, com o dia-a-dia bastante limitado, tendiam a glamourizar e exagerar qualquer acontecimento que, de alguma forma, escapava do comum.

No fim da primeira semana, os acontecimentos da caçada tinham sido aumentados de tal forma que diziam que Will tinha matado os dois porcos selvagens com uma só mão quando eles saíram em disparada do bosque. Alguns dias depois disso, ao ouvir contarem a história, era quase possível acreditar que ele tinha realizado o feito com uma única flecha que atravessou o primeiro porco selvagem e foi se alojar direto no coração do segundo.

— Na verdade, eu não fiz muita coisa — ele disse para Halt, numa noite, quando estavam sentados perto do fogo na pequena cabana aquecida que dividiam na beira da floresta. — Quer dizer, não planejei nem decidi o que fa-

zer. A coisa simplesmente aconteceu. E, afinal, foi você quem matou o porco selvagem, não eu.

Halt apenas assentiu, olhando fixamente para as chamas amarelas e saltitantes na lareira.

— As pessoas pensam o que querem — ele disse devagar. — Nunca dê atenção demais a elas.

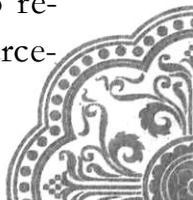
Mesmo assim, Will estava perturbado com a bajulação. Achava que as pessoas estavam dando importância exagerada aos fatos. Will sentia, em seu coração, que tinha feito uma coisa que valia a pena e, talvez, até honrosa. Mas estava sendo tratado como uma celebridade por acontecimentos totalmente fictícios e, como era uma pessoa essencialmente honesta, não conseguia sentir-se orgulhoso disso.

Will também se sentia um pouco constrangido porque era um dos poucos que tinha percebido o ato original de Horace, instintivamente corajoso, colocando-se em frente ao porco selvagem. Ele sentia que talvez o arqueiro tivesse a oportunidade de elogiar a ação altruísta de Horace para sir Rodney, mas seu professor simplesmente tinha assentido e dito apenas:

— Sir Rodney sabe. Ele não perde muita coisa. Está um pouco acima da média das outras pessoas.

E Will teve que se satisfazer com isso.

No castelo, com os cavaleiros da Escola de Guerra, os vários chefes de ofício e os aprendizes, as atitudes eram diferentes. Ali, Will apreciava a simples aceitação e o reconhecimento do fato de que tinha se saído bem. Perce-



beu que agora as pessoas geralmente sabiam seu nome e cumprimentavam Halt e ele quando os dois tinham trabalho a fazer na área do castelo. O próprio barão estava mais amistoso do que nunca. Era motivo de orgulho ver um dos garotos do castelo apresentar um bom desempenho.

Horace era a pessoa com quem Will gostaria de discutir o assunto. Mas, como seus caminhos raramente se cruzavam, a oportunidade não tinha surgido. Ele queria se certificar de que o aprendiz de guerreiro não tinha dado grande importância às histórias ridículas que tinham varrido a vila e esperava que seu antigo colega do castelo soubesse que ele não tinha feito nada para espalhar aqueles boatos.

Enquanto isso, as lições e o treinamento de Will continuavam num ritmo acelerado. Halt tinha lhe dito que no prazo de um mês eles partiriam para a Reunião: um acontecimento anual no calendário dos arqueiros.

Era nessa ocasião que todos os 50 arqueiros se reuniam para trocar informações, discutir quaisquer problemas que pudessem ter surgido no reino e fazer planos. O mais importante para Will era o fato de que também era época de avaliar os aprendizes e ver se eles estavam preparados para passar ao próximo ano do treinamento. Infelizmente, ele estava treinando somente há sete meses. Se não passasse na avaliação da Reunião daquele ano, teria que esperar mais um ano até que surgisse outra oportunidade. Como resultado, treinava incansavelmente, do nascer até o fim de cada dia. O descanso do sábado era um

luxo há muito esquecido. Will atirava flechas e mais flechas em alvos de diferentes tamanhos, em diferentes condições, de pé, ajoelhado, sentado. Ele até atirava escondido nas árvores.

E praticava o uso das facas em pé, ajoelhado, sentado, lançando-se para a esquerda e para a direita. Ele treinava jogar a maior das duas facas para que ela atingisse o alvo primeiro com o cabo. Afinal, como Halt tinha dito, às vezes era preciso apenas assustar a pessoa em quem estava atirando, portanto era uma boa idéia saber como fazê-lo.

Will praticava andar furtivamente, ficar parado como uma estátua mesmo quando tinha certeza de que tinha sido descoberto e aprendeu que, com muita frequência, as pessoas simplesmente não o notavam até que ele realmente se mexia. Aprendeu o truque que os buscadores usavam, deixando que o olhar passasse de um determinado ponto e de repente voltasse a olhar para ele para captar qualquer movimento, por menor que fosse. Aprendeu sobre as sentinelas da retaguarda, que seguiam um grupo silenciosamente na esperança de pegar qualquer pessoa que não tivesse sido vista, e então saíam do esconderijo quando o grupo tivesse passado.

Ele trabalhava com Puxão, fortalecendo o elo e a afeição que tinham se formado muito depressa entre os dois. Aprendeu a usar os sentidos aguçados do faro e da audição do pequeno cavalo para o avisar de qualquer pe-

rigo e aprendeu a interpretar os sinais que o cavalo enviava para seu cavaleiro.

Assim, não era de surpreender que, no final do dia, Will não tivesse disposição para subir o caminho sinuoso que levava ao Castelo Redmont e procurar Horace para conversar. Will aceitava o fato de que, cedo ou tarde, a oportunidade surgiria. Enquanto isso, ele só podia esperar que o desempenho de Horace estivesse sendo reconhecido por sir Rodney e pelos outros membros da Escola de Guerra.

Infelizmente para Horace, parecia que nada estava mais longe da verdade.

Sir Rodney estava perplexo diante do jovem e musculoso aprendiz. Ele parecia ter todas as qualidades que a Escola de Guerra procurava: era corajoso, cumpria ordens imediatamente e mostrava enorme habilidade no treinamento com as armas. Mas seu trabalho de classe ficava abaixo da média. As tarefas eram entregues com atraso ou feitas com desleixo. Ele parecia ter problemas em prestar atenção nos instrutores — como se estivesse distraído o tempo todo. Além disso, suspeitava-se de que tinha uma preferência por brigas. Nenhum integrante da equipe o tinha visto brigando, mas frequentemente era visto com hematomas e contusões leves e parecia não ter feito amigos entre os colegas de classe. Tudo isso servia para criar a imagem de um recruta briguento, anti-social e preguiçoso que tinha uma certa habilidade com as armas.

Considerando todos os aspectos e com muita relutância, o mestre de guerra estava começando a sentir que teria que expulsar Horace da Escola de Guerra. Todos os fatos pareciam indicar isso. No entanto, seus instintos lhe diziam que estava enganado, que havia algum outro fator que ele desconhecia.

Na verdade, havia três outros fatores: Alda, Bryn e Jerome. E, no mesmo momento em que o mestre de Guerra estava pensando no futuro de seu recruta mais jovem, eles cercaram Horace mais uma vez.

Parecia que, cada vez que ele conseguia encontrar um lugar para escapar, os três alunos mais velhos descobriam seu paradeiro. É claro que isso não era difícil para eles, já que tinham uma rede de espiões e informantes entre os outros garotos mais jovens que tinham medo deles, dentro e fora da Escola de Guerra. Desta vez, encurralaram Horace atrás do depósito de armas, num local calmo que ele tinha descoberto alguns dias antes. Estava preso contra a parede de pedra do edifício do depósito de armas, e os três valentões estavam parados em meio círculo na sua frente. Cada um deles segurava uma bengala grossa, e Alda tinha um saco pesado dobrado sobre um braço. — Nós estávamos procurando você, bebê — Alda disse. Horace não respondeu. Seus olhos passavam de um para outro enquanto ele se perguntava quem faria o primeiro movimento.

— O bebê nos fez de bobos — Bryn falou.

— Fez toda a Escola de Guerra de boba — acrescentou Jerome. Horace franziu a testa confuso com as palavras dos garotos. Ele não tinha idéia do que eles estavam dizendo, mas Alda logo esclareceu sua dúvida.

— O bebê teve que ser resgatado do porco selvagem grande e malvado.

— Por um pequeno e rastejante aprendiz que vive se escondendo — Bryn acrescentou num tom claramente zombeteiro.

— E isso faz mal para a imagem de todos nós.

Jerome empurrou o ombro de Horace enquanto falava, fazendo que se chocasse contra a pedra áspera da parede. Seu rosto estava vermelho e zangado, e Horace sabia que ele estava se preparando para alguma coisa. Suas mãos se fecharam ao lado do corpo, e Jerome percebeu o movimento.

— Não me ameace, bebê! É hora de aprender uma lição.

Ele se aproximou ameaçador. Horace se virou para encará-lo e, no mesmo instante, sabia que tinha cometido um erro. O movimento de Jerome foi um artifício. O verdadeiro ataque veio de Alda, que jogou o pesado saco de estopa na cabeça de Horace antes que ele pudesse resistir e puxou uma corda com força para que ele ficasse imobilizado da cintura para cima, vendado e indefeso.

Horace sentiu várias voltas da corda caindo sobre seus ombros, amarrando-o, e então os golpes começaram.

Ele cambaleou às cegas sem poder se defender, enquanto os três garotos o atacavam com as pesadas bengalas que estavam carregando.

Ele se chocou contra a parede e caiu, incapaz de se proteger, com os braços imobilizados ao lado do corpo. Os golpes continuaram, recaindo na cabeça, nos braços e nas pernas desprotegidos. Os três garotos continuavam sua ladainha irracional de ódio.

— Chame o rastejador para salvar você agora, bebê.

— Isso é por nos fazer parecer idiotas.

— Aprenda a ter respeito por sua Escola de Guerra, bebê.

E eles continuaram sem parar enquanto Horace se retorcia no chão, tentando escapar dos golpes em vão. Foi a pior surra que já tinham lhe dado e continuaram até que, gradativamente, misericordiosamente, ele ficou imóvel e semiconsciente. Cada um bateu nele ainda algumas vezes, e então Alda retirou o saco. Horace respirou fundo e encheu o pulmão de ar fresco. Todo o seu corpo doía violentamente. De muito longe, ele ouviu a voz de Bryn.

— Agora vamos ensinar a mesma lição para o rastejador.

Os outros riram e Horace escutou quando se afastaram. Ele gemeu baixinho, desejando que a inconsciência o libertasse, querendo se deixar mergulhar em seus braços escuros e confortáveis para que a dor fosse embora, pelo menos durante um tempo.

Então ele compreendeu o significado das palavras de Bryn. Eles iam dar o mesmo tratamento a Will, simplesmente porque achavam que a atitude dele ao salvar Horace tinha, de certa forma, depreciado a Escola de Guerra. Com um esforço sobre-humano, ele empurrou as agradáveis dobras da escuridão para longe e se levantou com esforço, gemendo por causa da dor, respirando com dificuldade, apoiando-se na parede, a cabeça girando. Ele se lembrou da promessa que tinha feito a Will: “Se você precisar de um amigo, pode me chamar.”

Tinha chegado a hora de cumprir a promessa.



22

Will estava treinando na vasta campina atrás da cabana de Halt. Ele tinha colocado quatro alvos em distâncias diferentes e estava alternando os tiros aleatoriamente entre os quatro, nunca atirando no mesmo duas vezes seguidas. Halt tinha preparado o exercício para ele antes de ir ao escritório do barão para discutir um comunicado do rei.

— Se você atirar duas vezes no mesmo alvo, vai começar a contar com o primeiro tiro para determinar sua direção e elevação. Dessa forma, nunca vai aprender a atirar instintivamente. Sempre vai precisar atirar primeiro num alvo visível.

Will sabia que seu mestre estava certo. Mas isso não tornou o exercício mais fácil. Para aumentar a dificuldade, Halt tinha determinado que ele não deveria deixar passar mais que cinco segundos entre um tiro e outro.

Com a testa franzida pela concentração, ele soltou as cinco últimas flechas de um conjunto. Uma após outra, numa sucessão rápida, elas dispararam pela campina, atingindo os alvos. Will, com a aljava vazia pela décima vez naquela manhã, parou para analisar os resultados e balan-



çou a cabeça satisfeito. Todas as flechas tinham atingido o alvo, e a maioria estava amontoada no círculo central ou na mosca. Sua pontaria era excelente e o fez valorizar a prática constante. É claro que ele não sabia, mas havia poucos arqueiros no reino fora do Corpo de Arqueiros que podiam se comparar a ele. Até mesmo os arqueiros do exército do rei não eram treinados para atirar com essa velocidade e precisão individual. Eles eram treinados para atirar em grupo e mandar uma grande quantidade de flechas contra uma força atacante. Como resultado, o seu treinamento se concentrava mais em ações coordenadas para que todas as flechas fossem atiradas ao mesmo tempo.

Will tinha acabado de soltar o arco e estava se preparando para recuperar as flechas quando o som de passos atrás dele fez que se virasse. Ele ficou um pouco surpreso ao ver três aprendizes da Escola de Guerra observando-o, os casacos vermelhos indicando que eram alunos do 2º ano. Não reconheceu nenhum deles, mas acenou num cumprimento amistoso.

— Bom-dia. O que estão fazendo aqui?

Não era comum ver aprendizes da Escola de Guerra tão longe do castelo. Will notou as grossas bengalas que carregavam e imaginou que tinham saído para uma caminhada. O que estava mais perto, um garoto loiro e bonito, sorriu e disse:

— Estamos procurando o aprendiz de arqueiro.

Will não conseguiu evitar devolver o sorriso. Afinal, a capa que ele usava mostrava, sem possibilidade de erro, que era um aprendiz de arqueiro. Mas talvez o aprendiz da Escola de Guerra apenas estivesse sendo educado.

— Bom, vocês encontraram ele. O que posso fazer por vocês?

— Trouxemos um recado da Escola de Guerra para você — o garoto respondeu.

Como todos os alunos da Escola de Guerra, ele e os companheiros eram altos e musculosos. Os três se aproximaram, e Will recuou um passo instintivamente, pois achou que os garotos estavam próximos demais. Mais do que precisariam estar para dar um recado.

— É sobre o que aconteceu na caçada ao porco selvagem — começou um deles.

Era o garoto de cabelos ruivos, muitas sardas no rosto e um nariz que mostrava sinais claros de que tinha sido quebrado, provavelmente num dos treinos de combate em que os alunos da Escola de Guerra sempre participavam. Will deu de ombros, pouco à vontade. Havia alguma coisa no ar de que ele não gostava. O garoto loiro ainda estava sorrindo, mas nem o garoto ruivo nem o terceiro companheiro, um menino moreno que era o mais alto dos três, pareciam achar que havia motivos para sorrir.

— Vocês sabem que as pessoas estão falando um monte de bobagens sobre isso. Não fiz muita coisa — Will contou.

— Nós sabemos — o garoto ruivo disparou zangado, e novamente Will deu um passo atrás quando eles se aproximaram um pouco mais.

O treinamento de Halt estava fazendo soar um alarme de advertência em sua mente. “Nunca deixe as pessoas chegarem perto demais de você”, ele tinha dito. “Se tentarem, fique atento, não importa quem sejam ou o quanto você ache que são amistosas.”

— Mas, quando você sai por aí dizendo a todos que salvou um aprendiz grande e desajeitado da Escola de Guerra, você nos faz parecer idiotas — o garoto alto acusou.

Will olhou para ele de testa franzida.

— Eu nunca disse isso! — protestou. — Eu...

E nesse momento, enquanto estava sendo distraído por Bryn, Alda fez um movimento, aproximando-se rapidamente com o saco aberto para jogá-lo na cabeça de Will. Foi a mesma tática que usaram com sucesso com Horace, mas Will já estava em guarda, portanto presentiu o ataque e reagiu.

Inesperadamente, ele mergulhou na direção de Alda e virou o corpo num salto mortal, passando por baixo do saco. Em seguida, com um rápido movimento circular das pernas, atingiu as pernas de Alda e derrubou o garoto maior na grama. Mas eles eram três, e Will não podia enfrentá-los ao mesmo tempo. Ele escapou de Alda e Bryn, mas, quando completou o movimento e se levantou, Je-

rome o atacou com a bengala, atingindo as suas costas na altura dos ombros.

Com um grito de dor e susto, Will cambaleou para a frente. Bryn deu novo impulso à bengala e bateu nele de lado. Nesse momento, Alda já tinha recuperado o equilíbrio, furioso com a forma como Will tinha escapado, e também o golpeou nos ombros.

A dor era insuportável e, com um soluço de agonia, Will caiu de joelhos.

No mesmo instante, os três aprendizes da Escola de Guerra se aproximaram e o cercaram, impedindo que fugisse, erguendo as pesadas bengalas para continuar a surra.

— Já chega!

A voz inesperada fez que parassem. Will, encolhido no chão com a cabeça coberta por um braço, esperando que o ataque comesse, olhou para cima e viu Horace, contundido e machucado, parado a alguns metros de distância. Ele segurava uma das espadas de exercício da Escola de Guerra na mão direita. Um de seus olhos estava preto e havia sangue escorrendo do seu lábio. Mas seu olhar mostrava um ódio e uma determinação que, por um momento, fez os três garotos mais velhos hesitarem. Então eles lembraram que eram maioria e que a espada de Horace não era, afinal, uma arma melhor do que as bengalas que usavam. Esquecendo Will por um instante, abriram o círculo e se moveram na direção de Horace com as bengalas prontas para o ataque.

— O bebê nos seguiu — Alda disse.

— O bebê quer outra surra — Jerome acrescentou.

— E o bebê vai ter o que quer — Bryn concluiu, sorrindo com confiança.

Mas então um grito de medo foi arrancado de seus lábios quando uma força repentina e incontrolável atingiu a bengala, arrancando-a de sua mão e fazendo-a voar para o chão a vários metros de distância.

Um grito parecido à sua direita lhe disse que a mesma coisa tinha acontecido com Jerome.

Confuso, Bryn olhou à sua volta e procurou as duas bengalas. Com uma sensação de desespero, viu que tinham sido atravessadas por flechas de haste preta.

— Acho que um de cada vez é mais justo, não é? — Halt perguntou.

Bryn e Jerome sentiram-se invadidos pelo terror quando olharam para cima e viram o rosto carrancudo do arqueiro parado nas sombras, a 10 metros de distância, com outra flecha já posicionada na corda do comprido arco.

Apenas Alda mostrou algum sinal de rebeldia.

— Isso é assunto da Escola de Guerra, arqueiro — ele disse, tentando resolver a situação com um tom ameaçador. — É melhor você ficar de fora.

Will, levantando-se vagorosamente, viu a raiva que queimava no fundo dos olhos de Halt diante daquelas palavras arrogantes. Por um momento, quase sentiu pena de Alda, mas então a dor lancinante nas costas e nos ombros

fez que quaisquer pensamentos de simpatia fossem afastados no mesmo instante.

— Assunto da Escola de Guerra, garoto? — Halt disse numa voz perigosamente baixa.

Ele deu um passo à frente, cobrindo a distância que o separava de Alda com alguns passos rápidos. Antes que Alda se desse conta, Halt estava a menos de 1 metro dele. Mesmo assim, o aprendiz continuou com sua atitude desafiadora. O olhar sombrio no rosto de Halt era perturbador, mas, de onde estava, Alda concluiu que era bem mais alto que o arqueiro, e sua confiança voltou. O homem misterioso que agora estava à sua frente sempre o deixara inquieto. Alda nunca tinha percebido que figura insignificante ele era na realidade.

Esse foi o segundo erro do rapaz naquele dia. Halt era pequeno, mas insignificante não era uma palavra que se aplicava a ele. Além disso, Halt tinha passado a vida toda lutando contra adversários muito mais perigosos do que um aprendiz do 2º ano da Escola de Guerra.

— Parece que eu vi um aprendiz de arqueiro sendo atacado — Halt disse numa voz perigosamente baixa. — Acho que isso faz a coisa ser assunto meu também, não concorda?

Alda deu de ombros confiante de que agora poderia lidar com qualquer atitude que o arqueiro fosse tomar.

— Se quer que seja assunto seu, tudo bem — ele respondeu em tom zombeteiro. — Eu realmente não me importo.

Halt balançou a cabeça várias vezes enquanto digeriria aquelas palavras.

— Bem, então acho que esse assunto é meu, sim, mas não vou precisar disto — ele respondeu, recolocando a flecha na aljava e jogando o arco para o lado enquanto se virava para trás.

Inadvertidamente, os olhos de Alda seguiram os movimentos do arqueiro, e o rapaz sentiu uma dor lancinante quando Halt deu um chute para trás e atingiu o pé do aprendiz com sua bota, ferindo-o entre o tornozelo e a canela. Quando Alda se dobrou para agarrar o pé machucado, o arqueiro girou sobre o calcanhar esquerdo e atingiu o nariz do aprendiz com o cotovelo. O golpe o jogou para cima novamente e o fez cambalear para trás, com os olhos marejados por causa da dor. Durante alguns segundos, a visão de Alda ficou embaçada e ele sentiu uma leve sensação de formigamento debaixo do queixo. Quando voltou a enxergar, viu que os olhos do arqueiro estavam somente a alguns centímetros dos seus. Não havia raiva neles, apenas desprezo e descaso que, de certa forma, eram muito mais assustadores.

A sensação de formigamento ficou um pouco mais pronunciada e, quando tentou olhar para baixo, Alda abafou um grito de medo. A faca maior de Halt, afiada e com uma ponta de agulha, estava encostada em seu queixo e pressionava levemente a carne macia de sua garganta.

— Nunca mais fale comigo desse jeito, garoto — o arqueiro recomendou em voz tão baixa que Alda teve que

se esforçar para ouvir. — E nunca mais ponha as mãos no meu aprendiz. Entendeu?

Alda, esquecendo totalmente a arrogância e com o coração saltando de pavor, não conseguiu dizer nada. A faca espetou sua garganta com um pouco mais de força, e ele sentiu um fio quente de sangue escorrer por seu colarinho. De repente, os olhos de Halt faiscaram como brasas numa lareira.

— Entendeu?

— Sim... senhor — Alda grunhiu em resposta.

Halt deu um passo para trás, guardando a faca na bainha num movimento rápido. Alda caiu no chão, massageando o tornozelo dolorido. Ele tinha certeza de que tinha rompido os tendões. Ignorando-o, Halt se virou para os outros dois aprendizes do 2º ano. Instintivamente, tinham se aproximado um do outro e estavam olhando para o arqueiro assustados, sem saber o que ele faria em seguida.

— Você — ele disse, apontando para Bryn num tom cheio de desprezo —, pegue sua bengala.

Com medo, Bryn foi até onde estava a bengala. A flecha de Halt ainda estava enterrada na madeira. Sem tirar os olhos do arqueiro, temendo algum truque, ele caiu de joelhos e procurou a bengala na grama com a mão até encontrá-la. Em seguida se levantou, segurando-a com a mão esquerda trêmula.

— Agora me devolva a flecha — o arqueiro ordenou.

O garoto alto e moreno tirou a flecha da madeira com dificuldade e se aproximou de Halt com todos os músculos tensos, pois esperava algum movimento inesperado por parte do arqueiro. Ele, no entanto, simplesmente pegou a flecha e a colocou na aljava. Bryn se afastou apressado, e Halt soltou um leve riso de desprezo. Então se virou para Horace.

— Imagino que esses três foram os responsáveis pelos seus hematomas.

Horace não respondeu por um momento, e então se deu conta de que seu silêncio era ridículo. Não havia motivo para continuar a proteger os três valentões. Nunca tinha havido um motivo.

— Sim, senhor — disse determinado. Halt assentiu, esfregando o queixo.

— Foi o que pensei. Bem, ouvi dizer que você é muito bom com a espada. Que tal praticar com esse herói na minha frente?

Um leve sorriso se espalhou no rosto de Horace quando ele entendeu o que o arqueiro estava sugerindo.

— Acho que vou gostar disso — ele disse, andando para a frente.

— Espere um momento! — Bryn protestou recuando. — Você não pode querer que eu...

Ele não continuou. Os olhos do arqueiro cintilaram outra vez com aquela luz perigosa. Ele deu meio passo para a frente e colocou a mão no cabo da faca.

— Vocês dois tem uma arma. Agora, podem começar — ele mandou com a voz muito baixa e perigosa.

Percebendo que estava numa armadilha, Bryn se virou para encarar Horace. Agora que se tratava de um confronto individual, ele se sentia muito menos confiante para lidar com o garoto mais jovem. Todos tinham ouvido falar da fantástica habilidade de Horace com a espada.

Decidindo que o ataque seria a melhor defesa, Bryn deu um passo à frente e preparou-se para dar um golpe por cima da cabeça de Horace, mas o aprendiz desviou dele com facilidade. Horace escapou dos dois golpes seguintes de Bryn da mesma forma e então, ao bloquear o quarto ataque do garoto mais velho, escorregou a sua lâmina de madeira ao longo da bengala do outro rapaz um instante antes de as duas armas se separarem. Não havia nenhuma cruzeta para proteger a mão de Bryn do movimento, e a espada dura atingiu os seus dedos, provocando muita dor. Com um grito agoniado, ele deixou cair a bengala pesada, saltou para trás e escondeu a mão ferida debaixo do braço. Horace ficou parado, pronto para recomeçar.

— Eu não ouvi ninguém pedir para parar — Halt disse com suavidade.

— Mas... ele me desarmou! — Bryn choramingou.

— É mesmo. Mas tenho certeza de que ele vai deixar você pegar sua arma e recomeçar — Halt disse com um sorriso. — Vamos, continue.

Bryn olhou de Halt para Horace e não viu compaixão no olhar dos dois.

— Não quero — ele disse baixinho.

Horace achou difícil reconhecer naquela figura encolhida o valentão arrogante que tinha transformado sua vida num inferno nos últimos meses. Halt pareceu pensar na declaração de Bryn.

— Vamos levar seu protesto em conta — ele disse alegremente. — Agora, continue, por favor.

A mão de Bryn latejava. Mas até mesmo pior do que a dor era o medo do que estava para acontecer, a certeza de que Horace iria castigá-lo sem piedade. Ele se inclinou e, assustado, pegou a bengala com os olhos fixos no outro garoto. Horace esperou pacientemente até que Bryn estivesse pronto e então fez um repentino movimento para a frente.

Bryn gritou de medo e jogou a bengala para o lado. Horace sacudiu a cabeça aborrecido.

— Quem é o bebê agora? — ele perguntou.

Bryn desviou o olhar e se encolheu envergonhado.

— Se ele vai bancar o bebê — Halt sugeriu —, acho que você vai ter que dar umas palmadas nele.

Um sorriso se espalhou no rosto de Horace. Ele deu um pulo para a frente, agarrou Bryn pela nuca e o virou. Em seguida, bateu na traseira do garoto com a espada de exercício repetidas vezes e seguiu-o pela clareira quando tentou escapar do castigo impiedoso. Bryn uivava, saltava e soluçava, mas Horace o segurava com firmeza pelo

colarinho, e não havia como escapar. Finalmente, quando sentiu que tinha retribuído as provocações, os insultos e a dor que tinha sofrido, Horace parou.

Bryn cambaleou e caiu com as mãos e os joelhos no chão, soluçando de dor e medo.

Jerome tinha assistido horrorizado ao acontecido, sabendo que logo seria sua vez. Ele começou a se afastar, tentando escapar enquanto o arqueiro estava distraído.

— Dê mais um passo e vou furar você com uma flecha.

Will tentou usar o mesmo tom de voz calmo e ameaçador de Halt. Ele havia tirado várias de suas flechas do alvo mais próximo e agora tinha uma delas preparada, apoiada na corda do arco. Halt declarou com ar de aprovação:

— Boa idéia. Mire na barriga da perna esquerda. O ferimento é muito doloroso.

Ele olhou para onde Bryn estava deitado, soluçando aos pés de Horace.

— Acho que ele já teve o que merecia — comentou, apontando então o dedo para Jerome.

— Sua vez — ele disse apenas.

Horace pegou a bengala que Bryn tinha deixado cair, andou até Jerome e estendeu-a para ele. Jerome recuou.

— Não! — Jerome gritou de olhos arregalados. — Não é justo! Ele...

— Ora, claro que não é justo — Halt concordou num tom tranquilo. — Imagino que você ache que três contra um é justo. Agora, vamos começar.

Muitas vezes, Will tinha ouvido o ditado que dizia que um rato encurralado acaba reagindo. Jerome provou que era verdade. Ele partiu para o ataque e, para sua surpresa, Horace recuou diante da chuva de golpes dirigidos a ele. A confiança do valentão começou a crescer à medida que ele avançava, mas não percebeu que Horace bloqueava todos os golpes com muita facilidade, quase com desprezo. Os melhores golpes de Jerome nem chegavam perto de derrubar a defesa de Horace. Se o aprendiz do 2º ano estivesse batendo numa parede de pedra, o resultado seria o mesmo.

Então, Horace parou de recuar. Ficou firme e bloqueou o último golpe de Jerome com punho de ferro. Os dois ficaram frente a frente por alguns segundos, e Horace começou a empurrar Jerome para trás. Com a mão esquerda, agarrou o punho direito de Jerome, fazendo que suas armas ficassem entrelaçadas. Os pés de Jerome escorregaram na grama macia à medida que Horace o obrigava a andar cada vez mais para trás. Finalmente, ele deu um último empurrão e Jerome caiu estendido no chão.

Jerome viu o que tinha acontecido com Bryn e sabia que se render não era uma opção. Ele se levantou com dificuldade e se defendeu desesperadamente quando Horace começou o ataque. Jerome foi empurrado para trás por uma sucessão de cortadas à direita, à esquerda e para

cima. Ele conseguiu bloquear alguns dos golpes, mas a velocidade extraordinária do ataque de Horace o derrotou. Os golpes aterrissavam nas suas pernas, nos seus cotovelos e nos seus ombros. Horace parecia se concentrar nos ossos que iriam doer mais. Ocasionalmente, usava a ponta arredondada da espada para dar estocadas nas costelas de seu oponente — com força apenas suficiente para machucar, sem quebrar os ossos.

Finalmente, Jerome ficou farto. Ele desviou do ataque, soltou a bengala e caiu no chão, protegendo a cabeça com as mãos. As costas estavam levantadas convidativamente no ar. Horace parou e olhou interrogativamente para Halt. O arqueiro fez um leve gesto na direção de Jerome.

— Por que não? — ele perguntou. — Não se tem uma oportunidade dessas todos os dias.

Mas até ele se encolheu diante do chute forte que Horace deu no traseiro de Jerome. Este, com o nariz na terra, escorregou pelo menos 1 metro para a frente.

Halt recolheu a bengala que Jerome tinha deixado cair. Ele a observou por um instante, testando seu peso e equilíbrio.

— Realmente não é uma boa arma — ele disse. — Por que será que eles escolheram essa? — perguntou, jogando-a para Alda. — Mexa-se.

O garoto loiro, ainda agachado na grama cuidando do tornozelo machucado, olhou descrente para a bengala.

O rosto estava manchado pelo sangue que escorria do nariz ferido. Ele nunca mais teria a mesma boa aparência.

— Mas... mas... estou ferido! — ele protestou, levantando-se desajeitado.

Ele não acreditava que Halt estava exigindo que enfrentasse o mesmo castigo a que tinha acabado de assistir.

Halt pensou por um instante. Por um momento, um raio de esperança brilhou na mente de Alda.

— É verdade — o arqueiro concordou. — É verdade — ele murmurou, parecendo um pouco desapontado, e Alda começou a acreditar que o senso de justiça de Halt iria poupá-lo do castigo que seus amigos tinham sofrido. Então o rosto do arqueiro se iluminou.

— Mas espere um minuto... Horace também está ferido. Não é mesmo, Will?

— Com certeza, Halt — Will respondeu sorrindo, e a esperança de Alda desapareceu no mesmo instante.

— Você tem certeza de que não está ferido demais para continuar, Horace? — Halt perguntou, fingindo preocupação.

— Ah, acho que dou conta do recado — Horace respondeu com um sorriso frio.

— Bom, então está combinado! — Halt disse alegre. — Vamos continuar!

E Alda soube que ele também não teria escapatória. Enfrentou Horace com determinação, e o duelo final começou.

Alda era o melhor espadachim dos três rapazes e, durante alguns minutos, chegou a dar um pouco de trabalho para Horace. Mas, à medida que se estudavam com golpes e contragolpes, ataques e defesas, percebeu que Horace era superior e sentiu que sua única chance era tentar algo inesperado.

Ele se separou do oponente, mudou a posição da bengala e a segurou com as duas mãos como se fosse um varapau. Em seguida, desferiu uma série de golpes rápidos para a direita e para a esquerda.

Durante um segundo, Horace foi apanhado de surpresa e caiu para trás. Mas ele se recuperou com uma velocidade felina e dirigiu um golpe por cima da cabeça de Alda. O aluno do 2º ano tentou um contragolpe normalmente usado com o varapau, segurando a bengala nas duas pontas para bloquear o golpe da espada com a parte central. Na teoria, a tática estava correta. Na prática, a dura espada de madeira simplesmente atravessou a bengala, e Alda ficou segurando duas varas inúteis. Totalmente desanimado, ele as deixou cair e ficou indefeso na frente de Horace.

Horace olhou para o seu torturador de longa data e depois para a espada em sua mão.

— Não preciso disto — ele murmurou e deixou a espada cair.

O soco de direita que ele desferiu sobre o maxilar de Alda foi impulsionado pelo ombro, pelo peso do corpo

e por meses de sofrimento e solidão — a solidão que somente a vítima de maus-tratos conhece.

Will arregalou levemente os olhos quando Alda se levantou, cambaleou para trás e finalmente desabou na terra ao lado dos dois amigos. Ele se lembrou das vezes em que tinha lutado com Horace no passado. Se soubesse que o colega era capaz de dar um soco daqueles, nunca teria se metido com ele.

Alda não se mexeu e provavelmente não se moveria por muito tempo. Horace recuou, sacudindo os dedos machucados e soltando um suspiro satisfeito.

— Você não tem idéia de como isso foi bom — ele disse. — Graças a você, arqueiro.

Halt balançou a cabeça compreensivo.

— Obrigado por ajudar quando atacaram Will. E, por falar nisso, meus amigos me chamam de Halt.



Nas semanas que se seguiram a esse confronto final com os três valentões, Horace percebeu uma mudança definitiva na vida na Escola de Guerra.

O fator mais importante na mudança foi que Alda, Bryn e Jerome foram expulsos da escola, do castelo e da vila vizinha. Sir Rodney estava desconfiado, fazia algum tempo, de que havia um problema entre as turmas de seus alunos mais novos. Uma visita discreta de Halt confirmou o problema, e a investigação resultante logo trouxe à tona toda a história de como Horace tinha sido maltratado. O julgamento de sir Rodney foi rápido e inflexível. Os três alunos do 2º ano tiveram meio dia para fazer as malas. Eles receberam uma pequena quantia em dinheiro, suprlmentos para uma semana e foram transportados para a fronteira do feudo, onde receberam ordens claras para não voltar.

Depois que foram embora, o grupo de Horace melhorou consideravelmente. A rotina diária da Escola de Guerra ainda era dura e desafiadora como antes, mas, sem a carga adicional que Alda, Bryn e Jerome colocavam so-



bre ele, Horace descobriu que podia lidar facilmente com os exercícios, a disciplina e os estudos. Rapidamente, começou a desenvolver o potencial que sir Rodney tinha visto nele. Além disso, seus colegas de quarto, sem medo de ser vítimas da vingança dos valentões, começaram a ser mais agradáveis e amistosos.

Em resumo, Horace sentia que as coisas estavam realmente melhorando.

Ele só lamentava não ter podido agradecer adequadamente a Halt por sua vida ter melhorado. Depois dos acontecimentos na campina, Horace tinha ficado internado na enfermaria durante vários dias para tratamento dos hematomas e das contusões. Quando foi liberado, descobriu que Halt e Will já tinham partido para a Reunião dos Arqueiros.

— Falta muito? — Will perguntou, talvez pela décima vez naquela manhã.

Halt soltou um leve suspiro de desespero, mas não deu nenhuma resposta. Eles estavam na estrada havia três dias, e Will achava que deveriam estar perto do local da Reunião. Por várias vezes na última hora, ele tinha sentido um cheiro desconhecido no ar e mencionado o fato para Halt.

— É sal. Estamos chegando perto do mar — Halt mencionou brevemente, encerrando a explicação por ali.

Will olhou de relance para o seu professor, esperando que talvez ele se dignasse a lhe dar mais informações, mas os olhos vivos do arqueiro estavam examinando

o chão na frente deles. Will percebeu que, de tempos em tempos, Halt olhava para as árvores que cercavam a estrada.

— Você está procurando alguma coisa? — Will perguntou, e Halt se virou na sela.

— Finalmente, uma pergunta útil. Sim, na verdade, estou. O chefe dos arqueiros colocou sentinelas ao redor do local da Reunião. Eu sempre tento enganá-los quando estou me aproximando.

— Por quê? — Will perguntou, e Halt permitiu-se dar um leve sorriso.

— Isso os mantém ocupados — ele explicou. — Eles vão tentar se esconder atrás de nós e nos seguir para poder dizer que me pegaram numa emboscada. É um jogo bobo que gostam de jogar.

— Por que bobo?

O que faziam se parecia exatamente com os exercícios de habilidades que ele e Halt realizavam regularmente. O arqueiro grisalho virou-se na sela e olhou fixamente para Will.

— Por que eles nunca conseguem me pegar — ele respondeu. — E neste ano vão tentar ainda com mais vontade porque sabem que estou trazendo um aprendiz. Querem saber se você é mesmo bom.

— Isso faz parte do teste? — Will quis saber, e Halt assentiu.

— É o começo. Você se lembra do que eu falei ontem à noite? Will fez que sim com a cabeça. Nas duas

noites anteriores, quando estavam ao redor da fogueira, Halt tinha dado conselhos e instruções para Will com sua voz macia e o tinha ensinado como agir na Reunião. Na noite passada, eles arquitetaram táticas para serem usadas no caso de uma emboscada. Exatamente o tipo de coisa que Halt tinha acabado de mencionar.

— Quando nós... — Halt começou, mas de repente ficou alerta. Ele levantou um dedo num pedido de silêncio, e Will o obedeceu.

A cabeça do arqueiro estava levemente inclinada para o lado. Os dois cavalos continuaram sem hesitar.

— Escutou? — Halt perguntou.

Will também inclinou a cabeça. Ele teve a ligeira impressão de ouvir um leve barulho de cascos de cavalos atrás deles, mas não tinha certeza. O andar dos cavalos deles mascarava qualquer som real vindo da trilha às suas costas. Se havia alguém ali, seu cavalo estava trotando no mesmo ritmo.

— Mude a marcha — Halt sussurrou. — No três. Um, dois, três. Ao mesmo tempo, os dois cutucaram as laterais dos cavalos com o pé esquerdo. Aquele era só um dos muitos sinais aos quais Puxão e Abelard tinham sido treinados para responder.

No mesmo instante, os dois cavalos hesitaram em sua passada. Pareceram pular um passo e depois continuaram com passadas uniformes.

Mas a hesitação tinha mudado o padrão das batidas dos cascos e, por um instante, Will pôde ouvir outro con-

junto de cascos de cavalo atrás deles como um eco levemente atrasado. Então o outro cavalo também mudou o ritmo das passadas para ficar igual aos deles e o som desapareceu.

— Cavalo de arqueiro — Halt disse em voz baixa.
— Tenho certeza de que é Gilan.

— Como você sabe? — Will perguntou.

— Só o cavalo de um arqueiro pode mudar a passada tão depressa. E é Gilan, porque é sempre ele. Ele adora tentar me superar.

— Por quê? — Will perguntou, e Halt olhou para ele sério.

— Porque ele foi o meu último aprendiz — explicou. — E, por algum motivo, antigos aprendizes simplesmente adoram pegar seus antigos mestres desprevedidos.

Ele olhou de um jeito acusador para o seu aprendiz atual. Will ia protestar e dizer que nunca iria se comportar daquela maneira depois de formado e então se deu conta de que talvez fizesse isso na primeira oportunidade. O protesto morreu sem ser manifestado.

Halt pediu silêncio com um sinal e examinou a trilha diante deles.

— É aquele lugar ali — ele apontou. — Pronto?

Havia uma grande árvore ao lado da trilha, com galhos que pendiam na altura da cabeça deles. Will analisou-a por um momento e então as sentiu. Puxão e Abelard continuaram no seu ritmo regular em direção à árvo-

re. Quando se aproximaram, Will tirou os pés dos estribos, levantou-se e ficou agachado nas costas de Puxão. O cavalo não mudou o ritmo das passadas quando seu dono mudou de posição.

Ao passarem debaixo dos galhos, Will segurou o mais baixo com a mão e pendurou-se nele. No mesmo instante em que seu peso saiu das costas de Puxão, o pequeno cavalo começou a trotar mais vigorosamente, batendo os cascos com força no chão a cada passo para que o rastreador que os seguia não percebesse que sua carga tinha ficado mais leve de repente.

Em silêncio, Will subiu mais alto na árvore até encontrar um ponto em que pudesse se apoiar com firmeza e enxergar bem. Ele viu Halt e os dois cavalos andando devagar pela trilha.

Quando chegaram à curva seguinte, Halt fez que Puxão continuasse trotando, parou Abelard e desceu da sela. Ele se ajoelhou e pareceu examinar o chão em busca de pegadas.

Naquele momento, Will conseguiu ouvir o outro cavalo atrás deles. Ele olhou para o caminho que tinham percorrido, mas outra curva escondia quem os seguia.

Então, o suave bater dos cascos parou.

A boca de Will estava seca, e seu coração batia cada vez mais rápido dentro do peito. Ele tinha certeza de que o som podia ser ouvido por qualquer pessoa num raio de cerca de 50 metros. Mas seu treinamento falou mais alto, e

ele ficou imóvel no galho da árvore entre as folhas e sombras, observando a trilha atrás deles.

Um movimento!

Will o viu com o canto do olho, e então o movimento parou. Ele espiou o local com atenção durante um ou dois segundos e se lembrou das lições de Halt: “Não concentre sua atenção num lugar. Deixe o foco aberto e continue investigando. Você vai ver o outro como um movimento, não como uma figura. Lembre-se, ele também é um arqueiro e foi treinado na arte de não ser visto.”

Will abriu o foco e examinou a floresta atrás deles. Dentro de segundos, foi recompensado com outro sinal de movimento. Um galho voltou ao lugar quando uma figura invisível passou silenciosamente.

Então, 10 metros adiante, um arbusto se agitou de leve. Em seguida, ele viu um feixe de grama alta voltar ao normal depois de ter sido amassado temporariamente por um pé que passou.

Will continuou imóvel como uma estátua. Ele ficou admirado com o fato de que seu perseguidor conseguia andar pela floresta sem ser visto. Obviamente, o outro arqueiro tinha deixado o cavalo para trás e estava seguindo Halt a pé. Os olhos de Will se mexeram rapidamente para dar uma olhada em Halt. Seu professor ainda parecia estar preocupado com algum tipo de sinal no chão.

Outro movimento veio da floresta. O arqueiro invisível tinha passado pelo esconderijo de Will e estava vol-

tando para a trilha com a intenção de surpreender Halt pelas costas.

De repente, uma figura alta de capa cinza-esverdeado pareceu sair do chão no meio da trilha uns 20 metros atrás do vulto ajoelhado de Halt. Will piscou. Num momento, não havia ninguém ali; no outro, a figura pareceu se materializar do nada. A mão de Will começou a se mover na direção da aljava pendurada em suas costas, mas então ele interrompeu o movimento. Halt tinha dito na noite anterior: “Espere até que estejamos conversando. Se ele não estiver falando, vai escutar o menor movimento que você fizer.”

Will engoliu em seco e desejou que a figura alta não tivesse escutado o movimento de sua mão na direção da aljava. E ele parecia ter parado a tempo. Ouviu uma voz alegre aos gritos vinda lá de baixo.

— Halt, Halt!

Halt se virou e se levantou devagar, limpando a terra dos joelhos enquanto se erguia. Ele inclinou a cabeça para o lado e analisou o vulto no meio da trilha, apoiado num arco comprido igual ao dele.

— Ora, Gilan. Vejo que você está pregando a mesma peça.

— Parece que a peça está sendo pregada em você este ano, Halt — o alto arqueiro respondeu, dando de ombros.

Enquanto Gilan falava, a mão de Will se moveu rapidamente, mas em silêncio, para a aljava. Ele escolheu uma flecha e a posicionou na corda do arco.

— É mesmo, Gilan? E que peça é essa? — Halt perguntou.

O divertimento era evidente na voz de Gilan quando respondeu ao antigo mestre.

— Ora, Halt, admita. Desta vez consegui superar você. E você sabe há quantos anos venho tentando!

Pensativo, Halt esfregou a barba grisalha com a mão.

— E, para falar a verdade, eu me pergunto por que você continua tentando, Gilan.

— Você devia saber quanto prazer um antigo aprendiz tem ao superar o mestre, Halt. Agora, vamos lá, confesse. Este ano eu venci.

Enquanto o homem alto falava, Will puxou a flecha com cuidado, mirando o tronco de uma árvore uns 2 metros à esquerda de Gilan. As instruções de Halt ecoavam em seus ouvidos: “Escolha um alvo próximo para assustá-lo quando atirar, mas, pelo amor de Deus, não perto demais. Não vá atravessá-lo com a flecha!”

Halt não tinha mudado de posição no meio da trilha. Gilan agora estava inquieto, passando o peso do corpo de uma perna para outra. A atitude tranquila de Halt estava começando a perturbá-lo. Parecia que, de repente, ele não estava totalmente certo de que Halt estava somente tentando blefar para escapar da armadilha.

As próximas palavras de Halt aumentaram suas suspeitas.

— Ah, sim... aprendizes e mestres. É verdade, eles formam uma combinação estranha. Mas, diga, Gilan, meu velho aprendiz, você não está esquecendo nada este ano?

Talvez tenha sido o jeito como Halt deu um pouco mais de ênfase à palavra “aprendiz”, mas de repente Gilan percebeu que tinha cometido um erro. Ele começou a virar a cabeça e a procurar o aprendiz de que tinha se esquecido.

Quando começou o movimento, Will soltou a flecha.

A arma sibilou pelo ar, passou pelo alto arqueiro e penetrou, estremecendo, na árvore que Will tinha escolhido. Gilan deu um pulo para trás assustado e então seu olhar saltou para os galhos da árvore onde Will estava escondido. Este se admirou com o fato de que, mesmo tendo sido pego de surpresa, Gilan ainda tenha conseguido reagir tão rapidamente e identificar a direção de onde o atacante tinha atirado.

Gilan balançou a cabeça aborrecido. Seus olhos espartos conseguiram ver o pequeno vulto cinza e verde escondido nas sombras da folhagem da árvore.

— Desça, Will — Halt chamou. — Venha conhecer Gilan. E para este:

— Eu lhe disse quando você era garoto, não foi? Nunca seja apressado. Não corra para fazer as coisas.

Gilan assentiu um tanto desanimado. E pareceu ainda mais abatido quando Will pulou no chão e o alto arqueiro viu como ele era pequeno e jovem.

— Parece que eu estava tão determinado a apanhar uma velha raposa cinzenta que ignorei o pequeno macaco escondido nas árvores — ele disse rindo do próprio erro.

— Macaco? — Halt repetiu com aspereza. — Eu diria que hoje o macaco foi você. Will, este é Gilan, meu antigo aprendiz e agora arqueiro do feudo Meric, embora eu não tenha idéia do que eles tenham feito para merecer ele lá.

O sorriso de Gilan se alargou, e ele estendeu a mão para Will.

— E exatamente quando eu estava pensando que finalmente tinha vencido você, Halt — ele disse contente. — Então você é Will — continuou, apertando a mão do garoto com firmeza. — Estou satisfeito em conhecer você. Esse foi um excelente trabalho, meu jovem.

Will sorriu para Halt, e o arqueiro mais velho fez um leve movimento significativo com a cabeça. Will se lembrou das instruções finais que Halt tinha lhe dado na noite anterior: “Quando você superar um homem, nunca se vanglorie. Seja generoso e encontre alguma coisa nas ações dele para elogiar. Ele não vai gostar de ser vencido, mas vai enfrentar o fato com coragem. Mostre que você gostou do que ele fez. Elogios podem lhe conseguir um amigo. Divertir-se com a desgraça dos outros só cria inimigos.”

— Sim, sou Will. Será que você pode me ensinar como consegue se mover desse jeito? Foi ótimo.

— Acho que nem tanto — Gilan retrucou rindo desanimado. — É óbvio que você me viu chegando de longe.

Will balançou a cabeça negativamente, lembrando-se de como tinha sido difícil ver Gilan. Seu elogio e seu pedido eram mais verdadeiros do que tinha percebido.

— Vi quando você chegou — ele disse. — E vi onde você tinha estado, mas nunca vi você depois que fez aquela curva. Gostaria de saber me mover assim.

O rosto de Gilan se iluminou de prazer diante da sinceridade de Will.

— Bom, Halt, vejo que esse jovem rapaz não tem só talento. Ele também é muito educado.

Halt olhou para os dois, o atual aprendiz e o antigo aluno. Ele acenou para Will com a cabeça, aprovando suas palavras diplomáticas.

— Movimentar-se como um ser invisível sempre foi a melhor habilidade de Gilan — Halt disse. — Você se daria bem se ele concordasse em lhe dar umas aulas.

Ele foi até o ex-aprendiz e colocou o braço ao redor de seus ombros.

— É bom ver você de novo.

Eles se abraçaram com afeto, e então Halt se afastou um pouco e o observou com atenção.

— Você fica mais magro a cada ano — ele disse finalmente. — Quando vai pôr alguma carne em cima desses ossos?

Gilan sorriu e ficou evidente que aquela era uma velha piada entre eles.

— Parece que você tem o suficiente para nós dois — o rapaz retrucou, cutucando as costelas de Halt com força. — Esse é o começo de uma barriguinha de cerveja?

Ele riu para Will.

— Acho que ele fica sentado na cabana e deixa você fazer todo o trabalho, não é?

Antes que Halt ou Will pudessem responder, ele se virou e soltou um assobio. Alguns segundos depois, seu cavalo apareceu, trotando pela curva na estrada. Quando o jovem arqueiro foi até o animal e montou na sela, Will notou uma espada que pendia da bainha. Ele se virou para Halt confuso.

— Pensei que não podíamos ter espadas — ele comentou em voz baixa.

Halt franziu a testa por um momento, sem compreender. Então seguiu o olhar de Will e percebeu o que tinha provocado o comentário.

— Não é que não tenhamos permissão — ele explicou enquanto os dois montavam. — É uma questão de prioridades. Leva anos para se tornar um bom espadachim, e não temos esse tempo. Temos outras habilidades para desenvolver.

Ele viu a próxima pergunta se formando nos lábios de Will e continuou.

— O pai de Gilan é um cavaleiro, então ele já vinha treinando com a espada durante alguns anos antes de se juntar aos arqueiros. Foi considerado um caso especial e teve permissão de continuar esse treinamento quando foi meu aprendiz.

— Mas pensei... — Will começou e hesitou.

O cavalo de Gilan se aproximava trotando, e Will não tinha certeza de que seria educado fazer a próxima pergunta na presença de Gilan.

— Nunca diga isso na frente de Halt — Gilan disse, ouvindo suas últimas palavras. — Ele simplesmente vai dizer: “Você é um aprendiz, não está aqui para pensar” ou “Se você tivesse pensado nisso, não iria perguntar.”

Will teve que sorrir. Halt tinha usado exatamente as mesmas palavras em mais de uma ocasião, e a imitação de Gilan era excelente. Naquele momento, contudo, os dois homens estavam olhando para Will esperando ouvir a pergunta que estava prestes a fazer, então continuou.

— Se o pai de Gilan era um cavaleiro, ele não era automaticamente candidato à Escola de Guerra? Ou acharam que ele também era muito pequeno?

Halt e Gilan trocaram um olhar. Halt ergueu uma sobrancelha e fez um gesto para que Gilan respondesse.

— Eu poderia ter ido para a Escola de Guerra, mas preferi me juntar aos arqueiros — ele contou.

— Alguns fazem isso — Halt acrescentou com suavidade.

Will pensou nisso. Ele sempre supôs que os arqueiros não tinham ligação com os nobres do reino. Aparentemente, estava enganado.

— Mas pensei... — ele começou e no mesmo instante percebeu seu erro.

Halt e Gilan olharam para ele, depois um para o outro e disseram em coro:

— Você é um aprendiz, não está aqui para pensar. Em seguida eles viraram os cavalos e saíram trotando. Will correu para pegar Puxão e os seguiu. Quando alcançou os dois arqueiros, eles afastaram os cavalos para os lados, deixando espaço para ele. Gilan sorriu, mas Halt estava sombrio como sempre. Porém, enquanto continuavam a cavalgar num silêncio amistoso, Will teve a reconfortante sensação de que agora fazia parte de um grupo exclusivo e fortemente unido.

Era uma sensação agradável, de estar no lugar certo, como se, de alguma forma, ele tivesse chegado à sua casa pela primeira vez na vida.



— Aconteceu alguma coisa — Halt disse em voz baixa, fazendo sinal para os dois companheiros pararem os cavalos.

Os três cavaleiros haviam andado a meio galope no último meio quilômetro. Agora haviam aumentado um pouco a velocidade, e o espaço aberto entre as árvores estava bem à sua frente, a cerca de 100 metros de distância. Pequenas barracas individuais se estendiam em filas ordenadas, e a fumaça das fogueiras usadas para o preparo da comida enchia o ar. Um estande para prática de arco-e-flecha tinha sido instalado num dos lados do espaço aberto, e várias dezenas de cavalos, todos pequenos e desgrenhados cavalos de arqueiros, estavam pastando perto das árvores.

Os três companheiros sentiram um ar de urgência e atividade em todo o acampamento. No centro das fileiras de barracas, havia um pavilhão maior, de 4 x 4 metros e com altura suficiente para permitir que um homem alto ficasse de pé. Os panos laterais estavam enrolados para cima naquele momento, e Will pôde ver um grupo de

homens vestidos de verde e cinza parados ao redor de uma mesa, aparentemente mergulhados numa conversa. De repente, um dos membros do grupo se afastou e correu para um cavalo que esperava do lado de fora da entrada. Ele montou, virou o cavalo e disparou pelo acampamento a galope na direção da trilha estreita entre as árvores do outro lado.

Ele tinha acabado de desaparecer nas sombras profundas debaixo das árvores quando outro cavaleiro apareceu da direção oposta, galopando entre as fileiras e parando fora da grande barraca. Seu cavalo mal tinha parado quando ele saltou para o chão e foi se juntar ao grupo do lado de dentro.

— O que aconteceu? — Will perguntou. De testa franzida, ele percebeu que várias das pequenas barracas estavam sendo desfeitas e enroladas por seus donos.

— Não tenho certeza — Halt respondeu, fazendo um gesto na direção das fileiras de barracas. — Veja se consegue encontrar um bom lugar para acamparmos. Vou ver o que está acontecendo.

Ele fez Abelard ir para a frente, virou-se e gritou:

— Não monte as barracas ainda. Pelo que parece, talvez não precisemos delas.

Os cascos de Abelard bateram com força no chão enquanto ele galopava na direção do centro do acampamento.

Will e Gilan encontraram um local para acampar debaixo de uma árvore grande relativamente perto da área



central de reunião. Depois disso, sem saber ao certo o que fazer em seguida, eles se sentaram num tronco e esperaram a volta de Halt. Como um arqueiro de posição elevada, Halt tinha acesso ao pavilhão maior que, segundo a explicação de Gilan, era a barraca de comando. O comandante do grupo, um arqueiro chamado Crowley, se encontrava ali com seu pessoal todos os dias para organizar as atividades, bem como para conferir e avaliar os relatórios e as informações que os arqueiros traziam para a Reunião.

Quase todas as barracas perto dos dois arqueiros mais jovens estavam desocupadas, mas havia um arqueiro magro e desengonçado do lado de fora de uma delas, andando impacientemente de um lado para outro, parecendo tão confuso quanto Gilan e Will. Ao vê-los no tronco, ele se aproximou.

— Alguma novidade? — ele perguntou imediatamente, ficando desanimado quando ouviu a resposta de Gilan.

— Íamos fazer a mesma pergunta — Gilan disse, estendendo a mão para cumprimentar o rapaz. — Você é Merron, não é?

Os dois trocaram um aperto de mão.

— Isso mesmo. E, se me lembro bem, você é Gilan.

Gilan apresentou Will, e o recém-chegado, que parecia ter uns 30 anos, olhou para ele curioso.

— Então você é o novo aprendiz de Halt — ele comentou. — Nós estávamos querendo saber como você era. Eu ia ser um dos seus avaliadores.

— Ia ser? — Gilan perguntou depressa.

— Sim — Merron respondeu, olhando para ele. — Duvido que a gente continue com a Reunião agora — ele hesitou e acrescentou: — Quer dizer que vocês não estão sabendo?

Os dois recém-chegados balançaram a cabeça negativamente.

— Morgarath está planejando alguma coisa outra vez — ele disse em voz baixa, e Will sentiu um calafrio na espinha ao ouvir o nome perverso.

— O que aconteceu? — Gilan perguntou atento.

Merron sacudiu a cabeça, remexendo a terra na sua frente com a ponta da bota num gesto de frustração.

— Não há notícias claras ainda, apenas informações incompletas. Mas parece que um exército de Wargals saiu do desfiladeiro de Três Passos há alguns dias. Eles derrotaram as sentinelas e foram para o norte.

— Morgarath estava com eles? — Gilan quis saber.

Will ficou quieto e de olhos arregalados. Ele não conseguia fazer perguntas, nem mesmo pronunciar o nome de Morgarath.

— Não sabemos — Merron respondeu. — Acho que não, nesse estágio, mas Crowley tem mandado patrulheiros para investigar nos últimos dois dias. Talvez seja apenas um ataque surpresa, mas, se for mais do que isso, é

possível que signifique o início de outra guerra. Se for isso, foi um péssimo momento para perder lorde Lorriac.

— Lorriac está morto? — Gilan perguntou com preocupação na voz, e Merron assentiu.

— Parece que foi um derrame ou um ataque do coração. Ele foi encontrado morto alguns dias atrás e não havia nenhuma marca em seu corpo. Estava olhando direto para a frente. Morto e frio como pedra.

— Mas ele estava na sua melhor fase! — Gilan exclamou. — Eu vi ele há somente um mês e ele estava saudável como um touro.

Merron deu de ombros. Ele não tinha explicação, somente conhecia os fatos.

— Acho que isso pode acontecer com qualquer um — ele disse. A gente nunca sabe.

— Quem é lorde Lorriac? — Will perguntou para Gilan em voz baixa.

Pensativo, o jovem arqueiro balançou a cabeça enquanto respondia.

— Lorriac de Steden. Ele era o líder da cavalaria pesada do rei. Provavelmente nosso melhor comandante. Como Merron disse, se houver uma guerra, sentiremos muito a falta dele.

A mão fria do medo pousou no coração de Will. Toda a sua vida as pessoas falaram de Morgarath em voz baixa, isso quando falavam dele. O Grande Inimigo tinha quase assumido as proporções de um mito: uma lenda de tempos antigos e sombrios. Agora o mito estava se tor-

nando realidade mais uma vez. Uma realidade desafiadora e apavorante. Ele olhou para Gilan em busca de tranquilidade, mas o rosto bonito do jovem arqueiro não mostrou nada além de dúvida e preocupação em relação ao futuro.

Halt demorou quase uma hora para se juntar a eles outra vez. Como já passava do meio-dia, Will e Gilan tinham preparado uma refeição com pão, carne fria e frutas secas. O arqueiro grisalho escorregou da sela de Abelard, aceitou um prato de Will e comeu rapidamente.

— A Reunião terminou — ele disse entre uma mordida e outra. Ao ver a chegada do arqueiro mais velho, Merron tinha voltado a se reunir ao grupo. Ele e Halt se cumprimentaram rapidamente e então Merron fez a pergunta que estava na mente de todos.

— É a guerra? — ele perguntou ansiosamente, e Halt balançou a cabeça.

— Não temos certeza. As últimas informações mostram que Morgarath ainda está nas montanhas.

— Então por que os Wargals saíram? — Will perguntou. Todos sabiam que os Wargals só faziam a vontade de Morgarath. Eles nunca teriam agido de forma tão radical sem ordens dele. A expressão de Halt estava sombria quando respondeu.

— Eles são apenas um grupo pequeno, talvez 50. A intenção foi usá-los para desviar a atenção. Crowley acha que, enquanto nossos guardas estavam ocupados perseguindo os Wargals, os dois Kalkaras saíram das Montanhas e se esconderam em algum lugar da Planície Solitária.

Gilan assobiou baixinho, e Merron até deu um passo para trás surpreso. O rosto dos dois jovens arqueiros mostrava seu grande horror diante das notícias. Will não tinha idéia do que eram os Kalkaras, mas, a julgar pela expressão de Halt e as reações de Gilan e Merron, as notícias obviamente não eram boas.

— Você quer dizer que eles ainda existem? — Merron perguntou. — Pensei que tinham morrido anos atrás.

— Ah, sim, eles ainda existem — Halt confirmou. — Sobraram apenas dois, mas é o bastante para ficarmos preocupados.

Houve um grande silêncio. Finalmente e com hesitação, Will teve que perguntar:

— Quem são eles?

Halt balançou tristemente a cabeça. Não queria discutir aquele assunto com alguém tão jovem quanto Will, mas, sabendo o que os esperava, não tinha escolha. O garoto tinha que saber.

— Quando Morgarath estava planejando sua rebelião, ele queria mais que um exército comum. Sabia que sua tarefa seria mais fácil se conseguisse aterrorizar seus inimigos. Assim, durante vários anos, ele fez uma série de expedições para as Montanhas da Chuva e da Noite, procurando.

— Procurando o quê? — Will perguntou, embora tivesse a incômoda sensação de que sabia qual seria a resposta.

— Aliados que pudesse usar contra o reino. As montanhas são uma parte antiga e tranquila do mundo. Elas permaneceram inalteradas durante séculos, e havia rumores de que estranhas bestas e monstros antigos ainda viviam ali. Acontece que os rumores se confirmaram. — Wargals — Will comentou, e Halt assentiu. — Sim, Wargals. Morgarath os escravizou rapidamente e os fez cumprir sua vontade — Halt completou com um toque de amargura na voz. — Mas então ele encontrou os Kalkaras. E eles são piores que os Wargals. Muito, muito piores.

Will não disse nada. Pensar em bestas que eram piores que os Wargals o deixava, no mínimo, perturbado.

— Eles eram três, mas um foi morto há cerca de oito anos, por isso sabemos um pouco mais sobre eles. Pense numa criatura em algum ponto entre um macaco e um urso que anda sobre duas patas e você vai ter uma idéia da aparência de um Kalkara.

— Então Morgarath os controla com a mente, como faz com os Wargals? — Will perguntou.

— Não. Eles são mais inteligentes do que os Wargals, mas são totalmente obcecados por prata. Eles adoram e guardam prata e parece que Morgarath dá para os Kalkaras grandes quantidades de prata para que façam o que ele quer. E o fazem bem. Podem ser incrivelmente espertos quando perseguem uma presa.

— Presa? Que tipo de presa? — Will quis saber.

Halt e Gilan trocaram um olhar, e Will pôde ver que seu mentor estava relutante em falar no assunto. Mas o arqueiro grisalho respondeu em voz baixa:

— Os Kalkaras são assassinos. Quando recebem ordens para capturar uma determinada vítima, fazem tudo o que podem para alcançar e matar essa pessoa.

— Podemos impedir os Kalkaras? — Will perguntou, e seu olhar passou rapidamente para o arco pesado de Halt e a aljava repleta de flechas negras.

— É difícil matar eles. São cobertos por pêlos grossos emaranhados e tão fechados que quase parecem escamas. Uma flecha dificilmente penetra neles. Uma acha ou uma espada de folha larga funciona melhor.

Ou talvez um bom golpe com uma lança pesada dê resultado.

Will sentiu um momento de alívio. Esses Kalkaras estavam parecendo quase invencíveis, mas havia muitos cavaleiros no reino que, sem dúvida, eram capazes de dar conta deles.

— Então foi um cavaleiro que matou um deles há oito anos? Halt balançou a cabeça.

— Não foi um cavaleiro. Foram três. Foram necessários três cavaleiros totalmente armados para matar a criatura, e apenas um deles sobreviveu à batalha. E o que é pior: ele ficou aleijado para o resto da vida — Halt terminou carrancudo.

— Três homens? Todos cavaleiros? — Will indagou sem acreditar. — Mas como...

Gilan o interrompeu antes que pudesse terminar.

— O problema é que, se você se aproximar o bastante para usar uma espada ou lança, geralmente os Kalkaras derrotam você antes que tenha alguma chance.

Enquanto ele falava, seus dedos batiam levemente no cabo da espada que usava na cintura.

— E como eles fazem isso? — Will quis saber, sentindo o alívio momentâneo ser instantaneamente afastado pelas palavras de Gilan.

— Seus olhos — explicou Merron, o arqueiro desajeitado. — Se você olhar nos olhos deles, fica paralisado e indefeso, do mesmo jeito que um pássaro fica paralisado pelo olhar de uma cobra antes de ser morto por ela.

Will olhou para os três companheiros sem compreender. O que Merron tinha dito parecia improvável demais para ser verdade, mas Halt não o contradisse.

— Paralisa você... como eles podem fazer isso? Você está falando de magia?

Halt deu de ombros. Merron olhou para o lado, pouco à vontade. Nenhum deles gostava de discutir aquele assunto.

— Algumas pessoas dizem que é magia — Halt disse finalmente.

— Acho mais provável que seja uma forma de hipnotismo. Seja como for, Merron está certo. Se um Kalkara fizer você olhar nos olhos dele, você fica paralisado de puro terror, incapaz de fazer qualquer coisa para se salvar.

Will olhou ao redor ansioso, como se esperasse ver uma criatura macaco-urso sair de dentro das árvores silenciosas a qualquer momento. Ele sentiu o pânico crescendo no peito. De alguma forma, tinha acreditado que Halt era invencível e, no entanto, ele estava ali, aparentemente admitindo que não havia defesa contra aqueles monstros perversos.

— Não há nada que se possa fazer? — ele perguntou numa voz desanimada.

— Diz a lenda que eles são especialmente vulneráveis ao fogo — Halt contou, dando de ombros. — O problema é, como já sabemos, conseguirmos nos aproximar o bastante para causar qualquer dano. Carregar uma chama acesa dificulta a tarefa de perseguir um Kalkara. Eles costumam caçar à noite e podem ver você se aproximando.

Will achou difícil acreditar no que estava ouvindo. Halt parecia muito realista sobre o assunto, e Gilan e Merron obviamente ficaram perturbados com as notícias que ele trouxe.

Seguiu-se um silêncio estranho, quebrado por Gilan.

— O que faz Crowley pensar que Morgarath está usando Kalkaras? Halt hesitou. Ele tinha ouvido a opinião de Crowley numa reunião particular. Então deu de ombros. Todos precisariam saber de tudo cedo ou tarde e todos eram membros do Grupo dos Arqueiros, até Will.

— Ele já usou duas vezes no ano passado: para matar lorde Northolt e lorde Lorriac.

Os três homens mais jovens trocaram olhares surpresos, e Halt continuou:

— Pensou-se que Northolt havia sido morto por um urso, lembram?

Will acenou com a cabeça de leve. Agora ele lembrava. No primeiro dia como aprendiz de Halt, o arqueiro tinha recebido a notícia da morte do comandante supremo.

— Na época, achei que Northolt era um caçador habilidoso demais para ser morto daquele jeito. É óbvio que Crowley concorda.

— Mas e quanto a Lorriac? Todos dizem que foi um derrame — Merron comentou.

Halt olhou para ele brevemente e então respondeu.

— Você ouviu isso, não foi? Bem, o médico dele ficou muito surpreso. Ele disse que nunca tinha visto homem mais saudável. Por outro lado... — ele fez uma pausa, e Gilan terminou seu pensamento.

— Pode ter sido obra dos Kalkaras.

— Exatamente — Halt concordou. — Não conhecemos todos os efeitos do olhar paralisante. Mantido durante um longo período de tempo, o terror pode muito bem ser suficiente para parar o coração de um homem. E houve algumas informações vagas sobre um animal grande e escuro visto na região.

Novamente, o silêncio *se* instalou no pequeno grupo debaixo das árvores. Em volta deles, os arqueiros se agitavam de um lado para outro, levantando acampamento e selando os cavalos. Halt finalmente os despertou de seus pensamentos.

— É melhor irmos andando. Merron, você precisa voltar ao seu feudo. Crowley quer o exército alerta e mobilizado. As ordens vão ser distribuídas em poucos minutos.

Merron assentiu e se afastou na direção de sua barraca, mas parou e voltou. Algo na voz de Halt, na forma como tinha dito “você precisa voltar ao seu feudo”, o fez pensar.

— E vocês três? — ele perguntou. — Para onde vocês vão? Antes mesmo que Halt respondesse, Will soube o que ele ia dizer.

Mas isso não tornou o fato menos assustador ou apavorante quando as palavras foram ditas.

— Nós vamos atrás dos Kalkaras.



Ⓞ acampamento fervia. Barracas eram desmontadas e arqueiros guardavam seus equipamentos, amarrando-os nas sacolas das selas. Os primeiros integrantes do grupo já tinham partido e voltavam para os seus feudos.

Will estava ajustando as cordas das mochilas nas selas depois de repor alguns itens que tinha tirado. Halt estava sentado a alguns metros de distância, com a testa franzida, pensativo, estudando o mapa da região que cercava a Planície Solitária. A planície era uma área grande que ainda não tinha sido mapeada e não apresentava estradas. Uma sombra caiu sobre Halt e ele olhou para cima. Gilan estava parado ao seu lado com um ar preocupado no rosto.

— Halt, você tem certeza sobre isso? — ele perguntou em voz baixa e preocupada.

— Toda certeza, Gilan. Isso simplesmente tem que ser feito — Halt respondeu, olhando-o com determinação.



— Mas ele é só um garoto! — Gilan protestou, olhando para Will que estava amarrando um saco de dormir atrás da sela de Puxão.

Halt suspirou e desviou o olhar.

— Sei disso, mas ele é um arqueiro. Aprendiz ou não, ele é um membro da corporação como todos nós.

Ele viu que Gilan ia protestar outra vez, preocupado com Will, e sentiu uma onda de afeição pelo antigo aprendiz.

— Gilan, num mundo ideal eu não colocaria Will em risco desse jeito. Mas não estamos num mundo ideal. Todos vão ter que desempenhar seu papel nessa campanha, até meninos como Will. Morgarath está se preparando para algo grande. Os agentes de Crowley ouviram dizer que, além de tudo, ele tem entrado em contato com os escandinavos. — Os escandinavos? Para quê?

— Não sabemos os detalhes, mas na minha opinião ele está esperando formar uma aliança com eles — Halt respondeu, dando de ombros. — Eles lutam com qualquer um por dinheiro. E, pelo que parece, lutam por qualquer um — ele acrescentou, deixando clara sua antipatia por mercenários. — O caso é que estamos com falta de pessoal. Normalmente, eu iria atrás dos Kalkaras com um grupo de pelo menos cinco arqueiros mais antigos. Mas Crowley simplesmente não pode ceder eles para mim. Assim, tive que me contentar com os dois em quem mais confio: você e Will.

— Ora, obrigado.

Gilan deu um sorriso torto. Ele estava emocionado com a confiança de Halt. Ainda admirava seu antigo mentor. Quase todos na Corporação de Arqueiros o faziam.

— Além disso, acho que essa sua velha espada enferrujada pode ser útil se nos depararmos com um desses horrores — Halt disse.

A Corporação de Arqueiros tinha tomado a decisão acertada quando permitiu que Gilan continuasse o treinamento com a arma. Embora poucas pessoas soubessem, Gilan era um dos melhores espadachins em Araluen.

— Quanto a Will — ele continuou —, não o subestime. Ele é muito habilidoso. É rápido, corajoso e já maneja muito bem o arco e as flechas. E, o que é melhor, pensa rápido. Meu verdadeiro plano é mandar ele buscar reforços se encontrarmos pistas dos Kalkaras. Isso vai nos ajudar e vai manter ele longe do perigo.

Pensativo, Gilan coçou o queixo. Agora que Halt tinha explicado o que pretendia, aquele parecia o único caminho a tomar. Ele encontrou o olhar do homem mais velho e acenou com a cabeça mostrando que entendia a situação. Então se virou para organizar seu material, mas descobriu que Will já tinha arrumado tudo e amarrado à sela de seu cavalo. Ele sorriu para Halt.

— Você tem razão — ele disse. — O garoto sabe usar a cabeça.

Os três partiram um pouco depois, enquanto os outros arqueiros ainda estavam recebendo ordens. Mobi-

lizar o exército de Araluen não seria uma tarefa insignificante, e os arqueiros deveriam coordená-la e depois estar preparados para guiar as forças individuais dos 50 feudos para o ponto de reunião nas planícies de Uthal. Com Gilan e Halt designados para procurar os Kalkaras, os outros arqueiros tinham que assumir a tarefa de coordenar as forças de seus feudos.

Os três companheiros pouco falaram quando Halt os guiou para o sudeste. Até a curiosidade natural de Will foi abrandada pela magnitude da tarefa que os esperava. Enquanto cavalgavam em silêncio, a sua mente ficava formando imagens de criaturas selvagens parecidas com ursos e com feições de macaco. Criaturas que poderiam muito bem se mostrar invencíveis, até para alguém com as habilidades de Halt.

Por fim, contudo, a monotonia se instalou, as imagens terríveis desapareceram e ele começou a se perguntar que plano, se havia algum, Halt tinha em mente.

— Halt — ele chamou um tanto sem fôlego —, onde você espera encontrar os Kalkaras?

Halt observou o rosto sério ao seu lado. Eles estavam viajando no ritmo da marcha forçada dos arqueiros: quarenta minutos na sela, cavalgando num galope regular, e depois vinte minutos a pé, conduzindo os cavalos e permitindo que viajassem sem carga, enquanto os homens corriam num trote uniforme.

A cada quatro horas, eles paravam para uma hora de descanso, quando faziam uma refeição rápida de carne

seca, pão duro e frutas, e então se embrulhavam em suas capas para dormir.

Eles já estavam viajando fazia algum tempo e Halt achou que era hora de descansar. Ele levou Abelard para fora da estrada, para o abrigo de um pequeno bosque. Will e Gilan o seguiram, largando as rédeas e deixando os cavalos pastar.

— O melhor — Halt disse em resposta à pergunta de Will — é começar a procurar na toca e ver se eles estão nas vizinhanças.

— E sabemos onde essa toca fica? — Gilan perguntou.

— Nossos espiões acham que fica em algum lugar na Planície Solitária, além das Flautas de Pedra. Vamos investigar essa região e ver o que encontrarmos. Se eles estiverem por ali, certamente vamos descobrir que uma ou outra ovelha ou cabra está faltando nas vilas da vizinhança. Conseguir que os moradores falem vai ser outro problema. Os habitantes das planícies são as pessoas mais fechadas de todos os tempos.

— O que é essa planície de que vocês estão falando? — Will perguntou com a boca cheia de pão seco. — E que raios é uma Flauta de Pedra?

— A Planície Solitária é uma área grande e plana. Tem muito poucas árvores e é coberta principalmente por massas rochosas e capim alto — Halt contou para ele. — Parece que o vento está sempre soprando, não importa a época do ano em que você vá para lá. É um lugar triste e

deprimente, e as Flautas de Pedra são a parte mais sombria de lá.

— Mas o que são... — Will começou, mas Halt só tinha feito uma breve pausa.

— As Flautas de Pedra? Ninguém sabe realmente. Elas são um círculo de pedras formado pelos antigos, inserido no meio da parte mais ventosa da planície. Ninguém descobriu qual seu verdadeiro objetivo, mas elas estão arranjadas de modo que o vento é desviado ao redor do círculo e atravessa uma série de buracos nas próprias pedras. Elas criam um som constante e agudo, mas não tenho idéia de por que alguém achou que o som se parece com o de flautas. O barulho é misterioso e desafinado e pode ser ouvido a quilômetros de distância. Depois de alguns minutos, você começa a ficar arrepiado, e ele continua por horas e horas.

Will ficou em silêncio. A imagem de uma planície triste varrida pelo vento e com pedras que emitiam um uivo agudo e ininterrupto pareceu tirar o último vestígio de calor do sol do final da tarde. Ele estremeceu involuntariamente. Halt viu o movimento e se inclinou para lhe dar um tapinha encorajador no ombro.

— Se alegre — ele disse. — Nada costuma ser tão mau quanto parece. Agora, vamos descansar um pouco.

Eles chegaram aos arredores da Planície Solitária ao meio-dia do segundo dia. Halt tinha razão: era um lugar grande e deprimente. A área se estendia por vários quilô-

metros e era coberta por um capim alto e cinzento, ressecado pelo vento constante.

O vento parecia quase um ser vivo. Ele era irritante, soprando contínua e invariavelmente do oeste, dobrando o capim alto à sua frente, varrendo o terreno achatado da Planície Solitária.

— Agora vocês entendem por que ela é chamada de Planície Solitária? — Halt perguntou aos dois companheiros, puxando as rédeas de Abelard para que eles pudessem alcançá-lo. — Quando você sai cavalgando nesse maldito vento, tem a sensação de que é a única pessoa viva que resta na face da Terra.

“Isso é verdade”, Will pensou. Ele se sentiu pequeno e insignificante diante do vazio da planície. E essa sensação de insignificância foi acompanhada por outra de impotência. O deserto que estavam atravessando a cavalo parecia sugerir a presença de forças ocultas, forças muito maiores que suas habilidades. Até Gilan, normalmente alegre e entusiasmado, parecia afetado pela atmosfera pesada e deprimente do lugar. Apenas Halt parecia não ter mudado, permanecendo sombrio e taciturno como sempre.

Aos poucos, enquanto cavalgavam, Will ficava ciente de uma sensação inquietante. Havia algo oculto bem fora do alcance de sua percepção consciente. Alguma coisa que o deixava perturbado. Ele não a conseguia isolar nem mesmo dizer de onde vinha ou que forma tinha. A coisa simplesmente estava ali, sempre presente. Ele se

mexeu na sela e ficou de pé nos estribos para investigar o horizonte monótono, na esperança de poder ver a fonte daquilo tudo.

— Você sentiu — Halt comentou ao perceber o movimento. — São as Pedras.

E, depois que Halt falou, Will se deu conta de que tinha sido um som, tão leve e tão contínuo que não podia ser isolado como tal, que criara a sensação de inquietação em sua mente e o aperto na boca do estômago. Ou talvez eles tivessem chegado a uma distância em que conseguiam ouvir as Flautas de Pedra apenas quando Halt fez o comentário, pois naquele momento Will pôde isolar o som. Era uma série de notas musicais desafinadas tocadas ao mesmo tempo, mas criando um som áspero e desarmonioso que irritava os nervos e perturbava a mente. Sua mão esquerda escorregou discretamente para o punho da faca enquanto cavalgava, e ele sentiu conforto ao tocar a arma sólida e confiável.

Eles continuaram a viagem durante toda a tarde com a impressão de que nunca avançavam. A cada passo, o horizonte atrás e diante deles parecia nunca ficar mais perto ou longe. Era como se estivessem marcando passo num mundo vazio. O som constante e agudo das Flautas de Pedra os acompanhou por todo o dia, ficando cada vez mais forte. Aquele era o único sinal de que estavam avançando. As horas passavam e o som continuava, sem que Will sentisse que ficava mais fácil suportá-lo. O som irri-

tava seus nervos e o deixava ansioso. Quando o sol começou a mergulhar na margem oeste, Halt freou Abelard.

— Vamos passar a noite aqui e descansar — ele anunciou. — É quase impossível manter um ritmo constante no escuro. Sem características marcantes no terreno que nos ajudem a estabelecer uma rota, poderíamos facilmente acabar andando em círculos.

Agradecidos, os outros desmontaram. Mesmo bem preparados como eram, as horas passadas no ritmo de marcha forçada os tinham deixado exaustos. Will começou a procurar lenha para a fogueira ao redor dos poucos arbustos ressecados que cresciam na planície. Halt, percebendo o que ele tinha em mente, sacudiu a cabeça.

— Nada de fogo — recomendou. — Vão nos ver a quilômetros e não temos idéia de quem possa estar vigiando.

Will parou e deixou o pequeno feixe que tinha reunido cair no chão.

— Você está falando dos Kalkaras? — ele perguntou.

— Eles ou o povo da planície — Halt respondeu, dando de ombros.

— Não podemos saber com certeza se alguns deles são aliados dos Kalkaras. Afinal, vivendo tão próximos dessas criaturas, podem acabar cooperando com elas apenas para garantir sua segurança. E não queremos que eles espalhem que há estranhos na Planície.

Gilan estava tirando a sela de Blaze, seu cavalo baio. Ele largou-a no chão e esfregou o pêlo do cavalo com um punhado do sempre presente capim seco.

— Você não acha que já fomos vistos? — ele perguntou.

Halt pensou na pergunta por alguns segundos antes de responder.

— Talvez sim. Há muitos fatos que desconhecemos, como onde fica realmente a toca dos Kalkaras, se o povo das planícies é ou não seu aliado, se um deles nos viu ou não e informou nossa presença. Mas, até sabermos que fomos vistos, vamos fazer de conta que não fomos. Portanto, nada de fogo.

— É claro que você tem toda a razão — Gilan murmurou relutante. — É que eu ficaria feliz em matar alguém por uma xícara de café.

— Acenda o fogo para coar café — Halt recomendou — e isso pode ser a última coisa que vai fazer.



Foi um acampamento frio e desanimado. Cansados do ritmo duro da viagem, os arqueiros comeram uma refeição fria: pão, frutas secas e carne fria mais uma vez, engolida com água fria de seus cantis. Will estava começando a detestar aquelas rações duras e praticamente sem gosto. Halt assumiu o primeiro turno de vigília, e Will e Gilan se enrolaram em suas capas para dormir.

Aquela não era a primeira vez que Will acampava com desconforto desde que o período de treinamento tinha começado. Mas era a primeira vez que não havia nem mesmo um fogo crepitante ou, pelo menos, um canteiro de brasas quentes ao lado do qual descansar. Ele dormiu mal e teve sonhos desagradáveis — sonhos com criaturas assustadoras, coisas estranhas e aterradoras que povoavam seu subconsciente, porém perto o bastante para que ele sentisse sua presença e ficasse perturbado por ela.

O garoto ficou quase satisfeito quando Halt o sacudiu de leve para acordá-lo para seu turno de vigília.

O vento estava empurrando as nuvens sob a Lua. O gemido da canção das Pedras estava mais forte do que



nunca. Will sentiu um cansaço de espírito e se perguntou se as Pedras tinham sido criadas para deixar as pessoas exaustas daquela forma. O capim alto em volta deles sibilava uma melodia que se sobrepunha ao som agudo que vinha de longe. Halt apontou para o céu, indicando um ângulo de elevação para ser lembrado por Will.

— Quando a Lua alcançar aquele ângulo, passe a guarda para Gilan — ele disse ao aprendiz.

Will concordou, levantando-se e esticando os músculos rígidos. Ele apanhou o arco e a aljava e andou até o arbusto que Halt tinha escolhido como ponto de observação. Arqueiros em vigília nunca ficavam em terreno aberto no local do acampamento, mas sempre se afastavam 20 metros das barracas e encontravam um esconderijo. Dessa forma, estranhos que se aproximassem do acampamento teriam menor probabilidade de vê-los. Essa era uma das muitas habilidades que Will tinha aprendido em seus meses de treinamento.

Ele tirou duas flechas da aljava e as segurou entre os dedos da mão que apoiava o arco. Iria segurá-las desse jeito durante as quatro horas de sua guarda. Se precisasse delas, não teria que fazer movimentos exagerados para tirá-las da aljava — movimento que poderia alertar o atacante. Em seguida ele pôs o capuz na cabeça para se confundir com o formato irregular do arbusto. A sua cabeça e os seus olhos se moviam constantemente de um lado para outro como Halt tinha ensinado, sempre mudando o foco, de perto do acampamento para o horizonte escuro à sua

volta. Dessa forma, ele teria chances melhores de perceber algum movimento. De tempos em tempos, ele se virava lentamente num círculo completo, examinando todo o terreno ao seu redor, do jeito mais imperceptível possível.

O som agudo das Pedras e o sibilar do vento eram constantes. Mas Will também começou a ouvir outros sons — o farfalhar de pequenos animais na grama e outros menos explicáveis. Com cada um deles, o coração do garoto acelerava um pouco mais, e ele se perguntava se podiam ser os Kalkaras rastejando sobre os vultos adormecidos dos amigos. Em certo momento, ficou convencido de que estava ouvindo a respiração de um animal grande. O medo tomou conta dele, apertando sua garganta, até ele perceber, com os sentidos sintonizados ao máximo, que o que ouvia realmente era a respiração tranquila dos companheiros.

Will sabia que, a uma distância maior do que 5 metros, ficaria praticamente invisível ao olho humano, graças à capa, às sombras e ao formato do arbusto que o cercava. Mas ele se perguntava se os Kalkaras contavam somente com a visão. Talvez tivessem outros sentidos que lhes dissessem que havia um inimigo escondido no arbusto. Talvez, naquele momento, estivessem se aproximando, ocultos pelo capim alto que balançava ao vento, prontos para atacar...

Seus nervos, já sensíveis além do suportável por causa da deprimente canção das Flautas de Pedra, faziam-no querer se virar e identificar a fonte de cada novo

som assim que o ouvia. Mas Will sabia que iria se revelar ao fazer isso e se obrigou a se mover devagar, virando-se com cuidado até ficar de frente para a possível origem do som, avaliando cada novo risco antes de descartá-lo.

Nas longas horas da vigília tensa, ele não viu nada além das nuvens apressadas no céu, a Lua fugitiva e o mar ondulante de grama que os cercava. Quando a Lua chegou à elevação predeterminada, o rapaz estava física e mentalmente esgotado. Acordou Gilan para assumir a guarda e se enrolou em sua capa outra vez.

Desta vez, Will não sonhou. Exausto, dormiu profundamente até a luz cinzenta do amanhecer surgir no céu.

Eles viram as Flautas de Pedra no meio da manhã: um círculo cinzento e surpreendentemente pequeno de monólitos de granito que estavam no alto de uma elevação na planície. O caminho que tinham escolhido levou os três cavaleiros a cerca de 1 quilômetro de distância das Pedras, e Will ficou satisfeito de não se aproximar mais. O canto deprimente estava mais alto do que nunca, flutuando e se movendo ao sabor do vento.

— Vou partir em dois o lábio do próximo flautista que eu encontrar — Gilan ameaçou com um sorriso sombrio.

Eles continuaram seu caminho, deixando os quilômetros para trás, hora após hora, uma igual à outra, sem nada novo para ver e sempre com o leve uivo das Pedras às suas costas, deixando os nervos à flor da pele.

O homem da planície surgiu de repente no meio da grama, a uns 50 metros de distância. Pequeno, vestido com trapos cinza e com cabelos compridos despenteados caídos nos ombros, ele olhou para os três companheiros com olhos enlouquecidos durante vários segundos.

O coração de Will mal tinha se recuperado do susto de seu aparecimento repentino quando ele se foi, correndo pela grama, parecendo mergulhar dentro dela. Em poucos segundos, tinha desaparecido, engolido pelo capim. Halt ia colocar Abelard para persegui-lo, mas desistiu da idéia. A flecha que havia escolhido e pousado na corda do arco não foi usada. Gilan também estava pronto para atirar e tinha tido uma reação tão rápida quanto a de Halt. Ele também não atirou, olhando com curiosidade para seu superior.

— Pode não ser nada — Halt disse, dando de ombros. — Ou talvez ele tenha corrido para contar aos Kalkaras. Mas não podemos matar um homem só por desconfiança.

Gilan soltou um leve riso ruidoso, mais para liberar a tensão causada pelo surgimento inesperado do homem.

— Acho que não faz diferença se acharmos os Kalkaras ou se eles nos acharem — ele disse.

Os olhos de Halt se fixaram nele por um momento, sem nenhum sinal de humor.

— Acredite em mim, Gilan, há uma grande diferença — afirmou. Eles tinham parado a marcha forçada e cavalgavam lentamente pela grama alta. O som das Pedras

começou a diminuir um pouco, para grande alívio de Will. Ele percebeu que agora o vento estava levando o som para longe.

Depois do repentino aparecimento do morador da planície, houve um período sem que se manifestasse outro sinal de vida. Uma pergunta vinha incomodando Will durante toda a tarde.

— Halt? — ele começou com cuidado, sem saber se este o mandaria ficar quieto.

O arqueiro olhou para ele com as sobrancelhas levantadas, mostrando que estava preparado para responder perguntas, e então Will continuou.

— Por que você acha que Morgarath buscou a ajuda dos Kalkaras?

O que ele espera ganhar?

Halt percebeu que Gilan também estava esperando pela resposta. Ele colocou os pensamentos em ordem antes de responder. Estava um pouco relutante em transformá-los em palavras, pois parte da resposta dependia de suposições e intuição.

— Quem sabe por que Morgarath faz as coisas? — ele disse devagar. — Não posso dar uma resposta clara. Só posso dizer o que Crowley e eu pensamos.

Ele olhou rapidamente para os companheiros. Era óbvio que os dois estavam preparados para aceitar suas suposições como fatos consumados. “Às vezes”, ele pensou aborrecido, “a reputação de estar certo o tempo todo pode ser uma carga muito pesada.”

— Há uma guerra se aproximando — ele continuou. — Todos já sabemos disso. Os Wargals estão avançando, e nós ouvimos dizer que Morgarath entrou em contato com Ragnak.

Ele viu a expressão confusa no rosto de Will, mas sabia que Gilan compreendia quem era Ragnak.

— Ragnak é o oberjarl, ou chefe supremo, se preferir, dos escandinavos, os lobos-do-mar — explicou.

Ele viu um clarão de compreensão no rosto do aprendiz e continuou.

— Está claro que essa guerra vai ser pior do que a anterior, e nós vamos precisar de todos os nossos recursos e de nossos melhores comandantes para nos guiar. Acho que é isso que Morgarath tem em mente. Ele quer nos enfraquecer fazendo que os Kalkaras matem nossos líderes. Northolt, o chefe supremo do exército, e Lorriac, nosso melhor comandante de cavalaria, já se foram. Certamente outros homens vão assumir essas posições, mas inevitavelmente vai haver alguma confusão no período de mudança, alguma perda de união. Acho que isso faz parte do plano de Morgarath.

— Há também outro aspecto — Gilan acrescentou pensativo. — Esses dois homens foram fundamentais na sua derrota na última vez. Ele está destruindo nossa estrutura de comando e se vingando ao mesmo tempo.

— Claro, isso é verdade — Halt concordou. — E, para uma mente perturbada como a de Morgarath, vingança é um motivo poderoso.

— Então você acha que vai haver mais mortes? — Will perguntou, e Halt o olhou com firmeza.

— Acho que vai haver mais tentativas. Morgarath agiu duas vezes com alvos definidos e teve sucesso. Não vejo nenhum motivo para que não tente de novo. Ele tem razões para odiar muita gente no reino. Talvez até o próprio rei. Ou talvez o barão Arald, pois ele causou alguns problemas para Morgarath na última guerra.

“E você também”, Will pensou com medo. Ele estava para externar o pensamento de que Halt poderia ser um alvo quando se deu conta de que seu mestre provavelmente já estava ciente do fato. Gilan estava fazendo outra pergunta ao arqueiro mais velho.

— Eu não entendo uma coisa. Por que os Kalkaras continuam voltando para seu esconderijo? Por que não procuram simplesmente a vítima seguinte?

— Acho que essa é uma das poucas vantagens que temos — Halt afirmou. — São selvagens, cruéis e mais inteligentes do que os Wargals, mas não são humanos. São totalmente ingênuos. Mostre uma vítima para eles e eles vão caçar e matar ela ou morrer na tentativa. Mas só conseguem perseguir uma de cada vez. Entre uma morte e outra, voltam para sua toca. Então Morgarath, ou um de seus subordinados, os prepara para a próxima vítima e eles saem novamente. Nossa esperança é interceptar os Kalkaras no caminho se tiverem recebido uma nova missão. Ou matar eles em seu esconderijo se não tiverem.

Will olhou pela milésima vez para a planície monótona coberta de grama que se estendia à frente deles. Em algum lugar lá fora, as duas criaturas assustadoras estavam esperando, talvez já com uma nova vítima em mente. A voz de Halt interrompeu seus pensamentos.

— O sol está se pondo — ele disse. — Acho que podemos acampar aqui.

Eles desceram agilmente das selas e soltaram a barrigueira para deixar os cavalos mais confortáveis.

— Pelo menos este maldito lugar tem uma coisa boa — Gilan comentou, olhando à sua volta. — Todos os lugares são igualmente bons para acampar. Ou igualmente ruins.

Will acordou de um sono sem sonhos ao toque da mão de Halt em seu ombro. Ele jogou a capa para trás, olhou para a Lua, que dançava no céu, e franziu a testa. Não podia ter dormido mais de uma hora e ia dizer isso, mas Halt o impediu, colocando um dedo nos lábios, pedindo silêncio. Will olhou ao redor e percebeu que Gilan já estava acordado, parado perto dele com a cabeça voltada para noroeste, para o lugar de onde tinham vindo.

O garoto se levantou, movendo-se com cuidado para não fazer nenhum barulho desnecessário. Suas mãos tinham ido automaticamente para as armas, mas ele relaxou quando se deu conta de que não havia perigo imediato. Os outros dois prestavam atenção em um som, e então Halt levantou a mão e apontou para o norte.

— Lá está de novo — ele disse baixinho.

Então Will também escutou o mesmo som, acima dos gemidos das Flautas de Pedra e do murmúrio do vento ao passar na grama. Seu sangue gelou. Era um uivo agudo e selvagem que ululava e ficava cada vez mais alto. Um som desumano levado até eles pelo vento e saído da garganta de um monstro.

Segundos depois, outro uivo respondeu ao primeiro. Ligeiramente mais agudo, parecia vir de um ponto um pouco mais à esquerda do que o primeiro. Sem que lhe dissessem, Will sabia o que o som significava.

— São os Kalkaras — Halt disse num tom sombrio. — Eles têm um novo alvo e estão caçando.



Os três companheiros passaram a noite sem dormir. Os gritos de caça dos Kalkaras afastavam-se para o norte. Quando ouviram os sons pela primeira vez, Gilan quis selar Blaze, que estava nervoso com os uivos assustadores das duas bestas. Halt, porém, fez um gesto para que passasse.

— Não vou atrás dessas coisas no escuro — ele disse brevemente. Vamos esperar até o dia amanhecer e então vamos procurar suas pegadas.

As pegadas foram encontradas com facilidade, pois era óbvio que os Kalkaras não tentaram esconder sua passagem. A grama alta tinha sido esmagada pelos dois corpos pesados, que deixaram uma trilha visível apontando para o nordeste. Halt encontrou a trilha deixada pelo primeiro dos dois monstros e logo depois Gilan encontrou a segunda, cerca de 300 metros à esquerda, numa linha paralela e próxima o bastante para que pudessem se ajudar no caso de um ataque, mas longe o suficiente para evitar qualquer armadilha preparada para o irmão.



Halt analisou a situação por alguns momentos e então tomou uma decisão.

— Você fica com o segundo — ele disse para Gilan. — Will e eu vamos seguir este aqui. Quero garantir que os dois continuem andando na mesma direção. Não quero que um deles volte e venha atrás de nós.

— Você acha que eles sabem que estamos aqui? — Will perguntou, tentando com dificuldade manter a voz calma e desinteressada.

— É possível. O homem da planície que vimos já teve tempo para avisar eles. Ou talvez seja apenas uma coincidência e eles estejam saindo para a próxima missão.

Ele olhou para a trilha de grama esmagada que ia sempre na mesma direção.

— Parece mesmo que eles têm um objetivo. Então se virou para Gilan outra vez.

— Em todo caso, fique com os olhos abertos e preste muita atenção em Blaze. Os cavalos vão sentir a presença dessas bestas antes de nós. Não queremos cair numa emboscada.

Gilan as sentiu e virei; Blaze na direção da segunda trilha. A um sinal da mão de Halt, os três arqueiros começaram a cavalgar para a frente, seguindo a direção que os Kalkaras tinham tomado.

— Eu vou vigiar a trilha — Halt disse a Will. — Você fica de olho em Gilan, só para garantir.

Will voltou a atenção para o alto arqueiro, que estava a uns 200 metros de distância, e acompanhou seu

ritmo. A parte inferior do corpo de Blaze estava escondida pela grama alta. De tempos em tempos, ondulações no chão tiravam tanto o cavalo quanto o cavaleiro da vista do rapaz. Na primeira vez em que isso aconteceu, Will reagiu com um grito de alarme, pois Gilan simplesmente desapareceu. Halt se virou rapidamente com uma flecha já pronta no arco, mas nesse momento Gilan e Blaze reapareceram, aparentemente sem saber do momento de pânico que tinham causado.

— Desculpe — Will murmurou aborrecido por ter permitido que seu estado de nervos o dominasse.

Halt lhe lançou um olhar penetrante.

— Está tudo bem — ele disse com calma. — Prefiro que me avise sempre, mesmo quando só pensar que há um problema.

Halt sabia muito bem que, por ter dado um falso alarme uma vez, Will poderia relutar em reagir da próxima, e isso poderia ser fatal para todos eles.

— Avise para mim sempre que perder Gilan de vista. E diga quando ele reaparecer — ele pediu.

Will assentiu, compreendendo o raciocínio do mestre.

E assim eles continuaram a cavalgar, com o grito agudo das Flautas enchendo seus ouvidos novamente à medida que se aproximavam do círculo de pedra. Will percebeu que desta vez eles passariam muito mais perto, pois os Kalkaras pareciam estar se dirigindo direto para o

local. A cavalgada foi marcada por informações intermitentes de Will.

— Ele sumiu... ainda está sumido... Tudo bem. Apareceu de novo.

Will nunca estava seguro de quem estava passando por uma depressão, se Gilan ou ele. Muitas vezes, os dois ao mesmo tempo.

Houve um momento desagradável em que Gilan e Blaze sumiram e não reapareceram dentro dos habituais poucos segundos.

— Não consigo mais vê-lo... — Will informou. E então:

— Ainda não... ainda não... nenhum sinal... — a sua voz começou a ficar aguda por causa da inquietação que crescia dentro dele. — Nenhum sinal... ainda nenhum sinal...

Halt fez Abelard parar e preparou o arco novamente enquanto examinava o chão à sua esquerda e esperava Gilan reaparecer. Ele soltou um assobio agudo, três notas ascendentes. Houve uma pausa e depois um assobio de resposta, as mesmas três notas em ordem descendente, veio claramente até eles. Will soltou um suspiro de alívio, e Gilan em pessoa reapareceu nesse exato momento. Ele os olhou e fez um gesto largo, com os dois braços erguidos numa pergunta óbvia: “Qual é o problema?”

Halt fez um gesto negativo, e eles continuaram.

Quando se aproximaram das Flautas de Pedra, Halt ficou cada vez mais atento. O Kalkara que ele e Will vi-

nham seguindo estava se dirigindo diretamente para o círculo. Ele fez Abelard parar e protegeu os olhos do sol, estudando as pedras cinzentas e sinistras com cuidado, procurando algum movimento ou sinal de que o Kalkara pudesse estar deitado esperando para emboscá-los.

— É o único esconderijo em quilômetros — ele explicou. — Não vamos correr o risco de que a maldita coisa esteja escondida aqui esperando por nós. Acho que precisamos tomar um pouco mais de cuidado.

Ele chamou Gilan com um sinal e explicou a situação. Então eles se dividiram para cobrir uma área maior ao redor das pedras, cavalgando para o interior do círculo lentamente de três diferentes direções, procurando nos cavalos qualquer sinal possível de reação a medida que se aproximavam. Mas o local estava vazio, embora no seu interior o gemido desafinado do vento que atravessava os buracos das flautas fosse quase insuportável. Pensativo, Halt mordeu o lábio olhando para o mar de grama nas duas trilhas deixadas pelos Kalkaras.

— Isso está nos tomando tempo demais — ele disse finalmente. — Enquanto pudermos ver as trilhas por uns 200 metros à frente, vamos *andar* mais depressa. Vamos diminuir o passo quando chegarmos a uma colina ou em qualquer momento em que a trilha não esteja visível por mais de 5 metros.

Gilan assentiu, mostrando que tinha compreendido, e retomou sua posição mais distante. Eles fizeram os cavalos trotar num passo longo e tranquilo que cobriria os

quilômetros à frente deles. Will continuou a vigiar Gilan e, sempre que a trilha visível diminuía, Halt ou Gilan assobiavam e eles reduziam a velocidade até que o terreno se abrisse novamente à sua frente.

Quando a noite caiu, os três acamparam de novo. Halt ainda se recusava a seguir os dois assassinos no escuro, embora a Lua deixasse sua trilha facilmente visível.

— Fácil demais para eles voltarem no escuro — justificou. — Quero estar bem preparado quando finalmente vierem até nós.

— Você acha que eles virão? — Will perguntou, percebendo que Halt tinha dito “quando”, e não “se”.

O arqueiro olhou para seu jovem aluno.

— Sempre suponha que o inimigo sabe onde você está e que vai atacar você ele — ensinou. — Desse jeito, você pode evitar surpresas desagradáveis.

Ele pousou a mão no ombro de Will para tranquilizar o garoto. — Ainda pode ser desagradável, mas não será mais uma surpresa.

Pela manhã, eles retomaram a trilha, cavalgando no mesmo ritmo rápido, reduzindo o passo somente quando não podiam ver com clareza o terreno à sua frente. No começo da tarde, tinham chegado à beira da planície e entraram mais uma vez em terreno coberto por bosques ao norte das Montanhas da Chuva e da Noite.

Eles descobriram que ali os Kalkaras haviam se reunido, não ficando mais muito separados como tinha acontecido nas terras da planície. Mas o caminho continu-

ava o mesmo, sempre em direção ao noroeste. Os três arqueiros seguiram esse curso por outra hora antes que Halt freasse Abelard e fizesse sinal para os outros desmontarem para uma conversa. Eles se reuniram ao redor de um mapa do reino que ele abriu na grama, usando flechas como pesos para que as bordas não se enrolassem.

— A julgar pelas pegadas, já diminuimos a distância até eles. Mas ainda estão um bom meio dia à nossa frente. Agora, esta é a direção que estão seguindo...

Ele pegou outra flecha e a colocou no mapa de modo que apontasse para o lado que os Kalkaras vinham seguindo nos dois últimos dias.

— Como vocês podem ver, se eles continuarem nessa direção, há somente dois lugares importantes para onde podem estar indo.

Ele apontou para um local no mapa.

— Aqui, as Ruínas de Gorlan. Ou, mais para o norte, o próprio Castelo de Araluen.

— Castelo de Araluen? — Gilan exclamou, respirando fundo. — Você acha que eles vão ousar tentar matar o rei Duncan?

— Eu simplesmente não sei — Halt respondeu, olhando para ele e balançando a cabeça. — Não sabemos muita coisa sobre essas bestas, e metade do que achamos que sabemos provavelmente são mitos ou lendas. Mas você tem que admitir, seria algo ousado, uma tacada de mestre, e Morgarath nunca foi contra esse tipo de coisa.

Ele deixou que os outros digerissem essa idéia por alguns momentos e então traçou uma linha de sua posição atual até o noroeste.

— Mas estive pensando. Olhe. Aqui está o Castelo Redmont. Talvez a um dia de cavalgada de distância e então outro dia até aqui.

De Redmont, ele traçou uma linha para noroeste, até as Ruínas de Gorlan, marcadas no mapa.

— Uma pessoa cavalgando rapidamente e usando dois cavalos pode cobrir o trajeto em menos de um dia até Redmont e depois conduzir o barão e sir Rodney até aqui, nas ruínas. Se os Kalkaras estiverem andando no mesmo ritmo de agora, talvez possamos barrar a passagem deles aqui. Vai ser difícil, mas é possível. E, com dois guerreiros como Arald e Rodney conosco, teremos muito mais chances de parar as malditas coisas de uma vez por todas.

— Um momento, Halt — Gilan interrompeu. — Você disse uma pessoa cavalgando dois cavalos?

Halt encontrou o olhar de Gilan e viu que o jovem arqueiro já tinha adivinhado o que ele tinha em mente.

— Isso mesmo, Gilan. E o mais leve de nós vai viajar mais depressa. Quero que passe Blaze para Will. Se ele se alternar entre Puxão e o seu cavalo, pode fazer isso a tempo.

Ele viu a hesitação no rosto de Gilan e compreendeu o porquê dessa expressão. Nenhum arqueiro gostava da idéia de entregar seu cavalo a outra pessoa, mesmo a outro arqueiro. Mas, ao mesmo tempo, Gilan entendeu a

lógica da sugestão. Halt esperou que o jovem quebrasse o silêncio, enquanto Will observava os dois com os olhos arregalados de medo ao pensar na responsabilidade que estava prestes a ser posta em seus ombros.

Finalmente, com relutância, Gilan falou.

— Acho que faz sentido — ele concordou. — Então, o que quer que eu faça?

— Quero que me siga a pé — Halt disse asperamente, enrolando o mapa e guardando-o na sacola da sela. Se você puder conseguir um cavalo em qualquer outro lugar, faça isso e me alcance. Do contrário, vamos nos encontrar em Gorlan. Se não virmos os Kalkaras ali, Will poderá esperar por você com Blaze. Eu vou continuar a seguir os Kalkaras até vocês me alcançarem.

Gilan acenou concordando e Halt sentiu uma onda de afeto por ele. Quando compreendia um objetivo, Gilan não era do tipo que discutia ou fazia objeções.

— Você não disse que minha espada poderia ser útil? — o rapaz perguntou um tanto desanimado.

— É verdade — Halt respondeu —, mas isso me dá a oportunidade de trazer uma força de cavaleiros totalmente armados com machados e lanças. E você sabe que essa é a melhor forma de derrotar os Kalkaras.

— Sim, eu sei — Gilan retrucou, pegando as rédeas de Blaze, amarrando-as num nó e jogando-as sobre o pescoço do cavalo baixo.

— Você pode começar com Puxão — ele disse para Will. — Assim Blaze vai poder descansar. Ele vai seguir

você sem ser puxado pelas rédeas, e Puxão vai fazer a mesma coisa quando você estiver cavalgando Blaze. Amarre as rédeas desse jeito no pescoço de Puxão quando estiver montando Blaze para que elas não fiquem penduradas e não se prendam em nada.

Ele começou a se virar na direção de Halt e então se lembrou de uma coisa.

— Ah, sim, antes de montar nele pela primeira vez, lembre-se de dizer “olhos castanhos”.

— Olhos castanhos — Will repetiu e Gilan não conseguiu evitar um sorriso.

— Não para mim. Para o cavalo.

Essa era uma antiga piada dos arqueiros e todos sorriram. Então Halt retomou o assunto principal.

— Will? Tem certeza de que consegue achar o caminho para Redmont?

Will assentiu. Ele tocou o bolso onde guardara sua cópia do mapa e olhou para o sol para se orientar.

— Noroeste — ele disse tenso, indicando a direção que tinha escolhido.

Halt acenou com a cabeça satisfeito.

— Você vai chegar ao Rio Salmon antes do anoitecer e isso vai lhe dar um bom ponto de referência. A estrada principal fica só um pouco a oeste do rio. Mantenha um trote firme todo o tempo. Não tente se apressar, porque os cavalos só vão ficar cansados e, no final, você vai acabar andando mais devagar. Viaje com cuidado.

Halt saltou para a sela de Abelard e Will montou Puxão. Gilan apontou para Will e falou no ouvido de Blaze.

— Siga, Blaze, siga.

O cavalo baio, inteligente como todos os cavalos dos arqueiros, balançou a cabeça como se tivesse compreendido a ordem. Antes de partir, Will tinha mais uma pergunta que o vinha preocupando.

— Halt, as Ruínas de Gorlan... o que elas são exatamente? — ele quis saber.

— Isso não é uma ironia? — Halt respondeu. — Elas são as ruínas do Castelo Gorlan, o antigo feudo de Morgarath.



A cavalgada até o Castelo Redmont logo se transformou numa viagem cansativa. Os dois cavalos mantiveram o passo uniforme para o qual tinham sido treinados. É claro que houve a tentação de fazer que Puxão disparasse num galope violento, seguido por Blaze, mas Will sabia que esse ritmo o levaria ao fracasso. Ele estava avançando de acordo com a velocidade mais adequada aos cavalos. Porque o Velho Bob, o treinador de cavalos, tinha lhe dito que os cavalos dos arqueiros podiam trotar o dia todo sem se cansar.

Para o cavaleiro, a questão era muito diferente. Além do esforço físico de se mover constantemente ao ritmo do cavalo que estava montando — e os dois animais tinham passadas totalmente desiguais devido à diferença de tamanho — havia a tensão mental igualmente debilitante.

E se Halt estivesse enganado? E se, de repente, os Kalkaras tivessem desviado para o oeste e estivessem agora num curso que poderia interceptar o dele? E se ele

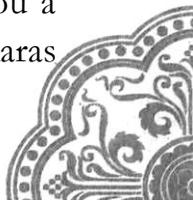
cometesse algum erro terrível e não conseguisse chegar a Redmont a tempo?

O último receio, o medo causado pela insegurança, era o mais difícil de enfrentar. Apesar do duro treinamento que tinha recebido nos últimos meses, ele ainda era pouco mais que um garoto. E, o que era mais importante, antes sempre tinha podido contar com o julgamento e a experiência de Halt. Agora estava sozinho. E sabia o quanto dependia de sua habilidade para realizar a tarefa que tinha recebido.

Os pensamentos, as dúvidas, os medos enchiam sua mente cansada, tropeçando uns sobre os outros, acotovelando se em busca de posição. O Rio Salmon veio e foi sob o ritmo constante dos cascos de seus cavalos. Will parou rapidamente para dar de beber aos animais na ponte e então, já na Estrada do Rei, fez um tempo excelente, parando apenas rapidamente em intervalos regulares para mudar de montaria.

As sombras do dia ficaram mais compridas, e as árvores que pendiam sobre a estrada ficaram escuras e ameaçadoras. Cada barulho, cada movimento visto vagamente nas sombras, levava seu coração à boca.

Aqui, uma coruja piava e se lançava com as garras prontas para apanhar um rato descuidado. Ali, um texugo espreitava, caçando sua presa como uma sombra cinzenta nos arbustos da floresta. A cada movimento ou barulho, a imaginação de Will trabalhava sem parar. Ele começou a ver enormes vultos negros — parecidos com os Kalkaras



de sua imaginação — em cada sombra, em cada grupo escuro de moitas que se mexia com a leve brisa. A razão lhe disse que seria muito improvável que os Kalkaras o estivessem procurando. A imaginação e o medo responderam que eles estavam lá fora em algum lugar. E quem podia garantir que não estavam perto?

A imaginação e o medo venceram.

E assim a noite longa e cheia de pavor passou, até que a luz baixa da madrugada encontrou um vulto curvado na sela de um cavalo forte de peito largo que galopava constantemente na direção do noroeste.

Will cochilou na sela e despertou com um susto, sentindo o calor dos raios do sol em cima dele. Delicadamente, puxou as rédeas de Puxão, e o pequeno cavalo ficou parado de cabeça baixa, respirando fundo. Will se deu conta de que tinha cavalgado durante muito mais tempo do que deveria e que o medo o tinha feito manter Puxão correndo na escuridão quando deveria tê-lo deixado descansar muito tempo atrás. Ele desmontou rígido, com o corpo todo dolorido, e parou para esfregar o focinho do cavalo com afeto.

— Desculpe, garoto — ele disse.

Puxão, reagindo ao toque e à voz que agora conhecia tão bem, moveu a cabeça e sacudiu a crina desgrenhada. Se Will tivesse pedido, ele teria continuado sem se queixar, até cair. Will olhou ao redor. A luz alegre da manhã tinha dispersado todos os temores sombrios da noite anterior. Agora, ele se sentia um pouco tolo ao lembrar os

momentos de pânico paralisante. Will soltou as tiras da barrigueira da sela e deu ao seu cavalo uma pausa de dez minutos até que a respiração dele se acalmasse. Em seguida, maravilhado com o poder de recuperação e a resistência da raça de cavalos dos arqueiros, apertou a barrigueira na sela de Blaze e saltou no lombo do baio, gemendo levemente. Os cavalos dos arqueiros podiam se recuperar rapidamente, mas seus aprendizes levavam um pouco mais de tempo.

A manhã já estava no fim quando Will finalmente conseguiu ver o castelo Redmont. Estava montando Puxão outra vez quando atravessaram a última fileira de colinas e o vale verde do baronato Arald. O pequeno cavalo aparentemente não tinha sido afetado pela noite dura que tinha enfrentado.

Exausto, Will parou por alguns segundos e se apoiou no alto da sela. Eles tinham vindo para muito longe e bem depressa. Aliviado, observou os arredores conhecidos do castelo e a pequena vila simpática que se aninhava satisfeita em sua sombra. Fumaça saía das chaminés, fazendeiros caminhavam lentamente dos campos para casa, para a refeição do meio-dia. O castelo era sólido e tranquilizador em sua magnitude no alto da colina.

— Parece tudo tão... normal — Will disse para o cavalo.

Ele percebia que, de alguma forma, tinha esperado encontrar as coisas mudadas. O reino estava para entrar

em guerra outra vez depois de quinze anos, mas ali a vida continuava normalmente.

Então, ao se dar conta de que estava perdendo tempo, ele fez Puxão andar mais depressa até atingir um galope, pois tanto o garoto quanto o cavalo estavam ansiosos para terminar esse último trecho da jornada.

Surpresas, as pessoas olhavam a passagem do pequeno vulto verde e cinza agachado sobre o pescoço do cavalo empoeirado, seguido por um cavalo baio maior. Um ou dois habitantes reconheceram Will e o cumprimentaram, mas suas palavras se perderam no barulho dos cascos.

O estrépito se transformou num martelar risonante quando dispararam sobre a ponte levadiça abaixada e entraram no pátio dianteiro do castelo. Então, o martelar se tornou um estrondo apressado sobre as pedras da entrada. Will puxou as rédeas levemente, e Puxão parou na porta da torre do barão Arald.

Os dois homens armados que estavam de serviço, surpresos com o aparecimento repentino e ritmo vertiginoso do garoto, deram um passo à frente e barraram sua passagem com as lanças cruzadas.

— Pare aí, você! — disse um deles com aspereza. — Aonde pensa que vai com tanta pressa e fazendo tanto barulho?

Will abriu a boca para responder, mas antes de poder dizer alguma coisa uma voz zangada trovejou atrás dele.

— Que raios você pensa que está fazendo, seu idiota? Não reconhece um arqueiro do rei quando o vê?

Era sir Rodney, atravessando o pátio para ver o barão. As duas sentinelas ficaram em posição de sentido quando Will se virou agradecido para o mestre de guerra.

— Sir Rodney — ele disse. — Tenho uma mensagem urgente de Halt para lorde Arald e o senhor.

Como Halt tinha comentado com Will depois da caçada ao porco selvagem, o mestre de guerra era um homem esperto. Ele viu as roupas amarradas de Will e os dois cavalos cansados e percebeu que não era hora de fazer perguntas idiotas. Indicou a porta com o polegar.

— Melhor entrar e contar tudo. Mandem cuidar desses cavalos — ele ordenou aos guardas. — Dêem água e comida para eles.

— Só um pouco de cada, sir Rodney, por favor — Will acrescentou depressa. Apenas uma pequena quantidade de grãos e água e talvez uma escovada. Vou precisar deles logo.

Sir Rodney o olhou surpreso. Will e os cavalos davam a impressão de necessitar de um longo descanso.

— Deve ser alguma coisa muito urgente — ele respondeu. — Então, cuidem dos cavalos. *E* peçam para alguém levar comida e uma jarra de leite frio para o escritório do barão — ele pediu aos guardas.

Os dois cavaleiros assobiaram espantados quando Will lhes contou as novidades. Já se sabia que Morgarath estava reunindo um exército, e o barão tinha enviado

mensageiros para formar tropas compostas de cavaleiros e homens armados. Mas as informações sobre os Kalkaras eram algo totalmente diferente, e não havia indícios de que eles tinham se aproximado do Castelo Redmont.

— Halt acha que eles podem estar atrás do rei? — o barão Arald perguntou quando Will terminou de falar.

O garoto assentiu.

— Sim, senhor. Mas acho que há outra possibilidade — Will acrescentou depois de hesitar.

Ele não queria continuar, mas o barão fez um gesto para que prosseguisse, e Will finalmente externou a suspeita que vinha crescendo dentro dele.

— Senhor... eu acho que é possível que eles estejam atrás do próprio Halt.

Depois de dizer o que pensava e de ter exposto seu receio, ele se sentiu melhor. De alguma forma, para sua surpresa, o barão Arald não rejeitou a idéia. Ele afagou a barba pensativo, enquanto digería as palavras que tinha ouvido.

— Continue — ele disse, querendo ouvir o raciocínio de Will.

— É que Halt acha que Morgarath talvez queira se vingar, punir os que lutaram contra ele da última vez. E eu acho que foi Halt quem mais o prejudicou, não é mesmo?

— Isso é verdade — Rodney concordou.

— E achei que talvez os Kalkaras soubessem que os estávamos seguindo, que o homem da planície teve tempo suficiente para encontrar eles. E que talvez eles es-

tivessem atraindo Halt até encontrarem um lugar para uma emboscada. Assim, enquanto ele pensa que está caçando os Kalkaras, na verdade é ele quem está sendo caçado.

— E as Ruínas de Gorlan seriam o lugar ideal para isso — Arald concordou. — Naquele amontoado de pedras, eles podem chegar até Halt antes que ele tenha a chance de usar seu arco. Bem, Rodney, não há tempo a perder. Você e eu vamos imediatamente. Meia armadura, eu acho. Vamos ser mais rápidos dessa forma. Lanças, machados e espadas. E vamos levar dois cavalos cada; vamos seguir o exemplo de Will. Partiremos dentro de uma hora. Diga para Karel reunir dez cavaleiros e nos seguir assim que puder.

— Sim, meu senhor — o mestre de guerra respondeu. O barão Arald se voltou para Will.

— Você fez um bom trabalho, Will. Vamos cuidar de tudo agora. E parece que você poderia aproveitar algumas horas de um bom sono.

Exausto, com dor em todos os músculos e juntas, Will endireitou o corpo.

— Gostaria de ir com vocês, senhor — ele percebeu que o barão ia discordar e acrescentou rapidamente. — Senhor, nenhum de nós sabe o que vai acontecer, e Gilan está lá fora em algum lugar a pé. Além disso... — ele hesitou.

— Continue, Will — o barão pediu em voz baixa e, quando o garoto olhou para cima, Arald viu frieza em seu olhar.

— Halt é meu mestre, senhor, e ele está em perigo. Meu lugar é ao lado dele — Will acrescentou.

O barão o avaliou com um olhar penetrante e então tomou uma decisão.

— Muito bem. Mas, pelo menos, tente descansar por uma hora. Há uma cama naquele anexo ali — ele ofereceu, indicando uma seção separada por uma cortina ao lado do escritório. — Por que não a usa?

— Sim, senhor — Will concordou agradecido.

Suas pálpebras pesavam como se estivessem cheias de areia. Ele nunca se sentira mais feliz em obedecer a uma ordem em toda a sua vida.



Durante toda aquela longa tarde, Will teve a impressão de que tinha passado a vida toda numa sela, fazendo um intervalo somente nos momentos de trocar de cavalo.

Uma breve pausa para desmontar, soltar a barrigueira do animal que estava montando, colocar a sela no cavalo que o acompanhava, montar novamente e continuar. Repetidas vezes, ele se admirou da fantástica resistência mostrada por Puxão e Blaze, que mantinham o galope constante. Até teve que freá-los um pouco para acompanhar os cavalos de batalha montados pelos dois cavaleiros. Mesmo grandes, fortes e treinados para a guerra, eles não conseguiam seguir o ritmo constante dos cavalos dos arqueiros, apesar de estarem descansados quando o pequeno grupo deixou o Castelo Redmont.

Eles cavalgavam sem falar. Não havia tempo para conversa fiada e, mesmo que houvesse, seria difícil escutar o que estavam falando por causa do barulho forte dos quatro cavalos de batalha, o bater mais leve dos cascos de Puxão e Blaze e o constante chacoalhar do equipamento e das armas.



Os dois homens carregavam compridas lanças de guerra — varas cinzentas e duras de mais de 3 metros de comprimento com uma pesada ponta de ferro. Além disso, cada um levava uma espada presa à sela. Eram armas enormes e pesadas muito maiores que as espadas normalmente usadas no dia-a-dia; e Rodney levava uma pesada acha pendurada na parte traseira da sela. Porém era nas lanças que eles confiavam mais. Elas manteriam os Kalkaras a distância e assim reduziriam a chance de que os cavaleiros fossem paralisados pelo terrível olhar das duas bestas. Aparentemente, o olhar hipnótico só era eficiente quando muito próximo. Se um homem não pudesse ver os olhos dos monstros com clareza, havia pouca possibilidade de que fosse paralisado.

O sol estava se escondendo rapidamente atrás deles e jogava as sombras longas e distorcidas para a frente. Aarald olhou a posição do sol por cima do ombro e chamou Will.

— Quanto tempo ainda temos de luz, Will?

Will se virou na sela e olhou com atenção para a bola de luz que caía no horizonte.

Menos de uma hora, senhor.

O barão balançou a cabeça indeciso. Então vai ser difícil chegar lá antes do anoitecer — afirmou.

Ele instigou o cavalo a avançar, aumentando um pouco a velocidade. Puxão e Blaze o acompanharam sem esforço. Ninguém queria caçar os Kalkaras no escuro.

A hora de descanso no castelo tinha operado maravilhas em Will, mas agora parecia que tinha acontecido numa outra vida. Ele pensou nas instruções apressadas que Arald tinha dado quando montaram os animais para deixar Redmont. Se encontrassem os Kalkaras nas Ruínas de Gorlan, Will deveria ficar para trás enquanto o barão e sir Rodney atacavam os dois monstros. Não havia táticas complicadas, apenas um ataque impetuoso que poderia pegar os dois assassinos de surpresa.

— Se Halt estiver lá, tenho certeza de que também vai nos ajudar. Mas quero você longe do nosso caminho, Will. Esse seu arco não vai servir de nada num Kalkara.

— Sim, senhor — Will tinha dito.

Ele não tinha intenção de se aproximar dos monstros. Estava mais do que satisfeito em deixar o assunto para os dois cavaleiros, protegidos por escudos, capacetes e meias armaduras de malha de ferro. Contudo, as palavras seguintes de Arald desfizeram rapidamente qualquer confiança exagerada que ele pudesse ter na capacidade dos homens em lidar com as bestas.

— Se as malditas coisas nos vencerem, quero que corra em busca de mais ajuda. Karel e os outros vão estar em algum lugar atrás de nós. Encontre-os e depois procure os Kalkaras com eles. Siga essas bestas e mate-as.

Will não disse nada. O simples fato de Arald considerar o fracasso, quando ele e Rodney eram os dois melhores cavaleiros num raio de 200 quilômetros, fez aumentar ainda mais sua preocupação com os Kalkaras. Pela

primeira vez, o garoto percebeu que as probabilidades estavam contra eles nessa disputa.

O sol tremia na beira do mundo, as sombras haviam atingido seu comprimento máximo e eles ainda tinham que percorrer muitos quilômetros. O barão Arald ergueu a mão e fez o grupo parar. Ele olhou para Rodney e apontou as tochas embebidas em piche que cada homem carregava atrás das selas.

— Tochas, Rodney — ele disse rapidamente.

O mestre de guerra hesitou por um momento.

— Tem certeza, senhor? Elas vão mostrar nossa posição se os Kalkaras estiverem vigiando.

— Eles vão nos ouvir chegar de qualquer forma — Arald disse, dando de ombros. — E entre as árvores vamos nos mover devagar demais sem luz. Vamos correr o risco.

Ele preparou sua pedra-de-fogo, formando uma fagulha que acendeu o pequeno pavio e logo criou uma chama forte. Segurou a tocha perto do fogo, e o piche em que estava impregnada de repente se acendeu e explodiu numa chama amarela. Rodney se inclinou na sua direção com a outra tocha e a acendeu na chama do barão. Então, segurando as tochas para o alto, as lanças presas por tiras de couro enroladas em seus pulsos direitos, eles retomaram o galope, trovejando na escuridão debaixo das árvores quando finalmente deixaram a estrada larga que vinham percorrendo desde o meio-dia.

Passaram-se outros dez minutos quando ouviram os gritos.

Era um som fantasmagórico que fazia o estômago dar voltas e congelava o sangue. Involuntariamente, o barão e sir Rodney puxaram as rédeas dos animais. Os cavalos ficaram extremamente agitados. O barulho vinha de algum ponto adiante deles, aumentando e diminuindo.

— Bom Deus nos céus! — o barão exclamou. — O que foi isso? — ele indagou com a expressão assustada.

O som infernal atravessou a noite e foi respondido por outro uivo idêntico.

Will já tinha ouvido o terrível som antes. Ele sentiu o sangue sumir do rosto quando se deu conta de que seus temores mostravam ter fundamento.

— São os Kalkaras. Eles estão caçando.

E ele sabia que havia apenas uma pessoa atrás da qual podiam estar. Eles tinham voltado e estavam caçando Halt.

— Olhe, meu senhor! — Rodney disse, apontando para o céu que escurecia rapidamente.

Através de um espaço na proteção oferecida pelas árvores, eles viram uma súbita rajada de luz se refletindo no céu, sinal de um incêndio num lugar próximo.

— É Halt! — o barão disse. — Tem que ser. Ele precisa de ajuda! Arald pressionou as esporas nos flancos do cansado cavalo de batalha, impelindo o animal para a frente em um galope ensurdecido. A tocha em sua mão

deixava chamas e faíscas para trás enquanto sir Rodney e Will o seguiam a galope.

Era uma sensação estranha seguir aquelas tochas flamejantes e agitadas com suas línguas alongadas de fogo soprando para trás por entre as árvores, jogando sombras esquisitas e apavorantes entre elas, enquanto à frente deles o brilho do fogo maior, presumivelmente aceso por Halt, ficava mais forte e próximo a cada passo.

Eles saíram do meio das árvores praticamente sem aviso e se depararam com uma cena de pesadelo.

Havia uma pequena clareira coberta por capim. Além dela, o terreno estava tomado por um amontoado de rochas e matacões.

Pedaços gigantescos de paredes, ainda unidas por argamassa, estavam espalhados pelos lados, as vezes meio enterrados no solo macio coberto de grama. As paredes em ruínas do Castelo Gorlan cercavam a cena em tres lados, nunca ultrapassando 5 metros, destruídas e derrubadas por um reino vingativo depois que Morgarath tinha sido obrigado a partir para o sul, para as Montanhas da Chuva e da Noite. O caos resultante era como o playground de uma criança gigante — pedras espalhadas em todas as direções, empilhadas com descuido umas em cima das outras, praticamente sem deixar nenhum pedaço de terreno descoberto.

Toda a cena era iluminada pelas chamas saltitantes e retorcidas de uma fogueira acesa a uns 40 metros de distância. E ao lado dela estava agachada uma figura hor-

rível, gritando com ódio e fúria, batendo inutilmente na ferida mortal no peito que finalmente a tinha derrubado.

Com mais de 2,5 metros de altura e pêlos desgrehados e emaranhados, parecidos com escamas, cobrindo todo o corpo, o Kalkara tinha braços compridos que terminavam em garras e que chegavam abaixo de seus joelhos. Pernas traseiras fortes e relativamente curtas lhe davam a capacidade de percorrer distâncias a uma velocidade enganosa, com uma série de saltos e pulos. Os três cavaleiros viram tudo isso quando saíram do bosque. Mas o que mais lhes chamou a atenção foi a cara: selvagem e parecida com a de um macaco, dentes caninos amarelados e enormes olhos vermelhos brilhantes cheios de ódio e de desejo cego de matar. A cara se virou para eles, e a besta gritou em desafio, tentando se levantar, mas voltando a cair, meio encolhida.

— O que há de errado com ele? — Rodney perguntou, fazendo seu cavalo parar.

Will apontou para o grupo de flechas que se projetava de seu peito. Devia haver seis delas, todas a cerca de um palmo de distância uma da outra.

— Olhe! — ele gritou. — Veja as flechas!

Halt, com sua incrível pontaria, deve ter mandado uma saraivada de flechas, uma depois da outra, para cortar o pêlo rígido como uma armadura. Cada uma aumentou a brecha nas defesas do monstro, até que a última penetrou no fundo de sua carne. Seu sangue negro corria profusamente pelas costas, e o monstro gritou outra vez com ó-

dio. — Rodney! — o barão Arald gritou. — Comigo! Agora!

Soltando a rédea do cavalo reserva, ele segurou de um lado a tocha acesa, inclinou a lança e a jogou. Rodney estava meio segundo atrás dele, os dois cavalos de batalha tropejando pelo espaço aberto. O Kalkara, com o sangue encharcando o chão aos seus pés, levantou-se e foi atingido no peito pelas pontas das duas lanças, uma após a outra.

O monstro estava quase morto, mas mesmo assim seu peso e sua força contiveram a corrida dos cavalos de batalha. Eles empinaram o corpo quando os dois cavaleiros se inclinaram nos estribos para empurrar as lanças no peito da criatura. A ponta de ferro afiada penetrou na carne e atravessou os pêlos emaranhados. A força da investida fez o Kalkara perder o equilíbrio e o jogou para trás, para dentro das chamas.

Durante um instante, nada aconteceu. Então eles viram um clarão ofuscante e um pilar de chamas vermelhas que atingiu 10 metros de altura no céu da noite. E, de uma forma muito simples, o Kalkara desapareceu.

Os dois cavalos de batalha se empinaram apavorados, e Rodney e o barão mal conseguiam se manter nas selas. Eles se afastaram do fogo, e todos sentiram um cheiro forte e desagradável de carne e pêlos queimados. Will se lembrou vagamente de Halt discutir a forma de lidar com um Kalkara. Ele tinha contado que se dizia que eles eram especialmente suscetíveis ao fogo. “Parece que

os boatos estavam certos”, Will pensou, fazendo Puxão trotar para junto dos dois cavaleiros.

Rodney estava esfregando os olhos, ainda atordoado pelo clarão forte.

— Que diabos causou isso?

O barão tirou a lança do fogo com cuidado. A madeira estava queimada, e a ponta, escurecida.

— Deve ser a substância pegajosa que cobre os pelos deles e forma essa couraça dura — ele respondeu num tom de voz espantado. — Ela deve ser ligeiramente inflamável.

— Bem, o que quer que fosse, nós conseguimos derrotar — Rodney retrucou com um tom satisfeito na voz. O barão balançou a cabeça.

— Halt conseguiu — ele corrigiu o mestre de guerra. — Nós só demos o último golpe.

Rodney concordou com um gesto de cabeça, aceitando a correção. O barão olhou para o fogo, que ainda jogava uma torrente de faíscas no ar, mas cujas chamas vermelhas já estavam se acalmando.

— Halt deve ter acendido esse fogo quando percebeu que eles o estavam cercando. Ele incendiou a área para ter luz e poder atirar.

— E atirou mesmo — sir Rodney afirmou. — Todas as flechas acertaram pontos muito próximos uns dos outros.

Eles olharam ao redor, procurando algum sinal do arqueiro. Então, debaixo das paredes em ruínas do castelo,

Will viu um objeto conhecido. Ele desmontou e correu para apanhá-lo. Seu coração se apertou no peito quando pegou o poderoso arco de Halt, esmagado e partido em dois pedaços.

— Ele deve ter atirado daqui — falou, indicando o ponto abaixo das paredes caídas onde tinha achado o arco.

Todos olharam para cima, imaginando a cena, tentando recriá-la. O barão apanhou a arma destruída da mão de Will quando este montou novamente em Puxão.

— E o segundo Kalkara o alcançou enquanto ele matava seu irmão — ele disse. — A pergunta é: onde Halt está agora? E onde está o outro Kalkara?

Foi quando eles ouviram os gritos recomeçarem.



Halt estava agachado entre os tijolos caídos que antes tinham sido a fortaleza de Morgarath, dentro do pátio em ruínas coberto de mato. Sua perna, dormente onde o Kalkara a tinha arranhado, estava começando a latejar dolorosamente, e ele sentia o sangue atravessando a atadura improvisada que tinha amarrado em volta dela.

Ele sabia que o segundo Kalkara o estava procurando em algum lugar ali perto. De tempos em tempos, ouvia o movimento dos pés se arrastando e chegou a escutar sua respiração dura quando o monstro se aproximou de seu esconderijo entre duas paredes caídas. Halt sabia que era só uma questão de tempo até que a criatura o encontrasse. E, quando isso acontecesse, ele estaria acabado.

Halt estava ferido e desarmado. Tinha perdido o arco, despedaçado naquele primeiro e apavorante ataque em que disparou uma flecha depois da outra no primeiro dos dois monstros. Ele conhecia o poder de seu arco e a capacidade de penetração das flechas pesadas e afiadíssimas. Não conseguia acreditar que o monstro tinha recebido aquela chuva de flechas e aparentemente ainda con-



tinuava com a mesma coragem. Quando ele cambaleou, já era tarde demais para que Halt voltasse sua atenção para o companheiro. O segundo Kalkara estava quase em cima dele, arrancando o arco de sua mão e esmagando-o com a pata forte cheia de garras, de modo que ele mal teve tempo de arrastar-se para um local seguro perto da parede caída.

Enquanto o monstro o perseguia, atacando tudo à sua volta com as garras, ele tinha empunhado a faca e golpeado a terrível cabeça.

Mas a besta foi rápida demais para ele, e a pesada faca atingiu seu braço coberto pela malha da armadura. Ao mesmo tempo, ele se viu confrontado pelos olhos vermelhos cheios de ódio e sentiu-se perdendo a consciência. Os músculos começaram a ficar paralisados de terror quando se viu atraído para a horrível besta diante dele. Foi necessário um esforço imenso para desviar os olhos da criatura, e ele cambaleou para trás, perdendo a faca quando as garras de urso o atacaram e arranharam a sua coxa.

Então ele correu desarmado e sangrando, contando com o confuso labirinto que eram as ruínas para fugir do monstro que o perseguia.

Ele tinha percebido a mudança nos movimentos dos Kalkaras no final da tarde. Sua rota constante e anteriormente inalterada para o noroeste de repente mudou quando as duas bestas se separaram abruptamente, cada qual fazendo uma curva de 90 graus e andando em dire-

ções diferentes para dentro da floresta que os cercava. Suas pegadas, até aquele momento tão fáceis de seguir, também mostravam sinais de que estavam sendo encobertas, de modo que somente alguém habilidoso como um arqueiro teria sido capaz de segui-las. Pela primeira vez em anos, Halt sentiu um calafrio de medo no estômago quando se deu conta de que agora a caça era ele.

As ruínas estavam perto, então ele resolveu ficar ali, e não no bosque. Deixou Abelard em segurança, longe de qualquer perigo, e foi a pé para as ruínas. Ele sabia que os Kalkaras iriam persegui-lo assim que a noite caísse, então se preparou da melhor forma possível, reunindo galhos caídos para fazer uma fogueira. Halt até encontrou uma jarra de óleo nas ruínas da cozinha, rançoso e malcheiroso, mas que ainda iria queimar. Ele o derramou na pilha de lenha e se afastou até um ponto onde poderia ficar de costas para a parede. Tinha arrumado uma série de tochas e as deixou queimando enquanto escurecia, esperando que os matadores implacáveis o procurassem.

O arqueiro sentiu a presença deles antes de vê-los. Então enxergou os dois vultos trôpegos, duas manchas mais escuras contra a escuridão das árvores. Naturalmente, eles o viram de imediato. A tocha trêmula presa na parede garantiu isso. Mas eles não viram a pilha de lenha embebida em óleo, e era com isso que ele contava. Quando soltaram seus gritos de caça, Halt jogou a tocha flamejante na pilha e as chamas subiram no mesmo instante, espalhando um brilho amarelo na noite.

Por um momento, as bestas hesitaram, pois o fogo era seu único inimigo. Mas, quando viram que o arqueiro não estava próximo das chamas, continuaram — direto para a chuva de flechas com que Halt as recebeu.

Se tivessem mais 100 metros para percorrer, talvez Halt tivesse conseguido derrotar as duas. Ainda havia mais de dez flechas na aljava, mas o tempo e a distância corriam contra ele, que mal tinha escapado com vida. Agora, estava agachado entre dois pedaços de muro caído que formavam uma pequena gruta, escondido numa leve reentrância do terreno e oculto pela capa, como acontecia há anos. Sua única esperança era que Will chegasse com A-rald e Rodney. Se pudesse escapar da criatura até que a ajuda chegasse, talvez tivesse uma chance.

Ele tentou não pensar na outra possibilidade — a de que Gilan chegasse antes deles, sozinho e armado apenas com o arco e a espada. Agora que tinha visto os Kal-karas de perto, Halt sabia que um homem tinha poucas chances de enfrentá-los. Se Gilan chegasse antes dos cavaleiros, ele e Halt morreriam ali.

Naquele momento, a criatura estava rodeando o velho pátio como um cão à procura da caça, adotando um padrão de busca metódico, para a frente e para trás, examinando cada espaço, cada buraco, cada possível esconderijo. Halt sabia que desta vez ela o encontraria. Sua mão tocou o cabo da pequena faca, a única arma que restava. Seria uma defesa insignificante, quase inútil, mas era tudo o que tinha.

Então ele ouviu: o inconfundível trovejar dos cascos dos cavalos de batalha. Olhou para cima e observou o Kalkara por uma pequena fresta entre as pedras que o escondiam. O monstro também os tinha ouvido e estava de pé, ereto, a cara voltada para o som que vinha de fora das paredes em ruínas.

Os cavalos pararam, e Halt ouviu o grito agudo do Kalkara mortalmente ferido ao desafiar os novos inimigos. As batidas dos cascos se fizeram ouvir de novo e ganharam velocidade e força. Seguiu-se um grito e um clarão vermelho gigantesco que subiu para o céu por um momento. Vagamente, Halt deduziu que o primeiro Kalkara devia ter sido jogado no fogo. Ele começou a recuar devagar para fora do esconderijo. Talvez pudesse escapar do outro Kalkara movendo-se para o lado e escalando a parede antes que ele o visse. As chances pareciam boas. A atenção do monstro estava voltada para o que quer que estivesse acontecendo do lado de fora. Mas, assim que teve a idéia, percebeu que não tinha opção. Embora aparentemente o Kalkara o tivesse esquecido por um momento, a criatura estava se movendo furtivamente em direção às ruínas que formavam uma escada irregular para o alto do muro.

Em mais alguns minutos, a besta estaria em posição de cair sobre os amigos despreocupados do outro lado, tomando-os de surpresa. Halt tinha que impedi-la.

O arqueiro já estava fora do esconderijo, a pequena faca saindo da bainha quase por vontade própria, quando

ele correu pelo pátio, desviando-se e fazendo círculos ao redor do entulho espalhado. O Kalkara o escutou antes que ele tivesse dado dez passos e se virou para ele, assustadoramente silencioso quando pulou como um macaco para impedir sua passagem antes que pudesse avisar os amigos sobre o perigo.

Halt parou de repente e ficou imóvel, com o olhar preso na figura trôpega que se aproximava dele.

Alguns metros a mais e o olhar hipnótico iria controlar a sua mente. Ele sentiu uma vontade irresistível de encarar aqueles olhos vermelhos, mas então fechou os olhos, a testa franzida numa concentração intensa. Levantou a mão que segurava a faca e agitou-a para a frente e para trás num ataque suave e instintivo, vendo o alvo se mexer em sua cabeça, mentalmente alinhando o arremesso para o ponto no espaço aonde a faca e o alvo iriam chegar ao mesmo tempo.

Somente um arqueiro, entre muito poucos, poderia ter lançado a arma daquele jeito. A faca atingiu o olho direito do Kalkara, e a besta gritou furiosa quando se encolheu por causa da repentina pontada de agonia que começava em seu olho e se espalhava pelo corpo todo! Então Halt passou correndo por ele na direção do muro e subiu as pedras com dificuldade.

Will viu o vulto envolto em sombras que escalava na direção do topo do muro em ruínas. Mas, escondido pelas sombras ou não, havia algo de inconfundível nele.

— Halt! — ele gritou, apontando para que os dois cavaleiros também o vissem.

Todos os três viram o arqueiro parar, olhar para trás e hesitar. Então um vulto enorme começou a aparecer alguns metros atrás dele quando o Kalkara, cujo ferimento era dolorido, mas nada mortal, o perseguiu.

O barão Arald pensou em montar, mas, percebendo que nenhum cavalo poderia passar pela confusão de pedras e tijolos ao lado da parede, tirou a imensa espada da sela e correu na direção das ruínas.

— Para trás, Will! — ele gritou quando avançou.

Nervoso, Will levou Puxão de volta para a beira das árvores.

No muro, Halt ouviu o grito e viu Arald correndo para a frente. Sir Rodney estava logo atrás dele, girando uma enorme acha em círculos em volta da cabeça.

— Pule, Halt! Pule! — o barão gritou, e Halt não precisou de outro convite.

Ele saltou 3 metros para baixo, rolando para amortecer a queda quando aterrissou. Então, levantou-se e correu desajeitado ao encontro dos dois cavaleiros, enquanto o ferimento da perna tornava a abrir.

Com o coração na boca, Will viu Halt correr na direção dos dois cavaleiros. O Kalkara hesitou um momento e então, com um grito de desafio apavorante, pulou atrás dele. O monstro simplesmente transformou a queda de 3 metros num pulo enorme, suas pernas traseiras incrivelmente poderosas fazendo que fosse impulsionado

para cima e para a frente, cobrindo o terreno entre ele e Halt nesse único movimento. O braço forte girou, atingindo Halt com violência e fazendo que ele rolasse para a frente inconsciente. Mas a besta não teve tempo de acabar com ele, pois o barão Arald o enfrentou e dirigiu a espada num arco mortal na direção de sua garganta.

O Kalkara foi cruelmente rápido e se abaixou, desviando do arremesso mortal e atacando as costas expostas de Arald com as garras antes que ele pudesse se recuperar do golpe. Elas rasgaram a malha de metal como se fosse um tecido fino, e Arald grunhiu de dor e surpresa quando a força do ataque o jogou de joelhos, obrigando-o a soltar a espada. Sangue jorrava de vários arranhões nas costas.

Ele teria morrido ali se não fosse por sir Rodney. O mestre de guerra girou a pesada acha como se fosse um brinquedo e golpeou a lateral do corpo do Kalkara.

A armadura de pêlos emaranhados protegeu a besta, mas a força imensa do golpe a fez cambalear e se afastar do cavaleiro com gritos furiosos e frustrados. Sir Rodney avançou protetoramente e se colocou com os pés firmes entre o monstro e as figuras caídas de Halt e do barão, preparando a arma para outro golpe fulminante.

E então, estranhamente, ele deixou a arma cair e ficou parado diante da criatura, totalmente à sua mercê. O poder do olhar do Kalkara roubara-lhe a vontade própria e a capacidade de pensar.

O Kalkara gritou vitorioso para o céu noturno. Um sangue negro escorria de sua cara. Nunca em sua vida ele

tinha sentido dor parecida com a que aqueles três homens insignificantes haviam provocado. E agora eles iriam morrer por ousarem enfrentá-lo. Mas a inteligência primitiva que o guiava queria seu momento de triunfo, e ele gritou repetidas vezes diante dos três homens indefesos.

Will assistia a tudo horrorizado. Um pensamento se formava, uma idéia tomava corpo em algum lugar de sua mente. Ele olhou para o lado e viu a tocha bruxuleante que o barão Arald tinha soltado. Fogo. A única arma que poderia derrotar o Kalkara. Mas ele estava a 40 metros de distância...

Ele tirou uma flecha da aljava, escorregou da sela e correu rapidamente até a tocha tremeluzente. Uma grande quantidade de piche grudento e derretido tinha escorrido pelo cabo da tocha e, depressa, ele passou a ponta da flecha no líquido pegajoso e mole, cobrindo-a generosamente. Em seguida, encostou-a na chama até que se acendesse.

A 40 metros dali, a enorme criatura perversa estava satisfazendo sua necessidade de vitória, fazendo que seus gritos se espalhassem e ecoassem pela noite enquanto ficava de pé junto dos dois corpos: Halt, inconsciente, e o barão Arald, atordoado pela dor. Sir Rodney ainda estava parado no mesmo lugar, paralisado, com as mãos indefesas penduradas ao lado do corpo enquanto esperava a morte. Agora, o Kalkara levantava uma pata imensa para jogá-lo no chão, e o cavaleiro só conseguia sentir o terror paralisante de seu olhar.

Will preparou-se para atirar a flecha, estremecendo com a dor quando as chamas lhe queimaram a mão que segurava o arco. Ele mirou um pouco acima do seu alvo por causa do peso adicional do piche e soltou a flecha.

Ela descreveu um arco brilhante e rápido, e o vento provocado por sua passagem transformou a chama numa simples brasa. O Kalkara viu o clarão de luz se aproximando e se virou para olhar, selando seu próprio destino quando a flecha o atingiu diretamente no peito largo.

A flecha quase não penetrou os pêlos duros parecidos com escamas, mas, quando parou, a pequena chama voltou a se incendiar, e o fogo se espalhou nos pêlos emaranhados com incrível rapidez.

Assim que sentiu o toque do fogo, o Kalkara foi tomado pelo terror.

O monstro bateu nas chamas em seu peito com as patas, mas isso apenas serviu para espalhar o fogo para os braços. As chamas vermelhas avançaram depressa, e em segundos o Kalkara foi envolvido por elas, queimando dos pés à cabeça enquanto corria cegamente em círculos, tentando em vão escapar. Os gritos agudos não paravam e ficavam cada vez mais altos, atingindo uma escala de agonia que a mente mal podia compreender. As chamas ficavam mais intensas a cada segundo. Então os gritos pararam e a criatura morreu.

A pousada na vila Wensley estava tomada por música, risos e barulho. Will estava sentado à mesa com Horace, Alyss e Jenny, enquanto o dono lhes servia um suculento jantar de ganso assado e legumes frescos da fazenda, seguido de uma deliciosa torta de mirtilo cuja massa leve ganhou até a aprovação de Jenny.

Tinha sido idéia de Horace comemorar a volta de Will para o Castelo Redmont com um banquete. As duas meninas tinham concordado imediatamente, ansiosas por uma pausa na rotina, que agora parecia um tanto monótona comparada aos acontecimentos de que Will tinha participado.

Naturalmente, a notícia sobre a batalha com os Kalkaras tinha se espalhado na vila como uma fogueira ao vento, uma comparação extremamente apropriada, na opinião de Will. Quando ele entrou na pousada com os amigos naquela noite, um silêncio curioso tomou conta do aposento e todos os olhares se voltaram para ele. Will ficou agradecido pelo fato de o grande capuz esconder o seu rosto, que corava rapidamente. Os três companheiros



perceberam seu constrangimento. Jenny, como sempre, foi a primeira a reagir e a quebrar o silêncio que enchia a pousada.

— Vamos, gente séria! — ela gritou para os músicos perto da lareira. — Vamos ouvir um pouco de música! E um pouco de conversa também! — ela acrescentou a segunda sugestão com um olhar significativo para os outros ocupantes da sala.

Os músicos aceitaram a sugestão. Era difícil recusar qualquer coisa sugerida por Jenny. Rapidamente, eles começaram a tocar uma canção folclórica conhecida e o som dominou o salão. Aos poucos, os outros moradores perceberam que sua atenção estava deixando Will pouco a vontade e, lembrando-se das boas maneiras, recomeçaram a conversar, olhando apenas de vez em quando para o rapaz, admirando-se de que alguém tão jovem pudesse ter participado de acontecimentos tão importantes.

Os quatro antigos colegas protegidos do castelo sentaram-se a uma mesa no fundo da sala, onde poderiam conversar sem ser interrompidos.

— George mandou pedir desculpas — Alyss disse quando se sentaram. — Ele está atolado de serviço. Toda a Escola de Escribas está trabalhando dia e noite.

Will acenou compreensivo. A guerra iminente com Morgarath e a necessidade de mobilizar tropas e retomar antigas alianças certamente criara montanhas de papelada.

Muita coisa tinha acontecido nos dez dias desde a batalha com os Kalkaras.

Depois de acampar junto das ruínas, Rodney e Will cuidaram dos ferimentos do barão Arald e de Halt, finalmente conseguindo fazer que os dois homens dormissem tranquilamente. Logo depois do amanhecer, Abelard entrou trotando no acampamento, procurando ansiosamente pelo dono. Will tinha acabado de acalmar o animal quando Gilan chegou exausto, cavalgando um pequeno cavalo de trabalho. Agradecido, o alto arqueiro recuperou Blaze. Então, depois de se convencer de que o antigo mestre não corria perigo, partiu quase imediatamente para o próprio feudo, depois que Will prometeu devolver o cavalo ao lavrador.

Mais tarde naquele dia, Will, Halt, Rodney e Arald tinham voltado ao Castelo Redmont, onde mergulharam numa atividade ininterrupta para preparar os guerreiros do castelo para a guerra. Havia milhares de detalhes a serem acertados, mensagens a serem enviadas e convocações a serem entregues. Como Halt ainda estava se recuperando do ferimento, grande parte desse trabalho tinha recaído sobre Will.

Ele percebeu que em épocas como aquela um arqueiro tinha pouco tempo para relaxar, o que tornava aquela noite uma diversão bem-vinda. O dono da pousada foi afobado até a mesa deles e colocou sobre ela quatro canecas de vidro e uma jarra da cerveja sem álcool, que ele preparava com gengibre.

— Hoje é por conta da casa — ele avisou. — Estamos honrados por ter você em nosso estabelecimento, arqueiro.

Ele se afastou, chamando um de seus ajudantes para atender a mesa de Will.

— E seja bem rápido! — ele ordenou. Alyss olhou para ele surpresa.

— É bom estar com uma celebridade — ela disse. — O velho Skinner geralmente segura as moedas com tanta força que a cabeça do rei fica sufocada.

— As pessoas exageram — Will disse com um gesto de indiferença.

Mas Horace se inclinou para a frente com os cotovelos na mesa.

— Então conte para a gente como foi a luta — ele pediu ansioso por detalhes.

Jenny olhou para Will de olhos arregalados.

— Não acredito que vocês tenham sido tão corajosos! — ela disse com admiração. — Eu teria ficado apavorada.

— Para falar a verdade, eu estava petrificado — Will confessou para eles com um sorriso triste. — O barão e sir Rodney foram os corajosos. Eles atacaram e enfrentaram as criaturas bem de perto. Eu fiquei a 40 ou 50 metros de distância o tempo todo.

Will descreveu os acontecimentos da batalha sem entrar em muitos detalhes sobre a aparência dos Kalkaras. Eles estavam mortos e acabados e seria melhor esque-

cê-los o mais depressa possível. Não era necessário se preocupar com determinadas coisas. Os três colegas ouviam, Jenny de olhos arregalados e entusiasmada, Horace ansioso por detalhes da luta e Alyss calma e digna como sempre, mas totalmente atenta a história. Quando ele descreveu sua cavalgada solitária para buscar ajuda, Horace balançou a cabeça admirado.

— Esses cavalos dos arqueiros devem ser de uma raça especial.

Will sorriu para ele, incapaz de resistir a fazer o comentário engraçado que tinha vindo à sua mente.

— O truque é se manter em cima deles — ele disse, ficando satisfeito ao ver um sorriso igual surgir no rosto de Horace quando ambos lembraram a cena da Feira do Dia da Colheita.

Ele percebeu, com um leve toque de prazer, que seu relacionamento com Horace tinha se transformado numa amizade profunda em que os dois se viam como iguais. Ansioso para sair de baixo dos holofotes, ele perguntou ao amigo como ia a vida na Escola de Guerra. O sorriso no rosto do garoto maior se alargou.

— Muito melhor, graças ao Halt — ele disse e, quando Will habilmente o cobriu de mais perguntas, ele descreveu a vida na Escola de Guerra, brincando sobre seus erros e fracassos, rindo quando contou quantas vezes tinha sido punido.

Will percebeu que Horace, antes um pouco exibido e arrogante, estava muito mais modesto ultimamente. Ele

desconfiava de que Horace estava se saindo melhor como aprendiz de guerreiro do que deixava transparecer.

Foi uma noite agradável, principalmente depois da tensão e do terror da caçada aos Kalkaras. Quando os ajudantes tiraram os pratos, Jenny sorriu esperançosa para os dois garotos.

— Muito bem! Agora, quem vai dançar comigo? — ela perguntou alegremente, e Will foi lento demais para responder.

Horace tomou a mão dela e a levou para a pista de dança. Quando eles se juntaram aos demais dançarinos, Will olhou para Alyss sem saber bem o que fazer. Ele nunca sabia dizer o que a garota estava pensando. Achou que talvez fosse educado também convidá-la para dançar. Então pigarreou nervoso.

— Ahn... você também gostaria de dançar, Alyss? — convidou desajeitado.

Ela lhe ofereceu somente o leve sinal de um sorriso. — Acho que não, Will. Não sou uma boa dançarina. Parece que tenho pernas de pau.

Na verdade, ela era uma excelente dançarina, mas, diplomata nata como era, percebeu que Will só a tinha convidado por educação. Então os dois mergulharam no silêncio, mas um tipo de silêncio amistoso.

Depois de alguns minutos, ela se virou para ele com o queixo apoiado na mão para observá-lo com atenção.

— Vai ser um grande dia para você amanhã — ela disse, e ele corou.

Ele tinha sido convocado para aparecer diante de toda a corte do barão no dia seguinte.

— Não sei por que tudo isso — ele balbuciou.

— Ele possivelmente quer lhe agradecer em público — Alyss disse, sorrindo para ele. — Ouvi dizer que barões gostam de fazer isso com pessoas que salvaram suas vidas.

Will começou a dizer alguma coisa, mas ela pousou a mão macia e fria sobre a dele, e ele parou. Ele olhou aqueles olhos cinzentos, calmos e sorridentes. Alyss nunca tinha lhe parecido bonita, mas agora percebeu que sua elegância, sua graça e seus olhos cinzentos, emoldurados por cabelos loiros delicados, criavam um encanto natural que ultrapassava de longe uma simples beleza. Surpreendentemente, ela se inclinou para perto e sussurrou:

— Estamos todos orgulhosos de você, Will. E acho que eu sou a mais orgulhosa de todos.

Então Alyss o beijou. Os lábios dela eram incrivelmente, indescritivelmente macios.

Horas mais tarde, antes de finalmente adormecer, ele ainda podia senti-los.



Paralisado pelo medo da platéia, Will estava parado do lado de dentro da sala de audiências do barão.

O prédio era imenso. Era a principal sala do castelo, a sala em que o barão conduzia todos os negócios oficiais com os membros da corte. O teto parecia se estender para cima interminavelmente. Fachos de luz inundavam o aposento, vindos de janelas instaladas no alto das paredes grossas. Na extremidade da sala e parecendo estar a uma grande distância, o barão estava sentado numa cadeira parecida com um trono, vestindo suas túnicas mais finas.

Entre ele e Will, estava a maior multidão que o garoto já tinha visto. Halt fez o aprendiz avançar delicadamente com um empurrão nas costas.

— Vá em frente — ele murmurou.

Havia centenas de pessoas no Grande Salão, e todos os olhares estavam voltados para Will. Todos os chefes de ofício estavam ali, vestindo suas túnicas oficiais. Todos os cavaleiros e todas as damas da corte: cada uma usando suas melhores e mais elegantes roupas. Mais adiante, estavam os homens com armas do exército do barão,

os outros aprendizes e os comerciantes da vila. Ele viu uma agitação colorida quando Jenny, desinibida como sempre, agitou um lenço para ele. Alyss, parada ao lado dela, foi um pouco mais discreta. Ela jogou um beijo para ele com a ponta dos dedos, delicadamente.

Ele ficou parado, desajeitado, colocando o peso do corpo ora numa perna, ora noutra. Desejou que Halt o tivesse deixado usar a capa de arqueiro para que pudesse se confundir com o ambiente e desaparecer.

Halt o empurrou outra vez.

— Ande, vamos! — sussurrou.

— Você não vem comigo? — ele perguntou, virando-se para o mestre.

Halt negou com a cabeça.

— Não fui convidado. Agora se mexa!

Ele empurrou Will mais uma vez e então, por causa da perna machucada, foi até uma cadeira. Finalmente, compreendendo que não tinha outro caminho a seguir, Will começou a andar pelo corredor que parecia não terminar nunca. Ele ouviu vozes balbuciando enquanto passava, ouviu seu nome sendo sussurrado de boca em boca.

E então as palmas se iniciaram.

Elas foram começadas pela esposa de um cavaleiro e se espalharam rapidamente por todo o salão. Era ensurdecador, um rugido retumbante de aplausos que continuou até Will chegar aos pés da cadeira do barão.

Como Halt tinha ensinado, ele se apoiou num joelho e inclinou a cabeça para a frente.



O barão se levantou e ergueu a mão pedindo silêncio, e as palmas se transformaram em ecos.

— Levante-se, Will — ele disse em voz baixa, estendendo a mão para ajudar o garoto a se pôr de pé.

Atordoado, Will obedeceu. O barão pousou uma das mãos em seu ombro e o virou para que olhasse para a enorme multidão diante deles. Sua voz grave chegou sem esforço ao ponto mais afastado do salão quando falou.

— Este é Will. Aprendiz do arqueiro Halt, deste feudo. Todos vocês, olhem para ele e o conheçam. Ele provou sua fidelidade, coragem e iniciativa para com este feudo e para com o Reino de Araluen.

Houve um murmúrio vindo do público. Então as palmas recommçaram, desta vez acompanhadas de vivas. Will percebeu que os vivas tinham começado na seção da multidão em que estavam os aprendizes da Escola de Guerra. Ele conseguiu ver o rosto sorridente de Horace liderando o coro.

O barão pediu silêncio com a mão erguida, encolhendo-se como se o movimento causasse dor em suas costelas fraturadas e nos cortes suturados nas costas. Os vivas e as palmas morreram lentamente.

— Will — ele disse numa voz que ecoou para os cantos mais distantes do aposento enorme — eu lhe devo a minha vida. Não há agradecimentos suficientes para isso. Porém tenho o poder de atender a um pedido que uma vez me fez...

Will olhou para ele sério.

— Um pedido, senhor? — ele perguntou bastante atordoado com as palavras do barão.

— Eu cometi um erro, Will. Você me perguntou se poderia aprender a ser um guerreiro. Você desejava se tornar um dos meus cavaleiros e eu recusei o pedido. Agora, posso consertar esse erro. Eu ficaria honrado de ter alguém tão corajoso e habilidoso como um dos meus cavaleiros. Terá minha permissão para se transferir para a Escola de Guerra como um dos aprendizes de sir Rodney.

O coração de Will saltou em seu peito. Ele pensou em como, durante toda a vida, havia desejado ser um cavaleiro. Ele se lembrou do profundo e amargo desapontamento no dia da Escolha, quando sir Rodney e o barão tinham recusado o seu pedido.

Sir Rodney deu um passo à frente, e o barão fez um gesto para que falasse.

— Meu senhor — disse o mestre de guerra —, como sabe, fui eu quem recusou este garoto como aprendiz. Agora, quero que todos aqui saibam que eu estava errado. Eu, meus cavaleiros e meus aprendizes reconhecemos que não poderia haver membro mais valioso para a Escola de Guerra do que Will!

Os cavaleiros e aprendizes ali reunidos soltaram fortes gritos de aprovação. Com estrépito, desembainharam as espadas e as bateram ruidosamente acima de suas cabeças, gritando o nome de Will. Mais uma vez, Horace foi um dos primeiros a puxar o coro e o último a parar.

Aos poucos, o tumulto se aquietou e os cavaleiros guardaram as espadas. A um sinal do barão Arald, dois pajens se adiantaram, carregando uma espada e um escudo lindamente esmaltado que foram colocados aos pés de Will. O escudo tinha sido pintado com o desenho da cabeça de um feroz porco selvagem.

— Esse será o seu brasão quando se formar, Will — disse o barão com delicadeza —, para lembrar ao mundo a primeira vez em que conhecemos a sua coragem e lealdade para com um companheiro.

O garoto apoiou-se em um dos joelhos e tocou a superfície lisa e esmaltada do escudo. Ele tirou a espada lenta e reverentemente da bainha. Era uma arma magnífica, uma obra-prima da arte da fabricação de espadas.

A lâmina era extremamente afiada e ligeiramente azulada. O cabo e a cruzeta eram incrustados em ouro, e o símbolo com a cabeça do porco selvagem repetia-se no punho. A espada parecia ter vida própria. Perfeitamente balanceada, era leve como uma pena. Ele olhou para essa maravilhosa espada adornada com jóias e depois para o cabo de couro de sua faca de arqueiro.

— Essas são armas de cavaleiros, Will — o barão explicou. — Mas você provou repetidas vezes que é digno delas. Se desejar, elas serão suas.

Will deslizou a espada de volta na bainha e se levantou devagar. Ali estava tudo o que sempre desejou. E, mesmo assim...

Ele pensou nos longos dias na floresta com Halt. A enorme satisfação que sentiu quando uma de suas flechas atingiu o alvo, exatamente onde desejara, exatamente como tinha visto em pensamento antes de soltá-la. Ele pensou nas horas gastas aprendendo a seguir animais e homens. Aprendendo a arte de se esconder. Pensou em Puxão, na coragem e devoção do pônei.

E pensou no puro prazer que sentia quando ouvia o simples “bem-feito” de Halt quando completava uma tarefa a contento. E, de repente, tudo ficou claro. Ele olhou para o barão e disse com voz firme: — Sou um arqueiro, senhor. Houve um murmúrio de surpresa entre a multidão. — Você tem certeza, Will? — o barão perguntou em voz baixa, chegando mais perto. — Não recuse essa oferta somente por achar que Halt vai ficar ofendido ou desapontado. Ele insistiu que isso depende de você e já concordou em aceitar sua decisão.

Will balançou a cabeça negativamente. Nunca tinha tido tanta certeza de algo.

— Eu agradeço a honra, senhor.

Ele olhou para o mestre de guerra e viu, para sua surpresa, que sir Rodney estava sorrindo e mostrando sua aprovação com a cabeça.

— E agradeça ao mestre de guerra e aos seus cavaleiros pela oferta generosa, mas sou um arqueiro.

Ele hesitou.

— Não quero ofender ninguém com isso, senhor — ele terminou desajeitado.

Um enorme sorriso encrespou os traços do barão, e ele agarrou a mão de Will com força.

— Não estou ofendido, Will. De jeito nenhum! A sua lealdade para com o seu ofício e seu mestre de ofício são uma honra para você e todos os que o conhecem!

Ele deu um último aperto firme na mão de Will e a soltou.

Will se curvou e se virou para caminhar pelo longo corredor outra vez. Os vivas recomeçaram e, desta vez, ele manteve a cabeça erguida enquanto o barulho o envolvia e ecoava até o teto do Grande Salão. Então, ao se aproximar das grandes portas novamente, viu algo que o fez parar de imediato, perplexo e surpreso.

Pois ali parado, um pouco afastado da multidão, enrolado na capa cinza e verde, com os olhos ensombrecidos pelo capuz, estava Halt.

E ele estava sorrindo.



epílogo

Mais tarde, após todo o barulho e as comemorações terem diminuído, Will estava sentado sozinho na minúscula varanda da pequena cabana de Halt. Na mão, ele segurava um pequeno amuleto de bronze no formato de uma folha de carvalho com uma corrente de aço passada por um elo no alto.

— É o nosso símbolo — seu professor tinha explicado quando o entregou para ele depois dos acontecimentos no castelo. — O equivalente ao brasão de armas dos cavaleiros.

Então ele procurou no interior da própria gola e tirou uma folha de carvalho de formato idêntico pendurada numa corrente no pescoço. A forma era parecida, mas a cor era diferente. A folha de carvalho que Halt usava era de prata.

— Bronze é a cor dos aprendizes — Halt tinha contado para ele. — Quando você terminar o treinamento, vai receber uma folha de carvalho de prata como esta. Todos da Corporação dos Arqueiros usam prata ou bronze.



Ele tinha desviado o olhar do garoto por alguns minutos.

— Para falar a verdade, você não devia recebê-la até depois de sua primeira avaliação — ele acrescentou com a voz um pouco rouca. — Mas duvido que alguém queira se opor a isso, depois de tudo o que aconteceu.

Agora, o pedaço de metal de formato curioso brilhava fracamente na mão de Will enquanto ele pensava na decisão que tinha tomado. Parecia muito estranho que tivesse desistido voluntariamente da única coisa que tinha esperado quase toda a vida: a oportunidade de frequentar a Escola de Guerra e assumir uma posição como cavaleiro no exército do Castelo Redmont.

Ele girou a folha de carvalho de bronze na corrente em volta do dedo indicador, deixou-a subir pelo dedo e a soltou com um profundo suspiro. A vida podia ser muito complicada. Bem no fundo, sentiu que tinha tomado a decisão acertada. E, mesmo assim, ainda mais no fundo, havia uma pequena dúvida.

Assustado, percebeu que havia alguém parado ao lado dele. Ao se virar de repente, reconheceu Halt. O arqueiro se inclinou e se sentou ao lado do garoto no banco rústico de pinho na varanda estreita. Diante deles, o sol baixo do fim de tarde passava pelas folhas verde-claras da floresta, e a luz parecia dançar e girar enquanto a brisa leve sacudia as folhas.

— Um grande dia — ele disse em voz baixa, e Will concordou.

— E uma grande decisão que você tomou — Halt acrescentou depois de vários minutos de silêncio.

Desta vez, Will se virou para olhar para seu mestre.

— Halt, tomei a decisão certa? — ele perguntou finalmente com angústia na voz.

Halt apoiou os cotovelos nos joelhos e se inclinou um pouco para a frente, semicerrando os olhos diante da luz forte que passava pelas folhas.

— No que me diz respeito, sim. Escolhi você como aprendiz e posso ver todo o potencial que você tem para ser um arqueiro. Até cheguei a quase gostar da sua presença e de ficar tropeçando em você — ele acrescentou com a leve sugestão de um sorriso. — Mas meus sentimentos e meus desejos não são importantes nesse caso. A decisão certa para você se refere ao que você mais quer.

— Sempre quis ser um cavaleiro — Will contou e então percebeu, com certa surpresa, que tinha dito a frase no passado.

Mas, mesmo assim, sabia que parte dele ainda queria isso.

— É claro que é possível querer duas coisas diferentes ao mesmo tempo — Halt disse em voz baixa. — Então, tudo se torna uma questão de escolha e de saber o que se quer mais.

Não era a primeira vez que Will tinha a sensação de que Halt, de alguma forma, havia lido a sua mente.

— Se você não pode resumir tudo num só pensamento, qual é a principal razão pela qual está um pouco

desapontado por ter recusado a oferta do barão? — Halt continuou.

— Acho que... — Will disse devagar, pensando na pergunta. — Acho que, ao recusar a Escola de Guerra, estou decepcionando um pouco o meu pai.

— O seu pai? — Halt repetiu surpreso, e Will concordou.

— Ele foi um excelente guerreiro — ele contou para o arqueiro. — Um cavaleiro. Ele morreu em Hackman Heath, lutando contra os Wargals. Um herói.

— E você sabe de tudo isso, certo? — Halt perguntou, e Will as sentiu com um gesto.

Aquele sonho o tinha sustentado durante os longos e solitários anos em que nunca soube quem era ou o que deveria ser. Agora, o sonho tinha se transformado em realidade.

— Ele era um homem de que qualquer filho teria orgulho — ele disse finalmente, e Halt concordou.

— Isso realmente é verdade.

Havia algo em sua voz que fez Will hesitar. Halt não estava somente concordando por educação. Will se virou para ele depressa, percebendo todas as implicações das palavras do arqueiro.

— Você conheceu ele, Halt? Você conheceu meu pai?

Havia uma luz de esperança no olhar do garoto, que pedia a verdade. O arqueiro assentiu sério.

— Sim, conheci. Não convivi com ele por muito tempo, mas acho que poderia dizer que conhecia ele bem. E você está certo. Você pode ter muito orgulho dele.

— Ele foi um excelente guerreiro, não foi? — Will indagou.

— Ele era um soldado — Halt concordou — e um lutador corajoso.

— Eu sabia! — Will disse feliz. — Ele foi um grande cavaleiro!

— Um sargento — Halt acrescentou devagar e com delicadeza. Will ficou boquiaberto e não conseguiu dizer o que pretendia.

— Um sargento? — ele conseguiu finalmente balbuciar. Halt assentiu. Ele pode ver o desapontamento no olhar do garoto e colocou um braço ao redor de seus ombros.

— Não julgue as qualidades de um homem pela posição que ele ocupa na vida, Will. O seu pai, Daniel, foi um soldado leal e corajoso. Não teve a oportunidade de frequentar a Escola de Guerra porque começou a vida como fazendeiro. Mas, se tivesse frequentado, teria sido um dos melhores cavaleiros.

— Mas ele... — o garoto começou tristemente.

O arqueiro fez que parasse e continuou na mesma voz gentil, suave e irresistível.

— Porque, sem ter feito qualquer juramento ou treinamento especial pelo qual os cavaleiros passam, ele viveu de acordo com os mais altos ideais da nobreza, bra-

vura e valor. Na verdade, ele morreu alguns dias depois da batalha em Hackman Heath, enquanto Morgarath e seus Wargals estavam lutando para voltar ao Desfiladeiro dos Três Passos. Um contra-ataque repentino nos pegou de surpresa, e o seu pai viu um companheiro cercado por uma tropa de Wargals. O homem estava no chão e a poucos segundos de ser feito em pedaços quando seu pai o ajudou.

A luz nos olhos do garoto recomeçou a brilhar.

— Verdade? — Will perguntou baixinho, e Halt concordou com um gesto de cabeça.

— Verdade. Ele deixou a segurança da linha de batalha e pulou para a frente, armado apenas com a lança. Ficou em cima do companheiro ferido e o protegeu dos Wargals. Matou um deles com a lança e então outro despedaçou a ponta da arma, deixando Daniel somente com o cabo. Assim, ele o usou como se fosse um varapau e nocauteou outros dois: esquerda, direita! Foi exatamente assim!

Halt agitou a mão para a esquerda e para a direita para mostrar o que tinha acontecido. Os olhos de Will estavam presos nele agora, vendo a batalha enquanto o arqueiro a descrevia.

— Ele ficou ferido quando a haste da lança quebrou em outro ataque. Teria sido suficiente para matar qualquer homem, mas seu pai simplesmente tirou a espada de um dos Wargals que tinha matado e derrubou outros

três, sangrando sem parar de um ferimento profundo que tinha na lateral do corpo.

— Três deles? — Will repetiu.

— Três. Ele era rápido como um leopardo. E, lembre-se, como lanceiro, nunca tinha realmente treinado com a espada.

Ele fez uma pausa, recordando aquele dia ocorrido tanto tempo atrás.

— Acho que você sabe que os Wargals não têm medo de quase nada. Eles são chamados de Os Indiferentes e, quando começam uma batalha, quase sempre são eles que a terminam. Quase sempre. Essa foi uma das poucas vezes que vi os Wargals com medo. Quando seu pai deu golpes para todos os lados, ainda parado em cima do companheiro ferido, eles começaram a recuar. Primeiro devagar. Depois correram. Eles simplesmente se viraram e correram. Nunca vi outro homem, fosse cavaleiro ou poderoso guerreiro, que pudesse fazer os Wargals fugirem assustados. Seu pai conseguiu. Ele pode ter sido um sargento, Will, mas foi o guerreiro mais poderoso que já tive o privilégio de ver lutando. Então, quando os Wargals recuaram, ele se apoiou em um joelho ao lado do homem que tinha ajudado e, mesmo sabendo que também estava morrendo, ainda tentou proteger ele. Seu pai tinha vários ferimentos, mas provavelmente foi o primeiro que matou ele.

— E o amigo dele se salvou? — Will perguntou em voz baixa.

— O amigo? — Halt indagou um tanto surpreso.

— O homem que ele protegeu — Will explicou. — Ele sobreviveu? De alguma forma, ele pensou que teria sido uma tragédia se o corajoso esforço do pai não tivesse tido êxito.

— Eles não eram amigos — Halt contou. — Até aquele momento, ele nunca tinha posto os olhos no outro homem — ele fez uma pausa e acrescentou — e vice-versa.

O significado daquelas últimas palavras penetraram no fundo da mente de Will.

— Você? — ele sussurrou. — Você era o homem que ele salvou? Halt assentiu com um gesto.

— Como eu disse, eu só conheci ele por alguns minutos, mas ele fez mais por mim do que qualquer outro homem, antes ou depois disso. Enquanto morria, ele me falou da mulher e de como ela estava na fazenda sozinha com um bebê para nascer a qualquer momento. Ele me implorou para ver se estavam cuidando dela.

Will olhou para o rosto sério e barbado que tinha passado a conhecer tão bem. Havia uma profunda tristeza nos olhos de Halt ao se lembrar daquele dia.

— Cheguei tarde demais para salvar sua mãe. Foi um parto difícil, e ela morreu logo depois que você nasceu. Mas eu trouxe você para cá, e o barão Arald concordou que você deveria ser criado como protegido do castelo até ter idade suficiente para se tornar meu aprendiz.

— Mas, durante todos esses anos, você nunca... —
Will parou sem palavras.

Halt sorriu tristemente para ele.

— Nunca deixei ninguém saber que tinha colocado você no castelo como protegido? Não. Pense nisso, Will. As pessoas são... esquisitas quando se trata dos arqueiros. Como elas teriam tratado você? Ficariam perguntando que tipo de criatura estranha você era? Decidimos que seria melhor que ninguém soubesse do meu interesse em você.

Will concordou. Naturalmente, Halt tinha razão. A vida como protegido já tinha sido bastante difícil. Teria sido pior se as pessoas soubessem que ele tinha alguma ligação com Halt.

— Então você me aceitou como aprendiz por causa do meu pai? — Will quis saber.

Mas desta vez Halt balançou a cabeça negativamente.

— Não. Garanti que tomassem conta de você por causa de seu pai. Escolhi você porque mostrou ter a capacidade e as habilidades necessárias. E você também parece ter herdado a coragem de seu pai.

Houve um longo silêncio entre eles enquanto Will assimilava a história da incrível batalha do pai. De alguma forma, a verdade era mais sensacional, mais inspiradora do que qualquer fantasia que ele pudesse ter criado ao longo dos anos. Por fim, Halt se levantou para se afastar, e o garoto sorriu agradecido para a figura grisalha, agora uma

silhueta contra o céu, enquanto a última luz do dia desaparecia.

— Acho que meu pai ficaria satisfeito com a minha escolha — ele afirmou, deslizando a corrente com a folha de carvalho de bronze sobre a cabeça.

Halt simplesmente acenou uma vez com a cabeça, virou-se e entrou na cabana, deixando o aprendiz com seus pensamentos.

Will ficou sentado em silêncio por alguns minutos. Quase sem pensar, tocou a folha de carvalho de bronze que pendia do seu pescoço. Os sons do pátio de exercícios da Escola de Guerra e o ininterrupto martelar e estrepito da oficina de armas que vinha funcionando dia e noite durante a última semana chegavam até ele, carregados pela brisa da noite. Eram os sons do Castelo Redmont se preparando para a guerra.

Porém, estranhamente, pela primeira vez na vida, ele se sentiu em paz.



sobre o autor

John Flanagan começou sua vida profissional em publicidade. Em seguida, tornou-se escritor e editor de textos freelancer. Ele criou jingles para comerciais, folhetos e vídeos corporativos, além de comédias e dramas televisivos.

John escreveu o primeiro livro da série *Rangers — Ordem dos Arqueiros* para estimular seu filho de 12 anos a apreciar a leitura. Michael era um garoto pequeno, e todos os amigos dele eram maiores e mais fortes do que ele. John queria mostrar para ele que ler era divertido e que heróis não eram necessariamente grandes e musculosos. Agora, com 20 e poucos anos, Michael tem 1,80 m, ombros largos e é forte, mas ainda adora *Rangers — Ordem dos Arqueiros*.



Digitalização: **LENE**

Revisão: **YUNA**

